

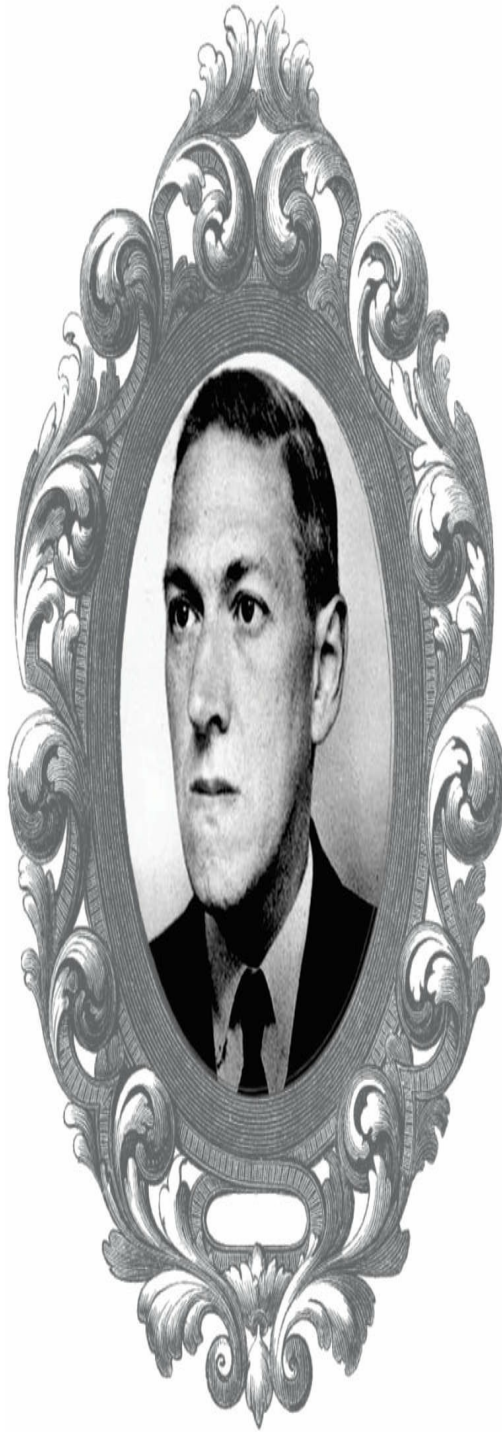
H.P.

LOVECRAFT

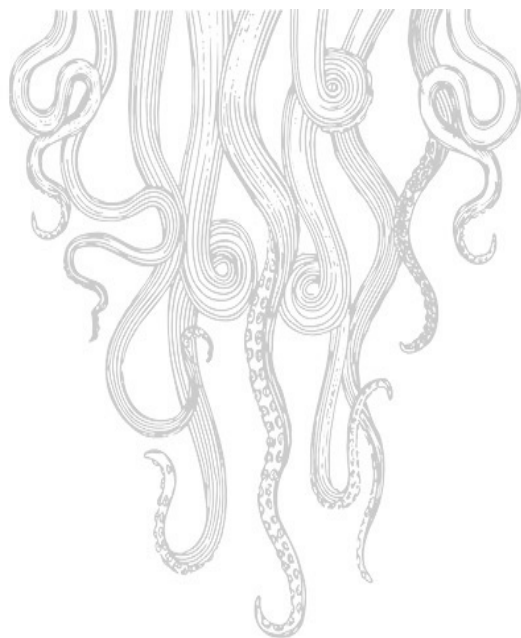
O CHAMADO DE CTHULHU
E OUTROS CONTOS







H. P. Lorcree



**H.P.
LOVECRAFT**

**O CHAMADO DE CTHULHU
E OUTROS CONTOS**



Todos os direitos reservados
Copyright © 2019 by Editora Pandorga

Direção Editorial: Silvia Vasconcelos

Produção Editorial: Equipe Editora Pandorga

Tradução: Bárbara Lima / Fátima Pinho / Marcelly De Marco

Revisão: Bruna Brezolini / Jéssica Gasparini Martins

Diagramação digital: Cristiane Saavedra

Capa: Lumiar Design

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: ALINE GRAZIELE BENITEZ CRB-1/3129

L947c

1.ed

Lovecraft, Howard Phillips

O chamado de Cthulhu e outros contos / Howard Phillips Lovecraft. - 1. ed. -
São Paulo: Pandorga, 2018.

Recurso digital

Formato e-Pub

Requisito do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: word wide web

ISBN: 978-85-8442-346-0

1. Literatura americana. 2. Contos. 3. Mistério. 4. Terror. I. Título.

CDD 869.93

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Literatura americana
2. Contos: mistério: terror



Pandorga

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
EDITORIA PANDORGA

Avenida São Camilo, 899

CEP 06709-150 – Granja Viana – Cotia – SP

Tel. (11) 4612-6404

www.editorapandorga.com.br

SUMÁRIO

CAPA

FOLHA DE ROSTO

NOTA DO EDITOR

INTRODUÇÃO

O CHAMADO DE CTHULHU

Epígrafe

I - O horror em argila

II - O relato do Inspetor Legrasse

III - A loucura que veio do mar

A MÚSICA DE ERICH ZANN

DAGON

OS GATOS DE ULTHAR

A VERDADE SOBRE O FALECIDO ARTHUR JERMYN E SUA
FAMÍLIA

I

A CASA ABANDONADA

I

INTRODUÇÃO

A COR QUE CAIU DO CÉU

ELE

O HORROR EM RED HOOK

Epígrafe

I

II

III

IV

V

VI

VII

INTRODUÇÃO

SUSSURROS NA ESCURIDÃO

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

O AUTOR

EDITORA PANDORGA

NOTA DO EDITOR

H. P. Lovecraft é um escritor prodigioso. Em suas histórias, ele aguça os sentidos dos leitores fazendo referência a sons específicos, diferentes colorações, intensidades de luz diversas e uma profusão de odores. Porém, essas referências sensoriais servem apenas para nos preparar para algo que vai muito além dos sentidos físicos: um universo repleto de mistérios sobrenaturais impregnados de perversidade em que os seres humanos se veem impotentes diante de um poder supremo desconhecido.

Lovecraft é um dos grandes mestres do horror e não frustra os amantes do estilo. Suas tramas adquirem ares cada vez mais macabros à medida que se desenrolam, e a atmosfera fica tão tenebrosa a ponto de nos fazer desejar um rápido desfecho da história.

Nesse ambiente coexistem a atmosfera tenebrosa, que provoca tensão e agonia, e a atmosfera preconceituosa, que no mínimo vai provocar estranheza no leitor desavisado. Não há um esforço particular do autor para mitigar as passagens que contêm declarações de natureza racista e xenofóbica, e sua explicitude provavelmente provoca mais desconforto quanto mais distante a leitura se torna do período em que os contos foram escritos.

Ao escritor incomodava a descaracterização das paisagens e dos costumes que tanto queria preservar, e ele atribuía uma decadência generalizada, entre outras coisas, à presença cada vez mais próxima de pessoas de diferentes etnias. Suas histórias apresentam, muitas vezes, indígenas, negros, mestiços, ciganos e imigrantes de várias origens de forma pejorativa.

Não é possível dissociar os contos de Lovecraft, repletos de criaturas cósmicas assustadoras, dos contos entremeados de manifestações de preconceito.

Fica a critério do leitor o tratamento que dará a essas passagens, para que o clima de horror prevaleça durante a leitura.

INTRODUÇÃO

O mais famoso dos monstros criados por Lovecraft é, sem dúvida, Cthulhu, o ser supremo interdimensional antropeoide-octopeoide com corpo de dragão, que se apresenta com maior destaque na história O chamado de Cthulhu, escrita em 1926 e publicada pela primeira vez em 1928.

A história é escrita em um estilo documental, com três narrativas independentes ligadas entre si pelo narrador que descobre anotações deixadas por um parente falecido acerca de sua pesquisa sobre um culto misterioso. A primeira linha da história ilustra bem o peso que o narrador sente ao perceber o significado perturbador de toda a informação que reuniu: “Não há no mundo graça maior, penso eu, do que a incapacidade humana de correlacionar todos os conteúdos encerrados em sua mente. Vivemos numa plácida ilha de ignorância em meio a tenebrosos oceanos infindáveis que não fomos feitos para navegar muito longe”.

Em O Chamado de Cthulhu, Lovecraft explora temas como as vantagens de manter alguns mistérios longe do alcance da compreensão humana, os limites da sanidade mental, o cosmoicismo – uma filosofia desenvolvida por Lovecraft que encerra a visão de que o universo é sem sentido e indiferente ao sofrimento humano e de que o homem é insignificante diante do poder

do imenso e desconhecido universo cósmico.

O CHAMADO DE CTHULHU

Escrito em agosto de 1926 e publicado em fevereiro de 1928



EPÍGRAFE

(Encontrado entre os papéis do falecido Francis Wayland Thurston, de
Boston)

“É possível conceber uma sobrevivência de tais poderes ou seres... uma sobrevivência de um período imensamente remoto, quando a consciência se manifestava, talvez, em contornos e formas que se recolheram ante a maré do avanço da humanidade... Formas das quais apenas a poesia e a lenda registraram memórias fugazes que chamaram de deuses, monstros, seres míticos de todos os tipos e espécies...”



Algernon Blackwood

I

O HORROR EM ARGILA

Não há no mundo graça maior, penso eu, do que a incapacidade humana de correlacionar todos os conteúdos encerrados em sua mente. Vivemos numa plácida ilha de ignorância em meio a tenebrosos oceanos infindáveis que não fomos feitos para navegar muito longe. As ciências, cada uma delas seguindo uma direção diferente, até agora há pouco nos prejudicaram; mas em algum momento, quando encaixarmos as peças separadas do conhecimento, teremos revelada uma aterrorizante visão da realidade e de nossa desditosa posição nesse panorama, e, diante disso, ou enlouqueceremos ou abandonaremos a luz para buscar abrigo na paz e na segurança da nova idade das trevas.

Teosofistas conjecturaram sobre a espetacular magnitude do ciclo cósmico, no qual nosso mundo e a raça humana representam apenas incidentes passageiros. Eles sugeriram alguma forma estranha de sobrevivência, cuja descrição regelaria nosso sangue, não se apresentasse disfarçada por um brando otimismo. Mas não é deles que provém o simples vislumbre de éons proibidos, cujas imagens causam-me calafrios quando penso nelas e me enlouquecem quando as encontro em sonhos. Esse vislumbre, como todos os temidos vislumbres da verdade, veio como um lampejo originado de uma casual união de peças isoladas – neste caso: um artigo de um velho jornal e as anotações de um professor universitário já falecido. Espero que ninguém mais seja capaz de encaixar essas peças

novamente; e claro, se eu viver, nunca fornecerei uma pista sequer desse abominável encadeamento. Creio que o professor também pretendia manter em segredo o que sabia, e teria destruído suas anotações se a morte não o tivesse levado de forma súbita.

Meu conhecimento sobre o assunto começara no inverno entre os anos de 1926 e 1927 com a morte de meu tio-avô, George Gammell Angell, Professor Emérito de Línguas Semíticas na Universidade de Brown, em Providence, Rhode Island. O professor Angell era notoriamente conhecido como uma autoridade em inscrições antigas e a ele recorriam, com frequência, os diretores de renomados museus; não é de estranhar, portanto, que muitos ainda se recordem de sua morte, ocorrida aos noventa e dois anos de idade. Localmente, o interesse foi bastante intenso devido à obscuridade da causa do óbito. Quando o professor retornava no barco de Newport, caiu subitamente, como relataram as testemunhas, depois de ter sido empurrado por um negro que aparentava ser marinheiro e que vinha de uma das sinistras e estreitas ladeiras que eram usadas como passagem entre o cais e a casa do falecido, na Williams Street. Os médicos não foram capazes de identificar um distúrbio aparente. Contudo, após longo debate, concluíram que o vigoroso esforço físico empregado numa subida tão íngreme por um homem em idade tão avançada havia provocado uma obscura lesão no coração que o levara a seu fim. Naquele momento, eu não via nenhuma razão para discordar da conclusão, porém há algum tempo sinto uma inclinação a questionar – e mais do que questionar – tal afirmação.

Como herdeiro e executor de meu tio-avô, homem viúvo e sem filhos, era de se esperar que eu examinasse seus papéis com certa minúcia; com esse fim, transferi todos os arquivos e caixas para minha residência, em Boston. Boa parte do material que organizei será publicada pela Sociedade

Americana de Arqueologia, mas havia uma caixa que eu achava demasiadamente enigmática, cujo conteúdo sentia relutância em compartilhar com outros olhos. Ela estava trancada e eu não tinha encontrado a chave até que me ocorreu examinar o chaveiro pessoal que o professor carregava em seu bolso. Afinal, de fato consegui abri-la; contudo, ao fazê-lo, deparei-me com um obstáculo ainda maior e mais imperscrutável. Qual seria o significado do estranho baixo-relevo em argila, das desconexas anotações e dos recortes? Teria meu tio, em seus últimos anos, se tornado um crédulo dos mais superficiais embustes? Resolvi procurar o excêntrico escultor responsável pela aparente perturbação da paz de espírito do ancião.

O baixo-relevo era um retângulo tosco de quase dois centímetros e meio de espessura e cerca de quatorze por quinze centímetros de área, obviamente de origem moderna. Seus desenhos, entretanto, em nada sugeriam uma atmosfera moderna; pois, apesar de os caprichos do cubismo e do futurismo serem muitos e extravagantes, eles não reproduzem com frequência essa regularidade críptica que se insinua na escrita pré-histórica. Mas certamente aquele grupo de desenhos parecia revelar algum tipo de escrita, embora nada em minha memória levasse a associá-la aos papéis e itens da coleção de meu tio ou sugerisse uma correspondência com eles.

Acima desses aparentes hieróglifos havia uma figura de evidente intenção pictórica, ainda que a execução impressionista impossibilitasse uma ideia clara de sua natureza. Parecia ser algum tipo de monstro ou um símbolo representativo de um monstro, cuja forma apenas uma mente perturbada poderia conceber. Se eu disser que minha imaginação um tanto extravagante divisava ao mesmo tempo a figura de um polvo, de um dragão e de uma caricatura humana, não estarei sendo infiel ao espírito da imagem. Uma polpuda cabeça cheia de tentáculos despontava de um corpo grotesco e

escamoso dotado de asas rudimentares; mas era o contorno geral do conjunto que o tornava surpreendentemente assustador. O fundo atrás da figura mostrava indícios de arquitetura ciclópica.

Os registros que acompanhavam o estranho objeto, à parte os abundantes recortes de jornal, eram anotações recentes feitas de próprio punho pelo professor Angell e sem nenhuma pretensão literária. Aquele que parecia ser o documento mais importante tinha o título “O CULTO A CTHULHU” cuidadosamente escrito em letras maiúsculas para evitar uma leitura equivocada de palavra tão inusitada. Esse manuscrito estava dividido em duas seções: a primeira, intitulada “1925 – Sonho e Trabalho Onírico de H.A. Wilcox, 7 Thomas St., Providence, R.I.”; e a segunda, “Relato do Inspetor John R. Legrasse, 121 Bienville St., Nova Orleans, La., Reunião da S. A. A. de 1908 – Notas do mesmo & Relato do Prof. Webb”. Outros manuscritos eram breves anotações, e algumas delas continham relatos de sonhos estranhos de diferentes pessoas, outras tinham citações de revistas e de livros teosofistas (particularmente de A História da Atlântida e a Lemúria Perdida de W. Scott-Elliot), e as demais comentavam acerca da longa sobrevivência de sociedades secretas e cultos obscuros, com referências a passagens retiradas de compêndios de mitologia e antropologia como O Ramo de Ouro, de Frazer, e O Culto das Bruxas na Europa Ocidental, da senhorita Murray. A maioria dos recortes fazia referência a uma bizarra doença mental e a surtos de insanidade coletiva na primavera de 1925.

A primeira metade do principal manuscrito contava uma história muito particular. Parece que no dia primeiro de março de 1925, um jovem magro e moreno, de aspecto neurótico e agitado, foi ter com o professor Angell levando consigo o singular baixo-relevo em argila que, naquele momento, estava ainda muito úmido e fresco. Seu cartão exibia o nome Henry

Anthony Wilcox e meu tio reconheceu o rapaz como o filho caçula de uma excelente família que ele conhecera superficialmente, que estudava escultura na Escola de Desenho de Rhode Island e vivia sozinho no edifício Fleur-de-Lys, próximo à instituição. Wilcox era um jovem precoce, de talento inquestionável, porém de grande excentricidade, e desde a infância atraía a atenção com as histórias estranhas e sonhos curiosos que tinha o hábito de contar. Ele se autodenominava “psiquicamente hipersensível”, mas os tradicionais moradores daquela antiga cidade comercial consideravam aquilo “pura esquisitice”. Sem se misturar com seus pares, ele fora gradualmente sumindo do convívio social até tornar-se conhecido apenas por um pequeno grupo de estetas de outras cidades. Até mesmo o Clube de Arte de Providence, apegado ao seu conservadorismo, o considerara pouco promissor.

Na ocasião da visita, de acordo com o manuscrito do professor, o jovem escultor, querendo beneficiar-se dos conhecimentos arqueológicos de seu anfitrião, pediu de maneira brusca que ele o ajudasse a identificar a origem dos hieróglifos do baixo-relevo. O jeito sonhador e pomposo de falar do rapaz sugeria alguma alienação; e meu tio demonstrou certo desdém ao responder, uma vez que o evidente frescor da tabuleta admitia parentesco com qualquer coisa, menos com a arqueologia. A réplica do jovem Wilcox impressionara tanto meu tio a ponto de fazê-lo recordar e registrar textualmente suas falas fantasticamente poéticas, aspecto que deve ter permeado toda a conversa e que, creio eu, era uma característica pessoal dele. Ele disse: “É nova, de fato, pois eu a fiz ontem à noite enquanto sonhava com cidades antigas; e os sonhos são mais antigos do que a inquieta Tiro, a contemplativa Esfinge ou os jardins suspensos da Babilônia”.

Foi então que ele começou uma história desconexa que, subitamente,

despertou uma memória adormecida de meu tio e prontamente conquistou seu interesse. Um pequeno terremoto havia sacudido a cidade na noite anterior e o abalo fora o mais considerável sentido na Nova Inglaterra nos últimos anos; o acontecimento afetara profundamente a imaginação de Wilcox. Após recolher-se, tivera um sonho sem precedentes com grandes cidades ciclópicas de blocos titânicos e monólitos que se projetavam em direção ao céu, todos eles sinistros e exsudando um lodo verde. Hieróglifos recobriam as paredes e pilares, e de um indeterminado ponto lá embaixo subia uma voz que não era uma voz; era uma caótica sensação que somente a imaginação pode converter em som, mas que tentava expressar através de uma impronunciável união de letras: “Cthulhu fhtagn”.

Essa mistura verbal foi a chave para a lembrança que entusiasmou e deixou inquieto o professor Angell. Ele interrogou o escultor com pormenores científicos e dedicou-se intensamente ao estudo do baixo-relevo em que o jovem se dera conta de estar trabalhando, enregelado e de pijama, quando despertou desnortado do sono. Meu tio culpava a velhice, disse Wilcox posteriormente, por sua lentidão em reconhecer tanto os hieróglifos quanto a imagem pictórica. Muitas das suas perguntas pareciam totalmente fora de propósito para o visitante, especialmente aquelas que tentavam estabelecer sua conexão com sociedades ou cultos estranhos; e Wilcox não podia entender as insistentes promessas de segredo que o professor lhe fazia caso ele confessasse fazer parte de alguma difundida seita religiosa mística ou pagã. Quando o professor Angell enfim se convenceu que o escultor realmente ignorava qualquer culto ou doutrina de sociedade secreta, assediou o visitante com pedidos de relatos caso viesse a ter novos sonhos no futuro. Isso rendeu frutos, pois, após a primeira entrevista, os manuscritos registram visitas diárias do jovem, nas quais ele relatava fragmentos de surpreendentes devaneios noturnos, sempre carregados de

algun tipo de visão ciclópica de uma pedra escura e gotejante, e uma voz ou inteligência subterrânea que proferia ritmadamente, sob a forma de enigmáticos impactos sensíveis, palavras incompreensíveis que não podem ser escritas. Os dois sons mais frequentemente repetidos eram aqueles produzidos pelas letras “Cthulhu” e “R’lyeh.”

No dia vinte e três de março, continua o manuscrito, Wilcox não aparecera; e indagações na vizinhança revelaram que ele fora acometido por uma febre de causa desconhecida e levado à casa da família na rua Waterman. Ele havia gritado durante a noite, acordando muitos outros artistas no prédio, e, desde então, vinha alternando manifestações de inconsciência e de delírio. Meu tio imediatamente telefonou para a família e, a partir de então, passou a acompanhar os fatos com extrema atenção; ia regularmente à rua Thayer, onde ficava o consultório do Dr. Tobey, responsável pelo caso. A mente febril do jovem, aparentemente, ocupava-se de coisas estranhas, e o médico vez ou outra estremecia quando ouvia falar delas. Elas incluíam não só repetições do enredo dos sonhos de noites anteriores, como também mencionavam enfaticamente uma coisa gigante “infinitamente alta” que caminhava ou se deslocava pesadamente. Em nenhum momento ele descreveu completamente a coisa, mas o emprego ocasional de algumas palavras desconexas repetidas pelo Dr. Tobey convenceu o professor de que se tratava da mesma inominável monstruosidade que o jovem tentara reproduzir em sua escultura onírica. A menção desse objeto, acrescentou o médico, era um invariável prelúdio da precipitação do jovem no estado letárgico. Sua temperatura, curiosamente, não se elevava muito além do normal, mas sua condição como um todo sugeria mais um estado febril do que um distúrbio mental.

No dia dois de abril, aproximadamente às três da tarde, todos os vestígios da enfermidade de Wilcox repentinamente desapareceram. Ele se

sentou ereto na cama, atônito por estar em casa e completamente alheio àquilo que lhe havia acontecido em sonho ou em realidade desde a noite do dia vinte e dois de março. Tendo recebido alta do seu médico, voltou a seu alojamento depois de três dias; mas, para o professor Angell, ele não tinha mais serventia. Todos os vestígios de sonhos estranhos tinham sumido com a sua recuperação, e meu tio não registrara mais nenhum devaneio noturno após uma semana de sessões em que eram descritas apenas visões corriqueiras e sem relevância.

Aqui terminava a primeira parte do manuscrito, mas referências de algumas notas dispersas deram-me muito o que pensar – tanto, de fato, que apenas o ceticismo que eu adotava como filosofia própria poderia justificar minha persistente desconfiança acerca do artista. As notas em questão eram aquelas que descreviam os sonhos de diversas pessoas durante o mesmo período em que o jovem Wilcox tivera as manifestações. Meu tio, ao que parece, havia instituído uma prodigiosa e vasta rede de investigações entre quase todos os amigos que ele podia interrogar sem se fazer impertinente, pedindo-lhes relatórios noturnos de seus sonhos e perguntando as datas em que haviam tido alguma visão incomum no passado recente. A adesão a essa solicitação parece ter variado; mas ele deve ter recebido, no mínimo, mais respostas do que qualquer outro homem comum poderia ter tido sem o apoio de uma secretária. As correspondências originais não foram preservadas, contudo, suas notas formaram uma completa e realmente significativa compilação. Pessoas comuns da sociedade e dos negócios – o tradicional “sal da terra” da Nova Inglaterra – deram um resultado quase completamente negativo, embora alguns esparsos casos de impressões noturnas disformes e inquietantes tenham aparecido aqui e acolá, sempre entre os dias vinte e três de março e dois de abril – mesmo período do delírio de Wilcox. Homens ligados às ciências eram levemente mais

afetados, posto que quatro casos davam uma vaga descrição que sugeria vislumbres de paisagens estranhas, e um caso fazia menção ao pavor de algo anormal.

As respostas mais pertinentes vieram dos artistas e poetas, e eu sei que o pânico teria se instalado se eles tivessem podido comparar suas anotações. Da forma como estavam, na falta das cartas originais, cheguei a suspeitar que o compilador tivesse feito perguntas tendenciosas ou tivesse editado as respostas a fim de corroborar o que ele resolvera enxergar de forma latente. Foi por essa razão que continuei a sentir que Wilcox, ciente em certa proporção dos velhos dados que meu tio possuía, estivera tirando proveito do traquejado cientista. As respostas dos estetas contavam uma história perturbadora. Do dia vinte e oito de fevereiro ao dia dois de abril, uma grande parte deles havia sonhado com coisas muito bizarras, sendo que a intensidade dos sonhos se tornara imensamente mais forte durante o período do delírio do escultor. Mais de um quarto dos que relataram algo reportaram cenas e sons abafados que em nada diferiam daqueles descritos por Wilcox; e alguns dos sonhadores confessaram um medo agudo da inominada coisa gigante que viam no final. Um caso, que as anotações descreviam de modo enfático, era muito triste. O indivíduo, um reconhecido arquiteto com inclinação à teosofia e ao ocultismo, tornou-se violentamente insano na data em que o jovem Wilcox teve seu ataque, e morreu alguns meses mais tarde após gritar incessantemente para ser salvo de algum habitante fugido do inferno. Se meu tio tivesse se referido a esses casos por nomes e não meramente por números, eu teria tentado fazer algumas confirmações e uma investigação pessoal; ainda assim, consegui rastrear uns poucos. Todos eles, entretanto, sustentavam plenamente as anotações. Tenho com frequência me perguntado se todas as pessoas questionadas pelo professor se sentiram tão perplexas quanto essa pequena fração. É bom que elas nunca recebam uma

explicação.

Os recortes de jornais, como mencionei, traziam casos de pânico, manias e excentricidades durante o dado período. O professor Angell deve ter utilizado um serviço especializado em coleta de notícias, já que o número de recortes era imenso e as fontes se espalhavam por todo o globo. Num, há um suicídio noturno em Londres, onde um solitário homem adormecido salta da janela depois de um apavorante grito. Noutro, uma desconexa carta ao editor de um jornal da América do Sul onde um fanático prevê um horrendo futuro a partir das visões que ele tinha tido. Um boletim da Califórnia descreve uma colônia de teosofistas trajando em massa túnicas brancas à espera da “plenitude gloriosa” que nunca chega, enquanto recortes da Índia falam cautelosamente de um sério tumulto nativo por volta do final de março. Orgias se multiplicam no Haiti e destacamentos militares da África reportam murmúrios ameaçadores. Oficiais americanos nas Filipinas enfrentam a inquietação de certas tribos, e policiais de Nova York são atacados por levantinos histéricos na noite de vinte e dois de março. O oeste da Irlanda também está repleto de rumores desvairados e de lendas, e um pintor fantástico chamado Ardois-Bonnot expõe a blasfema obra “Paisagem de Sonho” na exposição da primavera de 1926, em Paris. E tantos são os registros de transtornos em manicômios que apenas um milagre justifica o fato de a comunidade médica não ter notado esse estranho paralelismo e mistificado possíveis conclusões. Era uma estranha pilha de recortes, sem dúvida; hoje em dia, mal posso considerar o racionalismo frio com que os pus de lado. Mas, naquele momento, eu estava convencido de que o jovem Wilcox tivera conhecimento de questões mais antigas mencionadas pelo professor.

II

O RELATO DO INSPETOR LEGRASSE

As questões antigas que haviam tornado o sonho do escultor e o baixo-relevo tão importantes para o meu tio compunham o assunto da segunda metade do longo manuscrito. Aparentemente, uma vez, o professor Angell vira os contornos diabólicos da inominável monstruosidade, ficara intrigado diante dos hieróglifos desconhecidos e ouvira as abomináveis sílabas que só podiam ser interpretadas como “Cthulhu”; e tudo isso numa conexão tão provocadora e horripilante que é fácil entender por que ele perseguia o jovem Wilcox com indagações e pedidos de dados.

A primeira experiência viera em 1908, dezessete anos antes, quando a Sociedade Americana de Arqueologia realizava seu encontro anual em St. Louis. O professor Angell, como condizia com alguém de seu talento e autoridade, tivera papel proeminente em todas as deliberações; e fora um dos primeiros a ser abordado pelos inúmeros leigos que se aproveitavam da presença de peritos para fazer consultas e encontrar as respostas corretas para suas dúvidas.

O chefe desses forasteiros e, logo em seguida, centro das atenções da reunião, era um homem de meia-idade e aparência bastante comum que percorrera o longo caminho desde Nova Orleans em busca de uma certa informação especial, impossível de ser obtida com alguma fonte local. Seu

nome era John Raymond Legrasse e ele trabalhava como Inspetor de Polícia. Ele trazia consigo a razão da sua visita: uma estatueta muito antiga de pedra, grotesca e repulsiva, cuja origem ele não tinha a menor ideia de como determinar. Não se deve fantasiar que o inspetor Legrasse tivesse alguma sincera curiosidade arqueológica. Pelo contrário, seu desejo por esclarecimentos era movido puramente por interesse profissional. A estatueta, ídolo, fetiche, ou o que quer que fosse, havia sido apreendida alguns meses antes nos impenetráveis pântanos ao sul de Nova Orleans durante uma incursão em uma suposta cerimônia vodu; e tão particulares e hediondos eram os rituais conectados a ela, que a polícia imediatamente percebeu que havia topado com um culto tenebroso que lhe era totalmente desconhecido e infinitamente mais diabólico do que o mais obscuro círculo africano vodu. Acerca de sua origem, afora as inconsistentes e esdrúxulas histórias arrancadas dos membros capturados, absolutamente nada fora descoberto; daí a ansiedade da polícia em buscar algum conhecimento sólido sobre antiguidades, que pudesse ajudar a situar a assustadora peça no tempo e assim rastrear o culto até sua fonte.

O inspetor Legrasse não estava nada preparado para a impressão que sua questão causaria. Bastou uma rápida olhada no objeto para deixar em polvorosa aqueles homens de ciência ali reunidos, que instantaneamente cercaram o inspetor na tentativa de contemplar de perto a pequena figura completamente estranha, cujo aspecto de genuína e abismal antiguidade insinuava de modo bem convincente algum panorama arcaico ainda desconhecido. Nenhuma escola de escultura reconhecida havia inspirado aquele repugnante objeto, ainda assim centenas ou milhares de anos estavam registrados de alguma forma na superfície opaca e esverdeada daquela pedra não identificada.

A figura, que passara lentamente de mão em mão para minucioso

exame, tinha entre dezoito e vinte centímetros de altura e era de primoroso cuidado artístico. Ela representava um monstro com contornos vagamente antropoides, porém com uma cabeça em formato de polvo, cujo rosto era uma massa de tentáculos, e o corpo escamoso com aparência elástica, prodigiosas garras nas patas dianteiras e traseiras, e asas longas e estreitas nas costas. Essa coisa, que parecia impregnada por uma malignidade anormal e assustadora, era de uma robustecida corpulência e estava agachada em pose diabólica sobre um bloco ou pedestal retangular coberto por caracteres indecifráveis. As pontas das asas tocavam a borda de trás do bloco e o corpo ocupava a parte central. Abaixo das pernas dobradas, as garras, apoiadas na borda dianteira, iam da quina até um quarto do caminho em direção à base do pedestal. A cabeça cefalópode inclinava-se para a frente, de modo que as extremidades dos tentáculos faciais tocavam o dorso das gigantescas patas dianteiras, que abraçavam os joelhos elevados. O aspecto do conjunto era espantosamente vívido e ainda mais temível porque sua origem permanecia um mistério. Não havia como negar sua vasta, surpreendente e incalculável idade; porém, não era possível estabelecer um vínculo com algum tipo de arte dos primórdios da civilização ou de qualquer outra época. O material em si, muito distinto, configurava um mistério à parte, pois a pedra lisa, preto-esverdeada com filamentos e partículas dourados e iridescentes não se assemelhava em nada com algo familiar à geologia ou à mineralogia. Os caracteres ao longo da base eram igualmente desconcertantes; e embora no evento estivesse representada a metade do conhecimento mundial nesse campo, nenhum dos membros presentes podia formar uma conexão ou encontrar um remoto parentesco linguístico com eles. Tal como o tema e o material, esses caracteres pertenciam a algo horivelmente remoto e distinto da humanidade como a conhecemos; algo assustadoramente sugestivo de antigos e profanos ciclos

de vida dos quais nosso mundo e nossas concepções não faziam parte.

No entanto, enquanto os membros individualmente balançavam suas cabeças e admitiam sua derrota diante do enigma trazido pelo inspetor, havia um homem no grupo que sentiu um toque de bizarra familiaridade na forma monstruosa e no escrito, e então compartilhou sem muita segurança o pouco que sabia sobre algo estranho. Essa pessoa era o já falecido William Channing Webb, professor de Antropologia na Universidade de Princeton e um explorador digno de nota. O professor Webb havia participado, quarenta e oito anos antes, de uma expedição à Groenlândia e à Islândia em busca de inscrições rúnicas que ele nunca conseguiu encontrar; e enquanto estava nas altitudes do oeste da Groenlândia, conheceu uma tribo, ou culto singular, de esquimós degenerados cuja religião, uma curiosa forma de adoração ao diabo, causara-lhe calafrios por sua deliberada sede de sangue e repugnância. Tratava-se de uma crença que outros esquimós pouco conheciam e cuja simples menção os atemorizava. Diziam que vinha de remotos e horríveis éons anteriores à criação do mundo. Além de inomináveis ritos e sacrifícios humanos, havia alguns macabros rituais hereditários devotados a um supremo demônio ancestral, ou tornasuk; e o professor Webb fizera uma cuidadosa transcrição fonética que reproduzia o que um idoso angekok, ou sacerdote-bruxo, entoava, grafando os sons em caracteres romanos da melhor forma possível. Mas naquele momento, o mais relevante era o fetiche que eles cultuavam e ao redor do qual dançavam quando a aurora surgia alta entre os penhascos gelados. Dizia o professor tratar-se de um baixo-relevo de pedra muito tosco, formado por uma imagem horrenda e algumas inscrições enigmáticas. Isso permitia, segundo ele, traçar um paralelo preliminar com as características essenciais do objeto bestial que estava sendo examinado na reunião.

Essas informações, recebidas com desconfiança e perplexidade pelo

grupo de especialistas, deixaram ainda mais empolgado o inspetor Legrasse, e ele logo começou a importunar seus informantes com perguntas. Tendo transcrito e copiado um ritual de tradição oral entre os praticantes do culto do pântano que seus homens haviam prendido, ele implorou ao professor Webb que tentasse lembrar o melhor que pudesse as sílabas registradas entre os esquimós diabolistas. Seguiu-se então uma exaustiva comparação de detalhes e um momento de assombroso silêncio quando o detetive e o cientista concordaram na evidente identidade da frase comum aos dois rituais diabólicos, separados por tantos mundos de distância. O que, em resumo, tanto os bruxos esquimós quanto os sacerdotes do pântano de Louisiana entoavam para seus ídolos de devoção (as divisões das palavras acompanham as pausas tradicionais das frases enunciadas) era algo mais ou menos assim:

“Ph’nglui mglw’nafh Cthulhu R’lyeh wgah’nagl fhtagn.”

Legrasse estava um passo à frente do professor Webb, pois muitos dos seus prisioneiros mestiços haviam-lhe repetido o que os celebrantes mais velhos diziam que as palavras significavam. A tradução era algo como:

“Em sua casa em R’lyeh, Cthulhu morto espera sonhando.”

Nesse momento, atendendo às insistentes e gerais solicitações, o inspetor Legrasse narrou tão detalhadamente quanto possível sua experiência com os idólatras do pântano, contando uma história à qual meu tio claramente atribuíra um profundo significado. Seu conteúdo tinha o sabor dos sonhos mais extraordinários dos mitômanos e teosofistas, e revelava um surpreendente grau de imaginação cósmica, um nível que não se esperava encontrar em meio a mestiços e marginais.

No dia primeiro de novembro de 1907, a polícia de Nova Orleans recebera chamados apreensivos vindos do pântano e da região das lagoas ao sul. Os posseiros de lá, em sua maioria primitivos, mas bem-intencionados descendentes dos homens de Lafitte, estavam tomados de completo terror por causa de uma coisa desconhecida que os havia espiado durante a noite. Era vodu, aparentemente, mas vodu do mais pernicioso tipo jamais visto; e algumas das mulheres e crianças haviam desaparecido desde que o malévolo tantã tinha começado seus incessantes batuques a distância, dentro dos bosques sombrios onde os moradores não se aventuravam. Havia gritos insanos e urros angustiantes, cânticos que faziam gelar a alma e chamadas diabólicas dançantes; um desesperado mensageiro também viera de lá, dizendo que os habitantes não podiam mais suportar.

Então, um grupo de vinte policiais em duas carruagens e um automóvel partira no final da tarde, levando como guia o apavorado posseiro. No final da parte transitável da estrada, eles deixaram os veículos e se embrenharam em silêncio, por milhas, pelos terríveis bosques de ciprestes onde nunca penetrava a luz do dia. Raízes disformes e as forcas de barba-de-velho que pendiam das árvores tornavam penosa a caminhada e, vez ou outra, pilhas de pedras úmidas ou fragmentos do que poderia ter sido uma mórbida habitação deixavam ainda mais depressivo o ambiente que as árvores malformadas e os montículos de fungos ajudavam a criar. Finalmente o lugarejo dos posseiros, um aglomerado de casebres, surgiu à frente; os moradores histéricos chegaram correndo e cercaram as pessoas de cujas lanternas nervosas saíam feixes de luz. O abafado batuque dos tantãs já era ligeiramente audível ao longe, bem ao longe; e um guincho pavoroso podia ser ouvido em intervalos regulares quando o vento mudava de direção. Um clarão avermelhado também parecia infiltrar-se através da pálida vegetação rasteira desde os mais distantes caminhos da noite na floresta. Com receio

de serem deixados para trás, cada um dos amedrontados posseiros recusava-se a dar mais um passo em direção à cena do culto profano, então o inspetor Legrasse e seus dezenove companheiros avançaram às cegas pelas negras arcadas do horror que nenhum deles havia percorrido antes.

A região em que os policiais entravam agora era tradicionalmente de reputação maligna, notadamente desconhecida e inexplorada por homens brancos. Havia lendas a respeito de um lago oculto nunca antes contemplado pelos olhos de um mortal, habitado por uma gigantesca coisa branca poliposa de olhos brilhantes; e os posseiros murmuravam que demônios com asas de morcego saíam das profundezas das cavernas à meia-noite para adorar a criatura. Eles diziam que ela já estava ali desde antes de D'Iberville, antes de La Salle, antes dos índios e antes mesmo dos saudáveis animais e pássaros da floresta. Era a própria encarnação de um pesadelo, e vê-la era o mesmo que morrer. Mas ela também os fazia sonhar, e isso era o bastante para lembrá-los que deviam manter distância. A orgia vodu em questão acontecia nos limites mais distantes dessa asquerosa área, mas o lugar em si era bastante ruim; talvez o próprio lugar do culto tivesse assustado mais os posseiros do que os sons e as circunstâncias chocantes que eles mencionavam.

Apenas a poesia ou a loucura poderiam reproduzir de forma fiel os ruídos ouvidos pelos homens de Legrasse enquanto avançavam com dificuldade pelos lodaçais negros em direção ao clarão vermelho e aos abafados tantãs. Existem algumas qualidades vocais que são características dos homens e algumas que são peculiares às bestas; e é terrível ouvir uma quando da fonte deveria vir outra. A fúria animal e a licenciosidade orgíaca do local se elevavam a níveis demoníacos por uivos e gritos arrebatadores que rasgavam a noite e reverberavam pela floresta densa como tempestades pestilentas oriundas das profundezas do inferno. Ocasionalmente os uivos

mais desorganizados cessavam e, do que parecia ser um bem ensaiado coro de vozes roucas, subia entoada como uma ladainha aquela horrível frase ou invocação:

“Ph’nglui mglw’nafh Cthulhu R’lyeh wgah’nagl fhtagn.”

Nesse ponto, tendo atingido uma área onde as árvores eram mais finas e esparsas, os homens puderam ter uma visão do espetáculo propriamente dito. Quatro deles cambalearam, um desmaiou e dois lançaram um grito histérico que afortunadamente a enlouquecida cacofonia da orgia encobriu. Legrasse derramou água do pântano no rosto do policial desmaiado e todos ficaram ali paralisados, tremendo, quase hipnotizados pelo horror.

Numa clareira natural do pântano havia uma ilha recoberta de capim, com talvez um acre de extensão, desmatada e razoavelmente seca. Nesse lugar saltava e retorcia-se a mais indescritível horda de aberrações humanas que apenas um Sime ou um Angarola seria capaz de pintar. Despidas, essas crias híbridas vociferavam, berravam e se debatiam ao redor de uma monstruosa fogueira em formato de anel em cujo centro, avistável por ocasionais aberturas na cortina de chamas, erguia-se um enorme monólito de granito de aproximadamente dois metros e meio de altura; em seu topo, revelava-se em sua pequenez a odiosa estatueta. De um amplo círculo de dez cadafalsos dispostos em intervalos regulares com o monólito cercado de chamas ao centro, pendiam, de cabeça para baixo, os corpos grotescamente mutilados dos indefesos posseiros que haviam desaparecido. Era dentro desse círculo que a roda de fanáticos saltava e bramia da esquerda para a direita num interminável bacanal entre o anel de cadáveres e o anel de fogo.

Pode ter sido apenas imaginação ou podem ter sido ecos que induziram um dos homens, um irritável espanhol, a imaginar ter ouvido respostas

antifônicas ao ritual, vindas de algum ponto longínquo e escuro no interior da floresta de antigas lendas e horrores. Esse homem, Joseph D. Galvez, eu encontrei mais tarde e o questioneei: ele demonstrou ter uma imaginação bastante fértil. Ele chegou ao ponto de fazer alusão a um ligeiro bater de grandes asas, a um rápido vislumbre de olhos brilhantes e a um grande objeto branco além das árvores mais remotas – mas eu suponho que ele tenha ouvido muito sobre as superstições dos nativos.

Na verdade, a pausa horrorizada dos homens foi relativamente breve. O dever vinha em primeiro lugar; e, embora houvesse aproximadamente cem homens naquela multidão, a polícia confiou em suas armas e investiu com determinação contra a nauseante choldra. Durante os cinco minutos que se seguiram, o rumor e o caos resultantes foram indescritíveis. Golpes violentos foram desferidos, tiros foram disparados e fugas ocorreram; mas, no final, Legrasse pôde somar uns quarenta e sete prisioneiros cabisbaixos que ele obrigou rapidamente a vestir roupas e a posicionar-se em fila única entre duas colunas de policiais. Cinco dos participantes do culto estavam mortos, dois estavam gravemente feridos e foram carregados em macas improvisadas por seus comparsas prisioneiros. A imagem no monólito, é claro, foi cuidadosamente removida e transportada de volta por Legrasse.

Interrogados no quartel de polícia após uma intensa e extenuante viagem, os prisioneiros provaram todos serem mestiços ordinários e aberrações mentais. A maioria era de marinheiros, alguns negros e mulatos, em grande parte caribenhos ou portugueses de Cabo Verde, que davam ao culto heterogêneo os matizes do voduísmo. Mas antes que muitas perguntas fossem feitas, ficou evidente que algo muito mais profundo e antigo do que fetichismo negro estava envolvido. Degradadas e ignorantes como eram, as criaturas mantinham-se surpreendentemente firmes à ideia central de sua repugnante fé.

Eles adoravam, segundo diziam, os Grandes Anciãos que vieram dos céus eras antes da existência do homem, quando o mundo ainda era jovem. Esses anciãos já haviam perecido no interior da Terra e no fundo do mar; mas seus corpos sem vida haviam revelado seus segredos em sonhos aos primeiros homens, que geraram um culto que nunca morreu. Esse era o culto deles, e os prisioneiros disseram que ele sempre tinha existido e sempre existiria, oculto, em terras desoladas e lugares sombrios por todo o mundo, até o momento em que o sumo sacerdote Cthulhu, de sua tenebrosa morada na poderosa cidade submersa de R'lyeh, se levantasse e colocasse a Terra novamente sob seu domínio. Um dia ele chamaria, quando as estrelas estivessem posicionadas, e o culto secreto estaria sempre à espera para libertá-lo.

Até lá, nada mais deveria ser dito. Havia um segredo que nem mesmo a tortura conseguiria extrair. A humanidade não estava totalmente sozinha entre os seres conscientes da Terra, pois formas surgiam da escuridão para visitar os poucos crentes. Mas essas formas não eram os Anciãos, já que eles nunca foram vistos. O ídolo esculpido era o grande Cthulhu, mas ninguém podia dizer se os outros se pareciam ou não com ele. Ninguém mais conseguia ler a antiga inscrição, mas as mensagens ainda eram transmitidas por tradição oral. O cântico ritual não era o segredo – este não era dito em voz alta, apenas em sussurros. O cântico significava apenas isto: “Na sua casa em R'lyeh, Cthulhu morto espera sonhando”.

Apenas dois dos prisioneiros foram considerados suficientemente sãos para serem enforcados e os outros foram internados em diversas instituições. Todos negaram participação nos rituais de morte e afirmaram que a matança havia sido cometida pelos Asas Negras, que tinham vindo a eles de seu antiquíssimo ponto de encontro na floresta assombrada. No entanto, a respeito desses misteriosos aliados jamais fora obtido um relato

coerente. O que a polícia conseguiu extrair veio em grande parte de um mestiço muito velho chamado Castro, que afirmava ter navegado até portos longínquos e conversado com líderes imortais do culto nas montanhas da China.

O velho Castro se recordava de fragmentos de uma lenda medonha que ofuscava as especulações dos teosofistas e fazia o homem e o mundo parecerem realmente recentes e passageiros. Houve éons em que outros Seres reinavam sobre a Terra, e Eles tinham grandes cidades. Os vestígios Deles, de acordo com os chineses imortais, ainda podiam ser encontrados em pedras ciclópicas nas ilhas do Pacífico. Todos Eles haviam morrido em época ancestral, antes da chegada do homem, mas havia artes que podiam fazê-los reviver quando as estrelas voltassem à posição correta no ciclo da eternidade. Eles mesmos, na verdade, tinham se transportado das estrelas e trazido consigo suas imagens.

Esses grandes Anciãos, continuou Castro, não eram feitos realmente de carne e osso. Eles tinham forma – pois não é o que provava a imagem em forma de estrela? –, mas a forma não era constituída de matéria. Quando as estrelas estavam certas, Eles podiam lançar-se de mundo a mundo através do céu; mas quando as estrelas estavam erradas, Eles não conseguiam viver. Mas mesmo que não estivessem mais vivos, Eles não morriam realmente. Todos jaziam em casas de pedra na grande cidade de R'lyeh, preservados pelos feitiços do poderoso Cthulhu para uma gloriosa ressurreição quando as estrelas e a Terra estivessem novamente prontas para Eles. Nesse momento, uma força externa deveria ajudá-los a libertar Seus corpos. Os feitiços que Os preservavam intactos também Os impediam de fazer o movimento inicial, e Eles podiam apenas ficar ali acordados, na escuridão, pensando enquanto milhões de anos passavam. Sabiam de tudo que acontecia no universo, pois se comunicavam pelo pensamento. Mesmo

agora Eles falavam em Suas tumbas. Quando após infindáveis tempos de caos surgiu o homem, os Anciãos falaram com os mais sensitivos entre eles, modelando seus sonhos; pois essa era a única linguagem com a qual Eles poderiam atingir aquelas recém-formadas mentes dos mamíferos.

Então, murmurou Castro, esses primeiros homens formaram o culto ao redor de pequenos ídolos que os Anciãos lhes haviam mostrado; ídolos trazidos de remotas áreas da escuridão das estrelas. Aquele culto não morreria enquanto as estrelas não se posicionassem da maneira correta novamente, e os sacerdotes secretos removeriam o grande Cthulhu de Sua tumba para que Ele despertasse Seus súditos e retomasse Seu domínio sobre a Terra. Seria fácil reconhecer esse tempo, pois a humanidade seria agora como os Grandes Anciãos; livres e desenfreados, além do bem e do mal, com todas as leis e preceitos morais descartados e com todos os homens gritando e matando, rejubilando-se de prazer. Assim, os libertos Anciãos poderiam ensinar-lhes novas formas de gritar e matar e de regozijar-se, e toda a Terra se inflamaria em um holocausto de êxtase e liberdade. Até lá, o culto e seus ritos manteriam viva a memória dos saberes ancestrais e revelariam a profecia de seu retorno.

Em épocas passadas, os homens escolhidos falavam com os Anciãos sepultos em sonhos, mas então algo aconteceu. A grande cidade de pedra de R'lyeh, com seus monólitos e sepulcros, fora tragada pelas ondas; e a profundidade das águas, repleta do mistério primordial através do qual nem mesmo o pensamento pode passar, interrompeu a comunicação espectral. Contudo, a memória nunca morreu e os sumos sacerdotes diziam que a cidade emergiria novamente quando as estrelas se alinhassem corretamente. Em seguida, vieram espíritos negros da Terra, sombrios e embolorados, repletos de sons indistintos que traziam de cavernas esquecidas sob o fundo do mar. Mas o velho Castro não se atrevia a falar muito sobre eles.

Desviou-se do assunto inesperadamente, e não houve contumácia ou sutileza que trouxesse mais conteúdo a esse respeito. Curiosamente, ele também se recusava a comentar o tamanho dos Anciãos. A respeito do culto, ele disse acreditar que sua sede se encontrava no meio dos imperscrutáveis desertos da Arábia, onde Irem, a Cidade dos Pilares, sonha oculta e intocada. Não tinha relação com os cultos de bruxaria europeus e era conhecido praticamente apenas por seus membros. Nenhum livro havia feito alguma menção direta acerca dele, embora os imortais chineses afirmassem que havia duplo sentido em *Necronomicon*, do árabe louco Abdul Alhazred, que os iniciados podiam ler como quisessem, em especial o polêmico dístico:

“Não está morto aquele que jaz na eternidade,
E em incomuns éons até a morte pode morrer.”

Legrasse, profundamente impressionado e não pouco perplexo, havia investigado em vão as afiliações históricas do culto. Castro, aparentemente, havia dito a verdade ao afirmar que isso era totalmente secreto. As autoridades da Universidade de Tulane não tinham sido capazes de acrescentar novas informações seja sobre o culto, seja sobre a imagem, e agora o detetive estava diante das maiores autoridades do país e tinha a oportunidade de conhecer nada menos que a história da expedição do professor Webb à Groenlândia.

O exaltado interesse despertado na reunião pelo relato de Legrasse, corroborado pela estatueta, persistiu nas subsequentes correspondências trocadas entre os que estiveram presentes no evento, embora poucas menções tenham ocorrido em publicações formais da entidade. Cautela é a primeira preocupação daqueles que estão acostumados a encarar charlatões

e impostores. Durante um período, Legrasse havia deixado a estatueta sob a tutela do professor Webb, mas após a morte dele, a imagem retornou às suas mãos e permanece em sua posse, e, não muito tempo atrás, tive a oportunidade de vê-la. É realmente uma coisa medonha e evidentemente semelhante à escultura moldada em sonho pelo jovem Wilcox.

Não me causara surpresa a excitação de meu tio com a história do escultor, pois quantos pensamentos não devem ter vindo à sua mente, reconhecendo as informações de Legrasse sobre o culto, ao ouvir o jovem sensitivo contar que sonhara não apenas com a imagem e os exatos hieróglifos da estatueta encontrada no pântano e no diabólico baixo-relevo da Groenlândia, como também ouvira nesses mesmos sonhos ao menos três palavras precisas das similares evocações dos diabólicos esquimós e dos mestiços de Louisiana? Era natural, portanto, que ele tivesse dado início imediato a uma criteriosa investigação; embora eu reservadamente suspeitasse que o jovem Wilcox tivesse tomado conhecimento indiretamente sobre o culto e tivesse inventado uma série de sonhos para fomentar e manter o mistério à custa de meu tio. Os relatos de sonhos e os recortes coletados pelo professor eram, obviamente, fortes comprovações; mas meu racionalismo e a extravagância do assunto como um todo levaram-me a adotar a conclusão que julguei ser a mais sensata. Portanto, após estudar exaustivamente o manuscrito outra vez e relacionar as anotações teosóficas e antropológicas com o relato de Legrasse sobre o culto, viajei para Providence para procurar o escultor e repreendê-lo de maneira apropriada pela forma impertinente com a qual havia tratado um homem culto e de avançada idade.

Wilcox ainda vivia sozinho no edifício Fleur-de-Lys, na rua Thomas, uma desprezível imitação vitoriana da arquitetura bretã do século 17 que ostentava sua fachada de estuque em meio às adoráveis casas de estilo

colonial na antiga colina e à sombra do exemplar de campanário georgiano mais esplêndido da América. Encontrei-o trabalhando em seus aposentos e imediatamente constatei, a julgar pelas amostras espalhadas pelo cômodo, que seu caráter era realmente profundo e autêntico. Creio eu que um dia ele será aclamado como um dos grandes decadentistas; pois ele cristalizou na argila e um dia há de reproduzir em mármore aqueles pesadelos e fantasias que Arthur Machen evoca em prosa e Clark Ashton Smith torna visíveis em verso e pintura.

Moreno, franzino e de aspecto um tanto desganhado, virou-se displicentemente quando bati à porta e, sem se levantar, perguntou a razão da minha visita. Quando lhe disse quem eu era, demonstrou algum interesse, já que meu tio lhe instigara a curiosidade ao investigar seus estranhos sonhos mesmo sem nunca ter explicado a razão de tamanha atenção. Eu tampouco me estendi sobre o assunto, mas tentei com alguma sutileza extrair algo dele. Logo me convenci de sua absoluta sinceridade, uma vez que ele falava dos sonhos com plena convicção. Os sonhos e suas reminiscências tinham influenciado profundamente sua arte, e ele me mostrou uma mórbida estátua com uma potente insinuação macabra e cujos contornos quase me fizeram estremecer. Ele não se lembrava de ter visto a imagem original a não ser em seu próprio baixo-relevo, mas os contornos haviam surgido de suas mãos sem que ele se desse conta disso. Era, sem sombra de dúvida, a forma gigante que ele havia mencionado em seu delírio. Ele logo deixou claro que nada sabia sobre o culto secreto, exceto pelos detalhes que o incessante interrogatório de meu tio deixara escapar; e novamente eu tentava imaginar de que modo ele poderia ter recebido aquelas misteriosas impressões.

Ele falava de seus sonhos de uma maneira estranhamente poética; fazendo-me ver com terrível nitidez a úmida cidade ciclópica com sua pedra

verde cheia de limo – cuja geometria, disse estranhamente, era totalmente anormal – e ouvir com amedrontada expectativa o incessante chamado, parcialmente mental, subindo de um lugar profundo: “Cthulhu fhtagn”, “Cthulhu fhtagn”. Essas palavras faziam parte daquele temível ritual que narrava o sonho em vigília do morto Cthulhu em seu túmulo de pedra, em R’lyeh, e eu me senti fortemente impressionado, apesar de minhas crenças racionais. Wilcox, eu estava certo disso, tinha ouvido ao acaso algo sobre o culto, que logo teria esquecido em meio à enorme quantidade de leituras e devaneios. Mais tarde, por força da impressionabilidade, isso teria tomado forma em seu subconsciente através dos sonhos, no baixo-relevo e na terrível estátua que eu agora observava; de modo que percebi que não existiu a intenção de enganar meu tio. O moço, de quem jamais pude gostar, era ao mesmo tempo um pouco afetado e um pouco mal-educado; mas já estava inclinado a reconhecer seu talento e sua honestidade. Despedi-me amigavelmente e desejei-lhe todo o sucesso que seu talento prometia.

A questão do culto ainda exercia um fascínio sobre mim, e em algumas ocasiões imaginava a fama que poderia conquistar com pesquisas sobre suas origens e conexões. Visitei Nova Orleans e falei com Legrasse e com outros que participaram daquele velho destacamento policial, vi a tenebrosa imagem e inclusive entrevistei alguns dos prisioneiros mestiços que ainda estavam vivos. Infelizmente, o velho Castro falecera havia alguns anos. O que eu ouvira a seguir de forma tão vívida e em primeira mão, apesar de não ser nada além de uma confirmação detalhada do que meu tio já havia escrito, reativou meu interesse; pois eu tinha a certeza de estar na pista de uma religião muito real, muito secreta e muito antiga, cuja descoberta me tornaria um antropólogo renomado. Minha atitude até então era de absoluto materialismo, como gostaria que ainda fosse, o que me fez desprezar com uma quase inexplicável teimosia a coincidência entre os relatos dos sonhos

e os estranhos recortes colecionados pelo professor Angell.

Uma coisa que eu comecei a suspeitar e que agora receio saber é que a morte de meu tio nada teve de natural. Ele caiu numa rua estreita que subia de um antigo cais fervilhante de mestiços estrangeiros, após ser golpeado por um marinheiro negro. Eu não esqueci o sangue misto e as ocupações navais dos membros do culto de Louisiana, e não ficaria surpreso em ouvir falar da existência de agulhas envenenadas e outros métodos secretos tão cruéis quanto os já conhecidos antigamente em ritos e crenças ocultos. É verdade que Legrasse e seus homens foram deixados em paz; mas na Noruega, um certo marinheiro que via coisas morreu. Teriam as intensificadas indagações de meu tio, após o revelador encontro com o escultor, chegado a ouvidos sinistros? Acho que o professor Angell morreu porque sabia demais ou porque estava prestes a saber demais. Agora resta saber se me cabe o mesmo destino, pois eu também já sei demais.

III

A LOUCURA QUE VEIO DO MAR

Se algum dia o céu quisesse conceder-me uma bênção, que esta seja remover de minha memória o resultado de uma casual olhada num pedaço de papel que recobria uma prateleira. Não era nada que naturalmente chamaria minha atenção na rotina diária, já que se tratava de um velho exemplar de um jornal australiano, o Sydney Bulletin, de dezoito de abril de 1925. Ele havia escapado até do serviço especializado em coleta de notícias que, à época da impressão, buscava avidamente material para a pesquisa de meu tio.

Já havia deixado de lado em grande parte minhas investigações sobre o que o professor Angell chamava de “Culto a Cthulhu”, e estava visitando um douto amigo em Paterson, Nova Jersey, curador de um museu local e um renomado mineralogista. Certo dia, ao examinar as amostras sobressalentes amontoadas em prateleiras em uma sala no fundo do museu, minha atenção foi atraída por uma estranha imagem estampada em um dos jornais que estavam estendidos embaixo das pedras. Era o Sydney Bulletin que eu já havia mencionado, pois meu amigo tinha conexões em todos os países estrangeiros imagináveis; e a foto era um corte em preto e branco de uma temível imagem de pedra quase igual àquela que Legrasse encontrara no pântano.

Removi com impaciência o precioso material que cobria a folha de papel e examinei detalhadamente a notícia, que para minha decepção constatei ser bem sucinta. O que ela sugeria, no entanto, era de extrema relevância para a minha titubeante busca, e eu rasguei a parte que a continha para imediatas providências. Dizia:

MISTÉRIO EM EMBARCAÇÃO ENCONTRADA NO MAR À DERIVA

Vigilant chega rebocando iate neozelandês armado e abandonado.

Encontrados um sobrevivente e um morto a bordo.

História de batalha desesperada e mortes no mar. Marinheiro resgatado omite detalhes sobre a estranha experiência.

Encontrado ídolo estranho em sua posse. Investigações prosseguem.

O navio cargueiro Vigilant, da Morrisson Co., proveniente de Valparaíso, chegou nesta manhã ao cais do porto de Harling, trazendo a reboque o inutilizado, mas bem armado iate a vapor Alert, de Dunedin, Nova Zelândia, que foi avistado no dia 12 de abril em 34° 21' de Latitude S. e 152° 17' de Longitude O., com um sobrevivente e um homem morto a bordo.

O Vigilant deixou Valparaíso no dia 25 de março, e no dia 2 de abril teve a rota consideravelmente desviada em direção ao sul devido a excepcionais tormentas e fortíssimas ondas. No dia 12 de abril a embarcação à deriva foi avistada, e embora parecesse abandonada, ainda carregava a bordo um sobrevivente em

condição um tanto delirante e um homem morto evidentemente há pelo menos uma semana. O sobrevivente agarrava um horrível ídolo de pedra de origem desconhecida, medindo cerca de trinta centímetros, cuja natureza todas as autoridades da Universidade de Sydney, da Royal Society e do museu na College Street confessaram, constrangidas, desconhecer, e que o homem disse tê-lo encontrado na cabine do iate, num pequeno estojo entalhado de feitiço comum.

Após recobrar os sentidos, esse homem contou uma história excessivamente estranha de pirataria e carnificina. Ele é Gustaf Johansen, um norueguês de certa cultura, o segundo-imediato da escuna de dois mastros Emma, de Auckland, que zarpara para Callao no dia 20 de fevereiro, guarnecida com onze homens. A Emma, disse ele, demorou-se em sua rota e desviou-se muito ao sul devido à grande tormenta do dia 1º de março, e no dia 22 de março, estando em 49°51' de Latitude S. e 128° 34' de Longitude O., encontrou o Alert, ocupado por uma estranha e mal-encarada tripulação de canacas e outros mestiços. O capitão Collins não obedeceu à ordem terminante de voltar, ao que a estranha tripulação começou a disparar sem aviso e de forma brutal contra a escuna, com a peculiarmente pesada bateria de canhões de bronze que munia o iate. Os homens da Emma não fugiram do combate, disse o sobrevivente, e apesar de a embarcação começar a afundar devido aos tiros que a atingiram abaixo da linha d'água, eles conseguiram abordar o inimigo e travar uma luta corporal com a selvagem tripulação no convés do iate. Embora estivessem em número ligeiramente superior, sentiram-se forçados a matar todos eles, já que os homens lutavam de forma desmesuradamente feroz e desesperada, ainda que demonstrassem pouca habilidade.

Três dos homens do Emma, incluindo o capitão Collins e o primeiro-imediato Green, foram mortos; os oito homens restantes, sob o comando do segundo-imediato Johansen, prosseguiram viagem no iate capturado, rumando em sua direção original para verificar se havia de fato algum motivo para a ordem de retornar que tinham recebido. No dia seguinte, ao que parece, eles desembarcaram em uma pequena ilha desconhecida naquela parte do oceano; e seis dos homens morreram em terra, embora Johansen seja estranhamente reticente sobre o assunto e cite apenas a queda deles de um penhasco. Mais tarde, aparentemente, ele e um companheiro retornaram ao iate e tentaram retomar a viagem, mas foram atingidos pela tormenta do dia 2 de abril. Do período compreendido entre aquele dia e a data do resgate, 12 de abril, o homem se lembra de muito pouco e nem mesmo da morte de seu companheiro William Briden. A morte de Briden não revela causa aparente e ocorreu provavelmente devido ao desespero e às precárias condições a que estavam expostos. Mensagens telegráficas de Dunedin reportam que o Alert era muito conhecido como embarcação mercante e gozava de má reputação na zona portuária. O iate pertencia a um curioso grupo de mestiços, cujas frequentes reuniões e incursões noturnas nas florestas provocavam certa curiosidade; e havia zarpado de forma precipitada, logo após a tempestade e os tremores de 1º de março. Nosso correspondente de Auckland atribui à escuna Emma e sua tripulação uma excelente reputação, e Johansen é descrito como um homem sensato e honrado. A partir de amanhã, o almirantado instaurará um inquérito para investigar o caso, e mais esforços serão feitos para induzir Johansen a revelar as informações que aparentemente está retendo.

Isso era tudo, sem contar a foto da medonha imagem; mas foi o suficiente para desencadear um turbilhão de ideias em minha mente! Ali

estavam dados preciosos sobre o “Culto a Cthulhu” e evidências de que seus estranhos interesses infiltravam-se tanto na terra quanto no mar. Que motivo teria levado a tripulação mestiça a ordenar o retorno da Emma enquanto eles navegavam carregando seu odioso ídolo? Qual seria a desconhecida ilha na qual seis pessoas da tripulação da Emma morreram, e sobre a qual o imediato Johansen mantinha tanta reserva? O que a investigação do vice-almirante revelara e o que se sabia sobre o macabro culto em Dunedin? E o mais incrível de tudo, que profundo e sobrenatural vínculo era esse entre as datas, que dava um inegável sentido maligno aos vários acontecimentos tão cuidadosamente anotados por meu tio?

No dia 1o de março – nosso dia 28 de fevereiro segundo a Linha Internacional de Mudança de Data – sobrevieram o terremoto e a tempestade. De Dunedin, o Alert e sua perversa tripulação zarparam impetuosamente, como se imperiosamente convocados, e do outro lado do mundo, poetas e artistas começaram a sonhar com uma estranha e úmida cidade ciclópica enquanto um jovem escultor moldava durante o sono a forma do temível Cthulhu. No dia 23 de março a tripulação da escuna Emma desembarcara numa ilha desconhecida e lá deixara seis mortos; nessa mesma data, os sonhos de homens sensitivos alcançaram uma assombrosa nitidez e tornaram-se sombrios com a perseguição de um gigante monstro maligno, um arquiteto enlouqueceu e um escultor subitamente rendera-se ao delírio! E o que dizer da tempestade do dia dois de abril – data em que todos os sonhos sobre a cidade úmida cessaram, e Wilcox ressurgiu ileso da estranha febre que o mantinha aprisionado? Além de tudo isso, o que dizer das referências do velho Castro a Anciãos submersos vindos de distantes estrelas e preparando um novo reinado, a seu culto fervoroso e a seu poder sobre os sonhos? Estaria eu prestes a descobrir horrores cósmicos que o homem não tem poder de suportar? Se fosse assim, deveriam ser horrores

da própria mente, pois o dia dois de abril, de alguma forma, pusera um fim a toda ameaça monstruosa que assolava as almas da humanidade.

Naquela noite, após um dia de mensagens telegráficas apressadas e preparativos, despedi-me de meu anfitrião e tomei um trem para São Francisco. Em menos de um mês eu estava em Dunedin, onde, entretanto, descobri que pouco se sabia a respeito dos estranhos membros do culto que frequentavam as velhas tavernas portuárias. A ralé do cais não merece nenhuma menção especial, embora aqui e ali se falasse sobre uma viagem por terra que os mestiços haviam feito, durante a qual sons abafados de tambores e chamas avermelhadas puderam ser notados nas montanhas distantes. Em Auckland, eu soube que o antes loiro Johansen voltara de Sydney com os cabelos totalmente brancos após interrogatório superficial e inconclusivo, e que depois vendera seu chalé na West Street e partira com a mulher para sua velha casa em Oslo. Sobre essa agitada experiência, ele não contou nada aos amigos além do que já havia revelado aos oficiais do almirantado, e tudo que fizeram por mim foi dar-me seu endereço em Oslo.

Em seguida, viajei a Sydney, onde tive conversas infrutíferas com marinheiros e membros do tribunal do almirantado. Vi o Alert, agora vendido e em uso comercial no Circular Quay, na enseada de Sydney, e nenhuma nova informação foi agregada. A imagem agachada, com sua cabeça de molusco, corpo de dragão, asas escamosas e pedestal com hieróglifos estava preservada no museu de Hyde Park, e eu a estudei minuciosamente, considerando-a um trabalho maligno artisticamente requintado e com o mesmo mistério, assombrosa antiguidade e estranheza alienígena do material, tal como eu observara no exemplar de menor tamanho de Legrasse. Os geólogos, dissera-me o curador, tinham-na achado um monstruoso enigma; pois eles juravam nunca terem visto pedra como aquela em algum outro lugar do mundo. Então estremeci ao lembrar o que

Castro havia dito a Legrasse sobre os primordiais Grandes Anciãos: “Eles mesmos, na verdade, tinham se transportado das estrelas e trazido consigo suas imagens”.

Estremecido com uma revolução mental nunca antes experimentada, resolvi visitar o imediato Johansen em Oslo. Chegando a Londres, reembarquei imediatamente rumo à capital da Noruega; e num dia de outono, eu aportei em um dos bem cuidados cais à sombra do Egeberg. O endereço de Johansen, como descobri, ficava na Cidade Velha do rei Harald Hardrada, região que manteve vivo o nome de Oslo durante os séculos em que a cidade principal adotava o nome “Christiania”. Fiz o curto trajeto de táxi e, com o coração acelerado, bati à porta daquele belo edifício com fachada de gesso. Uma mulher vestida de preto e de aspecto tristonho atendeu-me, e fui invadido pela decepção quando ela, num inglês hesitante, disse-me que Gustaf Johansen se fora.

Não havia sobrevivido muito após o regresso, disse a esposa, pois os afazeres no mar em 1925 haviam arruinado sua saúde. Ele não lhe dissera nada além do que já havia tornado público, mas deixara um longo manuscrito – sobre “assuntos técnicos”, disse ela – escrito em inglês, evidentemente para salvaguardá-la caso pusesse inadvertidamente os olhos no documento. Durante uma caminhada por uma estreita rua perto das docas de Gotemburgo, fora derrubado por um fardo de papéis saído da janela de um sótão. Dois marujos indianos ajudaram-no imediatamente a levantar-se, mas antes mesmo de a ambulância chegar, ele estava morto. Os médicos não encontraram uma causa específica para a morte, mas atribuíram-na a problemas cardíacos e saúde debilitada.

Nessa hora senti minhas entranhas serem corroídas pelo tenebroso pavor que jamais me deixará até que eu descanse; “acidentalmente” ou de outra forma. Após convencer a viúva que minha conexão com os “assuntos

técnicos” de seu marido fornecia suficientes credenciais para acessar o manuscrito, parti com o documento, e no barco de volta para Londres, comecei a lê-lo. Era algo simples e cheio de divagações – um esforço para fazer um diário post factum – que tentava reconstituir dia a dia a última terrível viagem. Não posso tentar transcrever seu conteúdo na íntegra com todas as redundâncias e pontos obscuros, mas vou ater-me à parte principal para mostrar por que o barulho da água batendo contra o casco do navio tornou-se tão insuportável para mim a ponto de fazer-me tapar os ouvidos com algodão.

Johansen, graças a Deus, não sabia de tudo, mesmo tendo visto a cidade e a Coisa, mas eu jamais voltarei a dormir calmamente enquanto pensar nos horrores que incessantemente nos espreitam por trás da vida no tempo e no espaço, e nas blasfêmias profanas das estrelas ancestrais que sonham no fundo do mar, conhecidas e reverenciadas por um culto de pesadelo que anseia por soltá-las no mundo tão logo outro terremoto reerga novamente sua cidade de pedra, revelando-a ao sol e ao ar.

A viagem de Johansen começara exatamente como ele havia contado ao vice-almirantado. A escuna Emma, com lastro, zarpara de Auckland no dia 20 de fevereiro e sentiu toda a força da tempestade proveniente do terremoto, que deve ter elevado do fundo do oceano os horrores que invadiram os sonhos dos homens. Após recuperar o controle, a embarcação avançava normalmente quando foi abordada pelo Alert no dia 22 de março, e nesse ponto pude sentir a tristeza do imediato ao descrever o bombardeio e o naufrágio. Dos satanistas do Alert ele fala com repulsa. Havia uma característica tão peculiarmente abominável neles que fazia parecer que a destruição era um dever, e Johansen demonstra sincera surpresa frente à acusação de crueldade dirigida contra seu grupo durante os procedimentos judiciais do inquérito. Em seguida, levados adiante pela curiosidade, e sob o

comando de Johansen no iate capturado, os homens avistaram um grande pilar de pedra despontando do mar, e em 47° 9' de Latitude S. e 126° 43' de Longitude O., chegaram a um litoral que misturava barro, limo e pedras ciclópicas cobertas de musgo que não poderiam significar outra coisa a não ser a substância palpável do supremo terror da terra – a cidade-cadáver dos pesadelos de R'lyeh, que foi construída incontáveis éons antes da História pelas formas repugnantes que penetraram através da escuridão das estrelas. Ali jazem o grande Cthulhu e suas hordas, escondidos em túmulos verdes cobertos de limo, enviando para os sonhos dos sensitivos, finalmente, após ciclos incalculáveis, os pensamentos que espalham o medo nos sonhos dos sensíveis e o chamado imperioso para que os fiéis partam numa peregrinação de libertação e restauração. Johansen nada suspeitava a esse respeito, mas Deus sabe que ele acabou vendo o bastante!

Suponho que o topo de apenas uma montanha, a horrenda cidadela coroada pelo monólito, onde o grande Cthulhu estava enterrado, tenha se elevado para fora da água. Quando penso nas dimensões de tudo que pode estar se preparando lá embaixo, quase tenho vontade de suicidar-me antes. Johansen e seus homens ficaram aterrorizados com a grandiosidade cósmica da Babilônia gotejante dos antigos demônios e devem ter deduzido, mesmo sem outros elementos, que não se tratava de algo deste ou de algum outro planeta normal. O medo diante dos gigantescos blocos de pedra esverdeados, do monólito entalhado de assombrosa altura e a impressionante semelhança das estátuas e baixos-relevos colossais com a estranha imagem encontrada no estojo no Alert está evidente em cada passagem descrita pelo assustado imediato.

Sem saber o que era futurismo, Johansen aproximou-se muito disso quando falou sobre a cidade; pois em vez de descrever estruturas ou construções separadamente, teve-se apenas as impressões gerais de ângulos

e superfícies – superfícies grandes demais para pertencerem a algo próprio ou característico deste mundo e impiamente carregadas de hieróglifos e imagens horríveis. Menciono a alusão dele a ângulos porque sugere algo que Wilcox dissera sobre seus atemorizantes sonhos. Ele dissera que a geometria do local onde o sonho se dava era anormal, não euclidiana, sinistramente repleta de esferas e dimensões que vão além das nossas. Agora um marinheiro iletrado sente a mesma coisa enquanto encara essa terrível realidade.

Johansen e seus homens desembarcaram em um banco de areia lamacento naquela monstruosa Acrópole e escalaram com dificuldade os escorregadios blocos titânicos cheios de musgos, que jamais serviriam de escada para um mortal. O próprio sol parecia distorcido quando visto através do miasma polarizador que jorrava da perversão encharcada de mar, e um misto de ameaça e suspense espreitava de esguicha esses enganosos ângulos de pedra talhada, que num primeiro olhar se mostravam côncavos e, no momento seguinte, convexos.

Algo semelhante ao medo já tinha tomado conta dos exploradores antes mesmo que avistassem qualquer coisa além de pedras, lodo e algas. Cada um deles teria fugido se não tivesse receado a zombaria dos outros, e foi com pouco ânimo que eles – em vão, comprovadamente – saíram em busca de souvenirs para levar consigo.

Foi Rodrigues, o português, que escalou o pé do monólito e gritou o que havia encontrado. Os demais o seguiram e olharam com curiosidade a imensa porta esculpida com o agora familiar baixo-relevo da lula-dragão. Era como uma enorme porta de celeiro, disse Johansen; e todos sentiram que era uma porta por causa do lintel, da soleira e dos batentes que a guarneciam, ainda que não pudessem determinar se ela estava na horizontal, como um alçapão, ou inclinada como a porta externa de um porão. Como

teria dito Wilcox, a geometria do lugar era toda errada. Se uma pessoa não consegue garantir que o mar e a terra estão na horizontal, a posição relativa de todo o resto lhe parecerá fantasticamente variável.

Briden forçou diversos pontos da pedra sem resultado. Em seguida, Donovan apalpou delicadamente as bordas, pressionando cada ponto separadamente enquanto prosseguia. Ele escalou interminavelmente a grotesca moldura de pedra – se é que se pode dizer escalar quando uma superfície está na horizontal – enquanto os homens se perguntavam como poderia existir uma porta tão grande no universo. Depois, lenta e delicadamente, o topo do gigantesco painel deslocou-se em direção ao seu interior e eles viram que estava estável. Donovan deslizou ou de algum modo impulsionou-se para baixo ou ao longo do batente e se reuniu novamente com os companheiros, e todos juntos assistiram ao estranho recuo do monstruoso portal esculpido. Nessa fantasia de distorção prismática, o portal moveu-se de modo anômalo em sentido diagonal, parecendo contrariar todas as regras de matéria e perspectiva.

A abertura era negra, carregada de uma escuridão quase palpável. Essa tenebrosidade de fato era uma qualidade positiva; pois ela escurecia partes das paredes internas que deveriam ser visíveis e liberava um tipo de fumaça que estava aprisionada há longas eras e ocultava o sol à medida que se retirava em direção ao céu convexo como asas que batem. O odor exalado pelas profundezas das recém-abertas portas era insuportável, e depois de algum tempo Hawkins, que tinha uma audição prodigiosa, pensou ter ouvido um som vil e lamurioso vindo de baixo. Todos prestaram atenção e estavam ouvindo quando a coisa surgiu gosmenta, espremendo sua imensidão gelatinosa e verde pela abertura negra, e alcançou o contaminado ar exterior da nefasta cidade da loucura.

A pobre caligrafia de Johansen perdeu o vigor quando ele escreveu isso.

Dos seis homens que nunca retornaram ao navio, ele acredita que dois tenham morrido de puro medo naquele instante maldito. A Coisa não pode ser descrita, não há uma linguagem para tais abismos de tormento e loucura imemorial, tais contradições sobrenaturais de toda matéria, força e ordem cósmica. Uma montanha caminhava ou arrastava-se. Meu Deus! Será surpresa para alguém que em algum lugar do mundo um arquiteto tenha enlouquecido e que o pobre Wilcox tenha delirado com febre naquele momento telepático? A Coisa dos ídolos, a criatura pegajosa e verde que veio das estrelas despertara para reclamar o que lhe pertencia. As estrelas estavam novamente alinhadas e aquilo que um culto tão antigo não fora capaz de levar a cabo por seus próprios meios foi feito por acidente por um bando de marinheiros inocentes. Após vigintilhões de anos, o grande Cthulhu estava novamente livre e ávido por prazer.

Três homens foram varridos pelas frouxas garras antes mesmo que se virassem. Que descansem na paz de Deus, se é que há paz neste Universo. Eles eram Donovan, Guerrera e Ängstrom. Parker escorregou enquanto os outros três corriam desesperadamente pelos intermináveis cenários de pedras recobertas de limo verde em direção ao barco, e Johansen jura que foi engolido por um ângulo de pedra talhada que não deveria estar lá; um ângulo que era agudo, mas se comportava como obtuso. Assim, apenas Briden e Johansen alcançaram o bote e remaram desesperadamente para o Alert enquanto a gigantesca monstruosidade movia-se pesadamente sobre as pedras escorregadias e debatia-se hesitante à beira da água.

O vapor não estava completamente esgotado, apesar de nenhum homem ter ficado na embarcação; então, bastaram alguns instantes de intensos esforços entre o leme e os motores para pôr o Alert em movimento. Devagar, em meio aos distorcidos horrores daquela indescritível cena, ele começou a agitar aquelas águas mortais; enquanto sobre as pedras talhadas

daquela praia sepulcral que não era desse mundo, a Coisa titânica das estrelas babava e berrava como Polifemo ao amaldiçoar o barco de Odisseu. Então, mais ousado que o lendário ciclope, o grande Cthulhu escorregou lúbrico para a água e começou a perseguição, produzindo várias ondas com suas braçadas de potência cósmica. Briden olhou para trás e enlouqueceu, gargalhando estridentemente em intervalos até que a morte veio buscá-lo na cabine, enquanto Johansen perambulava delirante pelo convés.

Mas Johansen ainda não tinha desistido. Sabendo que a Coisa poderia facilmente alcançar o Alert enquanto a pressão do vapor não atingisse o máximo, desesperado, tentou uma manobra arriscada; regulou o motor em velocidade máxima e correu pelo convés como um raio para reverter a roda do leme. Formou-se um turbilhão de espuma na água fétida, e enquanto a pressão subia mais e mais, o bravo norueguês conduzia seu barco em rota de colisão com a aberração gelatinosa que o perseguia e se erguia acima da espuma imunda como a popa de um galeão demoníaco. A terrível cabeça de polvo com os tentáculos retorcidos quase chegou ao gurupés do robusto iate, mas Johansen prosseguiu implacavelmente. Houve um estrondo como o de um balão estourando, o escorrer de uma substância nojenta como se um peixe-lua fosse eviscerado, um odor nauseabundo como o de mil covas abertas e um som que o cronista não se atreveu a registrar. Por um instante o iate foi envolvido por uma nuvem acre verde e cegante, e depois apenas uma maligna agitação à popa; onde – Deus do Céu! – a espalhada plasticidade daquela inominável criatura celeste estava nebulosamente recombinaando-se em sua forma original, enquanto se distanciava cada vez mais do Alert, que ganhara ímpeto com o aumento do vapor.

Isso foi tudo. Depois disso, Johansen limitou-se a refletir sobre o ídolo na cabine e prover a alimentação para si e para o maníaco gargalhante a seu lado. Ele não tentou navegar após a imprudente experiência naquela rota,

pois a reação lhe havia arrancado algo da alma. Veio então a tempestade do dia dois de abril, e a quantidade de nuvens turvou sua consciência. Então, há uma sensação de vertigem espectral através de golfos líquidos de infinitude, de trajetos atordoantes através de oscilantes universos na cauda de um cometa, e de mergulhos histéricos das profundezas até a lua e da lua de volta às profundezas, tudo isso animado por um coro gargalhante daqueles disformes e hilários deuses ancestrais e os esverdeados diabos zombeteiros de Tártaro com asas de morcego.

Desse sonho veio o resgate – o Vigilant, o tribunal do vice-almirante, as ruas de Dunedin e a longa viagem de volta para a velha casa junto ao Egeberg. Ele não podia contar isso – eles o considerariam um louco. Escolheu escrever o que sabia antes de morrer, mas sua esposa não deveria desconfiar. A morte em si seria uma bênção se ao menos apagasse as lembranças.

Esse foi o documento que li, e agora eu o depositei na caixa de latão ao lado do baixo-relevo e dos papéis do professor Angell. Juntarei meu relato a eles – prova da minha sanidade – que correlaciona informações que espero que jamais sejam relacionadas novamente. Vi tudo que o universo contém de horror, e mesmo os céus de primavera e as flores de verão podem ser um veneno para mim. Mas não creio que minha vida será longa. Assim como meu tio se foi, como o pobre Johansen se foi, eu também devo ir. Eu sei demais, e o culto ainda vive.

Cthulhu também vive, suponho, naquele precipício de pedra que o abrigava desde que o sol era jovem. Sua amaldiçoada cidade está novamente submersa, pois o Vigilant navegou aquelas águas novamente depois da tormenta de abril; mas seus sacerdotes na terra ainda gritam, pulam e matam ao redor de monólitos coroados de imagens em lugares isolados. Ele deve ter ficado preso em seu abismo negro durante o

naufrágio, do contrário o mundo estaria gritando de pavor e frenesi. Quem sabe o final? O que emergiu pode afundar e o que afundou pode emergir. A repugnância aguarda e sonha nas profundezas, e a decadência se espalha sobre as titubeantes cidades dos homens. O tempo virá – mas não devo nem posso pensar! Rezo para que, caso eu não sobreviva a este manuscrito, meus executores prefiram a cautela à ousadia e garantam que ninguém mais os veja.

FIM

A MÚSICA DE ERICH ZANN

Escrito em dezembro de 1921 e publicado em março de 1922



Examinei os mapas da cidade com o maior cuidado, mas nunca mais encontrei a Rue d'Auseil. E não procurei apenas em mapas modernos, porque sei que os nomes mudam. Pelo contrário, pesquisei a fundo todas as antiguidades do lugar e explorei pessoalmente todas as regiões, de qualquer que fosse o nome, que pudessem corresponder à rua que conheci como Rue d'Auseil. Mas apesar de tudo que fiz, permanece o fato humilhante de que não pude encontrar a casa, a rua, ou mesmo a localidade onde, durante os últimos meses de minha miserável vida de estudante de metafísica na universidade, ouvi a música de Erich Zann.

Não me espanta que minha memória esteja ruim. Porque minha saúde – tanto física quanto mental – foi muito abalada durante o período em que residi na Rue d'Auseil, mas lembro bem de nunca ter levado nenhum de meus conhecidos até lá. No entanto, que não consiga encontrar o lugar novamente é tanto singular quanto estarrecedor, porque a rua ficava a meia hora de caminhada da universidade e distinguia-se por peculiaridades que dificilmente poderiam ser esquecidas por qualquer um que tivesse estado lá. Nunca encontrei uma pessoa que já tivesse visto a Rue d'Auseil.

A Rue d'Auseil ficava defronte a um rio escuro, margeado por armazéns altíssimos de tijolos aparentes com janelas sujas e atravessado por uma ponte pesada de pedras pardacentas. O rio ficava sempre coberto pela sombra, como se a fumaça das fábricas da vizinhança encobrissem o sol para sempre. O rio era também fedorento, com um odor pútrido que nunca senti em nenhum outro lugar, o que talvez um dia me ajude a encontrá-lo, pois o reconheceria de imediato. Além da ponte, ficavam ruelas estreitas, pavimentadas e com trilhos; e depois vinha a ladeira, com uma inclinação suave no início, mas incrivelmente íngreme quando alcançava a Rue d'Auseil.

Nunca vi rua mais estreita e mais íngreme que a Rue d'Auseil. Era quase

um despenhadeiro, fechada aos veículos, e consistia em vários lances de escada que terminavam, lá no topo, em um muro alto coberto de heras. A pavimentação era irregular; às vezes placas de pedras, às vezes pedras roladas, e outras vezes chão batido com tufo de uma vegetação cinza-esverdeada que lutava para sobreviver. As casas eram altas, com telhados pontudos, todas incrivelmente velhas e inclinavam-se para frente, para trás ou para os lados de uma forma bizarra. Ocasionalmente um par de casas opostas, ambas inclinadas para frente, quase se tocavam por sobre a rua, como se formassem um arco. E, claro, impediam que quase toda a luz chegasse até o chão. Havia também uns poucos passadiços ligando casas de lados opostos da rua.

Os moradores daquela rua me impressionavam de uma maneira peculiar. De início, pensei que fosse pelo fato de serem todos calados e reticentes. Mas depois percebi que ficava impressionado por serem todos muito velhos. Não sei como fui morar em uma rua como aquela, mas eu não estava em meu juízo perfeito quando me mudei para lá. Vinha vivendo em muitos lugares simplórios e sendo sempre despejado por falta de pagamento. Até que fui parar naquela casa à beira da ruína mantida por Blandot, um paralítico. Era a terceira casa a partir do alto da rua e, sem dúvida, a mais alta de todas.

Meu quarto ficava no quinto andar. Era o único quarto ocupado naquele andar, já que a casa estava quase vazia. Na noite em que cheguei, ouvi uma estranha música vinda do sótão, que ficava acima de meu quarto, e no dia seguinte perguntei ao velho Blandot sobre aquilo. Ele me disse tratar-se de um velho alemão que tocava viola bastarda. Um homem estranho e mudo, que assinava seu nome como Erich Zann e que tocava à noite em uma orquestra de um teatro de pouca qualidade. Acrescentou que o desejo de Zann de tocar à noite, depois de voltar do teatro, era o motivo pelo qual

havia escolhido aquele quarto isolado e alto no sótão, cuja janela da cumeeira era o único ponto da rua de onde se podia enxergar por cima do muro e ver a ladeira e a paisagem do outro lado.

Desde então, eu ouvia Zann todas as noites e, embora ele me mantivesse acordado, ficava assombrado com a estranheza da música. Mesmo conhecendo muito pouco sobre aquela arte, eu ainda assim estava certo de que nenhuma de suas harmonias tinha qualquer relação com o tipo de música que já ouvira antes. E concluí que ele era um compositor de uma genialidade única. Quanto mais o ouvia, mais ficava fascinado, até que, depois de uma semana, decidi conhecê-lo pessoalmente.

Uma noite, quando ele retornava do trabalho, interceptei-o no corredor e disse-lhe que gostaria de conhecê-lo e de escutá-lo tocar. Zann era um homem magro, alto e arqueado, usava roupas puídas, tinha os olhos azuis, um rosto grotesco de sátiro e era quase careca. E, diante de minhas primeiras palavras, pareceu tanto enraivecido quanto apavorado. Minha evidente cordialidade, no entanto, terminou por serená-lo; e, mesmo com um pouco de má vontade, ele fez sinal para que o seguisse pelas escadas escuras, instáveis e barulhentas que conduziam ao sótão. O quarto de Zann, um dos dois únicos que havia no sótão de teto pontudo, ficava do lado oeste e dava para o muro alto que colocava fim à parte superior da rua. O espaço era muito grande e parecia ainda maior por sua aridez e negligência. Como mobília, havia apenas uma cama estreita de ferro, um lavatório encardido, uma mesa pequena, uma grande estante de livros, uma estante de música de ferro e três cadeiras antigas. As partituras estavam empilhadas em desordem pelo chão. As paredes eram de tábuas aparentes e provavelmente nunca tinham recebido acabamento, enquanto que a abundância de poeira e de teias de aranha fazia o lugar parecer mais abandonado que habitado. Evidentemente, o mundo de beleza de Erich Zann jazia em algum lugar

distante do cosmo da imaginação.

Gesticulando para que eu me sentasse, o homem mudo fechou a porta, depois a grande trava de madeira e acendeu uma vela para juntar à claridade daquela que trazia consigo. Então retirou a viola da capa carcomida pelas traças e, segurando-a, sentou-se na cadeira menos desconfortável. Zann não utilizou a estante de música, mas sem pedir opinião alguma e tocando de cor, encantou-me por mais de uma hora com melodias que eu nunca ouvira – melodias que deviam ser de sua própria autoria. Descrever a exata natureza das composições é impossível para alguém que não tenha conhecimento musical. Eram uma espécie de fuga, com passagens recorrentes da mais cativante qualidade, mas para mim eram notáveis pela ausência de quaisquer das notas estranhas que ouvira de meu quarto em outras ocasiões.

Daquelas notas assustadoras eu me lembrava bem, e sempre as cantarolava e assoviava para mim mesmo. Por isso, quando depois de algum tempo o músico colocou de lado o arco, pedi a ele que tocasse algumas delas. Assim que comecei a fazer meu pedido, o rosto enrugado com jeito de sátiro perdeu a tranquilidade maçante que carregava durante a apresentação e pareceu demonstrar a mesma mistura curiosa de irritação e medo que eu havia notado quando o abordei pela primeira vez. Por um momento, fiquei inclinado a usar da persuasão, dando pouca importância aos caprichos da senilidade, e até tentei despertar a veia mais excêntrica de meu anfitrião assoviando algumas das melodias que havia ouvido na noite anterior. Mas não continuei nesse curso por mais do que um momento. Porque quando o violista mudo reconheceu a ária que eu assoviava, sua face contorceu-se de repente com uma expressão que ficava além de qualquer análise possível, e sua mão direita comprida, fria e ossuda esticou-se para tapar minha boca e silenciar a imitação grosseira. Enquanto fazia isso,

demonstrou mais uma vez sua excentricidade ao lançar um olhar assustado em direção à janela solitária de cortinas bem fechadas, como se temesse algum intruso – um olhar duplamente absurdo, já que o sótão, sendo mais alto que todos os tetos adjacentes, era totalmente inacessível, e já que essa janela era o único ponto na rua íngreme, como o senhorio havia me dito, de onde era possível ver por sobre o muro do alto da ladeira.

O olhar do velho trouxe-me à mente o comentário de Blandot, e, por um capricho, senti vontade de olhar o panorama amplo e vertiginoso de tetos banhados pelo luar e as luzes da cidade além do alto da colina, que de todos os moradores da Rue d'Auseil, só esse músico ranzinza podia ver. Caminhei em direção à janela e teria aberto as cortinas enfadonhas se o inquilino mudo, dessa vez tomado por uma raiva aterrorizada ainda maior que a anterior, não tivesse se lançado novamente sobre mim. Agora, gesticulando com a cabeça em direção à porta, esforçava-se para me arrastar para fora com as duas mãos. Então, totalmente revoltado com meu anfitrião, ordenei a ele que me soltasse e disse que sairia imediatamente. Ele relaxou as mãos e, ao perceber meu aborrecimento e meu ultraje, sua raiva pareceu ceder. Então voltou a apertar meus braços, mas dessa vez de uma maneira cordial, e me conduziu a uma cadeira. Depois, com um semblante melancólico, foi até o outro lado da mesa abarrotada, onde escreveu algumas palavras a lápis, no francês elaborado de um estrangeiro.

A nota que por fim passou às minhas mãos era um apelo para que fosse tolerante e o perdoasse. Zann dizia que era velho, solitário, e que era tomado por estranhos temores e distúrbios nervosos relacionados à sua música e a outras coisas. Ele tinha apreciado que eu ouvisse sua música e esperava que eu viesse visitá-lo mais vezes e que não me importasse com suas excentricidades. Mas que não poderia tocar para outra pessoa suas estranhas melodias, muito menos poderia suportar ouvi-las cantaroladas por

outros. E tampouco conseguiria suportar que algo daquele quarto fosse tocado por um estranho. Antes de nossa conversa no corredor, ele não sabia que eu podia ouvi-lo de meu quarto, e perguntou-me se poderia pedir a Blandot que conseguisse para mim acomodações em um andar mais baixo, onde não pudesse ouvi-lo à noite. Ele se encarregaria de pagar a diferença do aluguel.

Enquanto eu decifrava seu francês execrável, sentia-me mais leniente em relação ao velho. Ele era vítima do sofrimento físico e nervoso, assim como eu. E meus estudos metafísicos havia me ensinado a ser compassivo. Em meio ao silêncio, ouvi um som débil na janela – a persiana devia ter chacoalhado com o vento da noite, e, por alguma razão, assustei-me de uma forma quase tão violenta quanto Erich Zann. Então, quando terminei de ler o bilhete, apertei a mão de meu anfitrião e saí sem ressentimentos.

No dia seguinte, Blandot me transferiu para um quarto mais caro no terceiro andar, entre o apartamento de um velho agiota e o quarto de um respeitável estofador. Não havia ninguém no quarto andar.

Não passou muito tempo antes que eu descobrisse que o grande interesse de Zann por minha companhia não era tão grande quanto parecia quando me persuadiu a mudar-me do quinto andar. Não me pedia que o visitasse, e, nas ocasiões em que eu o visitava, Zann parecia pouco à vontade e tocava com apatia. As visitas sempre aconteciam à noite – durante o dia, ele dormia e não recebia ninguém. Minha simpatia por ele não aumentou, embora o quarto do sótão e a estranha música parecessem exercer sobre mim um estranho fascínio. Eu tinha o curioso desejo de olhar por aquela janela, por sobre o muro e para além do declive, para ver os telhados e pináculos resplandecentes que deveriam haver espalhados por ali. Certa vez subi até o sótão enquanto Zann estava no teatro, mas a porta estava trancada.

Só me era possível ouvir a música noturna do velho mudo. No início, eu subia nas pontas dos pés até o quinto andar; depois reuni audácia suficiente para subir o último lance das escadas rangentes que conduziam ao sótão. Ali, no corredor estreito, do lado de fora da porta trancada e do buraco da fechadura coberto, eu ouvia com frequência sons que me enchiam de um pavor indefinível – o pavor de um espanto vago e de um mistério ameaçador. Não que os sons fossem horrendos, porque não eram. Mas porque carregavam vibrações que não lembravam nada no globo terrestre, e porque em certos momentos assumiam uma qualidade sinfônica que eu mal podia conceber como produzidas por um único instrumentista. Certamente, Erich Zann era um gênio com uma capacidade inigualável. À medida que as semanas se passavam, a música tornava-se mais alucinante, ao passo que o velho músico demonstrava um esgotamento e um ar enigmático que eram dignos de compaixão. Zann agora recusava-se a me receber invariavelmente e esquivava-se de mim sempre que nos encontrávamos nas escadas.

Então, uma noite, enquanto eu o ouvia junto à porta, escutei a viola estridente inflar-se em uma babel de sons caóticos. Um pandemônio que me faria duvidar de minha própria sanidade já abalada, não viesse de trás daquele portal intransponível uma lastimável prova de que o horror era real o grito pavoroso e inarticulado que só um mudo poderia lançar, e que emerge apenas em momentos do mais terrível pavor ou agonia. Bati na porta com insistência, mas não obtive resposta. Depois disso, fiquei esperando no corredor escuro, tremendo de frio e de pavor, até que ouvi os esforços débeis do pobre músico, que tentava se levantar do chão com a ajuda de uma cadeira. Acreditando que ele acabara de recobrar a consciência depois de um desmaio, tornei a bater na porta, ao mesmo tempo em que dizia meu nome para tranquilizá-lo. Ouvi Zann cambalear até a janela e fechar a persiana e o caixilho, e depois vir tropeçando até a porta,

que abriu já sem forças. Dessa vez, o contentamento diante de minha presença era real. Porque seu rosto distorcido reluzia de alívio enquanto ele se agarrava ao meu casaco como uma criança se agarra às saias da mãe.

Tremendo pateticamente, o velho me arrastou até uma cadeira enquanto se afundava em outra, ao lado da qual estavam jogados no chão a viola e o arco. Zann permaneceu sentado e ausente por algum tempo, balançando a cabeça estranhamente, mas, de uma maneira paradoxal, parecia estar tentando escutar alguma coisa com concentração e apreensão. Depois de algum tempo, dando a impressão de estar satisfeito e passando para uma cadeira que ficava junto à mesa, escreveu um pequeno bilhete, entregou-o a mim e voltou à mesa, onde começou a escrever sem parar e com rapidez. Na nota, implorava que, por misericórdia e em nome da minha própria curiosidade, eu esperasse onde estava enquanto ele preparava um relatório completo em alemão sobre todas as maravilhas e terrores que o afligiam. Esperei enquanto o lápis do velho músico voava sobre o papel.

Foi talvez uma hora depois, enquanto eu ainda esperava e enquanto as folhas escritas de modo febril pelo velho músico ainda continuavam a se empilhar sobre a mesa, que vi Zann ter um sobressalto como que insinuando um choque terrível. Sem nenhuma dúvida, ele estava olhando para a janela de cortinas fechadas e escutando, ao mesmo tempo em que tremia. Então eu mesmo imaginei ter ouvido um som; embora não fosse um som terrível, mas uma nota musical estranhamente grave e infinitamente distante, que sugeria alguém tocando em uma das casas vizinhas ou em alguma residência além do muro alto, sobre o qual nunca pude olhar. O efeito sobre Zann foi terrível, pois, derrubando o lápis, levantou-se de súbito, tomou a viola e começou a rasgar a noite com a música mais frenética que já tinha ouvido sair de seu arco, a não ser quando o ouvia através da porta trancada.

Seria inútil tentar descrever a forma como Erich Zann tocava naquela

noite assombrosa. Era mais horrível do que qualquer coisa que eu já tivesse ouvido na vida, porque agora eu podia ver a expressão de seu rosto e podia perceber que dessa vez o motivo era o total terror. Ele tentava fazer barulho para afastar ou encobrir alguma coisa – e o quê, eu não conseguia imaginar, embora presumisse que fosse algo muito impressionante. A execução tornava-se fantástica, delirante e histérica, mas conservava todas as qualidades de genialidade suprema que eu sabia que aquele velho estranho possuía. Reconheci a ária – era uma dança húngara animada, popular nos teatros, e refleti por um momento que esta era a primeira vez que ouvia Zann tocar o trabalho de outro compositor.

Os guinchos e os lamentos daquela viola desesperada cresciam cada vez mais altos, cada vez mais alucinados e frenéticos. O instrumentista pingava de suor e contorcia-se como um macaco, sempre com o olhar fixo na janela com as cortinas fechadas. Em sua tensão frenética eu quase podia ver sátiros e bacantes sombrios dançando e rodopiando insanos por abismos fervilhantes de nuvens e fumaça e relâmpagos. E então pensei ouvir uma nota mais estridente e mais contínua, que não era da viola. Uma nota calma, deliberada, resoluta e zombeteira que vinha de algum lugar longínquo no oeste.

Nesse momento, a persiana começou a chacoalhar com um vento uivante que surgiu de repente lá fora como que em resposta ao espetáculo enlouquecido que tinha lugar ali dentro. A viola estridente de Zann agora se superava e emitia sons que eu nunca pensara que uma viola pudesse emitir. A persiana chacoalhou com mais força, abriu-se e começou a bater contra a janela. Então, o vidro se quebrou com os impactos persistentes e o vento gelado entrou no quarto, fazendo com que as chamas das velas oscilassem e fazendo farfalhar as folhas de papel que estavam sobre a mesa onde Zann começara a escrever seu terrível segredo. Olhei para Zann e vi que ele

estava além de qualquer observação consciente. Os olhos azuis estavam esbugalhados, vidrados e vagos, e a execução frenética tinha se transformado em uma orgia cega, mecânica e irreconhecível, que pena alguma jamais poderia descrever.

Uma lufada repentina, mais forte que as outras, arrebatou o manuscrito e o carregou em direção à janela. Em desespero, corri atrás das folhas esvoaçantes, mas elas se foram antes que eu chegasse à vidraça destruída. Lembrei-me então de meu antigo desejo de olhar por aquela janela, a única na Rue d'Auseil da qual era possível ver o declive que havia além do muro e a cidade que se espalhava lá embaixo. Estava muito escuro, mas as luzes da cidade sempre brilhavam, e eu esperava vê-las em meio à chuva e ao vento. No entanto, quando olhei por aquela janela de sótão mais alta que todas, enquanto as velas bruxuleavam e a viola insana ululava com o vento da noite, não vi cidade alguma espalhada lá embaixo, nem as luzes amigáveis e reluzentes das ruas das quais me lembrava, mas apenas a escuridão do espaço infinito. Um espaço inimaginável, vivo, com movimento e música, e sem nenhuma semelhança com qualquer coisa na terra. E fiquei ali, olhando aterrorizado enquanto o vento apagava as duas velas dentro daquele sótão antigo e alto e me deixava em meio a uma escuridão selvagem e impenetrável, com o caos e o pandemônio diante de mim e a loucura demoníaca daquela viola que uivava às minhas costas no meio da noite.

Cambaleei para trás no escuro, sem ter como acender uma luz, chocando-me contra a mesa, derrubando uma cadeira e, finalmente, Tateando até o lugar onde a escuridão gritava com a música chocante. Eu podia ao menos tentar salvar a mim mesmo e a Erich Zann, quaisquer que fossem os poderes que me enfrentavam. Em dado momento, senti que alguma coisa fria havia tocado em mim e gritei, mas meu grito foi

encoberto pelo som da viola medonha. De repente, em meio à escuridão, o arco atingiu-me em seu louco vaivém e eu vi que estava perto do instrumentista. Continuei tateando à minha frente até tocar as costas da cadeira de Zann e então encontrei e chacoalhei seu ombro, em uma tentativa de trazê-lo de volta à razão.

Ele não respondeu e a viola continuou a gemer sem que eu pudesse refreá-la. Levei as mãos à cabeça de Zann e consegui que ele parasse de balançá-la, depois gritei em seu ouvido que precisávamos fugir daquelas coisas desconhecidas da noite. Mas Zann não respondeu nem diminuiu o frenesi de sua música indizível, enquanto que por todo o sótão estranhas correntes de vento pareciam dançar na escuridão e no caos. Estremeci quando minha mão tocou a orelha do velho, embora não soubesse o motivo – não soubesse o motivo até que senti o rosto imóvel. O rosto gelado e endurecido que não respirava, com olhos vidrados e arregalados que fitavam para o vazio. E então, por algum milagre, encontrei a porta e a grande tranca de madeira, saí em desabalada carreira para longe daquela coisa de olhar vidrado no meio da escuridão e para longe do uivo macabro daquela viola amaldiçoada cuja fúria crescia mesmo enquanto eu fugia.

Descer aos saltos, flutuar e voar pelas intermináveis escadas da casa escura; sair correndo como um louco para a rua estreita, íngreme, antiga e cheia de degraus e de casas altas; descer ruidosamente os degraus e as pedras até chegar às ruas mais baixas e ao rio pútrido cercado pelas paredes dos armazéns; atravessar ofegante a grande ponte escura até alcançar as ruas e boulevards mais largos e mais felizes que conhecemos. Essas são as terríveis lembranças que ainda trago dentro de mim. E recordo que não havia vento, a lua brilhava e todas as luzes da cidade tremulavam.

Apesar de minhas buscas e investigações mais cuidadosas, nunca mais consegui encontrar a Rue d’Auseil. Mas não lastimo completamente. Nem

isso nem a perda, nos abismos insondáveis, das folhas escritas que poderiam ter explicado a música de Erich Zann..

DAGON

Escrito em 1917 e publicado em 1919 no The Vragant

Escrevo sob uma considerável tensão mental, já que esta noite posso não mais existir. Paupérrimo e no final da provisão da droga que serve como único alento em minha vida, não posso mais suportar a tortura; e lançar-me-ei por essa janela de sótão para a rua esquálida lá embaixo. Não pense você que por conta da minha escravidão à morfina sou um fraco ou um degenerado. Depois de ler estas páginas rabiscadas às pressas, você será capaz de estimar – sem jamais compreender totalmente – por que é que preciso tanto do esquecimento ou da morte.

Foi em uma das partes mais abertas e menos frequentadas do Pacífico que o paquete no qual eu era conferente de carga fez-se vítima do navio de guerra alemão. A grande guerra estava, então, bem no início, e as forças marítimas dos bárbaros ainda não tinham sucumbido à degradação final; de modo que nossa embarcação foi tomada como prêmio legítimo, embora tenhamos sido tratados pela tripulação com toda a justiça e consideração que nos cabia como prisioneiros de guerra. Tão liberal, na verdade, era a

disciplina de nossos capturadores, que cinco dias depois de sermos apanhados, consegui escapar sozinho em um pequeno barco, com água e provisões para um bom período de tempo.

Quando finalmente me vi à deriva e livre, tinha pouquíssima ideia de onde estava. Como nunca fora um navegador competente, eu podia apenas imaginar vagamente, pelo sol e pelas estrelas, que estava em algum lugar ao sul do Equador. Não tinha a menor ideia da longitude, e não havia nenhuma ilha ou litoral à vista. O clima permanecia ameno, e por incontáveis dias flutuei sem rumo debaixo do sol escaldante, esperando ser resgatado por um navio ou ser lançado na costa de alguma terra habitada. Mas nenhum navio ou terra aparecia, e comecei a entrar em desespero em minha solidão sobre a vastidão ondulante do azul interminável.

A mudança aconteceu enquanto eu dormia. Os detalhes, eu nunca saberei; porque meu sono, embora agitado e infestado de sonhos, era contínuo. Quando por fim acordei, descobri ter sido parcialmente tragado pela vastidão lamacenta de um atoleiro negro e infernal. O lodo se estendia ao meu redor em ondulações monótonas até onde minha vista podia alcançar, e nele, a alguma distância, estava encalhado meu barco.

Embora alguém possa muito bem imaginar que minha primeira sensação seria de espanto com uma transformação tão prodigiosa e inesperada de cenário, eu na verdade estava mais horrorizado do que espantado, pois havia no ar e no solo putrefato algo de sinistro que me arrepiava até o fundo de meu ser. A região fedia com as carcaças de peixes em decomposição e outras coisas menos descritíveis que eu via saltar da lama nojenta da interminável planície. Talvez eu não devesse nutrir esperança de expressar em meras palavras o indizível horror que pode existir em um silêncio absoluto e em uma imensidão estéril. Não havia nada ao alcance do ouvido e nada a ser visto, a não ser uma imensa extensão de lodo negro; mesmo

assim, o caráter absoluto da imobilidade e a homogeneidade da paisagem me oprimiam com um medo repugnante.

O sol era escaldante em um céu sem nuvens que me parecia quase negro em sua crueldade, como que refletindo o pântano escuro que havia embaixo de meus pés. Enquanto me arrastava para dentro do barco encalhado, pensava que apenas uma teoria poderia explicar minha situação. Por algum tipo de erupção vulcânica sem precedentes, uma parte do leito do oceano devia ter sido lançada para a superfície, expondo regiões que durante incontáveis milhões de anos permaneceram escondidas debaixo de profundezas aquáticas insondáveis. Tão grande era a extensão da nova terra que surgia embaixo de mim que eu não conseguia detectar o mais tênue ruído do oceano ondulante, por mais que forçasse os ouvidos. Também não havia qualquer ave marinha para rapinar os animais mortos.

Por várias horas, fiquei pensando e ruminando sentado no barco que, tombado de lado, proporcionava-me um pouco de sombra à medida que o sol se movia pelo céu. Com o avanço do dia, o chão foi ficando menos pegajoso e parecia provável que ficasse seco o bastante para que se pudesse andar sobre ele dentro de pouco tempo. Naquela noite dormi muito pouco, e no dia seguinte preparei um farnel com água e comida para uma jornada por terra em busca do mar desaparecido e de um possível resgate.

Na terceira manhã, vi que o solo estava seco o bastante para que pudesse caminhar sobre ele sem qualquer dificuldade. O cheiro de peixe era enlouquecedor; mas eu estava preocupado demais com coisas mais sérias para me importar com desgraça tão pequena, e parti com coragem para um destino incerto. Caminhei decidido para o oeste durante todo o dia, guiado por uma colina distante que era mais alta que qualquer outra elevação no deserto ondulado. Acampeei naquela noite, e no dia seguinte continuei minha jornada em direção à colina, embora essa não parecesse estar mais perto do

que quando a avistei pela primeira vez. Na quarta noite, cheguei ao sopé da colina, que se mostrou muito mais alta do que parecia a distância. Um vale interposto encarregava-se de separar seu relevo escarpado da superfície em geral. Exausto demais para subir, dormi à sombra da colina.

Não sei por que meus sonhos foram tão agitados naquela noite, mas antes que a lua no quarto minguante se erguesse alta no lado leste da planície, acordei suando frio e decidido a não dormir mais. Não conseguiria suportar outra vez visões como aquelas que experimentei nos sonhos. E sob o brilho do luar, vi o quanto fui insensato em viajar durante o dia. Sem o calor intenso do sol escaldante, minha jornada ter-me-ia custado menos energia. De fato, eu agora me sentia capaz de levar a cabo a escalada que me havia desencorajado no crepúsculo. Peguei o farnel e parti para o cume da elevação.

Eu havia dito que a monotonia ininterrupta da planície ondulada era uma fonte de um horror indefinido para mim; mas creio que meu horror foi maior quando alcancei o cume do monte e olhei para baixo, do outro lado, para um imenso vale ou cânion cujos recessos negros a lua ainda não se havia erguido o suficiente para iluminar. Senti-me na beirada do mundo; olhando, por sobre a borda, para um caos impenetrável de escuridão eterna. Em meio a meu terror, perpassaram curiosas reminiscências do Paraíso Perdido, de Milton, e da tenebrosa ascensão de Satã pelos amorfos reinos das trevas.

À medida que a Lua se erguia no céu, comecei a notar que as encostas do vale não eram tão perpendiculares quanto eu imaginara. As saliências e protuberâncias das rochas forneciam bons apoios para uma descida e, além do mais, uns trinta metros abaixo, o declive tornava-se bastante ameno. Impelido por um impulso que não consigo analisar com clareza, desci com dificuldade pelas rochas até chegar à parte menos íngreme, e então olhei

para as profundezas infernais onde nenhuma luz havia penetrado ainda.

De repente, minha atenção foi atraída por um objeto enorme e singular na encosta do outro lado, erguendo-se íngreme a cerca de cem metros à minha frente; o objeto reluzia com um brilho esbranquiçado sob os novos raios que a lua que se elevava concedia. De início imaginei que fosse apenas uma rocha gigantesca; mas de alguma forma tive a clara impressão de que o contorno e a posição do objeto não eram simplesmente uma obra da natureza. Um exame mais atento encheu-me de sensações que não consigo expressar, pois apesar do tamanho e da posição em um abismo que se abria no fundo do mar desde a juventude do mundo, percebi sem nenhuma dúvida que o estranho objeto era um monólito bem moldado cujo volume maciço havia sido trabalhado e, talvez, adorado por criaturas vivas e pensantes.

Atordado e assustado, mas com a empolgação dos cientistas ou dos arqueólogos, examinei os arredores com mais atenção. A lua, agora perto do zênite, brilhava de forma estranha e forte sobre os penhascos altaneiros que cercavam o abismo, revelando o fato de que um extenso curso d'água corria lá no fundo, serpenteando até se perder de vista em ambas as direções, e quase tocava meus pés enquanto eu permanecia de pé na encosta. Do outro lado do precipício, as ondulações da água lavavam a base do monólito colossal em cuja superfície eu agora podia identificar inscrições e esculturas inacabadas. A escrita fora feita em um sistema de hieróglifos que eu não conhecia e era diferente de tudo que eu já vira em livros; na maior parte, consistia em símbolos aquáticos convencionais, como peixes, enguias, polvos, crustáceos, moluscos, baleias e coisas do gênero. Diversos símbolos representavam coisas marinhas desconhecidas do mundo moderno, mas cujas formas em decomposição eu havia observado na planície surgida do oceano.

Foram os entalhes pictóricos, no entanto, o que mais me deixou fascinado. Bem visível sobre a água interposta graças ao tamanho gigantesco, havia uma coleção de baixos-relevos cuja temática teria provocado a inveja de Doré¹. Imagino que aquelas coisas tinham o objetivo de representar pessoas – ou, pelo menos, um certo tipo de pessoas, embora as criaturas fossem mostradas divertindo-se, como peixes nas águas de alguma gruta marinha ou homenageando algum santuário monolítico que também parecia estar sob as ondas. De seus rostos e formas não ousou falar com detalhes, pois a simples lembrança me deixa aturdido. As criaturas, de um grotesco além da imaginação de um Poe ou de um Bulwer, eram infernalmente humanas nos contornos em geral, apesar das mãos e pés com membranas natatórias, dos lábios chocantemente largos e flácidos, dos olhos vidrados e salientes, e outras características ainda menos agradáveis de recordar. Curiosamente, as figuras pareciam ter sido entalhadas de forma desproporcional com relação ao cenário de fundo, pois uma das criaturas aparecia matando uma baleia que estava representada com um tamanho só um pouco maior que o dela. Como já disse, notei bem a monstruosidade e o estranho tamanho, mas no mesmo instante decidi que eram apenas os deuses imaginários de alguma tribo primitiva de pescadores ou de navegantes; alguma tribo cujo último descendente tinha perecido muitas eras antes do primeiro ancestral do Homem de Piltdown ou do Homem de Neandertal ter nascido. Impressionado diante daquele inesperado vislumbre de um passado além do que o mais ousado antropólogo poderia conceber, fiquei ali contemplando em silêncio enquanto a lua lançava reflexos estranhos no canal silencioso diante de mim.

Então, de repente, eu vi. Com uma leve agitação para indicar sua subida à superfície, a Coisa deslizou para fora das águas escuras. Enorme e repulsiva como um Polifemo², disparou como um monstro assombroso

surgido de um pesadelo em direção ao monólito, ao redor do qual atirou os gigantescos braços escamosos enquanto inclinava a cabeça medonha e dava vazão a alguns sons cadenciados. Acho que foi então que enlouqueci.

Pouco me recordo de minha subida frenética da encosta e do penhasco, de minha delirante viagem de volta ao barco encalhado. Creio que cantei bastante e que gargalhei de uma forma muito peculiar quando não conseguia mais cantar. Tenho vagas recordações de uma grande tempestade algum tempo depois de ter chegado ao barco. De qualquer forma, sei que ouvi o ribombar de trovões e outros sons que a natureza exterioriza somente em seus humores mais terríveis.

Quando saí da escuridão, estava em um hospital de São Francisco, para onde tinha sido levado pelo capitão de um navio americano que recolhera meu barco no meio do oceano. Em meu delírio, falei demais, mas descobri que não deram muita atenção às minhas palavras. Meus salvadores não sabiam nada a respeito de alguma terra que tivesse aflorado no Pacífico, e nem eu julguei necessário insistir em algo em que sabia que eles não poderiam acreditar. Certa vez procurei um famoso etnólogo e o diverti com perguntas estranhas acerca da antiga lenda filistina de Dagon, o Deus-Peixe³; mas percebendo logo que ele era extremamente tradicionalista, não insisti nas perguntas.

É durante a noite, especialmente quando a lua está em quarto crescente, que eu vejo a coisa. Tentei a morfina, mas a droga deu-me apenas um alívio temporário e arrastou-me para suas garras como um escravo sem esperança. Por isso vou acabar com tudo, deixando escrito um relato completo para a informação ou a diversão e o deboche de meus semelhantes. Muitas vezes me pergunto se tudo isso não poderia ter sido pura ilusão – um simples surto febril enquanto eu jazia, castigado pelo sol e delirando, naquele barco descoberto depois de minha fuga do navio de guerra alemão. Isso eu me

pergunto, mas sempre me vem uma visão terrivelmente real em resposta. Não consigo pensar no mar profundo sem estremecer com as coisas inomináveis que podem, neste exato momento, estar arrastando-se e debatendo-se em seu leito lamacento, adorando seus antigos ídolos de pedra e entalhando sua própria e detestável semelhança nos obeliscos submarinos de granito encharcado. Sonho com o dia em que elas poderão elevar-se acima dos vagalhões para arrastar para o fundo, com suas garras fétidas, os remanescentes dessa humanidade decrépita, devastada pela guerra – o dia em que a terra há de afundar, e o escuro leito do oceano erguer-se-á em meio a um pandemônio universal.

O fim está próximo. Ouço um ruído à porta, como se um imenso corpo escorregadio se movesse contra ela. Ela vai me encontrar. Meu Deus, aquela mão! A janela! A janela!

1. Gustave Doré foi um dos mais populares e bem-sucedidos ilustradores de sua época. Ilustrou o “Paraíso Perdido”, de Milton e idealizou várias das criaturas de Lovecraft.

2. Polifemo é o filho gigante de Poseidon e Thoosa na mitologia grega e um dos ciclopes descritos na Odisseia de Homero.

3. Dagon era um deus venerado pelos filisteus. Seu nome pode provir de dag, que significa peixe. Assim, ele é representado como um ser que é metade peixe e metade homem.

OS GATOS DE ULTHAR

Escrito em junho de 1920 e publicado em novembro de 1920 na revista Tryout



Dizem que em Ulthar, que fica além do rio Skai, ninguém pode matar um gato; e posso facilmente aceitar isso quando admiro um deles ronronando junto ao fogo. Pois o gato é enigmático e atento a coisas

estranhas que os homens não podem enxergar. Ele é a alma do antigo Egito, e receptáculo de histórias das cidades esquecidas em Meroé e Ofir. Ele é parente dos senhores da floresta e herdeiro dos segredos da antiga e sinistra África. A Esfinge é sua prima e ele fala o idioma dela; mas ele é mais antigo do que a Esfinge, e se lembra daquilo que ela já esqueceu.

Em Ulthar, antes que os aldeões proibissem para sempre a matança de gatos, viviam um velho camponês e sua esposa, e ambos adoravam capturar e matar os gatos de seus vizinhos. Não sei por que faziam isso, embora muitos odeiem a voz dos gatos à noite e não suportem vê-los correr furtivamente pelos pátios e jardins ao anoitecer. Mas não importa qual fosse o motivo, o velho homem e a velha mulher sentiam prazer em capturar com armadilhas e matar qualquer gato que se aproximasse de seu casebre; e pelos sons que se ouviam após escurecer, muitos aldeões imaginavam que a matança se dava de modo extraordinariamente peculiar. Mas os aldeões não discutiam essas coisas com o velho homem e sua mulher devido à habitual expressão no rosto macilento de ambos, e porque o casebre deles era muito pequeno e obscuramente escondido sob imensos carvalhos nos fundos de um pátio malcuidado. Os donos dos gatos, na verdade, mais do que odiar essa gente estranha, temiam-na; e em vez de repudiar os dois como assassinos brutais, simplesmente cuidavam para que os queridos animais de estimação ou caçadores de camundongos não fossem perambular na direção do remoto casebre sob as árvores sombrias. Quando por algum inevitável descuido um gato sumia e se ouviam aqueles sons após anoitecer, só restava ao dono impotente lamentar; ou consolar-se agradecendo ao Destino por não lhe ter feito um dos filhos desaparecer. Pois as pessoas de Ulthar eram simplórias e não sabiam de onde os primeiros gatos tinham surgido.

Um dia, uma caravana de estranhos viajantes do Sul entrou nas estreitas ruas de paralelepípedos de Ulthar. Os viajantes tinham a pele escura e eram

diferentes do outro povo itinerante que passava pelo vilarejo duas vezes ao ano. No mercado, eles liam a sorte em troca de umas moedas de prata e compravam miçangas coloridas dos comerciantes. Ninguém sabia dizer de onde eles vinham, mas via-se que eram dados a estranhas rezas e suas carroças traziam nas laterais pinturas de figuras estranhas com corpos humanos e cabeças de gatos, falcões, carneiros e leões. E o líder da caravana usava um adorno na cabeça que tinha dois chifres com um curioso disco no centro.

Nessa estranha caravana havia um garotinho sem pai nem mãe, que tinha apenas um pequeno gatinho preto para afagar. A peste não havia sido condescendente e deixou-lhe apenas o bichano peludo para aplacar sua tristeza; e quando se é muito jovem, é fácil encontrar um bom consolo nas travessuras vivazes de um gatinho preto. Assim, o garotinho a quem as pessoas de pele escura chamavam de Menes divertia-se mais do que chorava ao brincar com seu gracioso gatinho, sentado nos degraus daquela carroça tão estranhamente pintada.

Na terceira manhã da estada dos viajantes em Ulthar, Menes não conseguia encontrar seu gatinho; e enquanto soluçava copiosamente no mercado, alguns aldeões contaram-lhe sobre o velho homem e sua mulher, e sobre os sons que se ouviam durante a noite. E quando ele ouviu essas histórias, seu choro deu lugar à reflexão e, em seguida, à oração. Ele estendeu seus braços em direção ao sol e rezou numa língua que os aldeões não podiam entender; embora os aldeões não tivessem se esforçado realmente para entender, já que sua atenção estava mais voltada para o céu e o formato esquisito que as nuvens estavam adquirindo. Era bastante peculiar, mas à medida que o garotinho proferia sua súplica, parecia que lá em cima se formavam obscuras e nebulosas figuras exóticas de criaturas híbridas coroadas por discos ladeados por chifres. A Natureza está repleta

desses tipos de ilusões que impressionam os mais sugestionáveis.

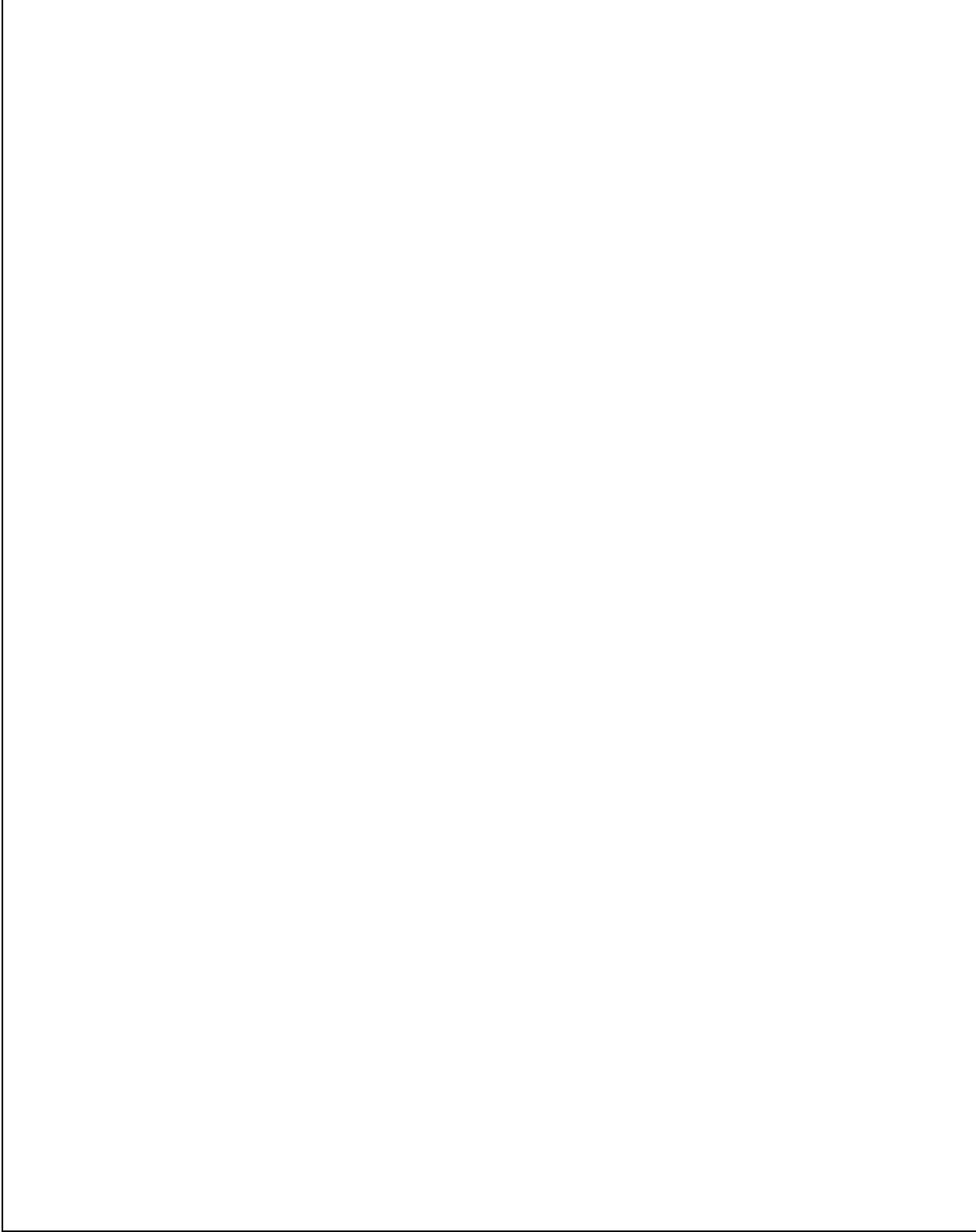
Naquela noite, os viajantes deixaram Ulthar e nunca mais foram vistos. E os moradores ficaram alarmados quando notaram que em todo o vilarejo não havia mais nenhum gato. O gato de estimação de cada lar havia sumido; gatos pequenos e grandes, cinza, pretos, malhados, amarelos e brancos. O velho Kranon, o prefeito, jurava que a gente de pele escura havia levado os gatos embora como vingança pela morte do bichano de Menes, e amaldiçoou a caravana e o menino. Mas Nith, o esguio tabelião, afirmava que o velho camponês e sua mulher eram os suspeitos mais prováveis; pois sua aversão por gatos era cada vez mais notória e descarada. Ninguém ainda se atrevia a reclamar com o sinistro casal; até o pequeno Atal, filho de estalajadeiro, jurava ter visto todos os gatos de Ulthar naquele execrável pátio sob as árvores, andando em pares lenta e solenemente em um círculo ao redor do casebre, como se estivessem executando algum rito bestial desconhecido. Os aldeões não sabiam o quanto deveriam acreditar no garoto; e embora eles temessem que a dupla diabólica tivesse enfeitiçado os gatos para matá-los, eles preferiram não repreender os dois até que os encontrassem longe daquele repulsivo pátio. Assim, Ulthar foi dormir reprimindo sua raiva; e quando as pessoas se levantaram ao amanhecer – Vejam! Eis que cada gato estava de volta ao coração de seu lar! Grandes e pequenos, pretos, cinza, malhados, amarelos e brancos, não faltava nenhum. Os gatos pareciam rechonchudos e lustrosos, e transbordavam sonoramente de contentamento. Os moradores conversavam entre si um tanto maravilhados com o ocorrido. O velho Kranon novamente insistiu que o povo de pele escura que os tinha levado, já que os gatos nunca voltavam vivos do casebre do velho homem e de sua mulher. Mas todos concordavam com uma coisa: que a recusa dos gatos em comer sua porção de carne ou beber de seus pires de leite era demasiadamente curiosa. E por dois dias

inteiros os lustrosos e preguiçosos gatos de Ulthar não tocaram a comida, e apenas dormitavam perto do fogo ou ao sol.

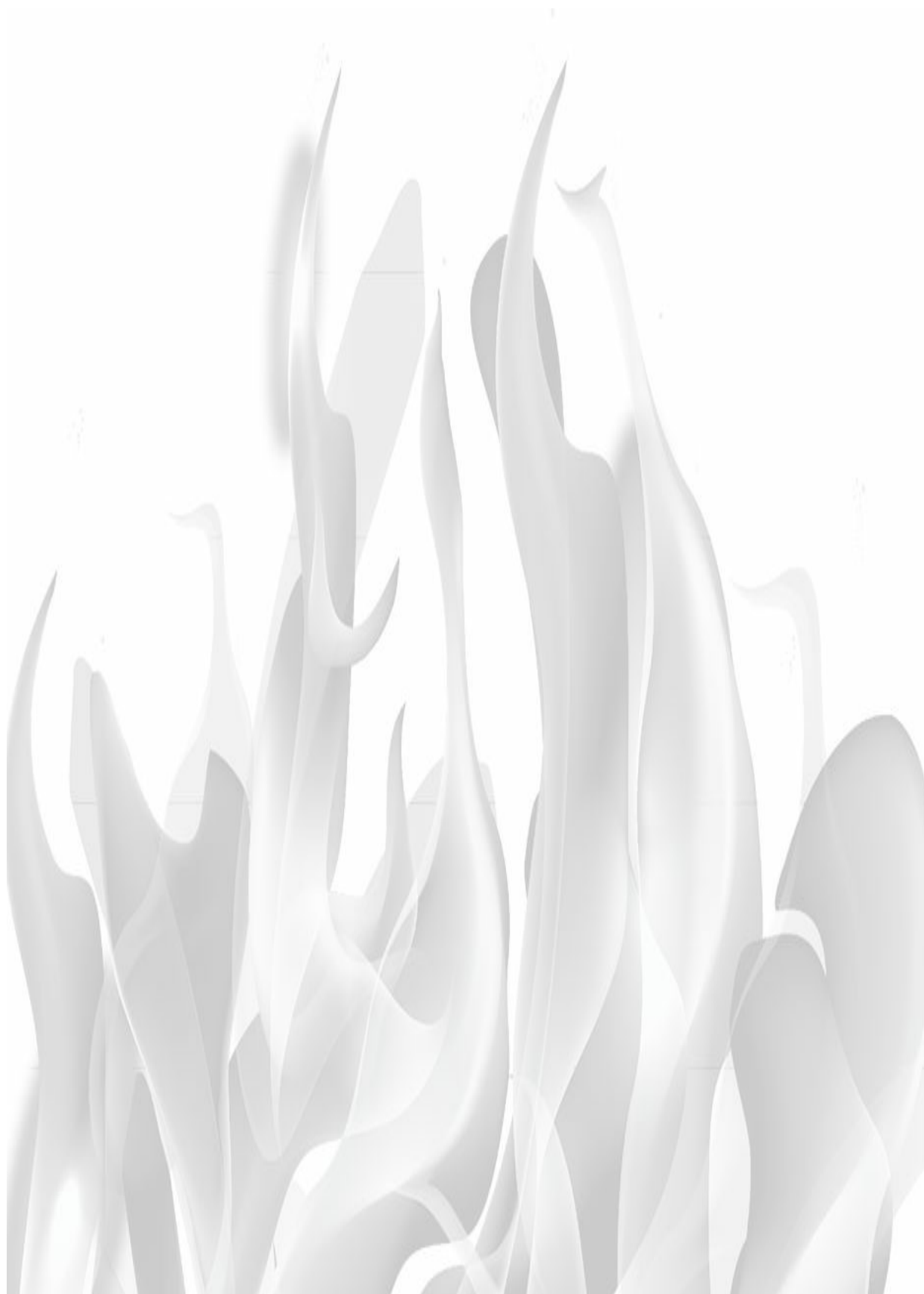
Passou uma semana inteira antes que os aldeões notassem que nenhuma luz aparecia depois do crepúsculo nas janelas do casebre sob as árvores. Então, o esguio Nith notou que ninguém tinha visto o velho homem ou sua mulher desde que os gatos haviam sumido. Passada mais uma semana, o prefeito decidiu superar seus temores e ir até a estranha e silenciosa habitação no cumprimento de seus deveres, embora para fazer isso tenha tomado a precaução de levar consigo Shang, o ferreiro, e Thul, o talhador de pedras como testemunhas. E quando eles derrubaram a frágil porta, encontraram apenas isto: dois esqueletos humanos no chão de terra batida e uma porção de estranhos besouros movimentando-se pelos cantos escuros.

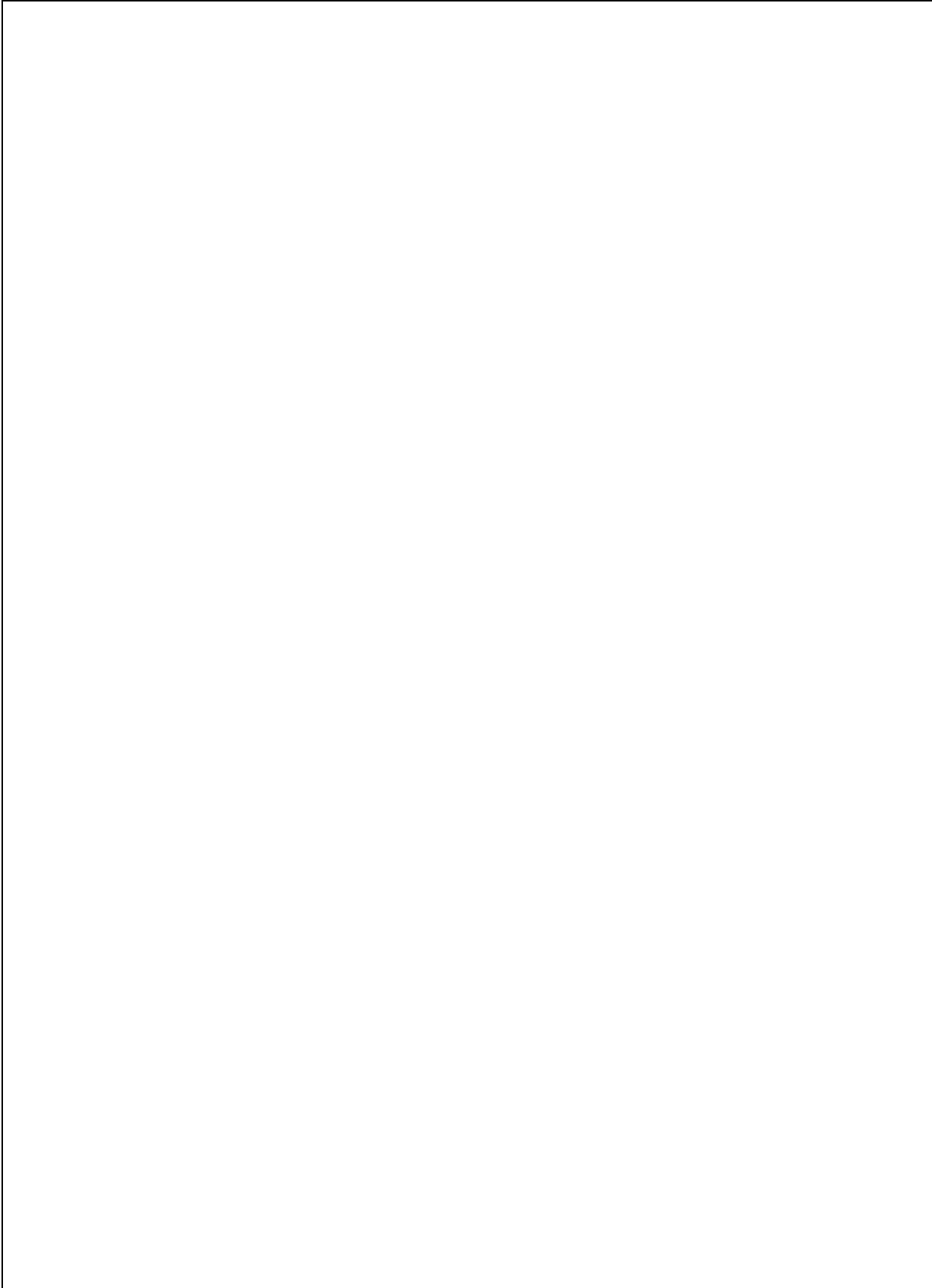
Em seguida, muito se falou a respeito disso entre os aldeões de Ulthar. Zath, o médico legista, debateu muito sobre o assunto com Nith, o esguio tabelião; e Kranon e Shang, Thul foram ostensivamente questionados. Até mesmo o pequeno Atal, o filho do estalajadeiro, foi rigorosamente interrogado e recebeu um doce como recompensa. Eles falaram do velho camponês e de sua esposa, da caravana de viajantes morenos, do pequeno Menes com seu gatinho, das rezas de Menes e do céu durante a súplica, do comportamento dos gatos na noite em que a caravana se foi e do que foi encontrado mais tarde no casebre sob as árvores escuras no repulsivo pátio.

E no final, os aldeões promulgaram a notável lei que é comentada por comerciantes em Hatheg e discutida por viajantes em Nir; a saber, que em Ulthar não se pode matar gatos.









Escrito no início de 1920 e
publicado em março de 1921



A VERDADE SOBRE O FALECIDO ARTHUR JERMYN E SUA FAMÍLIA

Escrito no início de 1920 e publicado em março de 1921

I

A vida é uma coisa hedionda, e dos bastidores do que conhecemos dela espreitam pistas demoníacas de verdades que às vezes a tornam ainda mais horrenda. A ciência, já opressiva com suas revelações chocantes, será talvez a derradeira exterminadora de nossa espécie humana – se é que somos uma espécie distinta –, pois sua reserva de horrores inimagináveis jamais poderia ser suportada por cérebros mortais se escapasse sobre o mundo. Se soubéssemos o que somos, faríamos o que fez sir Arthur Jermyn; e Arthur Jermyn, em uma noite qualquer, encharcou-se de óleo e ateou fogo às suas roupas. Ninguém colocou os fragmentos carbonizados em uma urna ou ergueu um memorial em sua honra; pois foram encontrados certos documentos e certo objeto encaixotado que fizeram com que os homens desejassem esquecê-lo. Algumas pessoas que o conheceram sequer admitem que ele tenha existido.

Arthur Jermyn saiu para a charneca e incinerou-se depois de ter visto o objeto encaixotado que veio da África. Foi esse objeto, e não sua aparência pessoal peculiar, aquilo que o fez pôr fim à sua vida. Muitos não teriam gostado de viver se possuíssem as feições peculiares de Arthur Jermyn; mas ele era um poeta e erudito, e não dava importância a isso. Aprender estava em seu sangue, pois o bisavô, o baronete sir Robert Jermyn, fora um antropólogo de renome, enquanto que o tataravô, sir Wade Jermyn, foi um dos primeiros exploradores da região do Congo e escreveu com erudição sobre suas tribos, animais e supostas antiguidades. De fato, o velho sir

Wade possuía um zelo intelectual que beirava a mania; suas conjecturas bizarras sobre uma civilização congolense pré-histórica e branca renderam a ele muita zombaria quando da publicação de seu livro Observações sobre Várias Partes da África. Em 1765, esse indômito explorador foi internado em um hospício em Huntingdon.

A loucura esteve presente em todos os Jermyn, e as pessoas eram gratas por não existirem muitos deles. A linhagem não se ramificou, e Arthur era o último da família. Se assim não fosse, ninguém poderia dizer o que ele teria feito quando o objeto chegou. Os Jermyn sempre tiveram um aspecto incomum – alguma coisa parecia estar errada, embora Arthur fosse o pior deles; e os velhos retratos de família na Casa Jermyn mostravam rostos atraentes antes da época de sir Wade. Certamente, a loucura começara com sir Wade, cujas histórias imaginativas sobre a África foram ao mesmo tempo o deleite e o terror de seus poucos amigos. A loucura transparecia em sua coleção de troféus e espécimes, que não eram do tipo que um homem normal acumularia e preservaria, e de uma forma ainda mais chocante no isolamento em que mantivera a esposa no oriente. Esta última, dizia ele, era filha de um comerciante português que ele havia conhecido na África; e ela não gostava dos costumes ingleses. Ela havia retornado com ele da segunda e a mais longa de suas viagens, trazendo o filho nascido na África, e depois o acompanhou na terceira e última viagem e nunca mais retornou à Inglaterra. Ninguém nunca a havia visto de perto, nem mesmo os criados, pois a disposição dela era violenta e singular. Durante sua breve estadia na Casa Jermyn, ocupou uma ala remota e foi servida apenas pelo marido. Sir Wade era, de fato, bastante excêntrico nas atenções para com sua família; pois quando retornou à África, não permitiu que ninguém tomasse conta de seu jovem filho, exceto uma repulsiva negra da Guiné. Ao retornar, após a morte de Lady Jermyn, ele mesmo assumiu os cuidados do garoto.

Mas era a conversa de sir Wade, principalmente quando estava bêbado, o que levava os amigos a considerá-lo insano. Numa era racional como o século 18, era insensato que um homem erudito falasse de visões selvagens e cenas estranhas sob a lua do Congo; de muralhas e pilares gigantescos em uma cidade esquecida, em ruínas e tomada pelas vinhas, e de degraus de pedra silenciosos e úmidos que desciam interminavelmente até a escuridão de galerias abissais e catacumbas inconcebíveis. Era especialmente imprudente tagarelar sobre os seres que poderiam assombrar um lugar como esse; sobre as criaturas que viviam parte na selva, parte na cidade terrivelmente envelhecida – criaturas fabulosas, que mesmo um Plínio descreveria com ceticismo; ou sobre coisas que teriam surgido depois que os grandes macacos tomaram a cidade moribunda com muralhas, pilares, galerias e entalhes estranhos. Ainda assim, depois de ter voltado para casa pela última vez, sir Wade falara de tais assuntos com um entusiasmo extraordinário e de dar calafrios, principalmente depois do terceiro copo no Knight's Head, quando gabara-se do que havia encontrado na selva e de ter morado em meio às terríveis ruínas que só ele conhecia. E por fim, falara dos seres de uma maneira tal que acabou sendo internado no manicômio. Não demonstrou pesar quando foi confinado no aposento trancado em Huntingdon, já que sua mente se movia de modo curioso. Desde que o filho começara a sair da infância, ele passara a gostar cada vez menos de seu lar, até que por fim passou a temê-lo. O Knight's Head era seu refúgio, e quando foi confinado manifestou uma vaga gratidão, como se aquilo fosse protegê-lo. Três anos mais tarde, ele morreu.

Philip, o filho de Wade Jermyn, era uma pessoa bastante singular. Apesar da forte semelhança física com o pai, em muitos aspectos sua aparência e conduta eram tão grosseiras que ele era evitado por todos. Embora não tenha herdado a loucura temida por alguns, era de uma

estupidez assombrosa e dado a breves períodos de incontrolável violência. Na ossatura era pequeno, mas tinha uma força descomunal e uma agilidade incrível. Doze anos depois de ter recebido seu título, casou-se com a filha de seu guarda-caça, pessoa dita de descendência cigana; mas antes que seu filho nascesse, juntou-se à marinha como marinheiro comum, completando assim o desgosto geral que seus hábitos e o matrimônio inadequado principiaram. Após o fim da guerra norte-americana, ouviu-se dizer que tinha se tornado marinheiro em um navio mercante do comércio africano e que conquistara uma boa reputação por proezas de força e escalada, mas finalmente desaparecera uma noite, quando desembarcou do navio na costa do Congo.

No filho de sir Philip Jermyn, a peculiaridade familiar, agora já aceita, tomou um caminho estranho e fatal. Alto e bastante belo, com um tipo de graça oriental exótica apesar de pequenas estranhezas em termos de proporção, Robert Jermyn começou a vida como acadêmico e investigador. Foi ele quem primeiro estudou cientificamente a vasta coleção de relíquias que seu insano avô havia trazido da África e quem fez com que o nome da família fosse tão celebrado na etnologia como na exploração. Em 1815, sir Robert casou-se com uma das filhas do sétimo Visconde de Brightholme e foi depois abençoado com três filhos, sendo que o mais velho e o mais jovem jamais foram vistos em público devido a deformidades da mente e do corpo. Entristecido por essas infelicidades familiares, o cientista buscou alívio no trabalho e fez duas longas expedições ao interior da África. Em 1849, seu segundo filho, Nevil, uma pessoa repulsiva aos extremos e que parecia combinar o mau humor de Philip Jermyn com a arrogância dos Brightholmes, fugiu com uma dançarina vulgar, mas foi perdoado ao retornar no ano seguinte. Retornou à Casa Jermyn viúvo, com um filho pequeno, Alfred, que um dia seria o pai de Arthur Jermyn.

Os amigos diziam que foi essa série de problemas que desequilibrou a mente de sir Robert Jermyn. Contudo, talvez o desastre tenha sido causado simplesmente por uma pitada de folclore africano. O idoso erudito vinha colecionando lendas das tribos Onga, no campo das explorações de seu avô e das suas próprias, esperando de alguma forma justificar as lendas imaginativas de sir Wade sobre uma cidade perdida povoada por estranhas criaturas híbridas. Uma certa consistência nos estranhos documentos de seu ancestral sugeria que a imaginação do homem insano poderia ter sido estimulada pelos mitos nativos. Em 19 de outubro de 1852, o explorador Samuel Seaton foi à Casa Jermyn com um manuscrito de notas coletadas entre os Onga, acreditando que certas lendas sobre uma cidade cinzenta com macacos brancos e governada por um deus branco poderiam mostrar-se valiosas ao etnólogo. Em tal conversa, Seaton provavelmente fornecera muitos detalhes adicionais cuja natureza jamais será conhecida, visto que uma série horrenda de tragédias se lançou repentinamente sobre ele. Quando sir Robert Jermyn saiu de sua biblioteca, deixou para trás o cadáver estrangulado do explorador e, antes que pudesse ser detido, pôs fim à vida de todos os três filhos; os dois que nunca foram vistos e o filho que outrora havia fugido. Nevil Jermyn morreu ao defender – com sucesso – a vida de seu filho de dois anos, que aparentemente havia sido incluído nos planos insanos de assassinatos do velho. O próprio sir Robert, após repetidas tentativas de suicídio e de uma recusa teimosa de pronunciar quaisquer palavras articuladas, morreu de apoplexia no segundo ano de seu confinamento.

Sir Alfred Jermyn tornou-se um baronete antes de seu quarto aniversário, mas seus gostos nunca combinaram com seu título. Aos vinte anos juntara-se a uma banda de músicos de salão e aos trinta e seis abandonou esposa e filho para viajar com um circo itinerante norte-

americano. Seu fim foi revoltante. Entre os animais da exibição com a qual viajava havia um enorme gorila de cor mais clara que a média; uma fera surpreendentemente afável e de grande popularidade entre os artistas do circo. Alfred Jermyn era particularmente fascinado por este gorila, e em muitas ocasiões os dois se olhavam por longos períodos através das barras da jaula. Por fim, Jermyn pediu e obteve permissão para treinar o animal, deslumbrando plateias e companheiros artistas com seu sucesso. Numa manhã, em Chicago, quando o gorila e Alfred Jermyn estavam ensaiando uma luta de boxe extremamente habilidosa, o animal desferiu um soco com uma força maior que a habitual, ferindo tanto o corpo quanto a dignidade do treinador amador. Os membros do “Maior Espetáculo da Terra” não gostam de comentar sobre o que aconteceu depois. Eles não esperavam ouvir sir Alfred Jermyn emitir um grito estridente e inumano ou vê-lo agarrar o desengonçado antagonista com as duas mãos, atirá-lo no chão da jaula e morder ferozmente a garganta peluda. O gorila foi pego de surpresa, mas não por muito tempo, e antes que qualquer coisa pudesse ser feita pelo treinador oficial, o corpo que um dia pertencera ao baronete estava além de qualquer reconhecimento possível.

II

Arthur Jermyn era filho de sir Alfred Jermyn e de uma cantora de salão de origem desconhecida. Quando o marido e pai abandonou a família, a mãe levou a criança para a Casa Jermyn, onde não restava ninguém que pudesse fazer qualquer objeção à sua presença. Ela não era totalmente alheia às noções de como deveria ser a dignidade de um nobre e certificou-se de que o filho recebesse a melhor educação que o dinheiro limitado pudesse prover. Os recursos familiares eram agora tristemente escassos e a

Casa Jermyn vivia um abandono lastimável, mas o jovem Arthur amava o velho edifício e todo o seu conteúdo. Arthur não era como qualquer outro Jermyn que já houvesse existido, pois era um poeta e um sonhador. Algumas das famílias da vizinhança, que ouviram as histórias da esposa portuguesa do velho sir Wade Jermyn, declaravam que o sangue latino deveria estar se manifestando; mas a maioria das pessoas apenas desdenhava da sensibilidade de Arthur à beleza, atribuindo-a à sua mãe, cantora de salão, que não era socialmente reconhecida. A delicadeza poética de Arthur Jermyn era ainda mais notável devido à sua aparência pessoal bruta. A maioria dos Jermyn tinha uma aparência um tanto estranha e repugnante, mas o caso de Arthur era muito impressionante. Era difícil dizer com o que ele se parecia, mas sua expressão, os ângulos do rosto e o comprimento dos braços causavam uma sensação de repulsa àqueles que o viam pela primeira vez.

A inteligência e o caráter de Arthur Jermyn, no entanto, compensavam seu aspecto. Talentoso e culto, Arthur recebeu as maiores honras em Oxford e parecia que redimiria a má fama intelectual da família. Embora de temperamento mais poético que científico, planejava continuar a obra de seus antepassados no campo da etnologia e das antiguidades africanas utilizando a coleção prodigiosa, ainda que estranha, de sir Wade. Com sua mente imaginativa, ele pensara muitas vezes na civilização pré-histórica na qual o explorador louco acreditara tão inquestionavelmente e reunira todas as lendas sobre a silenciosa cidade na selva mencionada nas notas e parágrafos mais extravagantes do falecido sir Wade. Em relação às declarações nebulosas acerca de uma raça de híbridos da selva sem nome e desconhecida, ele nutria um sentimento peculiar que misturava pavor e atração, e especulava sobre o provável fundamento de tal fantasia enquanto procurava obter uma luz em meio aos últimos dados coletados por seu

tataravô e por Samuel Seaton entre os Ongas.

Em 1911, depois da morte da mãe, sir Arthur Jermyn decidiu levar suas investigações até as últimas consequências. Vendeu uma parte de seu patrimônio para obter o dinheiro necessário, organizou uma expedição e navegou para o Congo. Obteve das autoridades belgas um grupo de guias e passou um ano no país dos Ongas e dos Kaliris, onde encontrou informações que excediam suas maiores expectativas. Entre os Kaliris havia um chefe idoso chamado Mwanu, que era dotado não só de uma memória excelente como também de um grau singular de inteligência, sem contar o interesse por lendas antigas. Este ancião confirmou cada lenda que Jermyn havia ouvido e adicionou seu próprio relato sobre a cidade de pedra e os macacos brancos, da forma como as lendas tinham sido contadas a ele.

De acordo com Mwanu, a cidade cinza e as criaturas híbridas não mais existiam, tendo sido aniquiladas pelos ameaçadores N'bangus muitos anos atrás. Essa tribo, depois de destruir a maioria dos edifícios e de matar os seres vivos, levava consigo a deusa empalhada que era o objeto de suas buscas; a deusa-macaco branca, que os estranhos seres adoravam e que, segundo a tradição do Congo, seria o corpo de alguém que reinara como princesa entre eles. Mwanu não tinha a menor ideia de como teriam sido as criaturas brancas parecidas com macacos, mas estava certo de que foram elas quem haviam construído a cidade agora em ruínas. Jermyn não conseguiu formar opinião alguma, mas através de um questionamento atento obteve uma lenda bastante pitoresca sobre a deusa empalhada.

A princesa-macaco, dizia-se, tornara-se a consorte de um grande deus branco que viera do Ocidente. Por muito tempo eles reinaram juntos sobre a cidade, mas quando o filho nasceu, todos os três foram embora. Mais tarde, o deus e a princesa retornaram e, quando a princesa morreu, o marido divino mandou mumificar o corpo dela e o preservou em uma vasta casa de

pedra, onde era adorada. E então ele partiu sozinho. A lenda aqui parecia apresentar três variantes. De acordo com uma das histórias, nada mais acontecera, exceto que a deusa empalhada se tornara um símbolo de supremacia para qualquer tribo que a possuísse. E foi por esse motivo que os N'bangus a levaram. Uma segunda história falava do retorno do deus e de sua morte aos pés da esposa preservada. E a terceira lenda contava do retorno do filho, já homem – ou macaco, ou deus, seja como for – ainda inconsciente de sua identidade. Sem dúvida, a imaginação fértil dos negros havia esgotado todas as possibilidades, quaisquer que fossem os eventos que pudessem estar por trás da extravagante lenda.

Arthur Jermyn já não tinha mais dúvidas quanto à existência da cidade na selva tão bem descrita pelo velho sir Wade; e foi com pouca surpresa que, no começo de 1912, encontrou o que restava dela. Talvez tivessem exagerado um pouco no tamanho, mas as pedras espalhadas por ali provavam que não se tratava de uma mera aldeia de negros. Infelizmente, nenhum entalhe pôde ser encontrado, e o tamanho reduzido da expedição impediu a realização das operações que tencionavam abrir a única trilha visível que parecia descer até o sistema de galerias mencionado por sir Wade. A questão dos macacos brancos e da deusa empalhada foi discutida com todos os chefes nativos da região, mas coube a um europeu melhorar os dados oferecidos pelo velho Mwanu. O senhor Verhaeren, agente belga em um entreposto comercial do Congo, acreditava que não só poderia localizar como também reaver a deusa empalhada da qual havia ouvido falar vagamente, visto que os antes poderosos N'bangus eram agora os servos submissos do governo do rei Albert, e, com um pouco de persuasão, poderiam ser induzidos a abrir mão da abominável divindade que haviam sequestrado. Quando Jermyn zarpou para a Inglaterra, portanto, foi com a exultante esperança de que, dentro de poucos meses, receberia uma relíquia

etnológica sem preço que confirmava as mais extravagantes narrativas de seu tataravô – ou seja, as mais estrambólicas que já ouvira na vida. Mas talvez os compatriotas que viviam nas proximidades da Casa Jermyn tivessem ouvido histórias ainda mais fantasiosas, passadas de geração em geração por seus antepassados que ouviram os relatos de sir Wade nas mesas do Knight's Head.

Arthur Jermyn aguardou com muita paciência a caixa que esperava receber do senhor Verhaeren, e nesse ínterim estudou com diligência ainda maior os manuscritos deixados por seu ancestral insano. Ele começou a sentir-se cada vez mais próximo a sir Wade, e buscava relíquias da vida pessoal deste último na Inglaterra, bem como de suas explorações africanas. Os registros orais sobre a esposa misteriosa e reclusa eram numerosos, mas não havia indícios tangíveis de sua estadia na Casa Jermyn. Arthur Jermyn imaginava que circunstância haveria provocado ou permitido tal ocultação e presumiu que a insanidade do marido deveria ter sido a causa principal. Diziam que sua tataravó era filha de um comerciante português que vivia na África. Sem dúvida, o senso prático herdado e o conhecimento superficial do Continente Negro a fizeram desdenhar das histórias do interior contadas por sir Wade, coisa que um homem como ele não poderia perdoar. Ela havia morrido na África, talvez arrastada para lá por um marido determinado a provar o que havia dito. Mas enquanto se entregava a essas reflexões, Jermyn não podia deixar de rir da futilidade delas, um século e meio após a morte de seus dois estranhos progenitores.

Em junho de 1913, chegou uma carta do senhor Verhaeren, na qual relatava ter encontrado a deusa empalhada. Era um objeto dos mais extraordinários, assegurava o belga; um objeto que um leigo não teria o poder de avaliar. Somente um cientista poderia determinar se era humano ou símio; e, ainda assim, o processo de avaliação seria deveras dificultado

pelas condições em que se encontrava o objeto. O tempo e o clima do Congo não eram gentis com as múmias, especialmente quando sua preparação é tão amadora como parecia ter sido o caso. Ao redor do pescoço da criatura foi encontrado um grande colar de ouro com um medalhão vazio no qual havia desenhos heráldicos; sem dúvida, lembrança de algum viajante desafortunado, roubado pelos N'bangus e colocado no pescoço da deusa como amuleto. Ao comentar sobre os contornos do rosto da múmia, o senhor Verhaeren sugeriu uma comparação espirituosa; ou melhor, expressou em tom bem-humorado o quanto seu correspondente iria se surpreender. Mas o belga tinha muitos interesses científicos para desperdiçar tantas palavras com levandades. A deusa empalhada, escreveu ele, chegaria devidamente empacotada cerca de um mês após o recebimento da carta.

O objeto encaixotado foi enviado à Casa Jermyn na tarde do dia três de agosto de 1913, sendo transportado no mesmo instante para a grande câmara que guardava a coleção de espécimes africanos, como disposta por sir Robert e Arthur. O que aconteceu em seguida pode ser melhor deduzido a partir das histórias dos criados e de coisas e documentos que mais tarde foram examinados. Das várias histórias, a do idoso Soames, o mordomo da família, é a mais ampla e coerente. De acordo com esse homem digno de confiança, antes de abrir a caixa, sir Arthur Jermyn mandou que todos saíssem do aposento, embora o som instantâneo do martelo e do formão tenha indicado que ele não demorou a dar início à operação. Não se ouviu nada por algum tempo, e Soames não soube precisar quanto tempo. Mas estava certo de que não havia se passado ainda um quarto de hora quando um grito terrível se fez ouvir, sem dúvida, na voz de Jermyn. Ato contínuo, Jermyn saiu correndo freneticamente do aposento na direção da frente da casa, como se perseguido por um terrível inimigo. A expressão de seu rosto,

um rosto já pálido o suficiente quando em repouso, era indescritível. Quando já estava próximo à porta da frente, ele pareceu pensar em algo, virou-se nos calcanhares e por fim desapareceu correndo nas escadas que levavam ao porão. Os criados estavam totalmente atônitos e observavam do topo da escada, mas seu senhor não voltou. Um cheiro de óleo foi tudo que saiu das áreas inferiores. Depois que escureceu, ouviu-se um rangido na porta entre o porão e o pátio; e o garoto que cuidava dos cavalos viu Arthur Jermyn – recoberto de óleo e brilhando da cabeça aos pés – caminhar furtivamente nas pontas dos pés e desaparecer na charneca escura que cercava a casa. E então, em uma exaltação de supremo horror, todos viram o final. Uma centelha brilhou na charneca, surgiu uma chama, e um pilar de fogo humano alcançou os céus. A estirpe dos Jermyn não mais existia.

A razão pela qual os fragmentos carbonizados de Arthur Jermyn não foram recolhidos e enterrados está no que foi descoberto depois, principalmente em razão do objeto na caixa. A deusa empalhada era uma visão nauseante, murcha e carcomida, mas era claramente um macaco branco mumificado de alguma espécie desconhecida, menos peluda do que qualquer variedade registrada e também infinitamente mais próxima da humanidade – assombrosamente próxima. A descrição detalhada seria bastante desagradável, mas dois detalhes devem ser relatados, pois se encaixam revoltosamente com certas notas sobre as expedições africanas de sir Wade Jermyn e as lendas congolezas do deus branco e da princesa-macaco. Os dois detalhes em questão são estes: o brasão no medalhão dourado em volta do pescoço da criatura era o brasão dos Jermyn, e a sugestão jocosa do senhor Verhaeren sobre a tal semelhança ligada ao rosto murcho se aplicava, com um horror vívido, pavoroso e antinatural, a ninguém menos que o sensível Arthur Jermyn, tataraneto de sir Wade Jermyn e de uma esposa desconhecida. Os membros do Real Instituto de

Antropologia queimaram a coisa, atiraram o medalhão em um poço e alguns deles não admitem que Arthur Jermyn um dia tenha existido.

A CASA ABANDONADA

Escrito em outubro de 1924 e publicado em setembro de 1927



I

A ironia está sempre presente, até mesmo nos horrores supremos. Às vezes, é parte da composição direta dos eventos; em outras ocasiões, relaciona-se de forma fortuita entre pessoas e lugares. Essa segunda relação é exemplificada esplendidamente por um acontecimento na antiga cidade de Providence, onde, no final da década de quarenta, Edgar Allan Poe costumava hospedar-se com frequência, durante a malfadada corte à sra. Whitman, a talentosa poetisa. Poe geralmente ficava na Mansion House, na rua Benefit, hoje chamada de Golden Ball Inn, que já abrigou Washington, Jefferson e Lafayette, e sua caminhada predileta era na direção norte, na mesma rua, até a casa da sra. Whitman e o cemitério da igreja de São João, que ficava em uma ladeira próxima. As lápides do século 18 eram peculiarmente fascinantes para ele.

Contudo, a ironia é a seguinte: durante o passeio, feito repetidas vezes, o maior mestre do terrível e do bizarro do mundo era obrigado a passar por uma casa em particular, no lado leste da rua. Era uma construção antiga, em condições precárias, situada em uma ladeira extremamente íngreme, com um grande quintal malcuidado. Datava de uma época em que praticamente não havia casa alguma na região. Aparentemente, ele nunca escreveu nem falou sobre ela, e não há evidência alguma de que a tenha notado algum dia. No entanto, aquela casa, para duas pessoas que possuíam as informações corretas, iguala ou supera em horror a mais insana fantasia do gênio que tantas vezes passou por ela sem perceber, e ergue-se, olhando de soslaio os

transeuntes, simbolizando tudo que é inexprimivelmente tétrico.

A casa era, e nesse quesito ainda é, do tipo que atrai a atenção dos curiosos. Originalmente uma construção rural, ou semi-rural, seguia o estilo colonial da Nova Inglaterra: o próspero teto pontiagudo, com dois andares e sótão sem dormitório, a soleira da porta georgiana e o interior revestido de madeira, ditado pelo gosto em progressão da época. Dava para o sul, com um frontão que ia até as janelas inferiores que avistavam a colina a leste, e outro exposto para os alicerces, em direção à rua. A construção possuía mais de um século e meio, e acompanhava a ladeira e o alinhamento da rua naquele bairro; pois a rua Benefit, antes chamada de rua Back, era uma viela sinuosa, passando pelos túmulos dos primeiros colonizadores, e só fora alinhada quando os restos mortais foram removidos para o Cemitério do Norte, tornando possível passar de forma decente por cima dos velhos jazigos de família.

No passado, a parede de oeste erguia-se sobre uma vegetação íngreme, a cerca de seis metros da rua. Entretanto, com o alargamento, mais ou menos na mesma época da Revolução, a maior parte do espaço interveniente foi retirado, deixando os alicerces expostos e sendo necessária a construção de um muro de tijolos, a fim de que o alto porão ficasse alinhado com a rua e com a porta e com as duas janelas sobre o solo, perto da nova linha de trem. Quando foi construída a calçada, há um século, todo o restante do espaço interveniente acabou sendo retirado. E, em seus passeios, Poe deve ter visto somente a parede vertical de tijolos cinzentos, rentes à calçada e, a uma altura de três metros, na parte de cima, a antiga estrutura coberta por ripas de madeira em que ficava a casa propriamente dita.

O terreno da casa, lembrando uma fazenda, estendia-se pela ladeira, quase na altura da rua Wheaton. O espaço ao sul da casa dava para a rua Benefit, ficando naturalmente muito acima do nível da calçada, formando

uma varanda limitada por um muro alto de pedra úmida e cheia de musgo, trespassada por um enorme lance de degraus estreitos que levavam, por entre as paredes altas como cânions, à área de cima com grama rente, úmidas paredes de tijolos e jardins malcuidados, cujas urnas de cimento em decomposição, chaleiras enferrujadas que caíam de tripés de varas nodosas e outras bugigangas similares enfeitavam a porta de entrada, castigada pelo tempo, com a claraboia quebrada, as apodrecidas pilastras iônicas e o vermiforme frontão triangular.

O que ouvi quando jovem sobre a casa abandonada foi somente que as pessoas haviam morrido ali em quantidade alarmante. Disseram-me ainda que, devido ao ocorrido, os primeiros proprietários haviam partido cerca de vinte anos depois da construção original. Era óbvio que o local era insalubre, talvez pela umidade e pelos fungos do porão, pelo cheiro doentio, pelas correntes de ar nos corredores ou pela qualidade da água do poço. Isso tudo era bem ruim e as pessoas que eu conhecia realmente acreditavam nisso. Contudo, as anotações do meu tio, o Dr. Elihu Whipple, que gostava de colecionar antiguidades, acabaram me revelando as mais sinistras e mais vagas suposições que alimentavam as crenças de velhos empregados e das pessoas mais humildes. Tais suposições nunca foram muito adiante e acabaram em grande parte esquecidas quando Providence cresceu, tornando-se uma moderna metrópole, com uma renovada população.

Na verdade, a nata da sociedade nunca considerou a casa como “mal-assombrada” em qualquer sentido real. Não havia rumores de correntes arrastadas, golpes de ar gélido, luzes que se apagavam ou rostos nas janelas. Os mais exagerados costumavam dizer que a casa “dava azar”, mas isso era tudo. Era realmente inegável o número assustador de pessoas mortas ali; ou, mais exatamente, o número de pessoas que haviam morrido ali, pois, depois de certos eventos peculiares, ocorridos há mais de sessenta anos, o prédio

tinha ficado abandonado por ser impossível alugá-lo. Tais pessoas jamais faleceram subitamente por alguma causa única. Pelo contrário, parecia que sua força vital era perfidamente extraída, e cada qual falecia mais cedo devido a qualquer tendência à debilidade que lhe fosse natural. E quem não morria acabava apresentando, de alguma forma, um tipo de anemia ou enfraquecimento, e até mesmo um declínio das faculdades mentais, comprovando a insalubridade da moradia. Deve-se acrescentar que as casas vizinhas pareciam inteiramente isentas a essa nociva qualidade.

Isso era tudo que eu sabia antes que o meu questionamento insistente fizesse com que meu tio me mostrasse suas anotações, levando, finalmente, à nossa medonha investigação. Quando eu era criança, a casa abandonada já estava vazia, com as terríveis árvores secas e retorcidas, o mato alto e estranhamente pálido, as medonhas ervas disformes no quintal de muro alto, nunca visitado por pássaros. Todos os meninos, inclusive eu, costumávamos invadir a casa, e ainda me lembro do pavor juvenil provocado não só pela estranheza mórbida da vegetação sinistra, mas também pela atmosfera sobrenatural e o fedor da casa dilapidada, por cuja porta destrancada costumávamos entrar em busca de arrepios. Quase todas as vidraças estavam quebradas e havia um clima sombrio de desolação que pairava em torno dos lambris precários, das venezianas que despencavam, do papel de parede solto, do reboco que se despedaçava, das escadas rangentes e da parca mobília desmazelada. A poeira e as teias de aranha acrescentavam um toque de medo, e a criança que voluntariamente subia a escada do sótão era considerada valente. Era um amplo espaço cheio de vigas, iluminado apenas por pequenas janelas sujas nas arestas e cheio de velhos baús em ruínas, cadeiras e rocas que anos infinitos de abandono haviam coberto com teias de aranha, decorando tudo com formas monstruosas e infernais.

No entanto, o sótão não era a parte mais horrível da casa. Era o porão

úmido que, de alguma forma, causava-nos extrema repulsa, apesar de ficar inteiramente acima do solo, no lado que dava para a rua, com apenas uma fina porta e uma parede de tijolos cheia de janelas para separá-lo da rua movimentada. Não sabíamos se devíamos adentrá-lo, tomados pela fascinação espectral, ou evitá-lo, por amor às nossas almas e ao nosso juízo. Para começar, o mau cheiro da casa era mais intenso ali; além disso, éramos avessos aos fungos brancos que de vez em quando brotavam do chão de terra batida durante as chuvas de verão. Tais fungos, grotescamente similares à vegetação do quintal lá fora, tinham contornos verdadeiramente horrendos. Eram paródias detestáveis de cogumelos e monótroas, diferentes de tudo que já tínhamos visto. Apodreciam rapidamente e em certo estágio tornavam-se levemente fosforescentes, fazendo com que as pessoas que passassem pela rua à noite às vezes fizessem referência a fogueiras de bruxas por trás das vidraças quebradas das janelas, exalando fedor nauseante.

Jamais, nem mesmo nas mais animadas noites de Halloween, visitávamos aquele porão à noite, mas em algumas de nossas visitas diurnas era possível detectar a fosforescência, principalmente quando o dia estava escuro e úmido. Havia ainda uma coisa mais sutil, que costumávamos detectar com frequência, contudo, era uma coisa estranhíssima, no máximo sugestiva. Refiro-me a uma espécie de desenho esbranquiçado no chão sujo, um depósito vago e móvel de bolor ou mofo, que em alguns momentos acreditávamos ver no meio dos fungos esparsos, perto da enorme lareira da cozinha do porão. Em outros momentos, ficávamos impressionados com a extraordinária semelhança com uma figura humana dobrada ao meio, ainda que muitas vezes nem essa forma nem o depósito esbranquiçado aparecessem. Certa tarde chuvosa, tal ilusão estava tão fenomenalmente forte e, além disso, imaginei ter avistado uma espécie de exalação rala,

amarelada e tremeluzente, subindo da estampa nitrosa em direção à boca da lareira, que narrei o fato a meu tio. Ele sorriu, mas era como se seu sorriso estivesse matizado por reminiscências. Mais tarde, soube que uma impressão semelhante fazia parte de algumas das fantasiosas lendas antigas que as pessoas contavam. Era uma impressão que também lembrava as formas fantasmagóricas e lupinas da fumaça da grande chaminé e os contornos singulares tomados por algumas das sinuosas raízes das árvores que adentravam o porão ao passar pelas pedras soltas dos alicerces.

II

Apenas quando me tornei adulto foi que meu tio me emprestou as anotações que ele havia coletado sobre a casa abandonada. O Dr. Whipple era um médico sã e conservador, e, apesar de todo seu interesse pelo lugar, não estava disposto a incentivar o interesse dos jovens pelo sobrenatural. Seu ponto de vista, que postulava simplesmente um prédio e uma localização de acentuados adjetivos insalubres, não tinha nada a ver com anormalidade; contudo, ele sabia que o viés pitoresco da situação provocaria todo tipo de horríveis associações imaginativas no espírito de uma criança, uma vez que despertava seu próprio interesse.

O médico era celibatário. Um cavalheiro de cabeça grisalha, de barba raspada, e um historiador, que sempre arrumava discussões com os polêmicos guardiões da tradição, tais como Sidney S. Rider e Thomas W. Bicknell. Vivia com um criado em uma casa de estilo georgiano, com batente e degraus com cantoneiras de ferro, equilibrada de forma estranha na íngreme ladeira da rua North Court, ao lado do antigo tribunal em que seu avô – um primo do famoso corsário, Capitão Whipple, que incendiou a escuna armada Gaspee, de Sua Majestade, em 1772, havia votado, em 4 de maio de 1776, pela independência da colônia de Rhode Island. A seu redor,

na úmida biblioteca de pé direito baixo, de ripas brancas e cheias de musgo, da moldura da lareira esculpida e das janelas com pequenas vidraças, cobertas de hera, estavam as relíquias e as lembranças da antiga família e, entre elas, havia várias alusões de duplo sentido à casa abandonada da rua Benefit. Aquele local maldito não fica longe, pois a rua Benefit fica bem em cima do tribunal, pela encosta da ladeira em que se formou o primeiro núcleo da cidade.

Quando, por fim, minha insistência e meu amadurecimento levaram meu tio a me deixar a par da história que tanto me interessava, vi-me diante de uma crônica muito estranha. Apesar de parte dela ser tortuosa, cheia de estatísticas e maçantemente genealógica, era inteiramente permeada por um fio contínuo de horror meditativo e obstinado, de malignidade sobrenatural, que impressionou a mim ainda mais do que ao bom doutor. Acontecimentos isolados iam se encaixando de forma fantástica e detalhes aparentemente irrelevantes abriam um leque de hediondas possibilidades. Senti uma crescente, nova e ardente curiosidade, que transformava meu interesse de infância em algo débil e rudimentar. As primeiras revelações levaram a uma pesquisa exaustiva e, finalmente, à investigação assustadora que se mostrou tão catastrófica para mim e para meus amigos, pois, finalmente, meu tio insistira em participar da busca que eu havia iniciado, mas, depois de uma certa noite naquela casa, nunca mais foi lá comigo. Sinto-me só sem aquela alma gentil cujos longos anos só conheceram a honra, a virtude, o bom gosto, a benevolência e o saber. Mande erguer, em sua memória, um monumento de mármore no cemitério da igreja de São João, local que Poe tanto amava, na alameda secreta de salgueiros gigantes na colina, em que túmulos e lápides se amontoam serenamente entre a estrutura respeitável da igreja e as casas e os muros da rua Benefit.

A história da casa, que acabou por expor uma série de datas, não

revelava nada sinistro em relação à construção ou à família próspera e honrada que a construiu. Porém, desde o princípio, era aparente uma mácula de calamidade, que logo ganhou agouroento significado. A crônica que meu tio compilara com extremo cuidado começava com a construção da estrutura, em 1763, e seguia o tema com uma incomum quantidade de detalhes. A casa abandonada, ao que parece, foi habitada primeiramente por William Harris e sua esposa, Rhoby Dexter, juntamente com os filhos, Elkanah, nascido em 1755; Abigail, nascida em 1757; William Jr., nascido em 1759; e Ruth, nascida em 1761. Harris era um rico comerciante e marinheiro nas Índias Ocidentais e estava ligado à firma de Obadiah Brown e sobrinhos. Após a morte de Brown, em 1761, a nova firma de Nicholas Brown & Co o tornou capitão do brigue Prudence, de 120 toneladas, construído em Providence, o que lhe permitiu construir a casa com que sonhara desde o casamento.

O local que ele escolhera era tudo que alguém podia desejar e a casa fez jus à localização, situando-se em um local que havia sido recentemente retificado na nova e elegante rua Back, e que seguia pela ladeira sobre a superlotada parte da cidade que era chamada de Cheapside. Era o melhor que recursos moderados poderiam custear e Harris apressou-se em mudar para lá antes do nascimento do quinto filho. A criança, um menino, nasceu em dezembro; contudo, nasceu morto. Aliás, criança alguma nasceria com vida naquela casa durante um século e meio.

No mês de abril do ano seguinte, as crianças ficaram doentes e Abigail e Ruth morreram antes do final do mês. O Dr. Job Ives disse que era alguma febre infantil, mas outros afirmaram que era mais uma espécie de enfraquecimento. De qualquer modo, parecia ser algo contagioso, pois Hannah Bowen, uma criada, morreu do mesmo mal em junho. Eli Lideason, o outro criado, reclamava o tempo todo de certa fraqueza e teria retornado à

fazenda do pai em Rehoboth se não tivesse se apaixonado de forma repentina por Mehitabel Pierce, contratada para substituir Hannah. Eli morreu no ano seguinte. Na verdade, fora um ano triste, pois foi o ano da morte do próprio William Harris, debilitado pelo clima da Martinica, onde passara longos períodos na década anterior por causa da profissão.

A viúva nunca se recuperou do choque que a morte do marido causou, e o falecimento do primogênito, Elkanah, dois anos depois, marcou o golpe final em sua sanidade. Em 1768, começou a dar mostras de branda demência, passando a ficar confinada na parte superior da casa. Mercy Dexter, sua irmã mais velha, que era solteira, mudou-se para lá para poder cuidar da família. Mercy era uma mulher simples, de constituição forte e grande vitalidade, mas sua saúde foi visivelmente definhando desde que se mudou para a casa. Era extremamente devotada à pobre irmã e nutria afeto especial pelo único sobrinho que ainda vivia. William havia se transformado em um rapazinho enfermo e esquelético, diferente da criança forte que um dia fora. Naquele mesmo ano morreu a criada Mehitabel, e o outro servo, Preserved Smith, saiu sem dar explicação plausível, mas levou consigo algumas histórias absurdas e a queixa de que não gostava do cheiro da casa. Durante algum tempo, Mercy não conseguiu contratar ninguém para ajudá-la, pois as sete mortes e o caso de insanidade, em um espaço de cinco anos, apenas colocaram lenha na fogueira dos boatos que se tornavam cada vez mais bizarros com o passar dos anos. Contudo, ela finalmente conseguiu novos criados, forasteiros que não conheciam as lendas da cidade. Ann White, uma mulher rabugenta de North Kingstown, que hoje é a cidade de Exeter, e um eficiente ajudante, natural de Boston, chamado Zenas Low.

Foi Ann White quem primeiro deu forma definida à sinistra conversa fiada. Mercy devia ter pensado duas vezes antes de contratar alguém da

região de Nooseneck Hill, pois aquele lugar rústico era, e ainda é, fonte das mais desagradáveis superstições. Em 1892, uma comunidade de Exeter exumou um cadáver, queimando-lhe o coração em uma espécie de ritual, a fim de impedir supostas aparições consideradas nocivas à saúde e à paz públicas, e pode-se imaginar o tipo de pensamento dessas pessoas em 1768. Ann tinha uma língua perniciosamente ativa e, após alguns meses, Mercy a demitiu, substituindo-a por uma fiel e amável amazona de Newport, Maria Robbins.

Enquanto isso, a pobre Rhoby Harris, em sua loucura, dava voz aos sonhos e fantasias mais delirantes. Às vezes, seus gritos eram insuportáveis e, por longos períodos, ela esbravejava horrores que acabaram obrigando o filho a morar temporariamente com o primo, Peleg Harris, na travessa Presbiteriana, perto do novo prédio do colégio. A saúde do rapaz parecia melhorar após tais visitas, e se Mercy fosse tão sensata quanto bem-intencionada, ela o deixaria morar permanentemente com Peleg. A tradição hesita em dizer exatamente o que a Sra. Harris bradava em suas crises de violência; ou melhor, os relatos são tão extravagantes que se invalidam devido ao puro absurdo. Com certeza, vai parecer absurdo dizer que uma mulher que aprendera apenas francês rudimentar passasse a gritar durante horas um grosseiro e idiomático dialeto daquela língua, ou que essa mesma pessoa, que vivia sozinha e protegida, se queixasse loucamente de uma coisa que a vigiava e a mordia. Em 1772, morreu o criado Zenas e, quando a Sra. Harris soube do ocorrido, gargalhou com um prazer surpreendente, algo inteiramente fora de seu feitio. No ano seguinte, ela mesma morreu e foi sepultada ao lado do marido no Cemitério do Norte.

Quando a guerra com a Grã-Bretanha teve início, em 1775, William Harris, apesar de ter apenas dezesseis anos e possuir débil constituição, conseguiu alistar-se no Exército de Observação, sob o comando do general

Greene; e a partir daquele momento, a saúde melhorou e o prestígio aumentou. Em 1780, servindo como capitão das forças de Rhode Island, em Nova Jersey, sob o comando do coronel Angell, casou-se com Phebe Hetfield, de Elizabethtown, levando-a para Providence ao dar baixa com honras no ano seguinte.

O retorno do jovem soldado não foi um momento de total felicidade. É certo que a casa estava ainda em bom estado, e a rua fora alargada e mudara de nome, de rua Back para rua Benefit. Porém, a constituição antes robusta de Mercy Dexter havia sofrido um curioso e forte definhamento, e ela era agora uma figura curvada e patética, de voz baixa e palidez desconcertante; qualidades partilhadas na mesma medida pela única criada que ainda restava, Maria. No outono de 1782, Phebe Harris deu à luz uma filha natimorta e no dia quinze do mês de maio seguinte, Mercy Dexter despediu-se de uma vida útil, austera e virtuosa.

Por fim, convencido da natureza radicalmente insalubre de sua residência, William Harris fez o que era preciso para deixá-la e fechá-la para sempre, morando temporariamente com a esposa na recém-inaugurada Golden Ball Inn. Ele providenciou a construção de uma casa nova e melhor na rua Westminster, na parte da cidade que se desenvolvia do outro lado da Great Bridge. Foi lá que, em 1785, nasceu seu filho, Dutee; e ali a família morou até que a invasão do comércio os obrigou a atravessar novamente o rio e a transpor a ladeira, instalando-se na rua Angell, no bairro residencial mais novo de East Side, onde, em 1876, o falecido Archer Harris construiu a suntuosa e horrenda mansão, em estilo francês. Tanto William quanto Phebe sucumbiram à epidemia de febre amarela de 1797, e Dutee foi criado pelo primo Rathbone Harris, filho de Peleg.

Rathbone era um homem prático e alugou a casa da rua Benefit, a despeito da vontade de William de mantê-la vazia. Considerava obrigação

aproveitar ao máximo todas as propriedades de seu tutelado e não dava atenção a mortes e moléstias que causavam tantas mudanças de inquilinos, nem à crescente aversão que, em geral, sentia-se pela casa. É bem provável que tenha apenas se sentido contrariado quando, em 1804, o conselho municipal determinou-lhe que fumigasse a casa com enxofre, alcatrão e cânfora, devido às controversas mortes de quatro pessoas, presumivelmente causadas pela epidemia de febre amarela, que na época não era mais tão forte. Diziam que a casa tinha um cheiro febril.

O próprio Dutee pouco pensava na casa, pois, ao crescer, tornou-se corsário e serviu com distinção no Vigilant, sob o comando do Capitão Cahoon, na guerra de 1812. Voltou ileso, casou-se em 1814 e tornou-se pai na memorável noite de vinte e três de setembro de 1815, quando um vendaval fez com que as águas da baía adentrassem metade da cidade, empurrando pela rua Westminster uma grande embarcação, cujos mastros quase bateram nas janelas dos Harris, como uma afirmação simbólica de que o menino, Welcome, era filho de marinheiro.

Welcome não sobreviveu ao pai, mas viveu o bastante para morrer com glória em Fredericksburg, no ano de 1862. Nem ele nem o filho Archer viam na casa abandonada outra coisa senão uma chateação, quase impossível de alugar, talvez devido ao bolor e ao fedor doentio de velhice desmazelada. De fato, ela nunca foi alugada após uma série de mortes que culminaram em 1861 e que a inquietação da guerra acabou lançando no esquecimento. Carrington Harris, o último da linhagem masculina, a via como um centro de lendas, abandonado e pitoresco; até eu lhe contar minha experiência. Havia pensado em demoli-la e construir no local um edifício de apartamentos, porém, após meu relato, decidiu deixá-la como estava, instalar o encanamento e alugá-la. Até hoje não tem tido dificuldades para conseguir locatários. O horror fora para sempre exterminado.

III

É bem possível imaginar como os anais dos Harris me afetaram. Naquela crônica contínua, parecia-me espreitar um malefício persistente, os fatos mais antinaturais de que tive conhecimento. Tal impressão confirmou-se pela coletânea de dados menos sistemáticos, realizada pelo meu tio. Tratavam-se de lendas transcritas das conversas dos criados, recortes de jornais, cópias de atestados de óbito assinados por colegas médicos, etc. Jamais irei divulgar todo esse material, pois meu tio era um incansável colecionador de antiguidades e se interessava profundamente pela casa abandonada. No entanto, farei alusão a vários tópicos mais importantes, que chamam a atenção por serem citados por várias pessoas distintas. Por exemplo, os criados todos eram quase unânimes em sua boataria em considerarem o porão malcheiroso e cheio de fungos como o local de maior influência maléfica. Havia criadas, principalmente Ann White, que não usavam a cozinha do porão e pelo menos três histórias bem definidas citavam os estranhos contornos quase humanos ou diabólicos que as raízes ou manchas de bolor daquela área apresentavam. Essa questão interessara-me profundamente, pois eu mesmo tinha visto tal coisa em minha infância, mas acabara ficando com a impressão de que a significância de cada caso havia sido em grande parte obscurecida por acréscimos do folclore local.

Com suas superstições de Exeter, fora Ann White quem passara adiante a história mais fantástica e ao mesmo tempo mais consistente. Ela insistia que debaixo da casa devia haver um vampiro enterrado, os mortos que conservam a forma corporal, nutrindo-se do sangue ou do hálito dos vivos, cujas hediondas legiões libertam à noite seus vultos ou espíritos atormentadores. Para destruir um vampiro, já diziam os antigos, é preciso exumá-lo, queimando-lhe o coração, ou então atravessar uma estaca em tal

órgão; e a insistência obstinada de Ann para que fosse feita uma busca debaixo do porão contribuiu imensamente para sua demissão. Contudo, suas histórias eram amplamente aceitas, pois a casa estava situada em terras que no passado serviram para sepultamentos. Para mim, o interesse que essas histórias me despertavam relacionava-se mais com a maneira peculiarmente apropriada como coincidiam com algumas outras situações, por exemplo, a queixa do criado Preserved Smith, ao sair do emprego, de que alguma coisa havia “sugado sua respiração” de noite. Preserved fora contratado antes de Ann e nunca tinha ouvido falar dela; os atestados de óbito de vítimas da febre em 1804, assinados pelo Dr. Chad Hopkins, diziam que todas as quatro pessoas falecidas estavam inexplicavelmente sem sangue; e as passagens obscuras dos delírios da pobre Rhoby Harris, em que ela se queixava dos dentes afiados de uma presença semivisível, de olhos de vidro.

Por mais que eu não desse atenção a superstições sem fundamento, essas coisas provocavam em mim uma sensação única, intensificada por dois recortes de jornal, que ocorreram em datas distintas, e que diziam respeito a mortes ocorridas na casa abandonada. Um deles era o Providence Gazette and Country Journal, de doze de abril de 1815, e outro do Daily Transcript and Chronicle, de vinte e sete de outubro de 1845. Os dois descreviam determinada ocasião com riqueza de detalhes espantosamente sinistra, cuja duplicidade de fatos era extraordinária. Tudo indica que, em ambos os casos, os mortos, em 1815, uma delicada senhora de idade chamada Stanford; e em 1845, um professor de meia-idade, de nome Eleazar Durfee, ficaram horivelmente transfigurados; com olhos vidrados, e ainda haviam tentado morder a garganta do médico assistente. O mais intrigante, porém, foi o episódio final, acabando de vez com as tentativas de locação da casa, uma série de mortes por anemia, precedida por crescente demência durante a qual os pacientes, de forma astuta, atentavam contra a vida dos parentes,

causando-lhes incisões no pescoço ou nos pulsos.

Isso foi em 1860 e 1861, pouco depois de meu tio ter começado a clinicar. E, antes de partir para a guerra, ele ficara sabendo de muita coisa por colegas mais velhos. O fato realmente inexplicável era a maneira como as vítimas, pessoas sem estudo, pois a casa malcheirosa, evitada por todos, não podia mais ser alugada para pessoas de outro nível social, balbuciavam xingamentos em francês, língua que não poderiam de modo algum ter estudado. Isso remetia-me à pobre Rhoby Harris, quase um século antes, que tanto impressionou meu tio, dando início à sua coleta de informações históricas sobre a casa, depois de escutar o relato inicial em primeira mão dos doutores Chase e Whitmarsh, pouco depois de ter retornado da guerra. Na verdade, notava que meu tio havia refletido longamente sobre a questão e meu interesse alegrava-lhe. Era um interesse receptivo e compassivo, permitindo que discutíssemos assuntos que eram apenas motivo de chacota para as demais pessoas. Sua imaginação não fora tão longe quanto a minha, mas ele acreditava que o lugar era rico de potencialidades imaginativas e digno de nota como inspiração no campo do grotesco e do macabro.

Quanto a mim, eu estava disposto a encarar o assunto com a máxima seriedade e comecei imediatamente a analisar os dados existentes, anexando novos dados sempre que possível. Conversei com o senhor Archer Harris, na época proprietário da casa, muitas vezes antes de sua morte em 1916; e por ele e por sua irmã solteira Alice, ainda viva, todos os dados de família que meu tio havia coletado foram autenticamente corroborados. Todavia, quando lhes indaguei sobre a ligação que a casa poderia ter com a França ou com a língua francesa, mostraram-se tão honestamente perplexos e ignorantes quanto eu. Archer não sabia dizer nada sobre isso e tudo o que a senhorita Harris pôde dizer foi que talvez uma velha alusão por seu avô, Dutee Harris, pudesse esclarecer alguma coisa. O velho marinheiro, que

sobrevivera à morte do filho Welcome em batalha por dois anos, não conhecera pessoalmente a lenda, mas lembrava-se de que sua primeira ama, a velha Maria Robbins, parecia sombriamente ciente de alguma coisa que poderia ter emprestado significado pernicioso aos delírios de Rhoby Harris em francês, que ela tantas vezes escutara durante os últimos dias da infeliz mulher. Maria havia morado na casa abandonada desde 1769 até a mudança da família em 1783, e tinha visto Mercy Dexter morrer. Certa vez, insinuara ao menino Dutee sobre uma ocasião peculiar nos últimos momentos de Mercy, mas ele logo se esquecera de tudo aquilo, exceto de que tinha sido algo único. A neta, porém, tinha dificuldade até de se lembrar disso. Ela e o irmão não estavam tão interessados na casa quanto o filho de Archer, Carrington, atual proprietário, com quem conversei depois de minha experiência.

Tendo obtido da família Harris toda informação que ela podia proporcionar, voltei a atenção para os antigos registros e anais da cidade, de forma mais incisiva que meu tio. Ansiava por uma história completa do lugar, desde o início de sua ocupação, em 1636, ou mesmo antes, caso fosse possível desenterrar alguma lenda dos índios Narragansett capaz de fornecer informações. Logo no início, descobri que o terreno tinha feito parte da longa faixa concedida originariamente a John Throckmorton; era uma dentre várias faixas semelhantes que começavam na rua Town, à beira do rio, e que subiam pela ladeira até uma linha que hoje corresponde à rua Hope. Naturalmente, mais tarde, a terra de Throckmorton foi muito subdividida; e dediquei-me a estudar intensamente aquela parte que seria posteriormente atravessada pela rua Back ou rua Benefit. Os rumores diziam que ali havia sido o cemitério dos Throckmorton. Entretanto, examinando os registros mais atentamente, percebi que os túmulos tinham sido todos transferidos para o Cemitério do Norte na rua Pawtucket West.

Foi então que, subitamente, e por mero acaso, pois o documento não era parte integrante da fonte principal da investigação e poderia ter facilmente passado despercebido, deparei-me com algo que suscitou em mim o mais vivo entusiasmo, pois ajustava-se às fases mais estranhas da situação. Era um registro, em 1697, de um trato de terra a um tal de Etienne Roulet e sua esposa. Finalmente havia encontrado o elemento francês. Havia também um outro profundo elemento de horror que me remetia aos recessos mais sombrios de minhas leituras fantásticas e heterogêneas. Sendo assim, passei a estudar febrilmente a planta da área antes do corte e do alinhamento parcial da rua Back entre 1747 e 1758. Descobri algo que, de certa forma, já esperava: a família Roulet havia feito seu cemitério no local em que a casa abandonada ficava, por trás de um chalé com sótão. Não existia qualquer registro da transferência dos túmulos daquele lugar. O documento, na verdade, terminava de forma confusa, obrigando-me a procurar tanto na Sociedade Histórica de Rhode Island quanto na Biblioteca Shepley, antes de conseguir encontrar uma porta que o nome Etienne Roulet pudesse abrir. Acabei descobrindo o seguinte: algo de significado vago e monstruoso, que me levou imediatamente a examinar o porão da casa abandonada com redobrada e excitada minúcia.

Tudo indica que a família Roulet tinha chegado em 1696 de East Greenwich, na margem ocidental da baía de Narragansett. Eram higuenotes de Caude e haviam encontrado muita oposição antes que os conselheiros municipais os autorizassem a se estabelecer na cidade. A impopularidade os perseguira em East Greenwich, para onde tinham ido em 1686, após a revogação do Edito de Nantes, e dizia-se que a causa da antipatia ia além de meros preconceitos racionais e nacionais ou dos litígios de terras que causavam enfrentamento entre outros franceses e ingleses, em rivalidades que nem mesmo o governador Andros tinha condições de solucionar.

Contudo, o fervoroso protestantismo – fervoroso até demais, era o que diziam –, e a evidente aflição por terem sido praticamente expulsos da vila, tornaram um refúgio mais propício. O robusto Etienne Roulet, que preferia leitura de livros estranhos e confecção de estranhos diagramas a dedicar-se à agricultura, foi trabalhar como escriturário no armazém do cais de Pardon Tillinghast, no extremo sul da rua Town. Todavia, parece ter havido um desentendimento anos mais tarde, talvez quarenta anos depois, após a morte do velho Roulet, e ninguém teve mais notícias da família depois disso.

Tudo indicava que, durante mais de um século, a família Roulet tinha sido bastante lembrada e falava-se deles com frequência, relembrando os vívidos incidentes na vida pacata de um porto da Nova Inglaterra. O filho de Etienne, Paul, era a principal fonte de especulações, pois era um rapaz arrogante e de comportamento imprevisível, e provavelmente provocara a briga que pusera fim à família. E, muito embora Providence jamais houvesse compartilhado do pavor que seus vizinhos puritanos tinham da feitiçaria, comentava-se abertamente que as orações de Paul não eram pronunciadas nos momentos adequados, nem se dirigiam ao objeto apropriado. Era inegável que tal situação era a base da lenda conhecida pela velha Maria Robbins. A relação que ela teria com os delírios em francês de Rhoby Harris e de outros moradores da casa abandonada só poderia ser determinada pela imaginação ou por descobertas futuras. Eu perguntava a mim mesmo quantas, dentre as muitas pessoas que tomaram conhecimento das lendas, tinham consciência daquele elo adicional com o sobrenatural que só vim a saber após expandir minhas leituras; o fato sinistro, constante dos anais do horror mórbido, referente à criatura Jacques Roulet, de Caude, condenado à morte em 1598 por satanismo, sendo posteriormente salvo da fogueira pelo parlamento de Paris e confinado em um hospício. Havia sido encontrado em uma floresta, coberto de sangue e tiras de carne, pouco

depois da morte e da mutilação de um menino por lobos. Um dos animais parecia ter fugido ileso. Certamente, era uma história interessante para ser contada ao pé da lareira, e tinha o significado sugestivo em relação ao protagonista e ao local. No entanto, concluí que, em geral, os habitantes de Providence não a conheciam, pois, se soubessem dela, a coincidência de nomes teria instigado uma ação drástica e assustada. Na verdade, creio que qualquer boataria relacionada a ela tivesse precipitado a briga final que fez com que a família Roulet desaparecesse da cidade.

Passei a visitar o lugar macabro com mais frequência; analisava a vegetação mirrada do jardim, examinava todas as paredes do prédio e me detinha em cada palmo do chão de terra do porão. Por fim, com a permissão de Carrington Harris, mandei fazer uma chave para a porta do porão que dava diretamente para a rua Benefit, a fim de ter acesso mais imediato ao mundo exterior em vez de utilizar as escadas escuras, a sala no térreo e a porta da frente. Ali, onde a morbidez ocultava-se de forma mais densa, eu procurava e investigava nas longas tardes em que a luz do sol penetrava pela porta cheia de teias de aranha, acima do nível da rua, deixando-me apenas um pouco distante da tranquila calçada da rua. Meus esforços não trouxeram fato novo algum, somente o mesmo bolor deprimente e as impressões de odores fétidos e de contornos nitrosos no chão, e imagino que as pessoas que passavam pela rua devem ter olhado com curiosidade pelas vidraças quebradas.

Finalmente, atendendo a uma sugestão do meu tio, resolvi visitar o lugar de noite; e em uma meia-noite tempestuosa deslizei o feixe da lanterna elétrica pelo chão coberto de mofo, com suas formas bizarras e seus fungos distorcidos, semifosforescentes. O lugar havia me deixado curiosamente deprimido e naquela noite eu me sentia quase preparado quando vi, ou julguei ver, em meio aos depósitos esbranquiçados, a definição

particularmente nítida do “vulto dobrado ao meio” do qual eu suspeitara na infância. A clareza era espantosa e sem igual, e enquanto eu olhava, julgava rever a emanção fraca, amarelenta e tremeluzente que me assustara há tantos anos em uma tarde chuvosa.

A exalação passava por cima da mancha antropomórfica de bolor ao lado da lareira. Era um vapor sutil, doentio, quase luminoso que, ao pairar de forma trêmula na umidade, parecia assumir vagas e chocantes formas, ao mesmo tempo em que se desfazia gradualmente de forma nebulosa ou passava para a enorme escuridão da chaminé, deixando intenso fedor atrás de si. Era algo verdadeiramente macabro, principalmente por causa de tudo o que eu já sabia sobre o lugar. Recusando-me a fugir, eu via aquilo esvanecer-se, e enquanto observava, sentia que aquela coisa também me observava com cobiça, com olhos que mais pareciam imagináveis do que visíveis. Quando comentei sobre isso com meu tio, ele se interessou vivamente e, depois de uma hora tensa de reflexão, chegou a uma decisão definida e drástica. Ponderando sobre a importância da questão e o significado de nossa relação com ela, insistiu para que nós dois experimentássemos, e, se possível, destruíssemos, o horror da casa durante uma ou várias noites de vigília incisiva naquele porão bolorento e dominado por fungos.

IV

Era uma quarta-feira, vinte e cinco de junho de 1919, e após devidamente notificarmos Carrington Harris, mas sem mencionar o que, de fato, esperávamos encontrar, meu tio e eu levamos duas cadeiras de armar e uma cama dobrável de acampamento para a casa abandonada, juntamente com alguns mecanismos científicos de maior peso e complexidade. Colocamos essas coisas no porão durante o dia, vedando as janelas com

papel e planejando voltar à noite para a primeira vigília.

Trancamos a porta entre o porão e o andar térreo; e como possuíamos uma chave da porta externa, podíamos deixar ali o caro e delicado equipamento, comprado em segredo e a elevado preço, pelos dias que se fizessem necessários. Era nossa intenção ficarmos de tocaia, juntos, até altas horas, vigiando até de madrugada, um de cada vez, em turnos de duas horas. Enquanto um de nós estivesse de alerta, o outro repousaria na cama dobrável.

O espírito de liderança natural com que meu tio obteve o equipamento, nos laboratórios da Universidade de Brown e no armeiro da rua Cranston, e com o qual instintivamente assumiu a direção da nossa empreitada, maravilhosamente confirmavam a vitalidade e a resistência potenciais daquele homem de 81 anos. Elihu Whipple vivera de acordo com as leis de higiene próprias de um médico, e não fosse o que aconteceu mais tarde naquela noite, ele ainda hoje estaria aqui, em pleno vigor. Só duas pessoas sabem o que aconteceu: Carrington Harris e eu. Tive de contar a Harris, pois era o proprietário da casa e merecia saber o que havia ocorrido ali. Havíamos avisado Harris com antecedência sobre nossa investigação; e depois do desaparecimento do meu tio, achei que ele me compreenderia e me ajudaria em algumas explicações públicas, de necessidade vital. Carrington ficou muito pálido, mas concordou em ajudar-me, decidindo que, daquele momento em diante, seria possível alugar a casa com segurança.

Seria um exagero grotesco e ridículo dizer que não estávamos nervosos naquela noite chuvosa da vigília. Como mencionei antes, não possuíamos uma superstição infantil, mas o estudo científico e a reflexão nos haviam ensinado que o universo conhecido de três dimensões corresponde a uma fração ínfima de todo o cosmos de substância e energia. Naquela casa, um

grande número de acontecimentos, advindos de numerosas fontes autênticas, apontava para a existência obstinada de certas forças de grande poder e excepcional malignidade, do ponto de vista humano. Declarar que verdadeiramente acreditávamos em vampiros ou lobisomens seria uma generalização leviana. Era mais adequado dizer que não estávamos dispostos a negar a possibilidade de certas modificações desconhecidas e ainda não classificadas de força vital e matéria atenuada. Tais modificações eram raras no espaço tridimensional devido à ligação mais estreita desse espaço com outras unidades espaciais, mas ocorreriam suficientemente perto da fronteira de nosso espaço, proporcionando manifestações ocasionais que, por falta de um adequado ponto de observação, pode ser que jamais consigamos entender.

Resumindo, meu tio e eu acreditávamos que uma sequência incontroversa de fatos apontava para alguma influência persistente na casa abandonada. Tal influência podia ser atribuída a um ou outro dos ímpios proprietários franceses de dois séculos passados e ainda se mantinha por lá por meio de leis desconhecidas de movimento atômico e eletrônico. O registro da história da família de Roulet parecia comprovar a anormal afinidade com círculos externos de entidade, esferas sombrias pelas quais as pessoas normais sentem apenas repulsa e terror. Dessa forma, era possível concluir que as discussões dos longínquos anos da década de 1730 tivessem despertado algumas forças cinéticas no cérebro mórbido de uma ou mais pessoas daquela família, principalmente no do sinistro Paul Roulet, que estranhamente havia sobrevivido aos corpos assassinados, continuando a agir em algum espaço multidimensional segundo as linhas originais de força determinadas por um ódio tresloucado contra a comunidade invasora?

É claro que não se tratava de uma impossibilidade física ou bioquímica à luz de uma nova ciência que inclui as teorias da relatividade e da ação intra-

atômica. Era fácil de imaginar um núcleo alienígena de substância ou energia, amorfo ou não, mantido vivo por meio de subtrações imperceptíveis ou imateriais da força vital ou dos tecidos e fluidos corporais, ou coisas ainda mais palpáveis de outros seres vivos, nos quais ele penetra, às vezes fundindo-se completamente à estrutura. Era possível ser ativamente hostil ou obedecer às cegas motivações da autopreservação. De toda forma, tal monstro seria necessariamente, e nessa mesma ordem, uma anomalia e uma intrusão. Extirpá-lo era dever primordial de todo homem amigo da vida, da saúde e da sanidade do mundo.

O que nos deixava desconcertados era o fato de não sabermos nada em relação ao aspecto da coisa. Nenhuma pessoa sã jamais a vira; poucas a haviam definitivamente sentido. Era possível que se tratasse de pura energia, uma forma etérea e fora do domínio da substância, talvez fosse parcialmente material; alguma massa desconhecida e equívoca de plasticidade, capaz de se transformar, de acordo com a própria vontade, em aproximações nebulosas dos estados sólido, líquido ou gasoso, ou até mesmo em estados instáveis de um modo tênue. A mancha antropomórfica de bolor no chão, o vapor amarelado e a curvatura das raízes de árvores de algumas lendas antigas comprovavam pelo menos uma conexão remota e remanescente com a forma humana. No entanto, quanto tal similaridade poderia ser representativa ou permanente, ninguém saberia dizer com certeza.

Havíamos criado duas armas para o confronto: um tubo de Crookes bem grande e feito sob medida, operado por poderosas baterias de armazenamento, com telas peculiares e refletores, caso a coisa provasse ser intangível e somente vulnerável a radiações vigorosamente destrutivas; e um par de lança-chamas militares, do tipo usado na Guerra Mundial, se a coisa fosse parcialmente material e suscetível à destruição mecânica, pois

assim como os supersticiosos camponeses de Exeter, também estávamos dispostos a queimar o coração da entidade, se é que havia algum coração a ser queimado. Arrumamos todo o incisivo mecanismo no porão, posicionando tudo de forma meticulosamente calculada com relação à cama dobrável e às cadeiras e também ao ponto em frente à lareira em que o bolor havia assumido formas estranhas. A propósito, a mancha sugestiva quase não era visível quando organizamos a mobília e o equipamento e voltamos à noite para a vigília. Por um momento, meio que duvidei de alguma vez tê-la visto na forma mais retratada, mas foi aí que me lembrei das lendas.

Iniciamos a vigília no porão às dez da noite do horário de verão, e à medida que o tempo ia passando, perdíamos a esperança de que algo fosse acontecer. O brilho fraco dos postes de iluminação pública, judiados pela chuva, e a leve fosforescência dos detestáveis fungos permitiram-me observar a goteira em uma das pedras da parede, apagando todo e qualquer vestígio; o chão de terra batida, molhado, fétido e manchado de mofo, com seus fungos obscenos; os restos apodrecidos do que um dia foram bancos, cadeiras e mesas, bem como outras peças também aquebrantadas do mobiliário; as tábuas pesadas e as vigas robustas do térreo; a decrepita porta de madeira que dava para os quartos, debaixo de outras partes da casa; a desmoronada escada de pedra, com o corrimão de madeira quebrado; e a grotesca e cavernosa lareira de tijolos negros, onde alguns pedaços de ferro enferrujado revelavam a presença, no passado, de ganchos, aparadores de lenha, espetos, suportes de chaleira e a porta para o caldeirão. Havia tudo aquilo e mais a austera cama dobrável e as cadeiras de camping, bem como o pesado e intrincado equipamento trazido por nós.

Deixamos a porta que dava para a rua destrancada, assim como fiz em todas as minhas outras visitas, a fim de que tivéssemos uma direta e prática rota de fuga, caso surgissem manifestações contra as quais não tivéssemos

condições de lidar. Imaginávamos que nossa contínua presença noturna invocaria qualquer entidade maligna que ali se ocultasse; e assim que tivéssemos reconhecido e observado tempo suficiente, acabaríamos com ela por meio de nossas armas. Não tínhamos ideia do tempo necessário para invocar e extinguir a coisa; todavia, sabíamos que nossa aventura estava longe de ser segura, pois não era possível mensurar a força da entidade. Mas acreditávamos que valia a pena o risco e seguimos em frente sem pensar duas vezes, conscientes de que qualquer ajuda externa apenas poderia nos expor ao ridículo e talvez até acabar com nossa empreitada. Era isso que pensávamos enquanto conversávamos noite adentro, até que o sono crescente do meu tio fez com que me lembrasse que ele deveria deitar-se para o descanso de duas horas.

Senti algo muito parecido com medo enquanto fiquei ali, sozinho, de madrugada. Sozinho, pois quem vela o sono de alguém está sozinho de fato. Talvez mais do que perceba. Meu tio ressonava pesadamente, e as profundas inspirações e expirações eram acompanhadas pela chuva lá fora e por outro som, irritante e distante, de água pingando, pois, se a casa era repulsivamente úmida mesmo em tempo seco, debaixo daquela tempestade toda transformava-se totalmente em um pântano. Observava a alvenaria solta e antiga das paredes, à luz dos fungos e dos fracos raios que penetravam da rua, pelas janelas de tela; então, quando a atmosfera nociva do lugar ia me fazer vomitar, abri a porta e olhei para os dois lados da rua, presenteando meus olhos com coisas familiares e as narinas com o ar saudável. Nada havia ocorrido que fizesse a vigília valer a pena; e eu não parava de bocejar, com a fadiga vencendo a apreensão.

O sono agitado de meu tio chamou minha atenção. Ele havia se revirado na cama várias vezes na segunda metade da primeira hora, mas agora respirava de forma incomum, emitindo de tempos em tempos um suspiro

que mais parecia um gemido abafado. Deixei nele o feixe da lanterna elétrica e vi que estava com o rosto virado de lado. Levantei-me e fui para o outro lado da cama, acendi novamente a luz para verificar se havia algum sinal de dor. O que vi enervou-me de forma surpreendente, dada a relativa trivialidade. Era certo que não passava de uma associação de uma circunstância estranha com a natureza sinistra de nossa localização e de nossa missão, pois a circunstância em si não tinha nada de assustadora ou antinatural. A expressão facial de meu tio, indubitavelmente alterada pelos sonhos estranhos induzidos pela situação, revelava considerável agitação e não era algo característico dele. Sua expressão habitual era calma, bondosa e cortês, mas, naquele momento, uma variedade de emoções parecia lutar dentro dele. Em geral, acredito que tenha sido essa variedade que mais me deixou perturbado. Enquanto ofegava e se revirava com crescente agitação e com olhos que começavam a se abrir, meu tio parecia ser mais de um homem, o que sugeria uma curiosa alienação de si mesmo.

Começou a resmungar na mesma hora, e não gostei de sua boca e de seus dentes enquanto ele falava. No começo as palavras eram indistintas, mas logo em seguida, após violento sobressalto, percebi algo que me deixou apavorado, mas então lembrei-me da educação acadêmica de meu tio e das intermináveis traduções feitas de artigos antropológicos e folclóricos da *Revue des Deux Mondes*. Pois o venerável Elihu Whipple estava resmungando em francês e as poucas expressões que eu conseguia entender relacionavam-se aos mais sinistros mitos que ele já traduzira na famosa revista parisiense.

Subitamente, a testa do homem adormecido encheu-se de suor e ele levantou-se rapidamente, meio desperto. A tagarelice em francês transformou-se em um grito em inglês e a voz rouca gritou com excitação.

— Minha respiração, minha respiração! — ele exclamou, despertando

totalmente e, recobrando a expressão facial de sempre, agarrou-me e começou a relatar um sonho cujo significado maior eu supunha estar relacionado a um tipo de pavor.

Disse que havia flutuado de uma série de imagens comuns de sonhos a uma cena cuja estranheza não era relacionada a nada do que ele algum dia lera. Era deste mundo, e ao mesmo tempo não era. Uma irreal confusão geométrica da qual se podiam ver elementos de coisas familiares com as mais raras e perturbadoras combinações. Havia uma insinuação de imagens curiosamente desordenadas, sobrepostas umas às outras; uma organização em que os dados essenciais, de tempo e de espaço, pareciam dissolvidos e misturados do modo mais ilógico. Nesse vórtice caleidoscópico de imagens fantasmagóricas havia ocasionais momentos instantâneos, se é que é possível fazer uma analogia fotográfica, de clareza ímpar e de inexplicável heterogeneidade.

Em determinado momento, meu tio acreditou estar em uma cova aberta, mal cavada, com uma multidão de rostos coléricos, emoldurados por cabelos cacheados e chapéus de três pontas, que faziam careta para ele. Depois, pensou que estivesse dentro de uma casa. Parecia ser uma casa antiga, mas os detalhes e os moradores estavam em constante mudança, e ele não tinha certeza em relação aos rostos ou ao mobiliário, e nem mesmo quanto ao próprio cômodo, já que as portas e as janelas pareciam em um estado de fluxo tão intenso quanto os objetos presumivelmente mais móveis. Era estranho, malditamente estranho, e meu tio falou timidamente, pensando que eu não fosse acreditar nele, que dentre os rostos esquisitos muitos inconfundivelmente eram semelhantes aos da família Harris. E todo o tempo havia uma sensação pessoal de sufocamento, como se alguma presença penetrante tivesse se espalhado por seu corpo, tentando dominar seus processos vitais. Estremeci ao pensar nos processos vitais, exaustos

devido aos oitenta e um anos de funcionamento contínuo, em conflito com forças desconhecidas das quais o sistema mais jovem e mais forte poderia ter medo também. Em seguida, porém, refleti que sonhos são sonhos e nada mais, e que as visões perturbadoras poderiam ser, no máximo, apenas a reação de meu tio às investigações e às expectativas que ultimamente eram tudo o que preenchia nossos espíritos.

A conversa logo ajudou a diminuir meu estranhamento. E cedi aos bocejos, concluindo ser a minha vez de dormir. Meu tio parecia agora completamente acordado e aceitou bem o período de vigília, apesar de o pesadelo o ter despertado muito antes do fim do seu tempo de repouso. Adormeci rapidamente e imediatamente os sonhos extremamente perturbadores tomaram conta do meu ser. As visões faziam com que eu sentisse uma solidão cósmica e abismal, com hostilidade vindo de todos os lados na prisão em que eu estava confinado. Parecia que eu estava amarrado e amordaçado, agoniado pelos gritos ecoantes de multidões distantes, sedentas de meu sangue. O rosto do meu tio apareceu para mim com expressões menos agradáveis do que as das horas de vigília, e recorde-me das inúteis tentativas e esforços para gritar. Não foi um sono agradável e nem por um segundo lamentei o grito reverberante que rompeu as barreiras do sonho, lançando-me a uma vigília vívida e sobressaltada, em que todos os objetos à minha frente destacavam um senso de clareza e realidade mais do que natural.

V

Estava deitado com o rosto virado para o lado oposto da cadeira de meu tio, então tudo o que vi ao acordar subitamente foi a porta da rua, a janela do lado norte e a parede, o chão e o teto que davam para o lado norte do porão. Tudo fotografado com mórbida nitidez em meu cérebro, sob uma luz

mais cintilante do que o brilho dos fungos ou a iluminação dos postes da rua. Não era uma luz extremamente forte ou até mesmo simplesmente forte. Contudo, projetava a sombra de meu corpo e da cama dobrável no chão, com uma força amarelada e penetrante que revelava coisas mais potentes que luminosidade. Percebi tudo aquilo com uma nitidez maléfica, apesar de dois outros sentidos meus estarem sendo violentamente atacados, pois em meus ouvidos ecoavam as reverberações do grito apavorante e minhas narinas se rebelavam contra o fedor que dominava o local. Minha mente, tão alerta quanto meus sentidos, identificou o momento gravemente incomum. Pulei em pé quase que imediatamente e virei-me para pegar o equipamento de destruição que deixáramos preparados para a mancha de bolor em frente à lareira. Assim que me virei, temi o que encontraria, pois o grito estava na voz de meu tio e eu sabia que teria de defender a ele e a mim mesmo contra toda e qualquer ameaça.

Entretanto, o que vi foi pior do que temia. Há horrores que extrapolam o horror, e aquele momento pertencia aos núcleos de pavor onírico que o cosmos reserva quando quer acabar com alguns infelizes. Do chão de terra, coberto de fungos, edificava-se uma vaporosa luz cadavérica, amarela e doentia, borbulhante e ondulante, atingindo altura gigantesca, de contornos vagos, semi-humanos e semimonstruosos, pelos quais era possível ver a chaminé e a lareira mais à frente. Os olhos, lupinos e zombeteiros, injetavam-se, e a cabeça, rugosa como a de inseto, dissolvia-se no alto de uma nebulosidade que espiralava de forma pútrida, sumindo pela chaminé. Digo que vi a coisa, mas o fato de ter definitivamente traçado a aproximação diabólica a uma forma não passava de um retrospecto consciente. No momento, era apenas uma nuvem fervilhante, ligeiramente fosforescente, representando uma repugnância cheia de fungos, que se envelopava e dissolvia com abominável plasticidade, o único objeto para o

qual eu direcionava toda minha atenção. O objeto era meu tio, o venerável Elihu Whipple, que com uma fisionomia enegrecida e em decomposição, olhava-me de forma maligna, balbuciando frases indistintas, e estendia as garras que pingavam água para me destruir, na fúria que aquele horror havia ocasionado.

Foi um senso de rotina que impediu que eu enlouquecesse. Havia me preparado para o momento crucial e o treino às cegas foi o que me salvou. Reconhecendo o mal borbulhante como uma substância não alcançável pela matéria ou pela química material e ignorando o lança-chamas à minha esquerda, liguei a corrente do tubo de Crookes em direção à cena de blasfêmia imortal, lançando as mais intensas radiações que a arte humana consegue produzir a partir dos espaços e dos fluidos da natureza. Houve uma névoa azulada e uma pulverização frenética, o que deixou mais opaca a fosforescência amarelada. Todavia, notei que a opacidade não passava de um contraste e que as ondas da máquina não estavam causando efeito algum.

Então, em meio ao espetáculo demoníaco, vi uma nova forma de horror que me levou aos berros, levando-me aos tropeços na direção da porta destrancada que dava para a rua tranquila, indiferente aos horrores anormais que eu havia trazido ao mundo e aos pensamentos e juízos humanos que se amontoavam em minha cabeça. Na tênue mescla baça de azul e amarelo, o vulto de meu tio havia sofrido uma liquefação nauseante, cuja essência frustra qualquer descrição, causando em seu rosto desvanecente mudanças de identidade que só a demência é capaz de conceber. Ele era um demônio e uma multidão ao mesmo tempo, uma casa mortuária e um cortejo fúnebre. Iluminado por raios instáveis que se misturavam, o rosto gelatinoso assumia uma infinidade de fisionomias; gargalhava ao afundar no chão, em um corpo que derretia como sebo, em caricata semelhança de legiões estranhas

e, ao mesmo tempo, nada estranhas.

Vi as características da família Harris, adultos e crianças, masculinos e femininos, e outras fisionomias velhas e jovens, grosseiras e refinadas, familiares e desconhecidas. Por um segundo, notei uma réplica degradada de uma miniatura da pobre Rhoby Harris que já vira no Museu da Escola de Desenho. Em outro momento, captei a imagem robusta de Mercy Dexter, que lembrava ter visto em um quadro na casa de Carrington Harris. Tudo era inigualmente assombroso. Quase no final, quando uma curiosa mistura de rostos de criados e de bebês tremeluziam perto do chão coberto por fungos, onde uma poça de graxa esverdeada ia se espalhando, parecia que os rostos estavam lutando entre si para formar contornos semelhantes aos do bondoso rosto de meu tio. Agrada-me pensar que ele mostrou que ainda existia naquele momento e tentou despedir-se de mim. Solucei um adeus em minha própria garganta seca ao cambalear na direção da porta da rua; um tímido fio de graxa seguia-me até a calçada encharcada pela chuva.

O restante é nebuloso e monstruoso. Não havia pessoa alguma na rua molhada, nem existia no mundo uma só pessoa a quem eu ousasse relatar o que tinha vivido. Saí caminhando sem rumo em direção ao sul, passando pela College Hill e pelo Ateneu, desci a rua Hopkins e atravessei a ponte para a zona comercial, em que altos prédios pareciam me proteger como as coisas materiais modernas protegem o mundo das bruxarias antigas e insalubres. Mais tarde, a aurora acinzentada surgiu a leste, delineando a ladeira arcaica e os montes veneráveis, levando-me de volta ao local em que meu trabalho terrível ainda não tinha sido concluído. Por fim, voltei caminhando, molhado, sem chapéu e atordoado na luz da manhã, passei pela horrenda porta na rua Benefit que deixara entreaberta na noite anterior e que ainda balançava criticamente à plena vista dos antigos moradores, a quem eu não ousava dirigir a palavra.

Não havia mais sinal da graxa devido à porosidade do chão cheio de bolor. Na frente da lareira não restava vestígio do vulto dobrado ao meio. Vi a cama, as cadeiras, o equipamento, o chapéu que eu tinha esquecido e o chapéu de palha amarelada de meu tio. O atordoamento imperava, e eu não conseguia distinguir sonho de realidade. Em seguida, a razão predominou e percebi que tinha testemunhado coisas mais horrendas do que as que havia sonhado. Sentei-me e fiquei pensando, até onde a sanidade me permitia, sobre exatamente o que havia acontecido ali, e em como eu poderia de fato acabar com aquele horror, se realmente tivesse sido real. Não parecia ter sido matéria, nem éter, nem qualquer coisa concebível à razão humana. Será que só podia ser uma emanção exótica, um vapor vampiresco que pairava sobre os cemitérios, como afirmavam os camponeses de Exeter? Sentia que aquilo era minha pista, e olhei novamente para o chão na frente da lareira onde o bolor e o mofo haviam delineado estranhas formas. Tomei minha decisão dez minutos depois e fui para casa, pegando meu chapéu. Lá chegando, tomei um banho, comi e encomendei pelo telefone uma picareta, uma pá, uma máscara militar contra gases e seis garrafas de ácido sulfúrico, que seriam entregues na manhã seguinte na porta do porão da casa abandonada na rua Benefit. Depois disso, tentei dormir, mas, como não consegui, fiquei lendo e compondo versos tolos, para distrair o espírito.

Às onze horas da manhã, comecei a cavar. Estava sol, o que me deixava feliz. Continuava só, pois, por mais que temesse o horror desconhecido que havia procurado, temia mais ainda contar para alguém o que havia acontecido. Mais tarde, só contei a Harris por pura necessidade e porque ele havia escutado histórias estranhas dos antigos, o que não o predispunha a acreditar em tudo aquilo. Ao remexer a terra negra e fétida na frente da lareira, com a pá deixando escorrer um viscoso pus amarelo dos fungos brancos que ela cortava, senti calafrios ao pensar no que poderia vir a

descobrir ali. Alguns segredos da terra não são bons para a humanidade, e aquele provava ser um deles.

Minha mão não parava de tremer, mas eu continuava meu trabalho, e, depois de algum tempo, entrei na enorme cova que havia acabado. Conforme o buraco, que teria mais de dois metros, ficava mais fundo, e o fedor aumentava, eu já não tinha mais dúvidas de que estava prestes a estabelecer contato com o demônio cujas emanções haviam assombrado a casa durante um século e meio. Imaginei como seria, qual seria sua forma e sua substância, que tamanho poderia ter depois de longas eras de absorção de vidas. Por fim, saí do buraco e dispersei o monte de terra; coloquei as garrafas de ácido dos dois lados da cova a fim de despejá-las rapidamente pela abertura, assim que necessário. Então, comecei a jogar terra para dois lados, trabalhando mais devagar e vestindo a máscara contra gases quando o mau cheiro aumentou. Sentia-me praticamente fora de mim devido à proximidade de alguma coisa obscura no fundo da cova.

Subitamente, a pá bateu em algo mais macio que terra. Assustei-me e tive a intenção de saltar para fora do buraco, mas eu já estava afundado até o pescoço. Recobrei a coragem e tirei mais um pouco de terra, com o auxílio da luz da lanterna. A superfície que eu havia exposto era viscosa e vítrea, parecia uma espécie de geleia congelada, podre, um tanto translúcida. Tirei mais um pouco de terra e notei que a coisa tinha forma. Havia uma rachadura no ponto em que parte da substância estava dobrada. A área exposta era imensa e cilíndrica, similar a uma enorme chaminé de fogão. Era macia e branco-azulada, dobrada ao meio, a parte maior tinha mais de meio metro de diâmetro. Continuei a tirar terra, mas saltei do buraco e me afastei daquela coisa repulsiva. Abri freneticamente as garrafas e derramei todo o conteúdo corrosivo naquela cova e sobre aquela anormalidade inimaginável cujo cotovelo eu avistara.

Jamais apaguei da memória o redemoinho de vapor amarelo-esverdeado, que cegava, e que explodiu de forma tempestuosa da cova no momento em que o ácido foi despejado e começou a jorrar. Em toda a ladeira, as pessoas ainda falam do dia amarelo, quando exalações virulentas e horrendas se ergueram das ruínas da fábrica, sendo lançadas no rio Providence. Contudo, só eu bem sei como se enganam quanto à fonte daqueles vapores. Falam também do medonho urro que surgiu ao mesmo tempo de algum encanamento de água ou de gás debaixo da terra, e eu também não ousava desmenti-los quanto a isso. Foi algo inegavelmente surpreendente e não sei como sobrevivi ao ato. Cheguei a desmaiar depois de derramar o líquido da quarta garrafa, quando as emanações começaram a penetrar em minha máscara. Ao recobrar os sentidos, constatei que a cova não mais emitia vapores.

Esvaziei os garrafões restantes e não aconteceu nada de mais, e depois de um tempo vi que era seguro fechar o buraco com terra. Já era fim do dia quando terminei o trabalho, mas o medo deixara de dominar aquele local. O lugar era menos fétido e todos os estranhos fungos haviam desaparecido, transformando-se em um tipo de pó inofensivo que cobria o chão de cinzas. Um dos mais terríveis segredos da terra havia sido enterrado para todo sempre; e, se existe mesmo um inferno, ele havia recebido enfim a alma amaldiçoada de uma coisa nociva. Enquanto eu terminava de cobrir a cova de terra bolorenta, senti a primeira de muitas lágrimas correr, e é com elas que tenho prestado sincera homenagem à memória de meu tio amado.

Na primavera seguinte, não nasceu a grama pálida no jardim da casa abandonada e nem havia ervas daninhas, e, pouco tempo depois, Carrington Harris alugou-a. Ainda é espectral, mas sua estranheza fascina-me, e uma saudade ímpar quando a casa for demolida para dar lugar a uma loja espalhafatosa ou a um vulgar edifício de apartamentos ímpar irá fundir-se

ao alívio que sinto. As velhas árvores estéreis do quintal já começaram a produzir pequenas maçãs doces, e no ano passado os pássaros fizeram ninhos nos galhos retorcidos.

FIM

INTRODUÇÃO

Quando um novo reservatório de água vai alagar quase toda a região de vales, florestas e a charneca na região rural de Arkham, lembranças dos dias estranhos voltam a assombrar os moradores da região.

A cor que caiu do céu narra o que aconteceu com uma fazenda e a família que nela habitava após a queda do meteoro. Ammi Pierce, única testemunha viva daqueles dias cinzentos e macabros, relata com riqueza de detalhes o horror vivido há quarenta e quatro anos.

H.P. Lovecraft envolve o leitor nesse mistério de terror cósmico que se revela aos poucos até o clímax hediondo e inimaginável.

A COR QUE CAIU DO CÉU

Escrito em março de 1927 e publicado em setembro de 1927

A oeste de Arkham, as colinas erguem-se virgens, e há vales profundos que jamais sentiram o corte de um machado. Há estreitas ravinas escuras em que as árvores se inclinam de forma fantástica, e onde pequenos regatos correm sem nunca terem refletido a luz do sol. Nas encostas menos acentuadas, estão antigas fazendas feitas de pedra, com chalés cobertos por musgo, soprando eternamente os segredos da Nova Inglaterra que se abrigam por entre as saliências; contudo, a maioria está desabitada agora. As ruínas das amplas chaminés, cujas laterais estão cobertas por pequenas tábuas, estão perigosamente abauladas sob os telhados baixos.

Os antigos moradores foram embora, e forasteiros não gostam de morar ali. Os franco-canadenses tentaram, assim como os italianos e os polacos mal ficaram. Não é por nada que possa ser visto ou ouvido, mas é por causa de algo que pode ser imaginado. O lugar não é bom para a imaginação e não

deixa a pessoa ter sonhos relaxantes à noite. Deve ser isso que impede a presença dos forasteiros, pois o velho Ammi Pierce nunca contou a eles nenhuma das suas lembranças sobre os dias estranhos. Ammi, que há anos não é muito certo das ideias, foi o único que não saiu de lá e que ainda comenta sobre os tais dias; e ele ousa fazê-lo porque sua casa é muito próxima dos pampas e das estradas ao redor de Arkham.

Antigamente havia uma estrada que passava pelas colinas e vales, e ia em direção à charneca queimada, mas as pessoas deixaram de usá-la e uma nova estrada foi construída, alongando suas curvas até o sul. Traços da velha estrada ainda são encontrados em meio à relva crescente, e alguns deles ainda permanecerão mesmo quando metade das depressões forem alagadas pelo novo reservatório. Quando isso acontecer, as florestas sombrias serão desmatadas e a charneca queimada irá adormecer debaixo das águas azuis, cuja superfície espelhará o céu, ondulando o sol. E os segredos dos dias estranhos irão unir-se aos das profundezas; com as tradições do velho mar e com todos os mistérios da terra primitiva.

Quando mencionei as colinas e vales, a fim de pesquisá-los para o novo reservatório, disseram-me que aquele lugar era maligno. Foi isso o que ouvi em Arkham, e como a cidade é muito velha e cheia de lendas de bruxaria, pensei que essa ideia fosse algo sussurrado nos ouvidos dos netos ao longo dos séculos pelas avós. O nome “charneca queimada” pareceu-me muito estranho e teatral, e fiquei imaginando como tal expressão poderia ter entrado para o folclore de um povo tão puritano. Mas vi com meus próprios olhos o emaranhado de vales e encostas a oeste e passei apenas a ficar imaginando o velho mistério em si. Vi o local pela manhã, mas as sombras sempre espreitavam por lá. As copas das árvores eram espessas demais, e os troncos muito grandes para qualquer floresta da Nova Inglaterra. Havia um silêncio profundo nas vielas sombrias, e o solo era um tanto pantanoso

devido ao musgo úmido e à vegetação desenfreada por anos e anos de deterioração.

Nas clareiras, principalmente na região da velha estrada, havia alguns ranchos próximos às encostas; alguns com todas as casas em pé, outros com apenas uma ou duas, e ainda havia alguns com apenas uma solitária chaminé ou um porão cheio de lixo. As ervas daninhas e as silvas reinavam, e seres silvestres furtivos rastejavam por entre a relva baixa. Sobre aquele cenário pairava uma névoa de inquietação e opressão; um toque do irreal e do grotesco, como se algum elemento vital de perspectiva ou chiaroscuro estivesse distorcido. Não estranhei o fato de os forasteiros não quererem ficar por lá, pois aquela não era uma região para se passar a noite. Era bem parecida com uma paisagem de Salvator Rosa; ou com uma xilogravura proibida de um conto de terror.

Mas, mesmo com tudo aquilo, não era tão ruim quanto a charneca queimada. Soube disso assim que notei a imensidão do vale, pois nenhum outro vocábulo poderia definir melhor aquele lugar, e nem outro lugar poderia adaptar-se tão bem a um vocábulo. Era como se o poeta tivesse cunhado a expressão logo após ter avistado aquela região em particular. Assim que vi o local, concluí que um incêndio passara por ali algum dia; porém, por que nada novo jamais crescera naqueles cinco acres de desolação cinzenta que se espalhavam pelo céu aberto como uma enorme mancha ácida corroendo as matas e campos? A maior parte estava ao norte da velha estrada, invadindo um pouco o outro lado. Senti uma estranha relutância em aproximar-me, e acabei chegando perto apenas porque meu trabalho obrigava-me a tal coisa.

Não havia vegetação alguma por toda a extensão, somente uma fina camada de poeira ou cinzas que o vento jamais ousara agitar. As árvores ao redor pareciam doentes ou definhadas, e muitos troncos mortos

permaneciam em pé ou apodreciam ali mesmo na beira. Ao passar apressadamente por lá, avistei as ruínas de uma velha chaminé e de um porão à direita, assim como a superfície de um poço abandonado, cujas quimeras estagnadas pareciam produzir estranhos efeitos à luz do sol. Até mesmo a longa ladeira sombria no meio da mata parecia mais acolhedora se comparada àquilo; e eu parei de ficar pensando sobre os sussurros assustados do povo de Arkham. Não havia casas nem ruínas por perto; mesmo antigamente aquele lugar devia ter sido solitário e distante. E ao crepúsculo, com receio de passar pelo local sinistro, preferi usar um caminho mais longo pela estrada do sul ao voltar para a cidade. Cheguei a desejar que algumas nuvens se reunissem no céu, pois um estranho temor em relação àquele vazio infinito no céu penetrava-me a alma.

À noite, perguntei aos antigos habitantes de Arkham sobre a charneca queimada e o que significava a expressão “dias estranhos” que tantos murmuravam de forma tão evasiva. Contudo, ninguém conseguia fornecer uma resposta boa, exceto o fato de que todo aquele mistério era muito mais recente do que eu jamais sonhara. Não se tratava absolutamente de uma velha lenda urbana, mas de um acontecimento na vida daqueles que contavam o ocorrido. Acontecera nos anos oitenta, e uma família havia desaparecido ou sido assassinada. As pessoas não sabiam dizer com exatidão, e como todos me aconselharam a não dar ouvidos às histórias loucas do velho Ammi Pierce, procurei-o logo na manhã seguinte. Informaram-me que ele morava sozinho no velho chalé caindo aos pedaços, bem onde as árvores começavam a ficar espessas.

Era um local assustador e exalava o odor desagradável que geralmente emana das casas velhas demais. Só consegui chamar a atenção do velho homem com persistentes batidas na porta, e quando ele se aproximou, arrastando a porta, deu para notar que não ficou feliz em me ver. Não era

tão fraco quanto eu imaginava, mas os olhos inclinavam-se de forma curiosa, e as roupas maltrapilhas e a barba grisalha deixavam-no ainda mais velho e sombrio.

Sem saber como poderia induzi-lo a contar suas histórias, fingi ter ido lá a negócios; falei sobre a minha pesquisa e fiz algumas perguntas vagas sobre a região. Ele era muito mais inteligente e educado do que fui levado a crer, e em pouco tempo já falava do assunto como qualquer outro homem com quem eu havia conversado em Arkham. Era diferente das outras pessoas que tive o desprazer de conhecer em outros locais em que reservatórios seriam construídos. Não houve protestos da parte dele sobre os quilômetros de matas e terras cultiváveis que seriam engolidos pela água, porém poderia ser pelo fato da sua propriedade não estar na extensão do futuro lago. Alívio era tudo o que ele expressava; alívio por ver o fim dos velhos vales sombrios que percorrera durante a vida. Era melhor mesmo ficarem submersos; submersos desde os dias estranhos. E assim que disse aquilo, sua voz passou a ser um sussurro rouco, e o corpo inclinou-se para frente, e o indicador direito começou a apontar de forma trêmula e impressionante.

Foi então que ouvi a história, e conforme escutava a voz desconexa e áspera, que mais parecia um sussurro, não conseguia parar de tremer, apesar de ser um dia de verão. Muitas vezes foi preciso conduzi-lo de volta ao fio da meada, procurando entender tópicos científicos que ele conhecia superficialmente, de falha memória, como se fosse um papagaio repetindo o que um dia ouviu de um professor e ainda preenchendo as lacunas nos momentos em que seus sentidos de lógica e continuidade falhavam. Quando ele terminou, não fiquei surpreso por sua mente afetada, nem pelos habitantes de Arkham não gostarem de falar da charneca queimada. Corri de volta ao hotel antes do pôr do sol, sem vontade de ver as estrelas a céu

aberto sobre mim; e, no dia seguinte, voltei para Boston para entregar meu cargo. Não tinha como voltar para aquele caos sombrio de velhas florestas e encostas, nem como encarar novamente a charneca queimada onde o poço negro escancarava-se ao lado das ruínas de tijolos e pedras. O reservatório logo será construído, e todos aqueles velhos segredos estarão seguros para sempre nas profundezas das águas. Porém, mesmo assim, não creio que gostaria de visitar aquele povoado à noite, pelo menos não quando as estrelas sinistras brilhassem, e nada me faria beber a nova água da cidade de Arkham.

De acordo com o velho Ammi, tudo começou com o meteorito. Antes disso, não havia lendas desse tipo desde o tempo do julgamento das bruxas, e mesmo naquela época os bosques do oeste não eram tão temidos como a pequena ilha de Miskatonic, onde o diabo comandava as audiências diante de um curioso altar solitário, mais velho do que os índios. Nunca houve florestas assombradas, e a névoa fantástica jamais fora terrível, até os dias estranhos. E então, ao meio-dia, surgiu a nuvem branca, a sequência de explosões no ar, e a cortina de fumaça que partia do vale e penetrava na floresta. E à noite, toda a cidade de Arkham tinha ouvido falar da grande pedra que veio do céu e caiu no solo, ao lado do poço da casa de Nahum Gardner. Era a casa que daria início à charneca queimada, a bem cuidada casa branca de Nahum Gardner com seus jardins e pomares férteis.

Nahum foi à cidade contar às pessoas sobre a pedra e passou na casa de Ammi Pierce no caminho. Naquela época, Ammi tinha quarenta anos e todos os fatos estranhos ficaram fortemente guardados em sua memória. Ele e a esposa foram com três professores da Universidade de Miskatonic, que se apressaram logo na manhã seguinte para ver o estranho visitante do desconhecido espaço sideral, e estranharam o fato de Nahum tê-lo descrito tão grande no dia anterior. Havia encolhido, Nahum disse ao apontar para o

enorme monte marrom sobre o solo rasgado e para a grama carbonizada perto do poço arcaico no jardim da frente; mas os homens sábios disseram que pedras não encolhem. O calor permanecia persistentemente, e Nahum afirmou que havia brilhado levemente durante a noite. Os professores usaram um martelo de geólogo e sentiram a pedra macia demais. Na verdade, era tão mole que até parecia feita de plástico, ficava mais fácil arrancar pedaços do que lascas, e eles levaram uma amostra de volta à faculdade para testes. Colocaram-na em um velho balde emprestado da cozinha de Nahum, pois o pequeno pedaço recusava-se a esfriar. No caminho de volta, pararam na casa de Ammi para descansar e ficaram pensativos quando a Sra. Pierce disse que o fragmento estava diminuindo e queimando o fundo do balde. De fato, não era grande, mas talvez tivessem arrancado um pedaço menor do que pensaram.

No dia seguinte – tudo aquilo acontecera em junho de 1982 –, os professores voltaram muito agitados. Quando passaram pela casa de Ammi, contaram a ele as coisas estranhas que o espécime fizera, e como ele havia desaparecido ao ser colocado em um tubo de ensaio de vidro. O tubo de ensaio também desaparecera, e os homens sábios falaram da estranha afinidade entre a pedra e o silício. Havia agido de forma bem inacreditável naquele laboratório organizado, não fazendo nada, nem eliminando gases após ser aquecida no carvão, ficando totalmente negativa na pérola de bórax e provando não demonstrar volatilidade alguma em qualquer temperatura, incluindo o maçarico do oxi-hidrogênio. Mostrou-se altamente maleável na bigorna, e a luminosidade acentuou-se no escuro. Recusando-se incisivamente a esfriar, logo deixou toda a universidade agitada; ao ser aquecida no espectroscópio, exibiu feixes brilhantes, diferentes de todas as cores do espectro normal. Falavam com euforia sobre os novos elementos, as bizarras propriedades óticas e outras coisas que intrigavam os cientistas

que não estavam acostumados a dizer que depararam-se com o desconhecido.

Ainda quente, testaram a amostra em um cadinho com todos os reagentes possíveis. Não reagiu à água. O mesmo aconteceu com o ácido hidrocloreídrico. O ácido nítrico e até mesmo a água-régia mal chiaram e espirraram contra a tórrida invulnerabilidade. Ammi teve dificuldade em relembrar todas aquelas coisas, mas reconheceu alguns solventes conforme os mencionei na ordem geral de uso. Eram amônia cáustica e soda cáustica, álcool e éter, o nauseante dissulfeto de carbono, dentre outros. Contudo, embora o peso ficasse cada vez menor conforme o tempo ia passando, e o fragmento parecesse ir esfriando ligeiramente, não havia mudança nos solventes a ponto de mostrar que a substância tivesse penetrado de alguma forma. Não havia dúvida de que era um metal. Com certeza era magnético, e depois, na imersão em ácidos solventes, parecia haver traços sutis dos padrões de Widmanstätten, encontrados em ferro meteórico. Quando o esfriamento se mostrou considerável, o teste foi conduzido em vidro; e foi em um tubo de ensaio de vidro que deixaram todos os fragmentos da amostra original obtida durante o trabalho. Na manhã seguinte, todos os dois fragmentos e o tubo de ensaio haviam desaparecido, sem deixar vestígios, ficando apenas uma mancha carbonizada que marcava o local na prateleira de madeira em que o recipiente e as pedras estavam antes.

Isso tudo os professores contaram a Ammi quando pararam em sua porta, e mais uma vez ele foi com eles para ver o mensageiro de pedra vindo das estrelas. Dessa vez, a esposa não o acompanhou. Com certeza havia encolhido muito agora, e mesmo os sóbrios professores não duvidavam do que viam. Tudo ao redor do minguate monte marrom perto do poço era um espaço vazio, exceto no local em que a terra cedera, e onde antes havia uns bons dois metros e meio, agora não passava de um metro e

meio. Ainda estava quente, e os sábios examinaram a superfície curiosamente ao arrancar mais um pedaço grande com um martelo e um formão. Penetraram de forma mais profunda dessa vez, e ao retirarem uma pequena massa, viram que o centro do objeto não era muito homogêneo.

Tiraram a cobertura do que parecia ser a lateral de um enorme glóbulo colorido embutido na substância. A cor, que se assemelhava aos feixes no estranho espectro do meteoro, era quase impossível de ser descrita; e foi apenas por analogia que eles a chamaram de cor. A textura era lustrosa e, mediante batidas, parecia mostrar-se frágil e oca. Um dos professores deu uma boa batida com um martelo, e a amostra explodiu com um pequeno estalo nervoso. Nada foi emitido, e o espécime desapareceu sem deixar vestígios após a perfuração. Deixou para trás um oco espaço esférico, de aproximadamente três polegadas de diâmetro, e todos acharam provável que outros glóbulos seriam descobertos conforme a substância que os encapsulava fosse desaparecendo.

Qualquer conjectura seria em vão; então, após uma tentativa fútil de encontrar glóbulos adicionais tentando abrir a amostra, os acadêmicos partiram novamente com o novo espécime, que provou ser tão instável quanto seu antecessor. Além do fato de quase parecer plástico, apresentar calor, magnetismo e uma leve luminosidade, esfriar suavemente diante de ácidos poderosos, possuir um espectro desconhecido, desaparecer no meio do ar e atacar compostos de silício resultando em destruição mútua, o espécime não apresentava qualquer característica que o identificasse, e, no final dos testes, os cientistas da universidade foram forçados a admitir que não poderiam classificá-lo. Não era nada pertencente a esse planeta, tratava-se de algo vindo de outro lugar; portanto, dotado de propriedades distintas, obedientes às leis do local de origem.

Houve uma tempestade naquela noite, e quando os professores

chegaram à casa de Nahum no dia seguinte, sentiram uma amarga decepção. A pedra, que era magnética, devia ter alguma propriedade elétrica peculiar, pois havia “atraído o relâmpago”, como Nahum explicou, com uma persistência singular. Seis vezes, no período de uma hora, o fazendeiro viu os raios atingirem os sulcos da plantação no jardim da frente, e quando a tempestade acabou, não sobrou nada além de um poço em ruínas, parcialmente soterrado. As escavações não deram em nada, e os cientistas foram testemunhas do desaparecimento por completo. Foi um fracasso total. Não havia mais nada a ser feito além de voltar ao laboratório mais uma vez para testar o fragmento em processo de desaparecimento que foi cuidadosamente deixado envolto em chumbo. O fragmento durou uma semana, e no final dessa semana não foi possível obter nada significativo. Não deixou resíduo algum ao desaparecer, e, com o passar do tempo, os professores já não tinham tanta certeza de ter visto com os próprios olhos o vestígio oculto vindo do insondável abismo do espaço; a estranha mensagem solitária de outros universos e de outros reinos de matéria, força e entidade.

Como era de se esperar, os jornais de Arkham exploraram ao máximo o incidente e o patrocínio da universidade, e enviaram repórteres para conversar com Nahum Gardner e sua família. Ao menos um periódico de Boston enviou um correspondente, e Nahum rapidamente tornou-se uma espécie de celebridade local. Era um homem magro, genial, de cinquenta e poucos anos, que vivia com a esposa e os três filhos em uma agradável propriedade rural no vale. Ele e Ammi visitavam-se frequentemente, assim como as esposas; e Ammi era só elogios para ele em todos aqueles anos. Parecia ligeiramente orgulhoso com a notoriedade que sua casa havia atraído, e falava o tempo todo do meteorito nas semanas que se sucederam. Os meses de julho e agosto daquele ano foram quentes; e Nahum trabalhou

duro cobrindo de feno o pasto e os dez acres que ficavam de frente para o Córrego Chapman; a carroça barulhenta abria sulcos profundos por entre as veredas sombrias. O trabalho o exauriu mais do que nos anos anteriores, e ele sentiu que a idade começava a pesar.

Logo depois, chegou a hora da safra. As peras e as maçãs amadureceram vagarosamente, e Nahum jurava que seus pomares estavam mais prósperos que nunca. Os frutos atingiam tamanho fenomenal e apresentavam um brilho inusitado, e eram tão abundantes que foi preciso encomendar barris extras para dar conta da futura colheita. Mas o amadurecimento trouxe decepção, pois todos os belos frutos de aparência succulenta eram impossíveis de ser ingeridos. Por entre o delicado sabor das peras e maçãs penetrava um amargor furtivo de insalubridade que até mesmo a menor mordida levava a um desgosto duradouro. O mesmo acontecia com os melões e os tomates, e com pesar Nahum viu a colheita toda ser perdida. Rápido ao ligar os eventos, declarou que o meteorito havia envenenado o solo e agradeceu aos céus pela maior parte de sua plantação estar mais acima, mais perto da estrada.

O inverno veio mais cedo e foi muito rigoroso. Ammi viu Nahum com menos frequência que de costume e observou que ele começava a ficar preocupado. A família dele também estava cada vez mais taciturna; e eles começaram a deixar de aparecer na igreja e nos demais eventos sociais da região. Não havia causa para tal isolamento e melancolia, se bem que todos da família, vez ou outra, reclamavam da saúde e de uma vaga sensação de inquietude. O próprio Nahum foi bem assertivo ao dizer que até mesmo certas pegadas na neve tiravam-lhe o sossego. Era comum no inverno haver pegadas de esquilos vermelhos, coelhos brancos e raposas, mas o agricultor pensativo afirmava haver algo incomum quanto à natureza e harmonia. Ele não entrava em detalhes, mas dava a entender que não tinham as

características anatômicas e os hábitos dos esquilos, coelhos e raposas costumeiros. Ammi ouvia sem demonstrar interesse pela conversa, até a noite em que passou pela casa de Nahum de trenó, voltando de Clark's Corner. A lua estava no céu, e um coelho atravessou a estrada correndo, mas os saltos do animal eram longos demais para o gosto de Ammi e seu cavalo. Na verdade, o cavalo teria saído em disparada se não fosse controlado com rédea firme. Depois disso, Ammi passou a respeitar mais as histórias de Nahum, e perguntava-se por que os cachorros de Gardner pareciam trêmulos e acovardados toda manhã. Diziam que haviam até perdido a vontade de latir.

Em fevereiro, os jovens da família McGregor, de Meadow Hill, foram caçar marmotas e, não muito longe da casa de Gardner, abateram um espécime muito peculiar. As proporções do corpo pareciam levemente alteradas de uma forma estranha, difícil de descrever, e a face apresentava uma expressão nunca vista antes em uma marmota. Os rapazes ficaram verdadeiramente assustados e livraram-se do animal de uma vez por todas. Sendo assim, as pessoas da redondeza só ficaram sabendo do ocorrido por meio dos relatos grotescos. Mas o medo dos cavalos perto da casa de Nahum era fato inegável, e assim deu-se início rapidamente à base de um ciclo de lendas sussurradas.

As pessoas juravam que a neve derretia mais rapidamente perto da casa de Nahum do que em qualquer outra casa, e, no começo de março, houve uma discussão aterrorizante na loja de Potter em Clark's Corner. Stephen Rice tinha passado de carro na frente da casa de Gardner de manhã e percebeu pés de arácea surgindo na lama, na mata, do outro lado da estrada. Nunca se vira antes hortaliças de tal tamanho, e as estranhas cores que possuíam não podiam ser nomeadas. As formas eram monstruosas, e o cavalo relinchou diante do odor totalmente sem precedentes que atingiu

Stephen. Naquela tarde, várias pessoas passaram pela plantação anormal e todos concordaram que plantas daquele tipo jamais deveriam brotar em um mundo saudável. Os frutos ruins do outono anterior foram mencionados livremente e a notícia de que as terras de Nahum estavam envenenadas foi espalhando-se de boca em boca. Só podia ser o meteorito; e lembrando-se de como os acadêmicos acharam a pedra estranha, vários fazendeiros foram discutir o assunto com eles.

Certo dia, fizeram uma visita a Nahum, mas foram muito conservadores em suas inferências, pois não eram fãs de contos fantásticos e de folclore. As plantas eram certamente estranhas, mas aráceas são, de fato, um tanto exóticas em suas formas e matizes. Talvez algum elemento mineral da pedra tivesse penetrado no solo, mas logo iria embora com a chuva. E quanto às pegadas e aos cavalos assustados, claro que aquilo era mero boato local, típico do que se suscita quando um fenômeno como o aerólito acontece. Não havia nada que homens sérios pudessem fazer em casos de futricas absurdas, pois supersticiosos dizem e acreditam em tudo. E assim, durante todos aqueles dias estranhos, os estudiosos mantiveram-se afastados, desdenhosos. Apenas um deles, ao receber duas amostras de poeira para análise em um caso policial, um ano e meio mais tarde, lembrou-se de que a cor estranha da arácea era muito parecida com um dos feixes de luz anômalos exibidos pelo fragmento de meteoro no espectroscópio da universidade e com a cor do frágil glóbulo encontrado encapsulado na pedra do abismo. A princípio, as amostras em análise apresentam os mesmos feixes estranhos, mais tarde perdendo a propriedade.

As árvores floresceram prematuramente perto da casa de Nahum, e à noite inclinavam-se de forma sinistra com o vento. O filho do meio de Nahum, Thaddeus, um rapaz de quinze anos, jurou que elas também se inclinavam quando não havia vento; mas mesmo os fofoqueiros não

acreditavam naquilo. Contudo, era certeza que havia uma inquietação no ar. A família Gardner inteira desenvolveu o hábito de ouvir furtivamente, mas não em relação a sons que fossem capazes de nomear conscientemente. Na verdade, a escuta era mais um produto dos momentos em que a consciência parecia ter quase falhado. Infelizmente, tais momentos eram a cada semana mais frequentes, até virar senso comum a ideia de que havia “algo errado com a família de Nahum.” Quando a saxífraga floresceu prematuramente, a cor também era estranha, nem tanto quanto a da arácea, mas muito semelhante e igualmente desconhecida por todos que a viam. Nahum levou alguns botões para Arkham e os mostrou ao editor da Gazeta, mas tudo que o dignitário fez foi escrever um artigo zombeteiro sobre ele, no qual os medos sombrios dos nativos eram educadamente ridicularizados. Nahum errou ao contar a um impassível homem da cidade sobre a forma como as enormes borboletas sombrias comportavam-se em relação às saxífragas.

Abril chegou trazendo uma espécie de loucura aos habitantes dos locais, que começaram a evitar a estrada perto da casa de Nahum, levando-a ao abandono total. O problema era a vegetação. Todas as árvores frutíferas floresceram com estranhas cores, e no solo pedregoso do jardim e do pasto adjacente havia mudas bizarras que apenas um botânico poderia ligar à flora adequada da região. Não se avistavam cores sãs, exceto pela relva e folhagem verdes, mas por toda parte estavam as variantes febris e prismáticas de alguma tonalidade primária doentia que não encontrava lugar entre as cores conhecidas da terra. As dicentras transformaram-se em ameaças sinistras, e as sanguinárias cresciam em insolente perversão cromática. Ammi e a família Gardner acharam que a maioria das cores tinha uma certa familiaridade que assombrava e concluíram que os fazia lembrar do frágil glóbulo no meteoro. Nahum arou e semeou os dez acres de pasto e a terra na parte de cima, mas nem mexeu no solo ao redor da casa. Sabia

que não adiantaria nada, e tinha esperança de que o estranho cultivo do verão arrancasse todo o veneno do solo. Estava preparado para qualquer coisa e havia se acostumado à sensação de haver algo perto dele esperando para ser ouvido. O isolamento da casa pelos vizinhos o chateou, claro; mas chateou ainda mais sua esposa. Os garotos não sentiam tanto, pois iam à escola todos os dias, contudo, não tinham como evitar o medo da fofoca. Thaddeus, que era um jovem especialmente sensível, sofria mais que os outros.

Em maio vieram os insetos, e a casa de Nahum tornou-se um pesadelo de zumbidos e rastejamentos. A maioria das criaturas não apresentava aspectos e movimentos típicos, e os hábitos noturnos contradiziam todas as experiências anteriores. Todos da família Gardner passaram a vigiar de noite, olhavam para todas as direções aleatoriamente, como que à procura de algo que não conseguiam identificar. E então perceberam que Thaddeus estava certo o tempo todo sobre as árvores. A sra. Gardner foi a segunda pessoa da casa a notar, pois observava pela janela os galhos dilatados do bordo sob a luz do luar. Os galhos agitaram-se com certeza, e não havia vento algum. Deveria ser a seiva. Uma atmosfera estranha havia penetrado em toda a vegetação. No entanto, não foi nenhum membro da família de Nahum que fez a próxima descoberta. A familiaridade os entorpecera e o que não conseguiram ver foi percebido por um tímido vendedor de moinhos de Bolton que passava com seu carro por lá à noite por não ter conhecimento das lendas do local. O que ele contou em Arkham recebeu um pequeno parágrafo na Gazeta; e foi assim que todos os fazendeiros, incluindo Nahum, ficaram sabendo do fato.

A noite estava escura e a luz do lampião era fraca, mas ao redor de uma fazenda do vale, a escuridão era menos densa, e todo mundo que ouvira a história sabia que se tratava da fazenda de Nahum. Uma luminosidade sutil,

embora distinta, parecia fluir de toda a vegetação, da grama, das folhas e flores, e, em dado momento, um fragmento da fosforescência parecia movimentar-se de maneira furtiva na área próxima ao celeiro.

Até o momento, a grama não parecia ter sido afetada, e as vacas pastavam livremente no campo perto da casa, mas no final de maio, o leite começou a ficar ruim. Nahum levou as vacas para as terras mais altas e depois disso o problema foi resolvido. Pouco tempo depois, a mudança na grama e nas folhas ficou bem aparente. Toda a área verde estava se transformando em cinza e começava a desenvolver uma característica altamente peculiar de fragilidade. Ammi passou a ser a única pessoa que visitava o local, e suas visitas foram ficando cada vez menos frequentes. Quando o ano letivo terminou, a família Gardner cortou literalmente o contato com o mundo, e às vezes era Ammi quem resolvia as coisas para eles na cidade. Curiosamente, pareciam estar se degenerando tanto física quanto mentalmente, e ninguém se surpreendeu quando a notícia de que a sra. Gardner havia enlouquecido se espalhou.

Acontecera em junho, cerca de um ano depois da queda do meteoro, e a pobre mulher gritava sobre ver coisas no ar que não conseguia descrever. Em seus delírios não havia nenhum substantivo específico, apenas verbos e pronomes. As coisas moviam-se, mudavam e voavam, e os ouvidos vibravam diante de impulsos que não eram inteiramente sons. Algo estava sendo tirado dela, estava sendo extraído dela, e algo, que não deveria estar ali, prendia-se a ela, nada se aquietava durante a noite, até paredes e janelas deslocavam-se. Nahum não a mandou para o manicômio da cidade, deixando-a perambular pela casa desde que ela não se ferisse e nem ferisse aos demais. Mesmo quando a expressão dela ficou diferente, ele nada fez. Mas quando os meninos ficaram com medo dela, e Thaddeus quase desmaiou por causa das caretas que ela fazia para ele, Nahum decidiu

prendê-la no sótão. No começo de julho, ela já havia parado de falar e engatinhava pelo cômodo, e antes de o mês acabar, Nahum teve a estranha impressão de que ela estava ligeiramente luminosa no escuro, e então finalmente viu que toda a vegetação ao redor da casa ficava da mesma forma.

Um pouco antes disso, os cavalos partiram em debandada. Algo os incitou no meio da noite, e os relinchos e coices nas cocheiras foram terríveis. Nada parecia acalmá-los, e quando Nahum abriu a porta do estábulo, todos eles saíram em disparada como cervos assustados. Levou uma semana para rastrear os quatro, e quando foram encontrados, pareciam inúteis e indóceis. Algo lhes afetara o cérebro, e todos tiveram que ser sacrificados. Nahum pegou um cavalo emprestado de Ammi para produzir o feno, mas ele não se aproximava do celeiro. Recuava, empacava, relinchava e, por fim, tudo o que conseguiu foi conduzi-lo ao campo enquanto os homens faziam toda a força para manter a carroça próxima ao palheiro, e assim carregá-la. Durante todo o tempo a vegetação ficava cada vez mais cinza e mais frágil. Até mesmo as flores, cujas matizes eram tão estranhas antes, agora tornavam-se cinzentas, e as frutas vinham cinzentas, menores e sem sabor. Os ásteres e as varas-de-ouro floresciam em tom cinza e distorcido, e as rosas, as zínias e as malvas-rosas do jardim da frente tinham uma aparência tão ímpia que o filho mais velho de Nahum, Zenas, as arrancou. Foi nessa época que os insetos estranhamente grandes morreram, até mesmo as abelhas deixaram suas colmeias e foram em direção à mata.

Em setembro toda a vegetação foi se transformando em um pó acinzentado, e Nahum temia que as árvores fossem morrer antes que o efeito do veneno no solo passasse. A esposa passou a ter episódios de terrível gritaria, e ele e os garotos estavam em estado constante de tensão nervosa. Distanciaram-se de todas as pessoas, e os garotos não voltaram

para a escola no início do ano letivo. Mas foi Ammi, em uma de suas raras visitas, quem percebeu que a água do poço estava estragada também. Tinha um gosto diabólico, que não era exatamente fétido e nem exatamente salgado, e Ammi aconselhou o amigo a cavar outro poço em solo mais alto para usar enquanto aquela terra estivesse infértil. Mas Nahum ignorou o aviso, pois àquela altura já estava acostumado a coisas estranhas e desagradáveis. Ele e os garotos continuaram a usar o suprimento contaminado, bebendo-o mecânica e indiferentemente, assim como ingeriam as refeições escassas e malcozidas, faziam suas tarefas monótonas e ingratas no decorrer dos dias sem propósito. Havia em todos eles uma espécie de resignação impassível, como se caminhassem em um outro mundo, por entre as filas de guardas desconhecidos em direção a um fim inevitável e familiar.

Thaddeus enlouqueceu em setembro, depois de uma ida ao poço. Foi com um balde nas mãos e voltou sem nada, berrando e agitando os braços, e às vezes ecoando risos ineptos, sussurrava, falando sobre “as cores que se movimentavam lá embaixo.” Dois insanos na mesma família era algo bem ruim, mas Nahum foi muito corajoso. Deixou o garoto correr livre por uma semana, até que ele começou a tropeçar e se machucar, e então o trancou em um quarto no sótão de frente para o da mãe dele. A forma como gritavam um com o outro por detrás das portas era horrível, especialmente para o pequeno Merwin, que achava que eles estavam conversando em alguma língua terrível que não era desse planeta. Merwin estava ficando espantosamente imaginativo, e sua inquietação aumentou depois do confinamento do irmão, que era seu parceiro de brincadeiras.

Foi quase na mesma época que se iniciou a mortalidade do gado. As aves tornaram-se cinzentas e morreram rapidamente, a carne ficou seca e fétida ao corte. Os porcos engordaram de forma descomunal e

repentinamente começaram a sofrer alterações detestáveis, que ninguém conseguia explicar. É óbvio que a carne era intragável, e Nahum sentia as forças se esvaírem. Nenhum veterinário rural ousava aproximar-se do local, e o veterinário da cidade de Arkham obviamente não sabia o que fazer. Os suínos começaram a ficar cinzentos e frágeis, caindo aos pedaços antes mesmo de morrer, e os olhos e bocas desenvolveram estranhas alterações. Era totalmente inexplicável, pois nunca foram alimentados com a vegetação contaminada. E foi então que algo atingiu as vacas. Algumas áreas, ou às vezes até o corpo todo, ficavam estranhamente enrugadas ou comprimidas, e era comum haver colapsos atrozes ou desintegrações. Nos últimos estágios, sempre antecedendo a morte, elas iam ficando acinzentadas e frágeis da mesma forma que os porcos.

Não podia ser o veneno, pois todos os casos ocorreram em um celeiro trancado e isolado. Não era possível que picadas de insetos pudessem ter transmitido o vírus, pois qual animal vivo e terrestre conseguiria passar por sólidos obstáculos? Devia ser doença natural, mas ninguém conseguia discernir qual doença seria capaz de causar tamanho estrago. Na época da colheita, não havia um animal vivo sequer no local, pois o gado e as aves estavam mortos, os cães haviam fugido. Os cães, que eram três, desapareceram em uma noite e nunca mais se soube deles. Os cinco gatos partiram antes, mas ninguém percebeu sua fuga já que na época em que partiram nem parecia haver mais ratos por lá, e somente a sra. Gardner tinha afeição pelos felinos.

Em dezenove de outubro, Nahum chegou aos tropeços na casa de Ammi com notícias horrendas. Thaddeus havia falecido no quarto do sótão, e a morte ocorreu de uma forma que nem podia ser explicada. Nahum cavara uma cova no jazigo da família atrás da fazenda, enterrando lá o que havia encontrado. Nada externo poderia ter causado aquilo, pois a pequena janela

com grades e a porta trancada estavam intactas; mas era muito parecido com o que havia acontecido no celeiro. Ammi e a esposa consolaram o homem abatido da melhor forma que puderam, mas estremeceram ao fazê-lo. Um terror absoluto parecia rodear Nahum Gardner e sua família, assim como tudo o que tocavam, e a própria presença de um deles na casa de alguém era como um sopro vindo de regiões não identificadas e inomináveis. Ammi acompanhou Nahum até em casa com extrema relutância, e fez o que pôde para acalmar o choro histérico do pequeno Merwin. Zenas não precisou ser acalmado. Nos últimos tempos, tudo o que fazia era olhar fixamente para o nada e obedecer ao pai; e Ammi pensou que o destino estava sendo bem misericordioso com ele.

De vez em quando, os gritos de Merwin encontravam um fraco eco vindo do sótão, e para responder ao olhar curioso do menino, Nahum dizia que a esposa estava piorando. Ao cair da noite, Ammi conseguiu ir embora, pois nem mesmo a amizade o prenderia naquele lugar quando a vegetação começasse a brilhar debilmente e as árvores comesçassem a se inclinar, com ou sem vento. Ammi tinha muita sorte por não ser muito imaginativo. Mesmo com tudo o que estava acontecendo, sua mente não se afetava tanto; porém, se tivesse conseguido ligar os fatos e refletir sobre todos os acontecimentos, teria inevitavelmente ficado totalmente insano. Apressou-se para casa ao crepúsculo. Os gritos da mulher louca e da criança nervosa martelavam em seus ouvidos.

Três dias depois, Nahum irrompeu na cozinha de Ammi logo cedo, e na ausência do amigo, começou a gaguejar desesperadamente ao contar à sra. Pierce um fato angustiante, que ela ouvia cada vez mais apavorada. Dessa vez era Merwin. Ele tinha desaparecido. Saiu tarde da noite com um lampião e um balde para pegar água, e nunca mais voltou. Há dias vinha definhando, e o pai mal sabia o que se passava com ele. Gritava para tudo.

Houve um grito frenético no jardim, mas antes que Nahum conseguisse chegar à porta, o garoto tinha desaparecido. A luz do lampião não brilhava mais e não havia vestígios da criança. Na hora, Nahum achou que o lampião e o balde tivessem desaparecido também, mas, ao voltar da busca feita durante toda a noite nas matas e campos, percebeu alguns objetos curiosos perto do poço. Havia uma massa de ferro, aparentemente esmagada e fundida de alguma forma que indubitavelmente era o lampião; e uma alça amassada com aros retorcidos ao lado, todos meio fundidos, pareciam ser o que sobrara do balde. Aquilo era tudo o que restara. Nahum já não conseguia imaginar mais nada, a sra. Pierce não tinha expressão alguma, e Ammi, quando chegou em casa e ouviu a história, não conseguiu dar palpite algum. Merwin desaparecera, e era inútil perguntar para os vizinhos, que àquela altura tinham cortado todo contato com a família Gardner. Também não havia sentido perguntar para os moradores da cidade de Arkham, que riam de tudo. Thad se fora e agora Merwin tinha partido também. Algo não parava de rondar por lá, esperando para ser visto e ouvido. Nahum seria o próximo, e queria que Ammi cuidasse da esposa e de Zenas, caso sobrevivessem. Tudo aquilo deveria ser algum tipo de julgamento, mas ele não conseguia saber o motivo, pois sempre seguira os caminhos do Senhor.

Por mais de duas semanas, Ammi não teve notícias de Nahum; e então, preocupado que algo pudesse ter acontecido, superou seus medos e foi visitar a casa da família Gardner. Não havia fumaça saindo da grande chaminé, e, por um momento, o visitante temeu o pior. O aspecto de toda a fazenda era chocante, a grama murcha e cinzenta, as flores espalhadas pelo solo, frágeis parreiras caindo pelos muros e frontões arcaicos, e enormes árvores nuas rasgando o céu cinza de novembro com estudada malevolência, que Ammi sentiu vir da súbita mudança na inclinação dos galhos. Mas Nahum estava vivo, afinal de contas. Estava fraco, deitado no

sofá da cozinha de pé-direito baixo, mas perfeitamente consciente e capaz de dar ordens simples a Zenas. O cômodo apresentava um frio mortal, e como Ammi tremia visivelmente, o dono da casa gritou com voz rouca para Zenas pegar mais madeira. A madeira, na verdade, era extremamente necessária, pois a cavernosa lareira estava apagada e vazia, com uma nuvem de fuligem que descia pelo vento que adentrava a chaminé. Logo em seguida, Nahum perguntou se a madeira extra deixara Ammi mais confortável, e então Ammi viu o que estava acontecendo. O laço mais forte havia finalmente rompido, e a mente infeliz do fazendeiro não sofreria mais.

Ammi questionou Nahum com muito cuidado, mas não obteve informações precisas sobre o desaparecimento de Zenas.

— No poço, ele vive no poço... — era tudo o que o pai perturbado conseguia dizer.

Em seguida, o visitante lembrou-se da esposa enlouquecida e mudou a estratégia das perguntas.

— Nabby? Oras, ela está aqui! — foi a resposta surpreendente do pobre Nahum, e Ammi logo percebeu que ele mesmo teria que procurar.

Deixou o tagarela inofensivo no sofá, tirou as chaves penduradas no prego ao lado da porta e subiu as escadas rangentes até o sótão. Era muito apertado e fétido por lá, e não se ouvia som algum. Das quatro portas avistadas, apenas uma estava trancada, e então ele testou várias chaves do molho. A terceira chave funcionou, e depois de algumas tentativas, Ammi abriu a baixa porta branca.

Estava muito escuro lá dentro. A janela era pequena e meio obscura devido às barras de madeira maciça. Ammi não conseguia ver nada no chão de tábuas largas. O cheiro ruim era insuportável, e antes de prosseguir ele teve que sair do quarto para voltar com os pulmões cheios de ar fresco.

Quando voltou, notou algo escuro no canto, e ao ver aquilo com clareza, gritou abertamente. Enquanto gritava, achou que uma nuvem momentânea encobria a janela, e um segundo mais tarde sentiu uma abominável corrente de vapor roçar seu corpo. Cores estranhas dançavam diante de seus olhos; e, se não estivesse entorpecido pelo horror, teria se lembrado do glóbulo no meteoro que o martelo do geólogo havia estilhaçado e da mórbida vegetação que havia florescido na primavera. Naquele momento, pensou apenas na monstruosidade blasfema que o confrontava e que claramente compartilhava do destino inominável do jovem Thaddeus e dos animais. Mas o terrível era que aquele horror se movia vagarosamente e perceptivelmente ao mesmo tempo em que se desfazia.

Ammi não me deu maiores detalhes sobre a cena, mas a forma no canto do quarto não reaparece em sua narrativa como um objeto em movimento. Há coisas que não podem ser mencionadas, e o que é feito com um senso humanitário às vezes é condenado pela lei. Entendi que nenhum objeto em movimento tinha sido deixado naquele quarto no sótão, e que deixar qualquer coisa que se movesse por lá teria sido considerado um ato monstruoso, condenando a pessoa que o cometera a um tormento eterno. Qualquer um que não fosse um fazendeiro impassível teria desmaiado ou ficado louco, mas Ammi saiu consciente pela porta baixa e trancou o segredo maldito atrás dele. Agora era o momento de focar em Nahum; era preciso alimentá-lo e tinha que ser levado a algum lugar em que pudesse ser cuidado.

Enquanto descia as escadas escuras, Ammi ouviu um baque no andar de baixo. Até pensou ter sido um grito subitamente sufocado, e lembrou-se, assustado, do vapor aterrorizante que havia roçado nele no quarto lá em cima. Que presença seu grito e entrada no quarto haviam libertado? Paralisado por um medo indefinido, ele ainda ouviu mais ruídos lá embaixo.

Indubitavelmente era um detestável barulho de algo pesado, arrastado e pegajoso, algum tipo de sucção diabólica e imunda. Com o sentido de associação elevado até as alturas febris, lembrou-se imediatamente do que acabara de ver no andar de cima. Deus do céu! Que mundo sobrenatural era aquele que tinha adentrado? Ele não ousava se mover, permanecia em pé, tremendo diante da curva negra da escadaria. Cada detalhe da cena queimava como fogo em seu cérebro. Os sons, a sensação de espera temerosa, a escuridão, a inclinação do degrau estreito e a fraca mas inequívoca luminosidade de todo o madeiramento do local: degraus, corrimãos, vigas e ripas expostas. Misericórdia!

Então, ouviu-se um relincho ensandecido do cavalo de Ammi que estava lá fora, seguido de um galope que anunciava uma fuga frenética. Logo em seguida, o cavalo e a charrete estavam longe do seu alcance, deixando o homem assustado na escadaria escura, imaginando o que poderia ter ocasionado a fuga. Mas aquilo não era tudo. Houve outro som lá fora. Um tipo de pancada líquida, na água, devia ser o poço. Deixara seu cavalo, Herói, solto perto dele, e a roda da charrete deve ter roçado no muro e derrubado uma pedra. A pálida fosforescência continuava a brilhar naquele antigo madeiramento detestável. Meu Deus! Como aquela casa era velha! A maior parte havia sido construída antes de 1670, e a água-furtada não muito depois de 1730.

Um débil arranhar no piso térreo era ouvido com clareza, e Ammi segurou com força a vara que havia trazido do sótão, caso precisasse. Criando coragem, desceu as escadas e foi em direção à cozinha. Mas não chegou ao seu destino, pois o que procurava não estava mais lá. Veio ao encontro dele, e de certo modo ainda vivia. Ammi não sabia se rastejava ou se era arrastado por forças externas; mas a morte havia passado por lá. Tudo tinha acontecido na última meia hora, mas o colapso, a cor cinza e a

desintegração já estavam em estágio avançado. Havia uma fragilidade horrível, e os fragmentos secos caíam em camadas. Ammi não conseguiu tocar, mas olhou horrorizado para a paródia distorcida daquilo que um dia tinha sido um rosto.

- Que aconteceu, Nahum? Que foi? – sussurrou, e os lábios rachados e inchados conseguiram apenas esboçar uma última resposta.

- Nada ... nada ... a cor ... queima ... fria e molhada ... mas queima ... vive no ... poço ... eu vi ... um tipo de fumaça ... como as flores ... na primavera ... o poço ... brilhava à noite ... Thad ... e ... Merwin ... e ... Zenas ... tudo que vive ... sugando ... a vida ... de tudo ... da pedra ... deve ... ter vindo ... de lá ... envenenou ... tudo ... não sei o que ela quer ... a coisa redonda ... que ... os homens ... da universidade ... tiraram da pedra ... esmagaram ... era ... da mesma cor ... igual ... como as flores ... e plantas ... devia ter mais ... sementes ... sementes ... cresceram ... eu vi ... primeira vez esta semana ... acabou com Zenas ... um menino grande ... cheio de vida ... entra na sua mente ... penetra ... arde ... lá no poço ... água ... você tinha razão ... água diabólica ... Zenas ... nunca voltou do poço ... não dá para escapar ... arrasta ... você sabe que a coisa está vindo, mas não dá para fugir ... pega você ... eu vi ... muitas vezes ... desde que pegou Zenas ... e a Nabby? ... Ammi? ... minha cabeça ... não está bem ... não sei ... quando ela comeu ... vai pegá-la ... se não tomarmos cuidado ... a cor da cabeça dela ... está ficando cinza ... às vezes queima e suga ... à noite ... veio de um lugar em que as coisas não são como aqui ... os professores avisaram ... estavam certos ... olha, Ammi, vai acontecer mais coisa ... suga a vida ...

E aquilo foi tudo. Aquela coisa que falara não podia mais falar, pois tinha desmoronado completamente. Ammi colocou uma toalha xadrez vermelha sobre o que havia sobrado e foi aos tropeços até a porta de saída, seguindo para o campo. Escalou a encosta e os dez acres de pasto, seguiu

para casa pela estrada do norte e pela mata. Não conseguia passar pelo poço de onde o cavalo havia fugido. Olhou para lá pela janela e viu que o muro estava intacto. Então, a charrete não havia deslocado nenhuma pedra do muro do poço, e a batida na água devia ter sido causada por outra coisa, algo que entrou no poço depois de ter feito aquilo com o pobre Nahum.

Quando Ammi chegou em casa, o cavalo e a charrete estavam lá, o que causou enorme sofrimento na esposa de tanta ansiedade. Ele a tranquilizou sem dar explicações, partiu imediatamente para Arkham e notificou as autoridades sobre o fato de que toda a família Gardner deixara de existir. Não deu detalhes, mas meramente contou sobre as mortes de Nahum e Nabby, pois a de Thaddeus já era conhecida, e mencionou que a causa parecia ter sido a mesma que aniquilou os animais. Ele também afirmou que Merwin e Zenas tinham desaparecido. Houve um questionamento na delegacia de polícia, e, no final, Ammi foi obrigado a acompanhar três policiais ao local, juntamente com o legista, um médico e o veterinário que havia cuidado dos animais doentes. Foi muito a contragosto, pois já era quase fim de tarde e temia o cair da noite naquele local condenado, mas sentia algum tipo de conforto por ter mais pessoas com ele.

Os seis homens seguiram em uma carroça, atrás da charrete de Ammi, e chegaram à fazenda maldita perto das quatro horas. Todos os oficiais estavam acostumados a experiências horrendas, mas todos se abateram com o que foi encontrado no sótão e debaixo da toalha xadrez vermelha, no chão, lá embaixo. Todo o aspecto de desolação cinza da fazenda já era terrível o suficiente, mas aqueles objetos que se desfaziam extrapolavam tudo. Ninguém conseguia olhar para eles por muito tempo, e até mesmo o médico teve que admitir que havia muito pouco a ser examinado. É claro que os espécimes podiam ser analisados, e ele rapidamente tirou uma amostra. Mais tarde, houve um intrigante episódio no laboratório da

faculdade para onde as amostras de poeira haviam sido levadas. Sob o espectroscópio, as duas amostras apresentaram um espectro desconhecido, e muitas das amostras estranhas eram precisamente similares às do meteoro do ano anterior. A propriedade de emissão do espectro desapareceu em um mês, e a poeira logo depois, consistindo principalmente de fosfatos alcalinos e carbonatos.

Ammi não teria contado a eles sobre o poço se tivesse imaginado que os homens iam querer examiná-lo imediatamente. O sol ia começar a se pôr e ele estava ansioso para ir embora. Como não conseguia parar de olhar nervosamente para o muro do poço, um detetive o questionou e ele admitiu que Nahum temia demais algo que estava lá embaixo, e jamais ousou procurar Merwin e Zenas naquele lugar. Depois disso, só pensaram em esvaziar o poço e explorá-lo de imediato, então Ammi teve que esperar enquanto cada balde de água era retirado e jogado sobre o solo lá fora. Os homens fungavam de desgosto diante do fluido e, no final, cobriam as narinas para não sentir o fedor que se espalhava. Até que o trabalho levou menos tempo do que imaginavam, pois o nível de água estava fenomenalmente baixo. Também não há necessidade de contar o que eles encontraram exatamente. Tanto Merwin quanto Zenas estavam lá, parcialmente, embora os vestígios fossem em grande parte esqueléticos. Havia ainda um pequeno cervo e um enorme cão no mesmo estado, e um grande número de ossos de animais. O limo e o lodo no fundo do poço pareciam inexplicavelmente porosos e borbulhantes, e um homem que desceu com uma vara nas mãos conseguiu enterrá-la até o fundo na lama sem encontrar qualquer obstrução sólida.

O crepúsculo caía, e lampiões foram acesos na casa. E então, quando viram que não iam conseguir mais nada do poço, todos entraram e deliberaram na velha sala de estar enquanto a luz intermitente da meia-lua

espectral brincava timidamente com a desolação cinza lá fora. Os homens mostravam-se ligeiramente chocados com o caso todo e não encontravam um elemento convincente comum que ligasse a estranha condição da vegetação, a doença desconhecida dos animais e dos humanos, e as inexplicáveis mortes de Merwin e Zenas no poço maldito. Tinham ouvido os boatos que corriam pela região, mas não acreditavam em nada que fosse contrário às leis da natureza. Era inegável que o meteoro tinha envenenado o solo, mas a doença das pessoas e dos animais, que não haviam comido nada plantado naquele solo, era outra história. Teria sido a água do poço? Era bem possível. Seria uma boa ideia analisá-la. Mas que loucura peculiar teria feito os rapazes pularem no poço? O ato dos garotos foi muito similar, e os fragmentos mostraram que ambos sofreram a morte cinzenta que desintegrava. Por que tudo estava tão cinzento e se desintegrando?

Foi o legista, sentado perto de uma janela que dava vista para o jardim, quem primeiro percebeu o brilho ao redor do poço. Já era noite plena e todo o local horroroso estava levemente iluminado. Não era por causa dos fracos raios de luar; aquele novo brilho era algo definido e distinto, e parecia emanar do poço negro como se fosse a luz suave de um holofote, refletindo de forma amorfa as pequenas poças de água derramadas no chão. A cor era muito estranha, e quando todos os homens se reuniram ao redor da janela, Ammi teve um violento sobressalto. O misterioso feixe do miasma horrendo não lhe era estranho. Já tinha visto aquela cor antes e temia o que ela pudesse significar. Ele a viu no glóbulo frágil naquele aerólito há dois anos, viu na louca vegetação da primavera, achou ter visto por um instante, naquela mesma manhã, na pequena janela gradeada do terrível quarto do sótão em que coisas inomináveis tinham acontecido. Reluziu por um segundo, e uma corrente de vapor pegajosa e odiosa passou por ele, roçando-o, e foi então que alguma coisa daquela cor acabou com Nahum.

Foi a última coisa que ele disse, que foram as plantas e o glóbulo. Depois, houve a fuga no jardim e o barulho no poço, e agora o poço estava lançando noite adentro um raio perverso e pálido com a mesma cor demoníaca.

O estado de alerta da mente de Ammi merece crédito, pois conseguia elucidar sobre um ponto essencialmente científico naquele momento de tensão. Não conseguia parar de pensar em ter visto a mesma impressão em um brilho à luz do dia, por uma janela aberta para o céu da manhã, e em uma exalação noturna vista como uma névoa fosforescente contra um cenário negro e queimado. Aquilo não estava certo, era contra a natureza, e ele se lembrou das terríveis últimas palavras do amigo moribundo: “Ela veio de algum lugar em que as coisas não são como aqui ... um dos professores disse isso ...”

Todos os três cavalos lá fora, amarrados a duas árvores secas perto da estrada, relinchavam e davam coices frenéticos. O motorista do carro ia em direção à porta para fazer alguma coisa, mas Ammi colocou a mão trêmula em seu ombro.

— Não vá lá — sussurrou. — Há mais coisas que não sabemos. Nahum disse que alguma coisa que suga a vida vivia no poço. Disse que devia ser algo que saiu da bola redonda como a que todos vimos na pedra do meteoro que caiu há um ano, em junho. Ele disse que sugava e queimava, e que não passava de uma nuvem de cor como essa que está lá fora agora, que mal podemos ver e que não sabemos o que é. Nahum achava que ela se alimenta de tudo que vive e fica cada vez mais forte. Ele disse que a viu na semana passada. Deve ser algo que vem de longe no céu, como os homens da universidade ano passado disseram que a pedra do meteoro era. Do jeito que é feita e do jeito que age, não é do mundo de Deus. É de algum outro mundo.

Então os homens pararam indecisos enquanto a luz do poço ficava cada

vez mais forte, os cavalos relinchavam e davam coices cada vez mais frenéticos. Foi um momento verdadeiramente terrível. O terror invadindo a antiga casa maldita, quatro monstruosas pilhas de fragmentos – dois da casa e dois do poço – no alpendre dos fundos, e aquele raio de iridescência desconhecida e medonha das profundezas lodosas em frente da casa. Ammi impedira que o motorista fosse até lá por um impulso, esquecendo-se de como ele mesmo tinha saído ileso quando o vapor colorido passou por ele no quarto do sótão, mas talvez, tenha feito a coisa certa. Ninguém jamais ficaria sabendo o que era aquilo lá fora naquela noite; e, apesar da blasfêmia do além até o momento ter machucado apenas humanos com a mente debilitada, não tinha como saber o que poderia fazer naquele momento, com as forças aparentemente aumentadas e com os sinais da intenção que logo seriam expostos sob o céu parcialmente nublado e iluminado pela luz do luar.

De súbito, um dos policiais que estava perto da janela teve um sobressalto. Os outros olharam para ele e rapidamente seguiram seu olhar para o alto até o ponto em que não dava mais para desviar. Não havia necessidade de palavras. Não havia necessidade de falar novamente sobre os rumores espalhados na cidade, e foi por causa daquilo que viram, e que o grupo concordou comentar aos sussurros mais tarde, que nunca mais se falou sobre os dias estranhos em Arkham. É necessário esclarecer que não havia vento naquela hora da noite. O vento manifestou-se depois, mas, naquele momento, não havia absolutamente nada. Até mesmo as pontas secas da cerca-viva de mostarda que ainda permanecia, apesar de cinzentas e destruídas, e a franja na cobertura da charrete continuavam imóveis. Contudo, em meio à tensa calma diabólica, os altos galhos desnudos das árvores do jardim não paravam de se mover. Contorciam-se de forma mórbida e espasmódica, cortando com uma loucura convulsiva e epilética as

nuvens sob a luz do luar; arranhando de forma impotente o ar tóxico como se agitadas por uma linha de articulação semelhante e incorpórea, com horrores subterrâneos que se contorciam e se debatiam debaixo das raízes negras.

Todos seguraram o fôlego por vários segundos. E então uma nuvem das profundezas ainda mais negras escondeu a lua, e a silhueta dos galhos agitados desapareceu momentaneamente. Os homens ficaram boquiabertos diante daquilo. Nas gargantas, o grito abafado pelo pavor era rouco e idêntico. Pois o terror não tinha desaparecido com a silhueta, e em um instante terrível de escuridão ainda mais profunda, viram, no topo das árvores, mil pontos minúsculos de radiação fraca e profana, por cima de todos os galhos como o Fogo de Santelmo ou como as chamas que saíam das cabeças dos apóstolos em Pentecostes. Era uma constelação monstruosa de luz sobrenatural, como uma nuvem de vaga-lumes alimentados com carniça, dançando sarabandas infernais em um pântano maldito, e a cor era a mesma inominável intrusão que Ammi reconhecia e temia. Durante todo o tempo, o raio fosforescente do poço brilhava cada vez mais forte, deixando as mentes dos homens acuados com uma sensação apocalíptica e anormal, que de longe ultrapassava qualquer imagem conscientemente formada em suas mentes. Havia parado de brilhar; estava espalhando-se pelo local; e conforme a corrente sem forma da cor não identificável saía do poço, parecia fluir diretamente para o céu.

O veterinário estremeceu e foi até a porta da frente para trancá-la com uma barra de ferro a mais. Ammi também tremia muito e teve que cutucar e apontar, por faltar-lhe a voz, quando desejou chamar a atenção para a crescente luminosidade das árvores. Os relinchos e coices dos cavalos tinham se tornado extremamente assustadores, mas nenhuma alma naquele grupo na velha casa teria se aventurado a sair de lá por qualquer que fosse a

recompensa. Em pouco tempo, o brilho das árvores aumentou, enquanto os agitados galhos pareciam atingir cada vez mais a verticalidade. A madeira da abertura do poço brilhava, e um policial, sem conseguir dizer uma palavra, apontou para as pilhas de madeira e para as colmeias perto do muro de pedra a oeste. Também começavam a brilhar, mas os veículos dos visitantes pareciam não ter sido afetados até então. Em seguida, houve forte comoção, seguida pelo som de galope na estrada, e quando Ammi apagou a luz do lampião para ver melhor, todos perceberam que os cavalos haviam se soltado da árvore e fugido com a carroça.

O choque serviu para soltar algumas línguas, que trocaram sussurros envergonhados:

— Espalha-se por tudo que é orgânico – balbuciou o médico.

Ninguém respondeu, mas o homem que entrara no poço acreditava ter acordado algo intangível com a vara.

— Foi horrível – acrescentou. — Não havia fundo. Só lodo e bolhas, a sensação de que existia algo espreitando lá embaixo.

O cavalo de Ammi ainda dava coices e relinchava de forma ensurdecadora na estrada lá fora, quase abafando a voz fraca e trêmula do dono que murmurava pensamentos sem sentido:

— Veio da pedra ... cresceu lá embaixo ... atinge tudo que tem vida ... alimenta-se dos corpos e mentes ... Thad e Merwin, Zenas e Nabby ... Nahum foi o último ... todos tomaram a água ... dominou todos ... veio do além ... de onde as coisas não são como aqui ... agora está voltando para casa...

Naquele momento, a coluna feita da cor desconhecida subitamente passou a brilhar mais forte e começou a tecer contornos fantásticos de formas que cada espectador descreveria de maneira diferente mais tarde; o

pobre Herói, amarrado, emitiu um som que homem algum jamais ouviu um cavalo fazer. Todas as pessoas na pequena sala de estar cobriram os ouvidos, e Ammi virou para o lado contrário à janela, horrorizado e com náuseas. Nenhuma palavra seria capaz de descrever a cena. Quando Ammi conseguiu olhar, o malfadado animal estava caído, inerte, sob a luz do luar entre os cabos estilhaçados da charrete. Aquele foi o fim do Herói até ser enterrado na manhã seguinte. Mas não havia tempo para lamentações, pois, no mesmo momento, um dos policiais chamou silenciosamente a atenção para algo terrível, ali mesmo, na sala em que estavam. Na ausência do lampião, era óbvio que a fraca fosforescência tinha começado a invadir a casa toda. Brilhava no piso de tábuas largas e no tapete, e nas frestas das pequenas janelas panorâmicas. Subia e descia pelas frestas dos cantos expostos, reluzia na prateleira e na lareira, contaminando até as portas e a mobília. A cada minuto ganhava mais força, e finalmente ficou muito óbvio que todos os seres vivos tinham que sair da casa.

Ammi mostrou a todos a porta dos fundos e o caminho que levava aos campos, nos dez acres de pasto. Caminharam e tropeçaram como se estivessem em um sonho, e nem ousaram olhar para trás até estarem bem distantes, lá no alto. Agradeceram pelo caminho alternativo, pois não tinham como passar pela porta da frente, ao lado do poço. Já foi bem ruim passar pelo celeiro e pelos depósitos iluminados, e pelas árvores brilhantes na horta, com seus contornos diabólicos e distorcidos; mas, graças a Deus, os galhos apenas movimentavam-se para cima. A lua fora encoberta por várias nuvens negras ao cruzarem a ponte sobre o Córrego Chapman, e de lá até a campina aberta seguiram às cegas.

Quando olharam para trás, em direção ao vale e à casa distante da família Gardner lá embaixo, a vista era aterrorizante. Toda a fazenda emanava a desconhecida mescla de cores hedionda: árvores, casas, e até

mesmo a grama e as flores que ainda não haviam sido totalmente atingidas pela letal fragilidade cinzenta. Os galhos erguiam-se todos na direção do céu, cobertos por línguas de chamas do mal, e gotas cintilantes do mesmo fogo monstruoso rastejavam pelos telhados da casa, do celeiro e dos depósitos. Era uma cena de uma visão de Fuseli, e, por cima de tudo, reinava aquele tumulto de amorfia luminosa, aquele arco-íris estranho e sem dimensões de veneno críptico do poço; fervilhando, sentindo, envolvendo, cintilando, deformando e malignamente borbulhando naquele cromatismo cósmico e irreconhecível.

Em seguida, sem aviso prévio, a coisa monstruosa lançou-se verticalmente em direção ao céu como um foguete, sem deixar vestígios, desaparecendo por um buraco redondo e curiosamente regular nas nuvens antes que qualquer pessoa pudesse ofegar ou gritar. Nenhum observador jamais poderia se esquecer daquela visão, e Ammi encarava sem expressão as estrelas da constelação do Cisne, com Deneb cintilando mais que as outras, onde a cor desconhecida uniu-se à Via Láctea. Seu olhar rapidamente voltou-se para a terra devido aos estalidos no vale. Era exatamente aquilo. Apenas o som da madeira queimando e estalando. Não houve explosão, como muitos do grupo afirmaram. Contudo, o resultado foi o mesmo, pois, em um instante caleidoscópico e febril, um cataclismo brilhante e eruptivo de faíscas e substâncias nada naturais irrompeu daquela fazenda maldita e condenada; deixando a visão turva dos poucos que o testemunharam, e mandando para o zênite uma chuva de estilhaços tão fantásticos e coloridos que nosso universo tinha que rejeitar. Por meio de vapores, que rapidamente se fechavam assim que passavam, os estilhaços seguiram a grande monstruosidade que desaparecera, e, logo em seguida, desapareceram também. Atrás e embaixo havia apenas trevas para as quais os homens não ousavam retornar, e ao redor soprava um vento cada vez

mais forte que parecia levar o sopro gélido e negro do espaço sideral. Gritava e uivava, açoitando os campos e a mata distorcida em um louco delírio cósmico, até que logo o trêmulo grupo percebeu que seria inútil esperar pelo retorno da lua para que lhes mostrasse o que restara das terras de Nahum.

Assustados demais para pensar em teorias, os sete recosos homens voltaram para Arkham pela estrada do norte. Ammi estava pior que os demais, e implorou que os acompanhassem até sua cozinha em vez de irem diretamente para a cidade. Não queria passar sozinho pela mata destruída e castigada pelo vento até sua casa, na estrada principal. Ele tinha passado por um choque do qual os outros haviam sido poupados, ficando marcado para sempre por um medo instaurado que não ousou mencionar por anos. Enquanto os demais espectadores olhavam firmemente para a estrada, Ammi olhara para trás, por um momento, para o vale de sombras e desolação que há bem pouco tempo era o lar do seu infeliz amigo. E naquele lugar distante e destruído, viu uma coisa erguer-se de forma fraca, tornando a cair no mesmo lugar em que o grandioso terror sem forma havia disparado para o céu. Era somente uma cor; mas não era uma cor da nossa terra ou do nosso céu. E como Ammi reconheceu a cor, e sabia que o último remanescente devia estar à espreita no poço, ele nunca mais voltou a ser a mesma pessoa de antes.

Ammi jamais voltara àquele lugar. Já faz quarenta e quatro anos que o horror aconteceu, mas ele nunca mais pisou lá, e vai ficar feliz quando o novo reservatório alagar tudo. Eu também ficarei feliz, pois não gostei da forma como a luz do sol ficou diferente perto da entrada do poço por onde passei. Espero que a água seja sempre bem funda, contudo, mesmo assim, jamais irei bebê-la. Acho que nunca mais voltarei a visitar os arredores de Arkham novamente. Três dos homens que haviam estado com Ammi na

noite anterior voltaram na manhã seguinte para ver as ruínas à luz do dia, mas não havia ruínas de fato. Somente os tijolos da chaminé, as pedras do porão, alguns resíduos minerais e metálicos em alguns lugares, o muro no poço nefando. Tudo que era vivo havia desaparecido, com exceção do cavalo morto de Ammi, que eles recolheram e enterraram, e a charrete que lhe devolveram depois. Permanecia um deserto de cinco acres de poeira cinzenta, e nada jamais voltou a crescer por lá. Até hoje estende-se sob o céu como uma grande lacuna deixada por algum ácido na mata e nos campos, e as poucas pessoas que ousaram visitá-lo, apesar das lendas rurais, chamaram-no de “charneca queimada.”

As lendas rurais são estranhas. Poderiam ter sido ainda mais estranhas se os homens da cidade e os químicos da universidade quisessem analisar a água do poço abandonado ou a poeira cinzenta que o vento não consegue macular. Os botânicos também deveriam examinar a flora atrofiada ao lado do espaço vazio na mata, pois poderiam provar não ter sentido o pensamento dos nativos de que a praga está se espalhando, aos poucos, talvez dois centímetros ao ano. As pessoas dizem que a cor das flores dos arredores, na primavera, não é muito normal, e que os animais silvestres deixam pegadas estranhas na leve neve de inverno. A neve nunca parece pesada demais na charneca queimada como nos outros lugares. Os cavalos, os poucos que restaram na era motorizada, ficam assustados no vale silencioso; e os caçadores não podem confiar em seus cães quando chegam muito perto da mancha cinzenta.

Também dizem que a influência mental é muito ruim; muitos enlouqueceram nos anos que se seguiram à morte de Nahum; e sempre lhes faltou força de vontade para que fossem embora. Mais tarde, pessoas de cabeça mais forte deixaram a região e somente forasteiros tentaram morar nas velhas casas destruídas. Porém, não conseguiram ficar, e com

frequência as pessoas ficam imaginando sobre o que eles pensaram em relação às histórias sussurradas de magia. As pessoas afirmam que seus sonhos à noite são horríveis naquela grotesca região; e não há dúvida de que a simples visão do reino sombrio é suficiente para despertar fantasias mórbidas. Nenhum viajante conseguiu se livrar da sensação de estranheza naquelas ravinas profundas, e os artistas tremem quando pintam matas espessas cujo mistério atinge tanto o espírito quanto o olhar. Eu mesmo estou curioso em relação à sensação que tive no passeio solitário, antes de ouvir a história de Ammi. Quando a noite caiu, desejei vagamente que o céu ficasse coberto de nuvens, pois um estranho temor em relação àquele vazio infinito no céu penetrava-me a alma.

Não peça minha opinião. Não sei, e isso é tudo. Ammi era o único ali para ser interrogado, pois as pessoas de Arkham não falam sobre os dias estranhos, e os três professores que viram o aerólito e o glóbulo colorido estão mortos. Com certeza houve outros glóbulos. Um deve ter alimentado a si mesmo e fugido em seguida, e provavelmente teria sido tarde demais para o outro. Não há dúvidas de que ainda está dentro do poço. Sei que tinha alguma coisa errada com a luz do sol que vi acima do penhasco miasmal. Os camponeses dizem que o mal avança dois centímetros por ano; pode ser então que haja algum tipo de crescimento ou alimentação até hoje. Mas qualquer incubação diabólica que estivesse ali devia estar presa a algo, senão estaria se espalhando rapidamente. Será que estava agarrada às raízes das árvores que se estendem ao céu? Uma das lendas que correm por Arkham fala de densos carvalhos que brilham e se agitam de forma anormal durante a noite.

Seja lá o que for, só Deus sabe. Em termos de matéria, creio que a coisa descrita por Ammi seria chamada de gás, mas um gás que obedecia a leis que não são do nosso cosmos. Não era fruto dos mundos e sóis que brilham

nos telescópios e nas chapas fotográficas dos nossos observatórios. Não era um sopro dos céus, cujos movimentos eram medidos por nossos astrônomos, ou considerados vastos demais para serem medidos. Era somente uma cor que caiu do céu. Um pavoroso mensageiro das regiões amorfas do infinito, com uma natureza desconhecida por nós; de regiões cuja simples existência enlouquece o cérebro e nos entorpece com os negros abismos extracósmicos que se abrem diante dos nossos olhos.

Duvido muito que Ammi tenha conscientemente mentido, e não creio que sua história tenha sido somente fruto da loucura, como as pessoas dos arredores me avisaram. Algo horripilante caiu nas colinas e vales com aquele meteoro, e algo terrível ainda permanece por lá, mas não sei aferir a proporção. Enquanto isso, espero que nada aconteça a Ammi. Ele viu muito da coisa e sua influência foi pérfida. Por que nunca conseguiu sair de lá? Será que se lembrava mesmo com clareza das últimas palavras de Nahum? “Não dá para fugir ... pega a gente ... mesmo sabendo que a coisa está vindo, não dá para fugir ...”

Ammi é um senhor de idade tão bom! Quando o pessoal do reservatório começar a trabalhar, preciso escrever para o engenheiro-chefe para pedir-lhe que fique de olho nele. Não gostaria de pensar em Ammi como a monstruosidade cinzenta, definhando, deformando-se, mas isso é algo que cada vez mais perturba meu sono.

FIM

ELE

Escrito em agosto de 1925 e publicado em setembro de 1926



Eu o vi numa noite insone quando caminhava perdidamente para salvar minha alma e minha imaginação. Minha vinda a Nova York tinha sido um erro; pois ao considerar que eu estava em busca de maravilhas estonteantes e de inspiração nos inúmeros labirintos de ruas antigas que se entrelaçavam interminavelmente desde esquecidos pátios, praças e orlas marítimas até

outros pátios, praças e orlas marítimas igualmente esquecidos, e nas torres e arranha-céus modernos e ciclóticos que se erguiam babilônicos e negros sob luas em quarto minguante, na verdade encontrei apenas um sentimento de horror e opressão que ameaçava me dominar, paralisar e aniquilar.

A desilusão tinha sido gradual. Ao chegar pela primeira vez, avistei a cidade de uma ponte durante o pôr-do-sol, majestosa sobre as águas com seus incríveis cumes e pirâmides brotando como flores delicadas da névoa violeta dos charcos para brincar com as nuvens flamejantes e as primeiras estrelas do anoitecer. Então, janela por janela se iluminara acima da maré de luzes tremulantes, onde faróis oscilavam e deslizavam, e buzinas soltavam acordes que lembravam latidos intimidadores, até que o céu se tornou um estrelado firmamento de sonho, com um aroma de música fantástica, e uno com as maravilhas de Carcassonne, Samarcand, El Dorado, e todas as gloriosas e quase lendárias cidades. Pouco depois fui levado através daqueles antigos caminhos de ruelas sinuosas e passagens, tão caros em minhas fantasias, onde havia fileiras de casas de tijolos vermelhos georgianos com entradas ladeadas por pilares e encimadas por trapeiras com pequenas vidraças que piscavam para os sedãs dourados e os coletivos com janelas – e ao perceber que estava diante de coisas há tanto tempo desejadas, pensei que havia de fato conquistado os tesouros que fariam de mim um poeta.

Porém o sucesso e a felicidade nunca chegariam. A luz extravagante do dia não me revelou nada além de miséria, desconexão e da nociva elefantíase de pedras propagando-se e elevando-se onde a lua insinuava encanto e magia antiga; e a multidão que fervilhava nessas ruas como um tropel era composta de forasteiros morenos atarracados, com o rosto hostil e os olhos enviesados, forasteiros astutos sem sonhos e sem afinidade com o entorno, que não poderiam significar coisa alguma para um homem de

olhos azuis da antiga estirpe, que mantinha no coração o amor pelas alamedas verdes e campanários brancos do vilarejo da Nova Inglaterra.

Assim, em vez dos poemas que eu tanto almejava, tudo que conquistei foram a arrepiante escuridão e a inefável solidão; e, por fim, vi a temível verdade que ninguém antes se atrevera a sussurrar – o inconfessável segredo dos segredos – o fato de que essa estridente cidade de pedra não é uma perpetuação sensível da Velha Nova York, assim como Londres é da Velha Londres, e Paris, da Velha Paris, mas está de fato absolutamente morta, com seu extenso corpo embalsamado sem perfeição e infestado por estranhas criaturas que nada têm a ver com a cidade como fora em vida. Após fazer essa descoberta, já não podia dormir em paz; embora tenha recuperado um pouco de tranquilidade resignada com o hábito que gradualmente adquiri de manter-me fora das ruas durante o dia para só aventurar-me a sair durante a noite, quando a escuridão traz à tona o pouco de passado que ainda paira como um espectro, e os velhos portões brancos lembram as robustas formas que um dia passaram através deles. Com esse alento, cheguei até a escrever alguns poemas, ainda refreando a ideia de voltar para casa para que minha gente não me visse como um homem sem honra que, derrotado, se arrastava de volta. Então, numa noite insone, encontrei o homem. Foi num grotesco e oculto pátio da área de Greenwich, pois foi ali que em minha ignorância me estabeleci, já que tinha ouvido falar que aquele era o lar natural dos poetas e artistas. As antigas veredas e casas, e o inesperado número de praças e pátios me encantaram verdadeiramente, porém quando percebi que os poetas e artistas eram sonoros embusteiros, cuja singularidade era insignificante e cujas vidas eram uma negação da genuína beleza que são a poesia e a arte, mantive-me ali apenas pelo amor por essas características veneráveis. Imaginava como teriam sido em seu apogeu, quando Greenwich era uma plácida vila ainda não engolida pela cidade; e nas horas antes do

nascer do sol, quando todos os farristas já se tinham recolhido, eu costumava vaguear sozinho entre os enigmáticos e intrincados caminhos, e refletir sobre os curiosos mistérios que as sucessivas gerações deviam ter depositado ali. Isso mantinha minha alma viva e inspirava alguns desses sonhos e visões de que o poeta dentro de mim tanto necessitava.

O homem me abordou por volta das duas horas, numa nebulosa madrugada de agosto, enquanto eu estava cruzando uma série de pátios cujo acesso se dava apenas por corredores mal iluminados entre prédios intercalados, que um dia fizeram parte de um complexo contínuo de pitorescas alamedas. Tinha ouvido vagamente falar sobre elas e percebi que não poderiam figurar em nenhum mapa dos dias de hoje; mas o fato de terem sido esquecidas só fez aumentar meu apreço por elas, de modo que me esforcei para encontrá-las com o dobro do ímpeto que me era costumeiro. Agora que as tinha encontrado, minha ansiedade redobrou, pois algo na maneira como estavam dispostas insinuava que estas poderiam ser apenas algumas entre tantas outras similares ocultas, espremidas silenciosamente entre paredões vazios, cortiços desabitados, atrás de arcadas ainda não traídas por hordas de pessoas de língua estrangeira ou guardadas por artistas furtivos e pouco comunicativos cujas práticas não atraem a publicidade nem à luz do dia.

Ele tomou a liberdade de iniciar a conversa ao notar minha disposição e interesse por certas portas com aldravas no topo de escadas ladeadas por guarda-corpos de ferro e encimadas por bandeiras cujos vidros irradiavam um brilho pálido que iluminava minha face. Seu rosto, porém, estava na sombra, e ele usava um chapéu de abas largas que de certo modo estava de acordo com o capote antiquado que ele ostentava; mas eu havia ficado inquieto mesmo antes que ele me dirigisse a palavra. Tinha uma constituição física delgada; uma magreza quase cadavérica; e sua voz era

extraordinariamente suave e vaga, embora não particularmente profunda. Segundo disse, ele já me havia notado diversas vezes durante minhas andanças; e concluiu que eu me parecia com ele no apreço pelos vestígios de outras épocas. Não haveria eu de gostar da orientação de uma pessoa largamente experimentada nessas explorações e com informações locais muito mais aprofundadas do que um mero recém-chegado poderia sonhar em ter? Enquanto falava, vi de relance seu rosto iluminado por um feixe de luz amarelada vindo da janela solitária de um sótão. Era o semblante nobre de um idoso com boa aparência, que carregava os sinais de uma estirpe e de um refinamento incomuns para aquela época e lugar. Ainda assim, alguma característica me perturbava quase tanto quanto suas feições me agradavam – talvez ele fosse pálido demais, ou sem expressão demais, ou demasiadamente inadequado para a localidade para que eu me sentisse tranquilo e confortável. Apesar disso, eu o segui; pois nesses dias melancólicos, minha busca por beleza e mistérios de tempos antigos era tudo que mantinha minha alma viva, e eu considerei que o destino me havia feito um raro favor aproximando-me ao acaso de alguém com interesses tão semelhantes aos meus, porém tão mais desenvolvidos.

Algo na noite compeliu o homem encapotado ao silêncio, e por uma longa hora ele me conduziu sem pronunciar palavras desnecessárias; fazia apenas os mais breves comentários relativos a nomes antigos, datas e mudanças, e guiava-me adiante principalmente através de gestos à medida que nos espremiávamos por vãos, percorríamos corredores nas pontas dos pés, pulávamos muros de tijolos e uma vez rastejamos por uma passagem baixa de pedra em forma de arco muito extensa cujas intrincadas curvas levaram de mim qualquer senso de orientação que tinha conseguido preservar. As coisas que víamos eram muito antigas e maravilhosas, ou ao menos era o que me parecia ao enxergar através da luz muito esparsa, e não hei de

esquecer nunca as cambaleantes colunas jônicas, as pilastras alongadas como flautas, os mourões de ferro com cântaros nas pontas e as luzentes janelas decorativas sobre as portas que pareciam tornar-se surpreendentemente mais exóticas à medida que avançávamos por esse infundável labirinto cuja antiguidade eu não podia precisar.

Não encontramos ninguém no caminho, e conforme o tempo passava, as janelas iluminadas tornavam-se cada vez mais escassas. Inicialmente os postes que iluminavam a rua eram a óleo, no antigo padrão de losangos. Mais adiante notei que eram a velas; e finalmente, após meu guia - que usava luvas - conduzir-me pela mão na total escuridão através de um pátio horrível até um estreito portão de madeira num muro alto, chegamos ao trecho de uma ruela onde a iluminação era feita apenas por uma lanterna a cada sete casas – inacreditáveis lanternas coloniais de latão, com topos em formato de cone e orifícios nas laterais. Essa pequena rua subia por uma elevação bastante íngreme – mais inclinada do que julgava ser possível encontrar nesta parte de Nova York – e seu cume estava bloqueado de modo evidente por um muro recoberto de heras, pertencente a uma propriedade privada, além do qual podia avistar uma cúpula e as copas de três árvores balançando contra uma remota claridade no céu. Nesse muro havia um pequeno portão de carvalho negro guarnecido com tachas, que o homem começou a destrancar com uma pesada chave. Guiando-me para dentro, ele traçou um curso pela total escuridão sobre o que me pareceu ser um caminho de cascalho, e finalmente por um lance de degraus de pedra até a porta da casa que ele destrancou e abriu para mim. Logo que entramos, quase desmaiei com o forte odor de mofo que se espalhava e nos invadiu, e que devia ser o resultado de deletérios séculos de abandono. Meu anfitrião parecia não se incomodar com isso e eu, por delicadeza, nada disse enquanto ele me conduzia por uma escadaria curva, que ficava no outro

lado do vestíbulo, até uma sala cuja porta eu o ouvi trancar logo atrás de nós. Puxou as cortinas das três janelas com pequenas vidraças quadriculadas que mal se definiam contra a luminosidade do céu, aproximou-se da lareira onde riscou uma pederneira, acendeu duas velas de um candelabro de doze arandelas e com um gesto ordenou que falássemos baixo.

Mesmo com esse fraco brilho pude ver que estávamos numa biblioteca espaçosa e bem mobiliada do primeiro quarto do século 18, revestida com painéis de madeira, com esplêndidos frontões triangulares, uma encantadora cornija dórica, e um ornamento magnificamente entalhado e com volutas e urnas sobre o consolo da lareira. Acima das prateleiras cheias, em distâncias regulares ao longo das paredes, havia retratos de família bem trabalhados; todos desvanecidos até uma obscuridade enigmática e exibindo uma inconfundível semelhança com o homem que agora me oferecia uma cadeira ao lado de uma graciosa mesa Chippendale¹. Antes de sentar-se do outro lado da mesa, meu anfitrião se deteve por um momento, como se não se sentisse à vontade; depois, demoradamente retirou as luvas, o chapéu de aba larga e o capote, postou-se de maneira teatral em trajes de meados da era georgiana, desde o cabelo preso atrás, o rufo no pescoço, os culotes, as meias de seda até os sapatos com fivelas que eu não havia notado antes. Agora, acomodando-se lentamente numa cadeira com encosto em forma de lira, ele começou a me examinar com atenção.

Sem o seu chapéu, ele adquiriu um aspecto de extrema velhice que não era perceptível antes, e eu me perguntei se essa característica de longevidade tão peculiar que eu não havia notado era uma das fontes de minha inquietação. Quando ele falava mais demoradamente, sua voz suave, grave e especialmente abafada não raramente oscilava; e por vezes eu tinha grande dificuldade em acompanhá-lo enquanto ouvia o que dizia com uma sensação de assombro e certo alarme que tentava negar, mas que crescia

cada vez mais.

— O senhor vê diante de vossos olhos – meu anfitrião começou – um homem de excêntricos hábitos que não haverá de desculpar-se por seus trajes diante de um homem com vossos conhecimentos e inclinações. Ponderando sobre tempos melhores, não tive escrúpulos em averiguar seus caminhos, e adotar seu vestuário e seus costumes; um deleite que não há de ofender outrem se praticado sem ostentação. Foi minha boa fortuna ter podido manter a propriedade rural de meus antepassados, área que fora engolida por duas cidades: primeiro, Greenwich, que se formou depois de 1800, e depois Nova York, que se uniu por volta de 1830. Havia muitas razões para a atenta manutenção deste legado na família, e eu não fui negligente no cumprimento de minhas obrigações. O cavalheiro que herdou a propriedade em 1768 estudou certas artes e fez certas descobertas, todas elas conectadas a influências presentes neste particular lote de terra, e que por essa razão mereciam ser guardadas com o maior zelo. Alguns efeitos curiosos dessas artes e descobertas atrevo-me agora a exhibir-vos sob o mais restrito segredo; e creio poder confiar em meu julgamento sobre os homens ao não questionar vosso interesse ou vossa lealdade.

Ele fez uma pausa, e eu fui capaz apenas de concordar com a cabeça. Eu havia dito que estava ficando alarmado, contudo, para minha alma nada era mais mortal do que o mundo material de Nova York à luz do dia, e fosse esse homem um mero excêntrico ou um mestre de artes ocultas, eu não tinha outra escolha a não ser segui-lo e disfarçar meu assombro a cada nova revelação. Então, eu o escutei.

— Para... o meu antepassado – ele continuou com voz rouca –, havia qualidades notáveis nos propósitos da humanidade; qualidades que exerciam um quase insuspeito domínio sobre os atos dos próprios indivíduos, bem como sobre todos os tipos de forças e substâncias da

Natureza, e muitos elementos e dimensões considerados mais universais do que a própria Natureza. Poder-vos-ia eu dizer que ele zombava da santidade de coisas tão importantes como o espaço e o tempo, e se dedicava a estranhas práticas rituais de certos índios peles-vermelhas mestiços que um dia acamparam sobre essa colina? Esses índios se mostraram furiosos quando este lugar foi construído e vinham como uma praga pedir para visitar as terras a cada lua cheia. Por anos eles saltavam furtivamente sobre o muro sempre que conseguiam e clandestinamente praticavam alguns atos. Então, em 68, o novo proprietário surpreendeu-os em seus atos e ficou perplexo com o que vira. Depois disso, negociou com os índios e deu livre acesso à área em troca da revelação detalhada de suas práticas; assim, aprendeu que os avós desses índios tinham herdado parte de seus costumes de seus ancestrais peles-vermelhas e parte de um velho holandês nos tempos dos Estados Gerais². Maldito seja, pois receio que aquele cavalheiro deva ter servido a eles um rum da pior qualidade – sem querer ou de propósito – e uma semana após conhecer todo o segredo, era o único homem vivo a possuí-lo. Sois, cavalheiro, o primeiro estrangeiro a saber da existência de tal segredo, e não me teria atrevido a compartilhar tanto – os poderes – não houvésseis demonstrado tamanha curiosidade por essas cousas.

Tremia à medida que o homem tornava mais coloquial aquele modo peculiar de falar. Ele prosseguiu:

— Mas deveis saber, cavalheiro, que o proprietário obteve desses mestiços selvagens apenas uma pequena parte do conhecimento que alcançaria. Não foi em vão que viajara a Oxford nem foi por nada que falara com um velho boticário e um astrólogo em Paris. Ele estava, enfim, ciente de que todo o mundo nada mais é do que a fumaça de nossos intelectos; de difícil acesso para pessoas comuns, mas que os sábios podem tragar e expelir como uma nuvem do sofisticado tabaco da Virgínia. Aquilo que

desejamos, podemos criar ao nosso redor; aquilo que não desejamos, nós podemos rechaçar. Não vou dizer que isso seja completamente verdadeiro enquanto matéria, mas é suficiente para proporcionar um belo espetáculo em boas ocasiões. Suponho que ficaríeis enlevado pela visão mais atraente de outros anos do que a vossa imaginação poderia permitir; portanto, peço-vos que refuteis qualquer temor ante aquilo que mostrarei. Vinde até a janela e permanecei em silêncio.

Meu anfitrião tomou minha mão para levar-me a uma das duas janelas do lado mais comprido da malcheirosa sala, e ao primeiro toque de suas mãos sem luvas, eu gelei. Sua carne, embora seca e firme, era fria como o gelo, e eu quase recuei ao seu toque. Mas novamente pensei no imenso vazio e no horror da realidade, e bravamente preparei-me para segui-lo aonde quer que me levasse. Uma vez junto à janela, o homem abriu as cortinas de seda amarela e orientou meu olhar para a escuridão exterior. Por um momento, não vi nada exceto uma miríade de minúsculas luzes dançando muito, muito distantes. Depois, como se em resposta ao insidioso gesto de meu anfitrião, o clarão de um lampejo quente preencheu o cenário e eu enxerguei um mar de extraordinárias folhagens – folhagens não poluídas e não mais os telhados que uma mente normal esperaria ver. À minha direita o rio Hudson resplandecia perversamente, e à distância eu via o reflexo insalubre de um vasto charco salgado constelado de vaga-lumes agitados. O clarão desvaneceu e um sorriso diabólico iluminou o rosto encerado de meu envelhecido necromante.

— Isso foi antes do meu tempo e antes do tempo do novo proprietário. Rogo-vos deixar-me fazer uma nova tentativa.

Eu estava abatido, mais abatido do que a detestável modernidade dessa maldita cidade me havia feito sentir.

— Meu bom Deus! – sussurrei. – Isso pode ser feito para qualquer

período de tempo? – E quando ele balançou a cabeça afirmativamente e deixou à vista os tocos escuros do que um dia haviam sido seus dentes amarelados, agarrei-me às cortinas para evitar uma queda. Mas ele me amparou com suas terríveis garras frias como o gelo, e mais uma vez fez o gesto insidioso. Novamente o clarão surgiu – mas dessa vez num cenário não totalmente estranho. Era Greenwich, a Greenwich que costumava ser, com um telhado aqui e ali ou uma fileira de casas como as vemos hoje, porém com belas alamedas arborizadas, campos e gramados comuns. O charco ainda refletia atrás, porém mais adiante eu via os campanários do que era então toda a cidade de Nova York; eram as igrejas de Trinity, St. Paul e Brick, que pareciam dominar suas irmãs, e um leve nevoeiro da queima de lenha pairava sobre todo o conjunto. Respirei fundo, não tanto pela visão, mas sim pelas possibilidades que minha imaginação evocava de forma tão aterradora.

— O senhor poderia... se atreveria a ir mais longe? – perguntei apreensivo, e creio que ele compartilhou dessa apreensão por um instante, mas a diabólica expressão risonha voltou.

— Longe? O que meus olhos já viram transformar-vos-ia numa louca estátua de pedra! Para trás, para trás... para frente, para frente. Vede, tolo choramingão! – E enquanto ele pronunciava rispidamente a frase com seu forte bafo, ele repetiu o gesto que deu ao céu um clarão mais intenso do que qualquer um dos anteriores. Por três segundos inteiros eu pude vislumbrar essa cena pandemônica, e durante esse tempo vi um panorama que há de atormentar meus sonhos pelo resto da vida. Vi o firmamento infestado por estranhas coisas voadoras e debaixo delas uma infernal cidade negra com gigantescos terraços de pedra com ímpias pirâmides lançadas brutalmente em direção à lua, e luzes demoníacas ardendo em incontáveis janelas. E como revoadas repugnantes por galerias aéreas, eu vi os amarelos olhos

semicerrados dos habitantes dessa cidade, horivelmente vestidos com roupas vermelha e laranja, dançando insanamente ao som dos frenéticos timbales e dos obscenos crótalos, e também o lamento maníaco de abafadas cornetas das quais incessantes hinos fúnebres se originavam como ondas de um amaldiçoado oceano de betume.

Eu vi esse cenário, como eu disse, e ouvi como se fosse com os ouvidos da mente a blasfema cacofonia que o acompanhava. Era o chiado de satisfação de todo o horror que essa cidade-cadáver havia atizado em minha alma, e ignorando qualquer recomendação de silêncio, eu gritei, gritei e gritei quanto meus nervos permitiam até fazer as paredes tremerem.

Depois, enquanto o clarão diminuía, vi que meu anfitrião também tremia; um olhar de medo e de choque havia disfarçado a distorção viperina da raiva que meus gritos tinham provocado. Ele cambaleou, agarrou-se às cortinas como eu havia feito antes e meneou a cabeça furiosamente como um animal capturado. Deus sabe que ele tinha razão, pois assim que os ecos de meus gritos cessaram, veio outro som tão diabolicamente sugestivo que quase levou minha sanidade e minha consciência, preservadas apenas graças a uma emoção entorpecida. Era o constante e furtivo rangido dos degraus atrás da porta trancada, como se uma horda com os pés descalços ou calçados com peles estivesse subindo; e, finalmente, o intencional retinir da tranca de latão que brilhava à débil luz do candelabro. O velho homem me agarrava e cuspiu em mim através do ar bolorento enquanto vociferava e se inclinava para fechar a cortina amarela.

— A lua cheia... maldito! Maldito cão uivante... vós... vós os chamastes e eles vieram atrás de mim! Pés com mocassins... homens mortos... Deus levou vocês, seus diabos vermelhos, mas eu não envenenei o rum de vocês... não mantive sua maldita mágica a salvo? Vocês encheram-se de bebida até não poderem mais, malditos, e agora querem culpar o

proprietário... sumam! Tirem as mãos dessa tranca... não tenho nada para vocês aqui.

Nesse ponto, três batidas secas e intencionais se ouviram à porta e uma espuma branca se formou na boca do mágico enlouquecido. Seu susto, transformado em rigoroso desespero, cedeu lugar novamente à sua raiva contra mim; e ele ensaiou um passo em direção à mesa onde eu me apoiava. As cortinas, ainda presas em sua mão direita enquanto sua mão esquerda tentava alcançar-me, ficaram cada vez mais estiradas até que finalmente caíram de seus suportes elevados, permitindo que a sala fosse inundada pela claridade daquela lua cheia que o brilho do céu pressagiara. Diante desses raios esverdeados, as luzes das velas empalideceram e um novo aspecto de decadência espalhou-se sobre a sala de odor almiscarado impregnado de mofo com seus painéis infestados de cupins, o soalho prestes a ceder, o consolo da lareira carcomido, a mobília em estado precário e as tapeçarias em farrapos. Esse aspecto de decadência também dominou o velho homem, seja pela mesma origem, seja por seu medo e veemência, e eu o vi encolhendo e escurecendo enquanto tentava aproximar-se de mim e ferir-me com suas garras de abutre. Apenas seus olhos permaneciam iguais, e eles brilhavam com uma incandescência propulsora e dilatada que crescia enquanto o rosto ao redor deles chamuscava e definhava.

As batidas agora se repetiam com mais insistência, e dessa vez traziam indícios de metal. A coisa negra que estava diante de mim tornara-se apenas uma cabeça com olhos que tentava em vão movimentar-se pelo soalho em minha direção, soltando de vez em quando pequenos esputos de malícia imortal. Agora, golpes enérgicos e demolidores atingiam os já estragados painéis das paredes, e eu pude ver o brilho de um machado atravessando a madeira. Fiquei imóvel, pois não conseguia me mexer; mas assisti pasmado à destruição da porta que depois de despedaçada permitiu o influxo

disforme e colossal de uma substância repleta de olhos brilhantes e malévolos. Ela correu espessamente como um fluxo de petróleo brotando da fenda da antepara de um navio, derrubou uma cadeira em seu caminho e finalmente derramou-se por debaixo da mesa e através da sala onde a cabeça enegrecida com os olhos ainda me encarava. Finalmente, envolveu a cabeça, engolindo-a totalmente para em seguida começar a recuar, carregando a invisível carga sem me tocar, e agora escorrendo na direção da porta e descendo pelos degraus da escada que ainda rangiam, embora meus ouvidos percebessem que era na direção contrária.

Então, o soalho cedeu de vez e eu deslizei ofegante para uma câmara escura abaixo, sufocado por teias de aranha e quase desmaiando de pavor. A lua verde que brilhava através das janelas quebradas permitiu-me ver a porta entreaberta do vestíbulo; e enquanto me punha de pé nesse piso repleto de pedaços de estuque e espanava os restos do teto que haviam caído sobre mim, vi passar uma horrível torrente negra com inúmeros e brilhantes olhos malignos. Estava procurando a porta do porão e, quando a encontrou, desapareceu por ela. Sentia agora que o soalho deste aposento inferior seguia o mesmo caminho que o do piso de cima, e, subitamente, um estrondo vindo do alto foi seguido pela queda de algo que passou pela janela oeste, provavelmente a cúpula. Finalmente livre dos destroços, corri pelo vestíbulo em direção à porta de entrada e, vendo-me impossibilitado de abri-la, apanhei uma cadeira, quebrei uma janela e corri desvairadamente pelo descuidado gramado onde o luar pousava sobre o mato alto. O muro era alto e os portões estavam trancados, mas após empilhar algumas caixas que havia num canto, consegui escalar até o topo e agarrar-me à grande urna de pedra que o ornava.

Ao meu redor, exausto, podia ver apenas muros e janelas estranhas, e telhados antigos. Não conseguia encontrar a ladeira por onde havia subido e

o pouco que via desapareceu rapidamente sob a névoa que subia do rio, apesar do clarão da lua. Repentinamente, essa urna de pedra à qual havia me agarrado começou a tremer como se compartilhasse de meus temores; e em seguida senti meu corpo mergulhar rumo a um destino desconhecido.

O homem que me encontrou disse-me que devo ter rastejado por um longo tempo apesar de meus ossos quebrados, pois meu sangue deixara um rastro até onde seus olhos podiam avistar. Entretanto, uma chuva forte logo apagou os sinais que ligavam a cena a meu suplício, e os relatórios não podiam afirmar nada além do fato de eu ter surgido de um lugar desconhecido, na entrada de um pequeno pátio escuro da rua Perry.

Nunca mais considereirei retornar àqueles tenebrosos labirintos, e jamais guiaria algum homem são até lá. Quem ou o que era aquela criatura, eu não faço ideia, mas repito que esta cidade está morta e cheia de horrores insuspeitos. Também não sei se ele se foi, de fato, para sempre; mas eu voltei para casa, para as puras veredas da Nova Inglaterra, onde fragrantas brisas marinhas sopram ao anoitecer.

1. Thomas Chippendale foi um marceneiro britânico que criou um estilo próprio de mobiliário em meados do século 18 e ganhou fama pelo mundo por seu desenho e execução impecáveis.

2. Em inglês, States-General é o órgão legislativo bicameral dos Países Baixos. Sua convocação deu-se em meados do século 15.

O HORROR EM RED HOOK

Escrito em agosto de 1925 e publicado em setembro de 1926



EPÍGRAFE

Existem tanto sacramentos do mal como do bem ao nosso redor, e vivemos e nos movemos, a meu ver, em um mundo desconhecido, um lugar onde existem cavernas, sombras e habitantes na penumbra. É possível que o homem às vezes possa voltar atrás no caminho da evolução, e acredito que um conhecimento terrível ainda não está morto.

– Arthur Machen

I

Há poucas semanas, numa esquina do vilarejo de Pascoag, em Rhode Island, um pedestre alto, forte e de boa aparência causou muitas especulações devido a uma extraordinária falha de comportamento. Ao que parece, ele descia a colina pela estrada que vem de Chepachet e, ao chegar na região central, dobrou à esquerda na via principal, onde vários quarteirões de negócios modestos transmitem uma atmosfera urbana. Nesse ponto, sem nenhuma provocação visível, cometeu a assombrosa falha. Ficou por um instante encarando de um jeito estranho o prédio mais alto à sua frente e, em seguida, com uma série de gritos aterrorizados e histéricos, irrompeu numa corrida frenética que terminou em um tropeção e em uma queda no cruzamento seguinte. Reerguido e limpo do pó por mãos prestativas, viu-se que estava consciente, sem ferimentos físicos e evidentemente curado de seu súbito ataque de nervos. O homem murmurou algumas explicações envergonhadas que diziam respeito ao período de tensão que vinha passando e, com o olhar cabisbaixo, voltou pela estrada de Chepachet e foi caminhando com dificuldade até sumir de vista, sem olhar uma única vez para trás. Foi um estranho incidente para acontecer com um homem tão robusto e aparentemente normal e capaz, e essa estranheza não foi minimizada pelos comentários de um curioso que o reconheceu como sendo o hóspede de um leiteiro muito conhecido nos arredores de Chepachet.

Soube-se depois que ele era Thomas F. Malone, um detetive da polícia

de Nova York, agora em uma longa licença para tratamento médico após um trabalho desproporcionalmente árduo em um medonho caso local que se tornou dramático por um acidente. Ocorrera o desabamento de vários prédios antigos de tijolos aparentes durante uma batida policial da qual ele participara, e a perda de uma enorme quantidade de vidas nesse incidente, tanto de prisioneiros quanto de seus colegas, o abalara de uma maneira única. Como resultado, ele adquirira um horror agudo e anômalo por qualquer prédio que sugerisse, mesmo que de maneira remota, os prédios que haviam desabado. De forma que, por fim, os especialistas em doenças mentais acabaram por proibi-lo de ver esse tipo de construção por um período indeterminado de tempo. Um cirurgião da polícia com parentes em Chepachet sugeriu aquele exótico vilarejo de casas coloniais de madeira como o lugar ideal para a recuperação psicológica de Malone; e para lá se foi o sofredor, prometendo jamais se aventurar pelas ruas cercadas de tijolos dos vilarejos maiores, até que fosse expressamente recomendado pelo especialista de Woonsocket, com quem fora colocado em contato. Essa caminhada até Pascoag em busca de revistas fora um erro, e o paciente pagara por sua desobediência com medo, hematomas e humilhação.

Sobre tudo isso as fofocas de Chepachet e Pascoag sabiam; e em tudo isso também os especialistas mais cultos acreditavam. Mas logo no início, Malone contou muito mais aos especialistas e só parou quando viu que causava apenas uma incredulidade geral. Daí em diante permaneceu calado e não protestou quando todos concordaram que o colapso de algumas casas esquálidas de tijolos aparentes na região de Red Hook, no Brooklyn, e a consequente morte de vários policiais corajosos, haviam perturbado seu equilíbrio nervoso. Ele trabalhara com afinco, todos diziam, tentando limpar aqueles ninhos de desordem e violência. Alguns aspectos do caso eram bastante chocantes, para ser justo, e a tragédia inesperada fora a gota

d'água. Essa era uma explicação simples que todos poderiam entender e, como não era ingênuo, Malone percebeu que era melhor deixar que isso bastasse. Sugerir a pessoas destituídas de imaginação um horror além de qualquer concepção humana – um horror envolvendo casas, quarteirões e cidades leprosas e cancerosas onde o mal se arrastava de mundos mais antigos – seria meramente pedir por uma cela acolchoada em vez de uma viagem tranquila para o campo, e Malone era um homem sensato, apesar de seu misticismo. Ele tinha a visão profunda dos celtas para coisas misteriosas e ocultas, mas o olho rápido de um lógico para o aparentemente duvidoso; um amálgama que o levava longe nos seus quarenta e dois anos de vida e o colocara em lugares estranhos para um homem da Universidade de Dublin, nascido numa vila georgiana próxima ao Phoenix Park.

E agora, enquanto recapitulava as coisas que vira, sentira e percebera, Malone sentia-se satisfeito por não ter compartilhado o segredo que poderia reduzir um lutador destemido a um neurótico trêmulo, que poderia transformar cortiços velhos de tijolos e mares de rostos sombrios e enigmáticos em um pesadelo e em um terrível presságio. Não seria a primeira vez que suas sensações tinham sido forçadas a permanecer incompreendidas – pois não fora o seu próprio ato de mergulhar no abismo poliglota do submundo de Nova York uma anomalia além de qualquer explicação sensata? O que poderia dizer às pessoas comuns sobre as feitiçarias antigas e os fenômenos grotescos discerníveis aos olhos sensíveis no meio do caldeirão venenoso onde toda sorte de detritos de eras perniciosas misturam sua peçonha e perpetuam seus terrores obscenos? Ele vira a chama verde e infernal do assombro secreto nessa confusão descarada e evasiva de ganância exterior e blasfêmia interior, e sorria gentilmente quando todos os nova-iorquinos que conhecia zombaram da sua experiência no trabalho policial.

Eles tinham sido muito espirituosos e cínicos, zombaram da sua busca fantástica por mistérios impenetráveis e asseguraram-lhe que, nos dias de hoje, Nova York não tinha nada a oferecer a não ser baixeza e vulgaridade. Um deles apostou com Malone uma grande quantia, dizendo que ele não conseguiria – apesar das muitas coisas relevantes a seu favor no *The Dublin Review* – sequer escrever uma história verdadeiramente interessante sobre os submundos de Nova York. E agora, rememorando, ele percebia que a ironia cósmica havia justificado as palavras do profeta enquanto secretamente refutava seu significado superficial. O horror, como vislumbrado por fim, não podia dar ensejo a uma história – pois, como diz o livro citado pela autoridade alemã, “es lässt sich nicht lesen”- ou “ele não se permite ser lido”.

II

Para Malone, a sensação de mistério latente na existência estava sempre presente. Na juventude ele sentira a beleza oculta e o êxtase das coisas e fora um poeta; mas a pobreza, a dor e o exílio voltaram seu olhar para direções mais sombrias, e ele estremecia diante das insinuações do mal no mundo ao seu redor. A vida cotidiana para ele se tornara uma fantasmagoria de estudos paralelos do macabro; ora resplandecendo e olhando cobiçosamente com uma podridão disfarçada, como nos melhores modos de um Beardsley, ora insinuando terrores por detrás das formas e objetos mais triviais, como na obra mais sutil e menos óbvia de Gustave Doré. Muitas vezes ele considerava misericordioso que a maioria das pessoas mais inteligentes debochasse dos mistérios mais profundos; afinal, argumentava ele, se as mentes superiores algum dia fossem colocadas em pleno contato com os segredos preservados pelos cultos antigos e inferiores, as anormalidades resultantes, em pouco tempo, não só arruinariam o mundo, como também ameaçariam a própria integridade do universo. Toda essa reflexão era, sem dúvida, mórbida, mas a lógica arguta e um profundo senso de humor a contrabalançavam de forma muito habilidosa. Malone estava satisfeito por deixar suas percepções permanecerem como ideias um tanto vigiadas e proibidas com as quais podia brincar, sem, no entanto, levá-las muito a sério. E a histeria só apareceu quando o dever o atirou em um inferno de revelações muito repentinas e insidiosas para que ele conseguisse escapar.

Fazia algum tempo que ele fora destacado para o distrito policial da Butler Street, no Brooklyn, quando o caso de Red Hook chegou ao seu conhecimento. Red Hook é um labirinto de imundície híbrida próximo à antiga zona portuária, em frente à Governors Island, com ruas sujas que saem do cais e sobem até a parte mais alta, onde as extensões degradadas das ruas Clinton e Court juntam-se em direção à sede da prefeitura. A maioria das casas é de tijolos, datando do primeiro quarto até a metade do século 19, e alguns becos e atalhos mais obscuros têm aquela característica antiga e atraente que a leitura convencional nos leva a chamar de dickensiano. A população é um emaranhado e um enigma desesperador; sírios, espanhóis, italianos e negros chocam-se uns contra os outros, e fragmentos de cinturões escandinavos e norte-americanos podem ser encontrados não muito longe dali. Trata-se de uma babel de sons e imundície, que lança estranhos gritos para responder ao bater das ondas oleosas nos píeres imundos e às ladainhas monstruosas dos apitos do porto. Aqui, muito tempo atrás, havia um quadro mais aprazível, com marinheiros de olhos claros nas ruas mais abaixo e lares de bom gosto e prósperos onde as casas maiores enfileiravam-se na colina. Pode-se rastrear as relíquias dessa antiga felicidade na condição elegante das construções, nas ocasionais igrejas graciosas e nos indícios de arte e paisagem originais em pequenos detalhes aqui e ali – um lance de degraus gasto, uma porta em ruínas, um par de colunas ou pilastras decorativas danificado pelo tempo ou um fragmento do que um dia foi um espaço verde com a cerca agora torta e enferrujada. As casas costumam ficar em quadras compactas, e de vez em quando surge uma abóbada com várias janelas para contar da época em que os lares dos capitães e dos donos de navios observavam o mar.

Desse emaranhado de putrescência material e espiritual, as blasfêmias de uma centena de dialetos bombardeiam o céu. Hordas de vagabundos

cambaleiam gritando e cantando pelas travessas e pelas ruas principais, mãos furtivas ocasionais apagam as luzes e fecham as cortinas de repente, e os rostos morenos e marcados pelo pecado desaparecem das janelas quando os visitantes se aproximam. Os policiais já perderam a esperança na ordem ou na melhora dessa situação, e, em vez disso, procuram erguer barreiras para proteger o mundo exterior do contágio. O clangor da patrulha tem como resposta uma espécie de silêncio espectral, e os prisioneiros que são levados nunca são comunicativos. Os delitos visíveis são tão variados quanto os dialetos locais e de uma gama que vai desde o contrabando de rum e de imigrantes ilegais, passando por diversos estágios de ilegalidades e vícios obscuros, até assassinatos e mutilações com pretextos dos mais repugnantes. Que esses casos visíveis não sejam mais frequentes não se deve atribuir à vizinhança, a não ser que o poder da dissimulação seja uma arte que mereça crédito. Mais pessoas entram em Red Hook do que deixam o bairro – ou, pelo menos, do que o deixam por terra –, e aqueles que não são prolixos são os que têm uma maior probabilidade de deixá-lo.

Malone encontrou nesse estado das coisas um ligeiro mau cheiro de segredos mais terrível do que qualquer um dos pecados denunciados pelos cidadãos e lastimados pelos padres e filantropos. Ele tinha consciência, como um homem que unia a imaginação ao conhecimento científico, de que pessoas modernas sob condições sem lei tendem misteriosamente a repetir os padrões mais obscuros, instintivos e de uma selvageria primitiva e meio simiesca em sua vida cotidiana e na observância de seus rituais; e muitas vezes ele via, com o arrepio de um antropólogo, as procissões de cantorias e os palavrões de rapazes de olhos turvos e rostos marcados pela varíola que andavam sem rumo pela madrugada.

Era possível encontrar esses grupos de jovens a todo instante, algumas vezes em vigílias maliciosas nas esquinas ou nas portas de suas casas,

tocando instrumentos baratos de uma forma sinistra, às vezes cochilando entorpecidos ou em diálogos indecentes nas mesas dos cafés próximos à sede da subprefeitura, e outras vezes conversando aos sussurros ao lado de táxis encardidos estacionados junto aos degraus altos das entradas das casas velhas e em ruínas que mantinham as janelas bem fechadas. Eles lhe provocavam calafrios e o fascinavam mais do que ele tinha coragem de confessar aos colegas na força, pois Malone parecia ver neles alguma sequência monstruosa de conexão secreta; algum padrão diabólico, enigmático e antigo, muito além da massa sórdida dos fatos, hábitos e lugares frequentados, listados com um cuidado técnico tão consciencioso pela polícia. Malone sentia que eles deviam ser os herdeiros de alguma tradição chocante e primordial; divulgadores dos restos degradados e corrompidos de cultos e cerimônias mais antigos que a própria humanidade. A coerência e a clareza dessas pessoas sugeriam isso, e também transparecia na suspeita da ordem singular que se escondia por trás da sua desordem sórdida. Ele não havia lido em vão tratados como O Culto das Bruxas na Europa Ocidental, da senhorita Murray; e sabia que, até poucos anos, com toda certeza, sobrevivera entre os camponeses e pessoas dissimuladas um sistema clandestino e terrível de reuniões e orgias que descendiam de religiões ocultas anteriores ao mundo ariano, e que apareciam em lendas populares como as Missas Negras e os Sabbats. Malone não pensaria nem por um instante que esses vestígios infernais da antiga magia turaniana-asiática e dos cultos à fertilidade estivessem completamente mortos, e com frequência se perguntava quão mais antigos e mais ocultos do que as piores lendas sussurradas alguns deles realmente poderiam ser.

III

Foi o caso de Robert Suydam que levou Malone ao âmago das coisas em Red Hook. Suydam era um recluso letrado de uma família holandesa antiga, que originalmente possuía apenas o suficiente para a sobrevivência e morava em uma mansão espaçosa, porém muito malconservada, que o avô construía em Flatbush quando aquele vilarejo era ainda um agrupamento agradável de chalés coloniais em torno da Igreja Reformadora, com seu campanário coberto de heras e um cemitério com cerca de ferro tomado por túmulos de holandeses. Em sua casa solitária, separada da rua Martense por um jardim de árvores antigas, Suydam havia lido e ruminado por quase seis décadas, exceto por um período, quando velejara para o velho mundo e permanecera sem dar notícias por oito anos. Ele não tinha condições de pagar criados e recebia poucos visitantes em sua solidão absoluta; evitava amizades íntimas e recebia os raros conhecidos em uma das três salas do andar térreo que mantinha arrumada – uma enorme biblioteca com pé-direito alto, cujas paredes eram abarrotadas de livros em péssimo estado e com aspecto sisudo, arcaico e um tanto repelente. O crescimento da cidade e por fim sua absorção pelo distrito do Brooklyn não significavam nada para Suydam, e ele, por sua vez, também passara a significar cada vez menos para a cidade. Os mais idosos ainda acenavam para ele nas ruas, mas, para a maioria da população recente, Suydam era simplesmente um velho estranho e corpulento. O cabelo branco despenteado, a barba por fazer, as roupas pretas cintilantes e a bengala com cabo de ouro rendiam a

ele um olhar divertido e nada mais. Malone não o conhecia até o dever levá-lo ao caso, mas ouvira falar a seu respeito indiretamente como uma autoridade bastante respeitável em superstição medieval, e certa vez tentara em vão encontrar um folheto esgotado de Suydam sobre a Cabala e a lenda de Fausto, que um amigo citara de memória.

Suydam tornou-se um caso quando seus parentes distantes, os únicos que haviam restado, procuraram obter um pronunciamento judicial sobre sua sanidade. A ação pareceu repentina para o mundo exterior, mas, de fato, havia sido levada a cabo só depois de uma observação prolongada e uma discussão pesarosa. A atitude foi baseada em certas mudanças excêntricas em seu discurso e em seus costumes; alusões excêntricas a maravilhas prestes a acontecer e incontáveis visitas a bairros do Brooklyn de má reputação. Com o passar dos anos, vinha se tornando cada vez mais desleixado e maltrapilho, e agora vagava pelas ruas como um verdadeiro mendigo. Era visto ocasionalmente por amigos constrangidos em estações de metrô ou vadiando nos bancos em torno da subprefeitura, e em conversas com grupos de estranhos de pele escura e aparência desagradável.

Quando falava, era para balbuciar sobre poderes ilimitados que estariam quase ao seu alcance e para repetir, com olhares maliciosos de conhecedor, palavras ou nomes místicos tais como Sefirot, Asmodeus e Samael. A medida judicial revelou que ele estava usando sua renda e dilapidando seu patrimônio com a compra de curiosos volumes importados de Londres e Paris, e com a manutenção de um apartamento de subsolo no distrito de Red Hook, onde passava quase todas as noites recebendo delegações excêntricas que misturavam desordeiros e estrangeiros, e aparentemente conduzindo algum tipo de cerimônia por detrás das persianas verdes das janelas reservadas. Os detetives designados para segui-lo relataram ouvir gritos e cânticos estranhos, bem como o ruído de pés batendo no chão naqueles

rituais noturnos, e que estremeciam diante da euforia e do descomedimento incomuns desses rituais, apesar do fato de orgias bizarras serem comuns naquela região alagada. No entanto, quando o caso foi levado para audiência, Suydam conseguiu preservar sua liberdade. Diante do juiz, seu comportamento tornou-se cortês e razoável, e ele admitiu francamente a estranheza de sua conduta e a extravagante escolha da linguagem pela qual se interessou devido à devoção excessiva ao estudo e à pesquisa. Ele disse estar engajado na investigação de certos detalhes da tradição europeia que exigiam um contato mais próximo com grupos estrangeiros, suas músicas e danças populares. A ideia de que qualquer sociedade secreta inferior o estava assediando, como insinuado por seus parentes, era absolutamente absurda; e que isso mostrava, de uma maneira muito triste, como era limitado o conhecimento que tinham dele e de seu trabalho. Saindo-se vitorioso com suas explicações tranquilas, saiu dali sem que lhe agravasse qualquer impedimento; e os detetives contratados pelos Suydam, Corlear e Van Brunt, foram retirados do caso com uma repulsa resignada.

Foi nesse momento que uma aliança entre inspetores federais e a polícia local, da qual Malone fazia parte, entrou no caso. A lei tinha observado o caso Suydam com interesse e sido chamada para ajudar os detetives particulares em várias ocasiões. Esse trabalho revelou que os novos parceiros de Suydam estavam entre os criminosos mais sinistros e violentos das ruas sinuosas de Red Hook, e que pelo menos um terço deles eram infratores conhecidos e reincidentes nos assuntos de furto, desordem e contrabando de imigrantes ilegais. De fato, não seria demais dizer que o círculo particular do velho erudito coincidia quase que perfeitamente com a pior das facções criminosas que contrabandeava para terra firme certas escórias asiáticas inomináveis e inqualificáveis, sabiamente devolvidas por Ellis Island. Nas espeluncas pululantes de Parker Place – desde que o local

fora renomeado –, onde Suydam tinha o apartamento de subsolo, proliferara uma colônia bastante incomum de pessoas de olhos puxados e não classificadas que usavam o alfabeto árabe, mas eram repudiadas com veemência pela grande massa de sírios da Atlantic Avenue e de seu entorno. Todos poderiam ter sido deportados por falta de documentos, mas o sistema legal é lento e ninguém perturba Red Hook a não ser que a notoriedade pública o force a fazê-lo.

Essas criaturas frequentavam uma igreja de pedra em ruínas, cujos pilares góticos erguiam-se voltados para a parte mais vil da zona portuária, e era usada nas quartas-feiras como um salão de bailes. Ela era de denominação católica, mas os padres de todo o Brooklyn negavam ao lugar qualquer reputação e autenticidade, e os policiais concordavam com os padres quando ouviam os sons que dali saíam à noite. Malone costumava imaginar que ouvia notas graves rachadas e pavorosas de um órgão oculto nas profundezas quando a igreja estava vazia e no escuro, enquanto que todos que passavam por ali temiam os gritos estridentes e o bater de tambores que acompanhavam as visíveis cerimônias. Quando questionado, Suydam disse acreditar que o ritual era alguma reminiscência do cristianismo nestoriano impregnado pelo xamanismo do Tibete. A maioria das pessoas, Suydam supunha, era de origem mongoloide, vinda de algum lugar no Curdistão ou próximo a ele – e Malone não pôde deixar de lembrar que o Curdistão é a terra dos yezidis, os últimos sobreviventes dos persas adoradores do diabo. Como quer que tenha sido, a movimentação das investigações acerca de Suydam deixou claro que esses recém-chegados não autorizados estavam inundando Red Hook em número cada vez maior. Eles estavam entrando por meio de alguma conspiração marítima que os oficiais da receita e a polícia portuária não conseguiam compreender, infestando Parker Place e espalhando-se com rapidez colina acima e sendo bem

recebidos com uma fraternidade curiosa por outros moradores da região. Suas figuras atarracadas e de olhos puxados, combinadas de modo grotesco com roupas norte-americanas espalhafatosas, apareciam em número cada vez maior em meio aos vagabundos e gângsteres nômades da região da subprefeitura; até que, por fim, julgou-se necessário determinar os seus números, apurar suas origens e ocupações, e encontrar um meio, se possível, de reuni-los e entregá-los às autoridades imigratórias competentes. Por um acordo entre as polícias federal e local, Malone foi designado para essa tarefa, e quando começou a investigação em Red Hook, ele sentiu estar à beira de terrores inomináveis, tendo a figura maltrapilha e desleixada de Robert Suydam como seu aqui-inimigo e adversário.

IV

Os métodos da polícia são variados e engenhosos. Malone, por meio de passeios discretos, conversas casuais, ofertas oportunas de seu uísque de bolso e diálogos sensatos com prisioneiros assustados, veio a saber de vários fatos isolados a respeito do movimento cujas características haviam se tornado tão ameaçadoras. Os recém-chegados eram, de fato, curdos, mas falavam um dialeto obscuro e enigmático demais para que se fosse possível precisar sua filologia. Aqueles que trabalhavam eram em grande parte estivadores e vendedores ambulantes, embora com frequência trabalhassem como garçons em restaurantes gregos e cuidassem de bancas de jornais nas esquinas. A maioria deles, no entanto, não tinha meios claros de sustento e estava obviamente ligada a atividades do submundo, das quais o contrabando e o comércio ilegal de bebidas eram as menos indescritíveis. Eles tinham chegado em navios a vapor, aparentemente cargueiros, e tinham sido desembarcados sem alarde em noites sem lua nos barcos a remo que entravam furtivamente por baixo de um certo ancoradouro e seguiam por um canal oculto até um reservatório subterrâneo secreto embaixo de uma casa. Malone não conseguira localizar o ancoradouro, o canal ou a casa, porque as memórias de seus informantes eram extremamente confusas, ao mesmo tempo em que sua linguagem era, em grande parte, incompreensível até mesmo aos mais hábeis intérpretes. Tampouco conseguira obter quaisquer dados reais sobre as razões para a importação sistemática de tais estrangeiros. Eles eram reticentes quanto ao lugar exato

de onde tinham vindo e nunca estavam desprevenidos a ponto de revelar as organizações que os haviam procurado e encaminhado. Na verdade, tinham desenvolvido algo parecido com um pavor agudo quando lhes perguntavam sobre as razões de sua presença. Gângsteres de outras raças eram igualmente taciturnos, e o máximo que se conseguiu descobrir foi que algum deus ou grande sacerdote lhes havia prometido poderes inauditos, glórias e governos sobrenaturais em uma terra estranha.

O comparecimento aos encontros noturnos atentamente vigiados de Suydam, tanto dos recém-chegados como dos bandidos mais antigos, era bastante regular, e a polícia logo tomou conhecimento de que o velho, antes recluso, havia alugado apartamentos adicionais para acomodar os convidados que soubessem a senha; por fim ocupou três casas inteiras e passou a abrigar de forma permanente muitas das suas misteriosas companhias. Ele agora passava pouco tempo em sua casa em Flatbush, aparentemente indo e vindo apenas para pegar e devolver livros; e seu rosto e jeito de ser haviam atingido um nível assustador de rebeldia. Malone interrogou-o duas vezes, mas em ambas as ocasiões foi repellido de forma brusca. Disse que nada sabia sobre quaisquer planos ou movimentos misteriosos, e que não fazia ideia de como os curdos poderiam ter entrado ou o que pretendiam. Que seu interesse era estudar - sem ser perturbado - o folclore de todos os imigrantes do distrito; um interesse, aliás, que não dizia respeito à polícia. Malone mencionou sua admiração pelo antigo impresso de Suydam sobre a Cabala e outros mitos, mas o abrandamento na rispidez do velho foi apenas momentâneo. Ele percebeu uma intromissão e repeliu o visitante sem deixar nenhuma dúvida. Por fim, Malone se retirou aborrecido e foi procurar outros canais de informação.

Nunca saberemos o que Malone teria descoberto se pudesse ter continuado a trabalhar no caso. Mas acontece que um conflito sem sentido

entre as autoridades locais e federais suspendeu as investigações por vários meses, durante os quais o detetive esteve ocupado com outras missões. Mas em nenhum momento ele perdeu o interesse ou deixou de se impressionar com o que começou a acontecer com Robert Suydam. Na mesma época em que uma onda de raptos e desaparecimentos espalhou o alvoroço por Nova York, o erudito maltrapilho embarcou em uma metamorfose tão surpreendente quanto absurda. Um dia ele foi visto próximo à sede da subprefeitura com o rosto barbeado, o cabelo bem cortado e em trajes imaculados e de muito bom gosto, e depois disso, a cada dia notava-se nele alguma melhoria obscura. Ele mantinha o novo perfeccionismo dia após dia, o que acrescentou a ele um brilho inusitado no olhar e uma vivacidade na fala, e pouco a pouco começou a perder a corpulência que há tanto tempo o deformava. Agora era frequente que achassem que era mais novo, e ele adquiriu uma elasticidade na forma de caminhar e uma leveza nas atitudes que combinavam com sua nova condição, e mostrava um curioso escurecimento dos cabelos que, de algum modo, não aparentava ser tintura. À medida que os meses passavam, ele começou a vestir-se cada vez menos de modo tradicional e, por fim, surpreendeu os novos amigos com a reforma e a nova decoração da mansão de Flatbush, cuja portas abriu para uma série de recepções, reunindo todos os conhecidos de que conseguia se lembrar e oferecendo especial acolhimento aos parentes perdoados que tão recentemente haviam pleiteado sua restrição. Alguns compareceram por curiosidade, outros pelo dever; mas todos ficaram imediatamente encantados com a graça e a urbanidade do antigo eremita. Ele assegurou que havia concluído a maior parte do trabalho que lhe cabia; e tendo recém-herdado uma propriedade de um amigo europeu já quase esquecido, estava prestes a passar os anos que lhe restavam numa segunda juventude mais promissora, que a despreocupação, os cuidados e a dieta haviam tornado

possível. Suydam era cada vez menos visto em Red Hook e mais e mais na sociedade em que nascera. Os policiais notaram nos bandidos uma tendência a se reunirem na velha igreja - e salão de baile - de pedra, e não mais no apartamento de subsolo em Parker Place, embora este último e seus recentes anexos ainda transbordassem com uma vida perniciosa.

Então ocorreram dois incidentes – bem separados um do outro, mas ambos de grande interesse, na forma como Malone os percebia. Um deles foi o anúncio discreto feito no Eagle sobre o noivado de Robert Suydam e da senhorita Cornelia Gerritsen, de Bayside, uma jovem de excelente status social e parente distante do noivo idoso; enquanto que o outro foi uma batida da polícia local na igreja-salão de baile, depois de uma denúncia de que o rosto de uma criança raptada teria sido visto por um breve momento em uma das janelas do porão. Malone participara dessa batida e estudara o local com muito cuidado. Nada foi encontrado – na verdade, o prédio estava completamente deserto quando visitado –, mas o celta sensitivo ficara um tanto perturbado com muitas coisas no interior da igreja. Havia painéis grosseiramente pintados dos quais ele não gostara – painéis que retratavam rostos sagrados com expressões peculiarmente mundanas e sarcásticas, e que ocasionalmente tomavam algumas liberdades que nem mesmo o senso de um laico aprovaria. Malone tampouco apreciou a inscrição em grego que havia na parede acima do púlpito; uma antiga fórmula mágica na qual tropeçara certa vez, nos tempos em que estudava na Universidade de Dublin, e que, traduzida literalmente, dizia o seguinte:

“Ó amiga e companheira da noite, tu que exultas com o ladrar dos cães e com o sangue derramado, que vagas em meio às sombras das tumbas e anseias o sangue e levas o terror aos mortais, Gorgo, Mormo, lua de mil faces, olha com olhos favoráveis os nossos sacrifícios!”

Ao ler essas palavras, Malone estremeceu e pensou vagamente nas notas graves e rachadas do órgão que imaginara ter ouvido embaixo da igreja em certas noites. Ele estremeceu mais uma vez ao perceber a ferrugem na borda de uma pia de metal que ficava no altar e parou nervoso quando suas narinas pareceram detectar um mau cheiro esquisito e medonho vindo de algum lugar próximo. Aquela memória do órgão o perseguia, e ele explorou o porão com especial cuidado antes de sair. O lugar era detestável demais para ele; mas, apesar de tudo, o que eram aqueles painéis e inscrições blasfemas a não ser meras grosserias perpetradas pelos ignorantes?

Pela época do casamento de Suydam, a epidemia de raptos havia se tornado um escândalo popular nos jornais. A maioria das vítimas eram crianças pequenas das classes mais pobres, mas o número crescente de desaparecimentos dera ensejo a um sentimento de fúria dos mais violentos. Os jornais clamavam por ações da polícia, e mais uma vez o distrito policial da rua Butler enviou seus homens para Red Hook em busca de pistas, descobertas e criminosos. Malone estava satisfeito por estar outra vez em ação e orgulhoso por participar de uma batida numa das casas de Suydam em Parker Place.

Na verdade, nenhuma criança raptada foi encontrada por lá, apesar dos relatos de gritos e da venda de olhos vermelha recolhida do chão na passagem para o porão. Mas as pinturas e as inscrições rudes sobre as paredes descascadas da maioria dos quartos e o laboratório químico primitivo no sótão ajudaram a convencer o detetive de que ele estava na pista de alguma coisa extraordinária. As pinturas eram chocantes – monstros abomináveis de todas as formas e tamanhos, e arremedos de figuras humanas impossíveis de descrever. Havia uma escritura em vermelho com caracteres que se alternavam entre o árabe, o grego, o romano e o hebreu. Malone não conseguiu ler muita coisa daquilo, mas o

que conseguiu decifrar era portentoso e cabalístico. Um lema repetido com frequência estava grafado em uma espécie de grego helenístico com características hebreias e sugeria as mais terríveis evocações demoníacas da decadência Alexandrina:

“hel . heloym . sother . emmanuel . sabaoth . agla . tetragrammaton . agyros . otheos . ischyros . athanatos . iehova . va . adonai . saday . homovsion . messias. eschereheye.”

Círculos e pentagramas apareciam por todos os lados e indicavam, sem dúvida alguma, as crenças e aspirações daqueles que viviam de forma tão miserável naquele local. No sótão, entretanto, encontraram a coisa mais estranha – uma pilha de lingotes de ouro genuínos coberta descuidadamente com um pedaço de saco e que traziam gravados sobre a superfície brilhante os mesmos hieróglifos que adornavam as paredes. Durante a batida, a polícia encontrou apenas uma resistência passiva dos orientais de olhos puxados que saíam como enxames por todas as portas. Sem encontrar nada relevante, tiveram de deixar tudo como estava. No entanto, o comissário do distrito policial escreveu uma nota para Suydam aconselhando-o a observar com atenção o caráter de seus inquilinos e protegidos em vista do crescente clamor público.

V

Em junho, veio o casamento que causou grande sensação. Flatbush estava alegre desde perto do meio-dia e os carros com bandeirolas já se amontoavam nas ruas próximas à velha igreja holandesa, onde um toldo se estendia da porta até a avenida. Nenhum evento local jamais superou as núpcias de Suydam e Gerritsen em estilo ou proporção, e o grupo que acompanhou a noiva e o noivo até o píer de Cunard era, se não o mais elegante, pelo menos uma página inteira do Registro Social. Às cinco horas da tarde, as mãos se balançaram em adieux e o imponente transatlântico afastou-se do longo cais, girou lentamente a proa em direção ao mar, soltou-se do rebocador e partiu para o mar aberto que o levaria às maravilhas do velho mundo. À noite, já havia deixado para trás a baía e os passageiros puderam ver as estrelas cintilando acima do oceano despoluído.

Se foi o cargueiro a vapor ou o grito o que primeiro chamou a atenção de todos, ninguém sabe dizer. Provavelmente aconteceram ao mesmo tempo, mas é inútil discutir sobre isso. O grito veio do camarote de Suydam, e o marinheiro que derrubou a porta talvez pudesse ter contado coisas terríveis, não tivesse ficado completamente louco logo depois. De qualquer forma, ele guinchou mais alto que as primeiras vítimas e depois disso saiu correndo pelo navio rindo de um jeito afetado até ser pego e colocado a ferros. O médico do navio, que entrou no camarote logo depois e acendeu as luzes, não enlouqueceu, mas também não contou a ninguém o que tinha visto até tempos depois, quando se correspondeu com Malone em

Chepachet. Foi um assassinato – por estrangulamento –, mas não era preciso dizer que as marcas de garras na garganta da senhora Suydam não poderiam ter sido feitas pelas mãos do marido ou por qualquer outra mão humana, ou que sobre a parede branca tenha lampejado por um instante, em um vermelho execrável, uma inscrição que, copiada de memória mais tarde, parece ter sido nada menos que as temíveis letras caldeias da palavra Lilith. Não era necessário mencionar essas coisas, já que desapareceram com tanta rapidez. Quanto a Suydam, podia-se ao menos barrar a entrada de outras pessoas no quarto até que se soubesse o que pensar a respeito daquilo. O médico garantiu com toda certeza a Malone que não viu a coisa. Pouco antes de ligar a luz, a escotilha aberta foi embaçada por um segundo por uma espécie de fosforescência e, por um momento, ele teve a impressão de ouvir na noite lá fora um riso abafado, tênue e diabólico; mas seus olhos não conseguiram distinguir nenhum contorno. Como prova, o médico aponta para o fato de continuar são.

Então o cargueiro a vapor pediu a atenção de todos. Lançou um bote ao mar e uma horda de facínoras morenos e insolentes usando uniformes de oficiais subiu a bordo do Cunarder, que estava temporariamente parado. Eles queriam Suydam ou o seu corpo. Sabiam da sua viagem e, por alguma razão, tinham certeza de que ele morreria. O passadiço do capitão virou quase um pandemônio. Pois naquele instante, entre o relato do médico sobre o camarote e as demandas dos homens do cargueiro, nem mesmo o mais sábio e mais severo lobo do mar poderia decidir o que fazer. De repente, o líder dos marinheiros visitantes, um árabe com uma boca negroide detestável, puxou um papel sujo e amassado e passou-o ao capitão. Estava assinado por Robert Suydam e trazia essa estranha mensagem:

No caso de um acidente súbito e inexplicável, ou então de minha morte,

por favor, entreguem-me ou o meu corpo sem questionamentos ao portador desta nota e a seus companheiros. Tudo, para mim, e talvez para vocês, depende da sua obediência absoluta. Explicações poderão ser dadas mais tarde – não me abandonem agora.

Robert Suydam

O capitão e o médico entreolharam-se, e o médico sussurrou algo para o capitão. Finalmente concordaram com a cabeça, um tanto impotentes, e mostraram o caminho até o camarote de Suydam. Enquanto destrancava a porta e deixava que os marinheiros estranhos entrassem, o médico pediu ao capitão que não olhasse e não conseguiu respirar normalmente até que os homens saíssem, em fila, com sua carga, depois de um longo período de preparação. O corpo de Suydam foi enrolado na roupa de cama dos beliches, e o médico ficou satisfeito que os contornos não fossem muito reveladores. De alguma forma, os homens conseguiram passar o corpo por cima da amurada e colocá-lo em seu cargueiro sem descobri-lo. O Cunarder partiu novamente, e o médico e um agente funerário foram até o camarote de Suydam para cuidar do que fosse possível. Mais uma vez o médico foi forçado a ser reticente e até mesmo a mentir, pois algo diabólico havia acontecido. Quando o agente funerário lhe perguntou por que ele retirara todo o sangue da senhora Suydam, ele absteve-se de dizer que não tinha feito isso; e tampouco apontou para os espaços vazios na prateleira, onde deveria haver garrafas, ou para o cheiro na pia que delatava a pressa com que os conteúdos originais das garrafas foram esvaziados. Os bolsos daqueles homens – se é que eram homens – estavam abominavelmente repletos quando deixaram o navio. Duas horas depois, o mundo já sabia pelo rádio tudo o que deveria saber sobre o terrível acontecimento.

VI

Naquela mesma noite de junho, sem saber ainda do que ocorrera no mar, Malone estava muito ocupado em meio às vielas de Red Hook. Uma agitação repentina parecia permear o lugar, e como se tivessem sido notificados por rumores sobre algo extraordinário, os moradores reuniram-se com ansiedade em torno da igreja-salão de baile e das casas em Parker Place. Três crianças tinham acabado de desaparecer – crianças norueguesas de olhos azuis que moravam nas proximidades de Gowanus – e havia rumores de que estava se formando uma aglomeração de viquingues corpulentos daquela região. Há semanas Malone vinha insistindo com seus colegas para que tentassem fazer uma limpeza geral; e finalmente, levados por condições mais óbvias para o seu bom senso do que as conjecturas de um sonhador de Dublin, eles concordaram em dar um golpe final. A agitação e as ameaças dessa noite tinham sido o fator decisivo, e por volta da meia-noite um grupo formado por homens recrutados de três distritos policiais invadiu Parker Place e seus arredores. Arrombaram portas, prenderam vagabundos e forçaram multidões de estrangeiros de várias raças, com suas roupas estampadas, mitras e outros dispositivos inexplicáveis, a saírem dos quartos iluminados por luzes de velas. Muito foi perdido no entrevero, pois objetos foram jogados às pressas em poços dos quais a polícia não tinha conhecimento, e os odores reveladores foram mascarados por incensos acres acesos repentinamente. Mas o sangue respingado estava por todo lugar, e Malone estremecia sempre que via um

braseiro ou um altar dos quais a fumaça ainda saía.

Ele queria estar em vários lugares ao mesmo tempo, e decidiu-se pelo apartamento de subsolo de Suydam só depois que um mensageiro relatou que a igreja-salão de baile dilapidada estava completamente vazia. O apartamento, ele pensou, deve ter alguma pista sobre o culto do qual o erudito misterioso havia tão obviamente se tornado a alma e o líder; e foi com verdadeira expectativa que ele revistou os quartos mofados, notou o odor vago de sepultura e examinou os estranhos livros, instrumentos e lingotes de ouro e as garrafas com tampas de vidro espalhadas ao acaso aqui e ali. Em uma ocasião um gato magro preto e branco esquivou-se por entre seus pés e o fez tropeçar, ao mesmo tempo derrubando um béquero que continha um líquido vermelho. O choque foi extremo, e até hoje Malone não tem certeza do que viu; mas nos sonhos ele ainda vê aquele gato enquanto ele escapulia dali correndo, com algumas alterações e peculiaridades monstruosas. Então veio a porta trancada do porão e a busca por algo que a derrubasse. Havia uma banquetta pesada ali perto, e o assento duro foi mais do que suficiente para os painéis antigos da porta. Primeiro ela rachou, depois a rachadura foi aumentando e por fim toda a porta cedeu – mas pelo outro lado. E de lá brotou um imenso caos, um vento gelado com todo o mau cheiro das infinitas profundezas, de onde retirou uma força de sucção que não era da terra ou do céu para se enrolar deliberadamente em torno do detetive paralisado e arrastá-lo pela abertura para espaços imensuráveis cheios de murmúrios, gemidos e rajadas de risos debochados.

É claro que era um sonho. Todos os especialistas lhe disseram isso, e ele não tinha meios para provar o contrário. De fato, Malone preferiria que fosse assim, pois então a visão de cortiços de tijolos antigos e rostos estrangeiros escuros não estaria tão entranhada em sua alma. Mas naquele momento tudo foi terrivelmente real, e nada jamais poderá apagar a

memória daquelas criptas sem luz, daquelas galerias titânicas e das formas infernais inacabadas que caminhavam em silêncio com passos gigantescos e segurando seres com partes comidas, cujas partes que ainda sobreviviam gritavam por misericórdia ou gargalhavam de loucura. Cheiros de incenso e apodrecimento juntavam-se em uma combinação enjoativa, e a atmosfera negra estava repleta de seres elementais nebulosos e semivisíveis, sem forma definida e com olhos. Em uma parte, uma água escura e pegajosa lambia os ancoradouros de ônix, e, em dado momento, o tilintar vibrante de sininhos estridentes ressoou para saudar o riso abafado e insano de um ser nu fosforescente que veio nadando até se tornar visível, engatinhou até a margem e subiu em um pedestal dourado entalhado que ficava ao fundo, para nele acocorar-se com olhar malicioso.

Avenidas de uma noite sem fim pareciam espalhar-se em todas as direções, a ponto de se poder imaginar que aqui se encontrava a raiz de um contágio destinado a adoecer e engolir cidades, e tragar nações no fedor de uma pestilência híbrida. Aqui o pecado cósmico havia entrado e, apodrecido por meio de rituais profanos, dera início à marcha sorridente da morte que iria apodrecer a todos e nos transformar em aberrações fungoides hediondas demais para que fôssemos merecedores de um túmulo. Satanás mantinha aqui sua corte babilônica, e no sangue da infância imaculada os membros leprosos da fosforescente Lilith eram lavados. Íncubos e súcubos gritavam louvores a Hécate, e monstros sem cabeça queixavam-se para a Magna Mater. Bodes saltavam ao som de flautas finas amaldiçoadas e Egipãs perseguiam interminavelmente faunos deformados sobre rochas retorcidas como sapos inchados. Moloch e Astaroth também não estavam ausentes, pois nessa quintessência de toda a danação, os limites da consciência foram deixados de lado e a imaginação do homem abria-se para visões de todo o reino do horror e para cada dimensão proibida que o mal tinha o poder de

moldar. O mundo e a Natureza eram impotentes contra tais ataques dos poços abertos da noite, e qualquer sinal ou oração não seria capaz de impedir a rebelião de horror de Valburga que acontecera quando um sábio com uma chave odiosa tropeçara ao acaso em uma horda com uma arca trancada e repleta de tradições demoníacas transmitidas.

De repente um raio de luz permeou aqueles fantasmas, e Malone ouviu o som de remos em meio às blasfêmias dos seres que deveriam estar mortos. Um bote com uma lanterna na proa entrou rapidamente em seu campo de visão, chegou logo até uma argola de ferro no píer de pedras escorregadias e vomitou para fora vários homens escuros que carregavam uma carga longa e enrolada em roupas de cama. Eles o levaram até o ser nu fosforescente que estava sobre o pedestal dourado entalhado, e a coisa soltou uma risada abafada e passou a pata sobre as roupas de cama. Então eles desenrolaram o pacote e colocaram de pé, diante do pedestal, o cadáver gangrenoso de um velho corpulento, com barba por fazer e cabelos brancos despenteados. A coisa fosforescente soltou outra risada enquanto os homens retiravam garrafas dos bolsos e lhe ungiam os pés com um líquido vermelho; logo depois entregaram as garrafas à coisa para que bebesse delas.

De repente, de uma galeria com arcadas que parecia não ter fim, ouviu-se o chiado e o resfolegar demoníacos de um órgão blasfemo, engasgando e retumbando as zombarias do inferno num tom baixo, rachado e sarcástico. No mesmo instante todas as entidades que se moviam por ali ficaram como que eletrizadas; e agrupando-se em uma procissão cerimonial, a horda saída de um pesadelo serpenteou em busca do som – bodes, sátiros e egipãs, incubos, súcubos e lêmures, sapos deformados e elementais disformes, macacos com caras de cachorro e hóspedes em silêncio na escuridão –, todos eles liderados pelo abominável ser fosforescente e nu que estava acorado no trono de ouro entalhado e que agora caminhava com

insolência, trazendo nos braços o cadáver com os olhos vidrados do velho corpulento. Os homens escuros estranhos dançavam atrás dele, e toda a fila saltitava e pulava com uma fúria dionisiaca. Malone cambaleou atrás deles por alguns passos, delirante e atordoado, e duvidando de seu papel neste ou em qualquer mundo. Então virou-se, fraquejou e afundou sobre a pedra fria e úmida, arfando e tremendo enquanto o órgão demoníaco continuava a coaxar, e os uivos, o bater dos tambores e o tilintar da procissão enlouquecida ficavam cada vez mais fracos.

Ele tinha uma vaga percepção dos horrores entoados e dos coaxares pavorosos que se distanciavam. De vez em quando um lamento ou um gemido de devoção cerimonial flutuava até ele pelas arcadas escuras até que, por fim, veio a terrível magia grega, cujo texto Malone lera acima do púlpito da igreja-salão de baile.

“Ó amiga e companheira da noite, tu que exultas com o ladrar dos cães (nesse instante ecoou um uivo pavoroso) e com o sangue derramado (aqui sons indizíveis competiam com guinchos mórbidos), que vagas em meio às sombras das tumbas (então ouviu-se um suspiro sibilante) e anseias o sangue e levas o terror aos mortais (gritos curtos e agudos de uma miríade de gargantas), Gorgo (repetido como resposta), Mormo (repetido com êxtase), lua de mil faces (suspiros e notas de flautas), olha com olhos favoráveis os nossos sacrifícios!”

Quando o cântico terminou, houve uma gritaria geral e sons sibilantes quase abafaram o lamento do órgão baixo rachado. Depois veio o arfar de muitas gargantas e uma babel de palavras vociferadas e berradas:

Lilith, Grande Lilith, contemplai o noivo!

Mais gritos, um clamor de tumulto e os passos nítidos e marcados de uma figura correndo. Os passos se aproximavam, e Malone ergueu-se nos cotovelos para ver.

A luminosidade da cripta, antes reduzida, agora havia aumentado um pouco, e naquela luz diabólica surgiu a forma fugitiva daquele que não deveria fugir, sentir ou respirar – o cadáver gangrenoso de olhos vidrados do velho corpulento, agora sem precisar de nenhum apoio, mas animado por alguma feitiçaria infernal do rito recém-terminado. Atrás dele vinha gargalhando o ser fosforescente nu, que pertencia ao pedestal entalhado, e ainda mais atrás corriam os homens escuros, ofegantes, e toda a turba terrível de repugnância dotada de consciência. O cadáver estava em vantagem em relação a seus perseguidores e parecia determinado a alcançar um objetivo definido, esticando cada músculo apodrecido em direção ao pedestal de ouro entalhado, cuja importância necromântica era evidentemente muito grande. Mais um instante e ele alcançaria sua meta, enquanto a turba que o seguia continuava correndo numa velocidade mais frenética. Mas eles chegaram tarde demais, pois, numa última disparada que lhe rasgou todos os tendões e lançou sua massa nojenta que se debatia ao chão em um estado de decomposição gelatinosa, o cadáver de olhos fixos que fora Robert Suydam alcançara seu objetivo e seu triunfo. O esforço fora tremendo, mas sua força resistiu até o fim; e quando ele desabou em uma pústula lamacenta de decomposição, o pedestal que ele empurrara balançou, inclinou-se e por fim adernou de sua base de ônix para dentro das águas espessas, enviando para a superfície um último brilho de adeus do ouro entalhado enquanto afundava pesadamente em direção aos abismos insonháveis do Tártaro mais baixo. Naquele instante, também, toda a cena de horror desapareceu diante dos olhos de Malone e ele desmaiou em meio a um estrondo ensurdecedor que parecia vedar todo esse universo do mal.

VII

O sonho de Malone, vivido na totalidade antes que ele soubesse da morte de Suydam e de seu traslado no mar, foi curiosamente complementado por algumas realidades estranhas do caso, embora isso não fosse motivo para que alguém acreditasse nele. As três casas velhas em Parker Place, sem dúvida há muito apodrecidas pela decomposição em sua forma mais traiçoeira, desabaram sem causa visível enquanto metade dos policiais que participavam da batida e a maioria dos prisioneiros estavam lá dentro; e a maior parte de ambos os grupos morreu instantaneamente. Apenas nos subsolos e nos porões muitas vidas foram salvas, e Malone teve sorte de estar na parte mais baixa da casa de Robert Suydam. Pois ele realmente estava lá, como ninguém está disposto a negar. Eles o encontraram inconsciente à beira de uma poça escura como a noite, com um amontoado grotesco e horrível de podridão e ossos que foram identificados pela arcada dentária como sendo o corpo de Suydam a poucos metros de distância. O caso era simples, pois era para lá que o canal subterrâneo dos contrabandistas levava; e os homens que tiraram Suydam do navio o trouxeram para casa. Esses homens nunca foram encontrados, ou pelo menos nunca foram identificados. Mas o médico do navio ainda não está satisfeito com as convicções simplórias da polícia.

Suydam era, evidentemente, um líder nas extensas operações de contrabando de pessoas, pois o canal que levava até sua casa era apenas um entre vários canais e túneis subterrâneos que existiam nas vizinhanças.

Havia um túnel que ligava sua casa à cripta abaixo da igreja-salão de baile; uma cripta acessível pela igreja somente através de uma passagem secreta estreita na parede norte e em cujas câmaras algumas coisas extraordinárias e terríveis foram descobertas. O órgão desafinado estava lá, assim como uma enorme capela abobadada com bancos de madeira e um altar estranhamente decorado. Nas paredes estavam alinhadas pequenas celas, e em dezessete delas – algo hediondo de se descrever – foram encontrados acorrentados vários prisioneiros solitários, em um estado de completa idiotia, inclusive quatro mães com crianças com uma aparência perturbadoramente estranha. Essas crianças morreram logo depois de serem expostas à luz; uma circunstância que os médicos pensaram ser um tanto misericordiosa. Ninguém, a não ser Malone, entre aqueles que as inspecionaram, lembrou-se da pergunta sombria do velho Delrio: “An sint unquam daemones incubi et succubae, et an ex tali congressu proles nasci queat?”

Antes de serem aterrados, os canais foram completamente dragados e de lá foi retirada uma espantosa coleção de ossos serrados e partidos de todos os tamanhos. A epidemia de sequestros, claramente, havia sido seguida até a origem; embora só dois dos prisioneiros sobreviventes pudessem ser ligados a ela pelo processo legal. Esses homens estão agora na prisão, visto que foram condenados por cumplicidade nos recentes assassinatos. O pedestal de ouro entalhado, ou trono, mencionado por Malone tantas vezes como sendo de suma importância no ocultismo, nunca foi trazido à luz, embora em um local específico embaixo da casa de Suydam tenha-se observado que o canal afundava em um poço profundo demais para ser dragado. Ele teve a abertura obstruída e foi cimentado por cima quando os porões das novas casas foram construídos, mas Malone com frequência faz conjecturas sobre o que haveria por baixo deles. A polícia, satisfeita por ter desbaratado uma gangue perigosa de maníacos e contrabandistas de

homens, entregou às autoridades federais os curdos absolvidos, e antes mesmo da deportação desses homens reuniu evidências conclusivas de que eles pertenciam ao clã yezidi de adoradores do diabo. O cargueiro e sua tripulação permanecem um mistério difícil de entender, no entanto, alguns detetives céticos encontram-se mais uma vez prontos para combater seus empreendimentos de contrabando e de comércio ilegal de bebidas. Malone acha que esses detetives demonstram uma perspectiva infelizmente limitada na sua falta de imaginação diante da miríade de detalhes inexplicáveis e da obscuridade sugestiva de todo o caso. No entanto, ele também faz críticas aos jornais, que viram somente uma comoção mórbida e tripudiaram sobre um culto de sádicos sem importância, que eles poderiam ter proclamado um horror vindo do centro do universo. Mas ele está satisfeito por descansar em silêncio em Chepachet, tranquilizando seu sistema nervoso e rezando para que o tempo possa aos poucos transferir sua terrível experiência do reino da realidade presente para outro mais remoto, pitoresco e quase mítico.

Robert Suydam descansa ao lado da noiva no cemitério de Greenwood. Nenhum funeral foi feito para os ossos estranhamente liberados, e os parentes são agradecidos pelo rápido esquecimento que encobriu o caso como um todo. A ligação do homem erudito com os horrores de Red Hook, de fato, nunca foi ornamentada com provas legais, já que a sua morte frustrou o inquérito que, caso contrário, teria enfrentado. O seu próprio fim não é muito mencionado, e os Suydam têm esperança de que a posteridade possa se lembrar dele apenas como um recluso gentil que ocasionalmente mergulhava no estudo inofensivo da magia e do folclore.

Quanto a Red Hook – permanece sempre o mesmo. Suydam veio e partiu; o terror se espalhou e desapareceu; mas o espírito diabólico da escuridão e da imundície continua se reproduzindo em meio aos mestiços nas casas velhas de tijolos e nos bandos que vagueiam a esmo em afazeres

desconhecidos, atrás de janelas onde luzes e rostos distorcidos aparecem e desaparecem de forma inexplicável. O horror de eras passadas é uma hidra com mil cabeças, e os cultos da escuridão estão enraizados em blasfêmias mais profundas do que o poço de Demócrito. A alma da besta é onipresente e triunfante, e as legiões de jovens com olhos turvos e rostos marcados pela varíola de Red Hook ainda cantam, praguejam e gritam enquanto andam em fila de abismo em abismo, ninguém sabe por que ou para onde, empurrados por leis cegas da biologia que eles talvez nunca entenderão.

Assim como no passado, mais pessoas entram em Red Hook do que saem por terra, e já existem boatos de que novos canais correm no subterrâneo para determinados centros de tráfico de bebidas e coisas menos mencionáveis.

A igreja é agora, na maior parte do tempo, um salão de bailes, e rostos estranhos aparecem à noite nas janelas. Recentemente, um policial expressou a crença de que a cripta que havia sido soterrada fora cavada outra vez, e sem uma finalidade explicável. Quem somos nós para combater venenos mais antigos que a história e a humanidade? Macacos dançavam na Ásia para esses horrores e esse câncer nos espreita em segurança e se espalha onde a clandestinidade se esconde em fileiras de tijolos decadentes.

Malone não estremece sem motivo – pois há apenas alguns dias um policial ouviu por acaso uma velha morena de olhos puxados ensinar a uma criança pequena alguns murmúrios em um dialeto nas sombras de um corredor entre dois prédios. Ele ouviu e achou muito estranho quando a ouviu repetir os versos várias vezes.

“Ó amiga e companheira da noite, tu que exultas com o ladrar dos cães e com o sangue derramado, que vagas em meio às sombras das tumbas e anseias o sangue e levas o terror aos mortais, Gorgo, Mormo, lua de mil faces, olha com olhos favoráveis os nossos sacrifícios!”

INTRODUÇÃO

Escrita entre fevereiro e setembro de 1930 e publicada em agosto de 1931 na revista *Weird Tales*, *Sussurros na escuridão* é considerada uma das melhores histórias de Lovecraft.

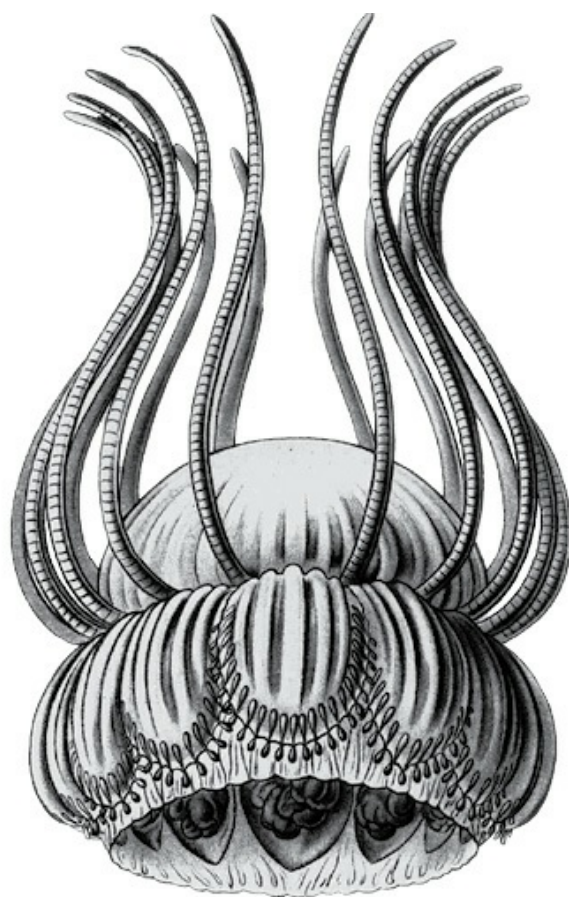
Em uma narrativa rica em detalhes, Lovecraft nos apresenta as criaturas siderais, uma raça alienígena que habitaria Yuggoth, o nono planeta do sistema solar. Esses seres repugnantes, que se assemelham a gigantescos caranguejos alados, conduzem operações secretas de mineração nas colinas de Vermont, Nova Inglaterra, e Lovecraft nos descreve em detalhes sua biologia, bem como suas intenções. Eles poderiam conquistar a Terra se quisessem, mas não estão dispostos a se desviar de seus objetivos, a menos que lhes causemos problemas.

Trata-se de uma história fantástica e cheia de tecnologia, onde Lovecraft aborda a origem do Universo, a existência de outras galáxias e a possibilidade de que humanos estejam ligados aos alienígenas.

Em *Sussurros na Escuridão*, Lovecraft insinua mais uma vez sua filosofia de vida e demonstra claramente sua descrença na supremacia humana. Mostra-nos como, quase sempre, seus heróis eruditos são forçados

a enfrentar um novo e terrível paradigma. O habitual, o tranquilo e o previsível são arrebatados pelo sobrenatural, deixando um rastro de horror em um mundo onde os seres humanos não estão sozinhos.

SUSSURROS NA ESCURIDÃO



I

Tenha em mente que eu não presenciei nenhum horror visual concreto no final das contas. Dizer que um abalo mental foi a causa do que imaginei – a gota d’água que me fez sair correndo da solitária fazenda de Akeley e atravessar as montanhas ermas e abobadadas de Vermont no meio da noite, em um carro de que lancei mão – é ignorar os fatos mais básicos de minha experiência final. Não obstante a profundidade das coisas que vi e ouvi, e a nitidez da impressão que tais coisas causaram em mim, não posso provar, nem mesmo agora, se estava certo ou errado em minha terrível suposição. Pois, no final das contas, o desaparecimento de Akeley não prova nada. Nada de estranho foi encontrado em sua propriedade, a não ser as marcas de balas, tanto dentro como fora da casa. Era como se ele tivesse saído casualmente para um passeio nas colinas e nunca mais voltasse. Nem sequer havia indícios de que um visitante tivesse estado ali, ou de que aqueles horríveis cilindros e máquinas tivessem sido armazenados no cômodo. Também não significava nada que ele temesse mortalmente as montanhas verdejantes e compactas, e o gorgolejar interminável dos córregos em meio aos quais havia nascido e crescido, já que milhares de pessoas estão sujeitas a esse mesmo tipo de medo mórbido. A excentricidade, além do mais, poderia facilmente ser responsabilizada pelas estranhas maneiras e apreensões que ele vinha demonstrando ultimamente.

Para mim, o problema todo começou com as enchentes históricas e sem precedentes que assolaram Vermont em três de novembro de 1927. Naquela

época, como ainda hoje, eu era professor de literatura na Universidade de Miskatonic, em Arkham, Massachusetts, e um estudante e entusiasta do folclore da Nova Inglaterra. Logo depois das enchentes, em meio às várias notícias sobre as adversidades, os sofrimentos e a assistência humanitária organizada que tomaram a imprensa, surgiram algumas estranhas histórias sobre a descoberta de criaturas flutuando em alguns dos rios mais avolumados. Por essa razão, muitos de meus amigos embarcaram em discussões curiosas e recorreram a mim na esperança de que eu pudesse lançar alguma luz sobre o assunto. Senti-me lisonjeado por ver meus estudos sobre folclore levados tão a sério, e fiz o que pude para depreciar as lendas extravagantes e vagas que pareciam ser, tão claramente, uma consequência de antigas superstições de camponeses. Eu me divertia ao encontrar várias pessoas de boa educação insistindo na afirmação de que algum fato obscuro e distorcido poderia estar por trás dos rumores.

As histórias, assim trazidas ao meu conhecimento, vieram, na maior parte, através de recortes de jornais; embora uma das histórias tivesse uma fonte oral e tivesse sido repetida para um amigo meu em uma carta enviada pela mãe, que morava em Hardwick, Vermont. O tipo de coisa descrita era essencialmente o mesmo em todos os casos, embora parecesse haver três diferentes ocorrências envolvidas – uma ligada ao Rio Winooski, perto de Montpelier, outra associada ao Rio Oeste, no condado de Windham, depois de Newfane, e uma terceira, relacionada ao Passumpsic, no condado de Caledônia, ao norte de Lyndonville. É claro que muitos dos relatos recortados mencionavam outros casos, mas depois de analisados, todos eles pareciam reduzir-se a esses três. Em todos os casos, os moradores do campo relatavam ter visto um ou mais objetos bizarros e perturbadores nas águas caudalosas que jorravam das colinas pouco frequentadas, e havia uma tendência generalizada a relacionar essas visões a um círculo de lendas

primitivas e já meio esquecidas, que os mais velhos ressuscitaram para a ocasião.

O que as pessoas pensavam ter visto eram formas orgânicas que em nada se pareciam com qualquer coisa que já tivessem visto antes. Naturalmente, havia muitos corpos humanos sendo arrastados pela correnteza naquele trágico período. Mas as pessoas que descreviam essas formas estranhas tinham absoluta certeza de que elas não eram humanas, apesar de algumas semelhanças superficiais no tamanho e no contorno geral. Tampouco, diziam as testemunhas, poderiam ser os corpos de qualquer tipo de animal conhecido em Vermont. Eram formas rosadas, medindo cerca de um metro e meio; com corpo de crustáceos e dotadas de pares de barbatanas dorsais enormes, ou asas membranosas, e de vários pares de membros articulados. Apresentavam um tipo de elipsoide intrincado, coberto com uma infinidade de pequeninas antenas, onde seria o lugar da cabeça. Era realmente notável como os relatos de diferentes fontes tendiam a coincidir. No entanto, o assombro era minimizado pelo fato de que as antigas lendas, que foram disseminadas em uma época remota por toda a região das colinas, deram origem a um quadro morbidamente detalhado que poderia muito bem ter colorido a imaginação de todas as testemunhas envolvidas. Cheguei à conclusão de que essas testemunhas – em todos os casos, pessoas ingênuas e humildes do interior – avistaram os corpos inchados e dilacerados de pessoas ou animais das fazendas no turbilhão das correntes e permitiram que o folclore que ainda guardavam na memória revestisse esses pobres objetos com atributos fantásticos.

O antigo folclore, embora nebuloso, evasivo e em grande parte esquecido pela presente geração, era de um caráter bastante singular e obviamente refletia a influência de lendas indígenas ainda mais antigas. Eu as conhecia bem, embora nunca tivesse ido a Vermont, através da

monografia muito rara de Eli Davenport, que reunia material obtido de declarações orais anteriores a 1839 entre os habitantes mais antigos do estado. Esse material, além do mais, coincidia em grande parte com as lendas que eu já tinha ouvido pessoalmente dos camponeses mais idosos nas montanhas de New Hampshire. Em um breve resumo, aludiam a uma raça oculta de seres monstruosos que estariam à espreita em algum lugar entre as colinas mais distantes – na floresta cerrada dos cumes mais altos e nos vales escuros onde os riachos gotejavam de fontes desconhecidas. Esses seres raramente eram avistados, mas as evidências de sua presença foram relatadas por aqueles que se aventuraram a escalar certas montanhas além do nível habitual ou a adentrar certos desfiladeiros profundos e íngremes que até mesmo os lobos evitavam.

Havia pegadas ou marcas de garras estranhas na lama das margens dos riachos e nas trilhas áridas; e também curiosos círculos de pedras em torno dos quais a grama se desgastara e que não pareciam ter sido dispostos ali ou modelados pela natureza. Além disso, havia algumas cavernas nas encostas das colinas, de profundidade desconhecida e cujas entradas estavam cobertas por rochas de uma forma que dificilmente poderia ser acidental, com um grande número de pegadas estranhas, tanto na direção da entrada como dela saindo – se de fato a direção dessas pegadas pudesse ser estimada com exatidão. E o pior, havia ainda as coisas que os aventureiros avistavam ao cair da tarde, ainda que em raras ocasiões, nos vales mais remotos e nas densas matas perpendiculares, além do limite das escaladas normais.

Teria sido menos inquietante se os relatos dessas coisas não fossem tão parecidos. Da forma como aconteceu, quase todos os rumores apresentavam vários pontos em comum: asseguravam que as criaturas eram uma espécie de caranguejo enorme e vermelho-claro, com vários pares de patas e duas

asas enormes no meio das costas, que se pareciam com asas de morcego. Às vezes andavam sobre todas as patas, outras vezes apenas sobre as patas traseiras, ocasião em que utilizavam as outras para carregar grandes objetos de natureza indeterminada. Em uma ocasião, foram avistados em número considerável – um destacamento deles caminhando lado a lado por um curso d'água no bosque, em fileiras de três, em evidente formação disciplinada. Certa vez, um espécime foi visto voando – lançando-se do alto de uma montanha solitária e sem vegetação à noite, e desaparecendo no céu depois de a silhueta de suas asas enormes ter sido vista por alguns instantes sacudindo-se contra a lua cheia.

Essas criaturas, no geral, pareciam estar satisfeitas por viverem longe da raça humana, embora por vezes fossem responsabilizadas pelo desaparecimento de alguns indivíduos aventureiros – especialmente pessoas que construíam suas casas muito próximo a alguns vales ou demasiadamente alto nas montanhas. Muitas localidades passaram a ser consideradas como desaconselháveis para o assentamento, e essa sensação persistiu por muito tempo depois de a causa ter sido esquecida. As pessoas olhavam para o alto de alguns dos precipícios com um calafrio, mesmo quando não recordavam mais quantos colonos tinham desaparecido e quantas casas de fazenda tinham queimado até se transformarem em cinzas daquelas sentinelas verdes e nefastas.

De acordo com as lendas mais antigas, apesar de parecer que as criaturas causavam danos apenas àqueles que invadiam sua privacidade, havia relatos mais recentes acerca da curiosidade delas a respeito dos humanos e de suas tentativas de estabelecer postos avançados secretos no mundo dos homens. Havia lendas sobre as estranhas pegadas em forma de garras em volta das janelas das casas, pelas manhãs, e de desaparecimentos ocasionais em regiões fora das áreas conhecidas como preocupantes. Além disso, também

havia lendas que falavam de vozes parecidas com zumbidos, que imitavam a fala humana e que faziam ofertas surpreendentes a viajantes solitários nas estradas e trilhas das carroças nas profundezas da floresta, e sobre crianças assustadas até os fios dos cabelos por coisas que viam ou ouviam onde a floresta virgem se aproximava muito de seus quintais. Na última série de lendas – a série que precedeu o declínio da superstição e o abandono do contato íntimo com os locais temidos – há referências chocantes a eremitas e fazendeiros solitários que em algum momento da vida pareciam ter passado por uma mudança mental repulsiva. Essas pessoas eram evitadas e havia rumores de que seriam mortais que tinham vendido suas almas às criaturas estranhas. Em um dos condados do nordeste, aparentemente era moda, em meados de 1800, acusar os eremitas excêntricos e impopulares de serem aliados ou representantes das criaturas abominadas.

Quanto à natureza real das criaturas – as explicações naturalmente variavam. O nome comum aplicado a elas era “aqueles” ou “os antigos”, embora outros termos tivessem usos locais e transitórios. Talvez a maioria dos colonos puritanos as tenham classificado bruscamente como parentes do diabo e tenham feito delas um tema para especulações teológicas exaltadas. Aqueles que tinham as lendas célticas como patrimônio – principalmente os escoceses e irlandeses de New Hampshire e seus parentes, e que se fixaram em Vermont graças às doações coloniais do governador Wentworth – as associavam vagamente às fadas malignas e aos “pequeninos” dos pântanos e dos brejos, e se protegiam com trechos de encantamentos passados de geração em geração. Os indígenas, porém, tinham as teorias mais fantásticas de todas. Embora as lendas variassem de tribo para tribo, havia um consenso notável em torno de certas particularidades essenciais: era consenso que as criaturas não pertenciam a este mundo.

Os mitos dos Pennacook, que eram os mais consistentes e pitorescos,

ensinavam que os Seres Alados vieram da Grande Ursa no céu e tinham minas em nossas colinas terrestres, de onde retiravam um tipo de pedra que não poderiam conseguir em qualquer outro mundo. Eles não viviam na Terra, diziam os mitos, mas apenas mantinham aqui postos avançados e voavam de volta carregando grandes cargas de pedras para suas estrelas ao norte do céu. Só faziam mal às pessoas que se aproximassem demais deles ou os espionassem. Os animais esquivavam-se deles por aversão instintiva, e não por serem caçados. Eles não podiam comer as coisas e animais da Terra, então traziam seu próprio alimento das estrelas. Era ruim chegar perto deles, e, às vezes, jovens caçadores que se embrenhavam em suas montanhas nunca mais voltavam. Não era bom, também, ouvir o que eles diziam à noite na floresta com vozes parecidas às das abelhas e que tentavam imitar as vozes dos humanos. Eles conheciam as línguas de todos os homens – Pennacooks, Hurons, homens das Cinco Nações – mas não pareciam ter ou precisar de qualquer linguagem própria. Falavam com as cabeças, que mudavam de cor para significar coisas diferentes.

Todas as lendas, obviamente, dos brancos e dos índios, pereceram durante o século 19, com exceção de algumas ondas atávicas ocasionais. Os caminhos dos habitantes de Vermont foram delimitados e, uma vez que seus caminhos habituais e residências foram estabelecidos de acordo com um plano determinado, eles passaram a lembrar-se cada vez menos dos temores e aversões que determinaram esse plano, e até mesmo que tais medos e aversões um dia existiram. A maioria das pessoas sabia apenas que certas regiões montanhosas eram consideradas incultiváveis, insalubres e malfadadas para se viver, e que quanto mais longe ficassem delas, melhor estariam. Com o tempo, a tradição e o interesse econômico tornaram-se tão arraigados nos lugares já aprovados que não havia mais qualquer razão para sair daqueles limites, e as colinas assombradas foram abandonadas, mais

por acidente que por intenção. A não ser por ocasião de raras ondas de alarde, só as avós que gostavam de contar histórias cheias de fantasia e os nonagenários saudosistas murmuravam sobre seres que moravam nas colinas. E mesmo nesses murmúrios admitiam que não havia muito a temer com relação àquelas criaturas, agora que elas já estavam acostumadas à presença de casas e de colonizadores, e agora que os humanos tinham deixado em paz o território escolhido por eles.

Tudo isso eu já sabia, graças às minhas leituras e a certas histórias folclóricas que ouvi em New Hampshire. De modo que, quando os rumores sobre as enchentes começaram a aparecer, não foi difícil imaginar o contexto imaginativo do qual se originaram. Foi preciso grande esforço mental para explicar isso a meus amigos e, na mesma medida, me diverti ao perceber que várias almas explosivas continuavam a insistir na existência de um possível elemento de verdade nos relatos. Essas pessoas tentavam ressaltar que as antigas lendas tinham uma persistência e uma uniformidade significativas, e que a natureza praticamente inexplorada das montanhas de Vermont tornava insensata uma postura dogmática sobre o que poderia ou não estar vivendo entre eles. Também não puderam ser silenciadas por minha garantia de que todos os mitos seguiam um padrão comum, bem conhecido para a maioria da humanidade e determinado pelas fases primitivas da experiência imaginativa, que sempre produziam o mesmo tipo de ilusão.

Era inútil demonstrar a tais opositores que os mitos de Vermont diferiam muito pouco, em essência, das lendas universais de personificação natural que preenchiam o mundo antigo com faunos, dríades e sátiros, que sugeriam a existência dos kallikantzarois² da Grécia moderna, e que davam à natureza de Gales e do País de Gales as alusões obscuras a estranhas, pequeninas e terríveis raças ocultas de trogloditas e outras criaturas subterrâneas.

Também foi inútil ressaltar a crença similar ainda mais espantosa das tribos que vivem nas montanhas do Nepal nos temíveis Mi-Go, ou “Abomináveis Homens das Neves”, que espreitam em meio ao gelo e às rochas íngremes dos picos do Himalaia. Quando apresentei essa evidência, meus opositores voltaram-na contra mim, afirmando que isso deveria pressupor algum fundo histórico para as lendas antigas; que deveria ser indício da existência real de alguma estranha raça terrestre primitiva, que foi levada a se esconder depois do advento e da dominação da raça humana, que poderia muito bem ter sobrevivido em número reduzido até tempos recentes – ou mesmo até o presente.

Quanto mais eu ria de tais teorias, mais esses amigos teimosos insistiam nelas. Acrescentavam que, mesmo sem a herança das lendas, os relatos recentes eram bastante claros, consistentes e detalhados, sensatos e prosaicos na maneira como foram contados, para serem completamente ignorados. Dois ou três extremistas fanáticos chegaram inclusive a especular sobre os possíveis significados das antigas histórias indígenas que atribuíam aos seres ocultos uma origem extraterrestre. Citaram os livros extravagantes de Charles Fort e suas afirmações de que viajantes de outros mundos e do espaço sideral visitavam a Terra com frequência. Entretanto, a maioria de meus opositores era composta de meros românticos que insistiam em tentar transferir para a vida real as histórias fantásticas sobre os “pequeninos” que nos espionavam, que foram popularizadas pela magnífica ficção de terror de Arthur Machen.

2. Personagens da mitologia grega que promovem o caos durante os doze dias de Natal.

II

Como era natural nas circunstâncias, esse debate acalorado finalmente chegou aos jornais, na forma de cartas ao Arkham Advertiser, algumas das quais foram reproduzidas na imprensa das regiões de Vermont, de onde partiram as histórias sobre as enchentes. O Rutland Herald publicou meia página com trechos extraídos das cartas de ambos os lados, enquanto o Brattleboro Reformer reproduziu na íntegra um dos meus longos resumos históricos e mitológicos, acompanhado de alguns comentários na coluna intelectual “The Pendrifter’s”, que apoiava e aplaudia minhas conclusões céticas. Na primavera de 1928, eu era praticamente uma figura célebre em Vermont, não obstante o fato de jamais ter colocado os pés naquele estado. Então vieram as cartas desafiadoras de Henry Akeley, que me impressionaram tão profundamente e que me levaram pela primeira e última vez àquele fascinante reino de precipícios verdejantes e riachos murmurantes em meio às florestas.

A maior parte do que sei sobre Henry Wentworth Akeley foi obtida através de correspondências com seus vizinhos e com seu filho único que reside na Califórnia, depois de minha experiência na solitária fazenda em que ele morava. Descobri que ele era o último representante em sua terra natal de uma longa e distinta linhagem de juristas, administradores e agricultores aristocráticos. Henry, contudo, da família havia se desviado mentalmente e abandonado os assuntos práticos para dedicar-se à mais pura erudição. De forma que ele foi um estudante de grande destaque em

matemática, astronomia, biologia, antropologia e folclore na Universidade de Vermont. Eu nunca tinha ouvido falar dele antes, e ele não me deu muitos detalhes autobiográficos em suas correspondências. No entanto, percebi logo de início que era um homem de caráter, educado e inteligente, apesar de ser um eremita com bem pouca sofisticação mundana.

Apesar da natureza inacreditável do que ele propunha, não pude deixar de levar Akeley muito mais a sério do que havia levado qualquer outro opositor. Em primeiro lugar, ele estava bem perto dos fenômenos em questão – visíveis e tangíveis – sobre os quais especulava de maneira tão grotesca. E em segundo lugar, ele estava disposto a deixar suas conclusões em um estado de incerteza, como faz um verdadeiro homem da ciência. Não tinha inclinações pessoais em relação ao assunto e era sempre guiado por aquilo que considerava evidência sólida. É certo que comecei por considerar que ele estava equivocado, mas dei-lhe crédito por tratar-se de um equívoco recheado de inteligência. E em nenhum momento agi como alguns de seus amigos, que atribuíam suas ideias e o medo que sentiam das solitárias montanhas verdejantes à insanidade. Eu podia ver que aquilo tinha muita importância para o homem e sabia que aquilo que ele relatava devia estar baseado, com toda certeza, em circunstâncias estranhas que mereciam uma investigação. Embora pouco pudesse ter a ver com as causas fantásticas que ele lhes atribuía. Mais tarde recebi dele algumas provas materiais que colocavam a questão em um patamar um tanto diferente e espantosamente bizarro.

Não posso fazer melhor do que transcrever na íntegra, até onde possível, a longa carta na qual Akeley se apresentou e que se transformou em um marco em minha própria história intelectual. Ela não está mais em meu poder, mas minha memória guarda quase todas as palavras de sua fatídica mensagem. E, mais uma vez, reafirmo minha confiança na sanidade do

homem que a escreveu. Eis aqui o texto – um texto que chegou a mim nos garranchos inteligíveis e arcaicos de alguém que obviamente não se socializou muito com o mundo durante sua vida serena de acadêmico.

R.F.D. #2

Townshend, Windham County, Vermont

5 de maio de 1928

Exmo. Sr.

ALBERT N. WILMARTH

118 SALTONSTALL St.,

ARKHAM, MASSACHUSETTS

Prezado Senhor,

Li com grande interesse, no Brattleboro Reformer, (23 de abril de 1928), a reprodução de sua carta em que discorre sobre as recentes histórias de corpos estranhos avistados boiando nos nossos riachos inundados no último outono e o curioso folclore a que muito bem se assemelham. É fácil compreender por que um forasteiro tomaria a posição que o senhor defende, e também por que o “Pendrifter” concorda com o senhor. Essa é, em geral, a posição defendida por pessoas educadas, tanto em Vermont quanto fora daqui, e foi minha própria opinião quando jovem (tenho agora 57 anos), antes que meus estudos, tanto de natureza geral quanto pelo livro de Davenport, me levassem a fazer algumas explorações em partes das montanhas das vizinhanças que habitualmente não são visitadas.

Fui conduzido a tais estudos pelas estranhas lendas antigas que costumava ouvir dos fazendeiros mais velhos do tipo mais ignorante, mas

hoje desejaria não ter me interessado por essa questão. Posso dizer, com toda a minha modéstia, que as disciplinas da antropologia e do folclore não me são de forma alguma estranhas. Estudei-as bastante na universidade e estou familiarizado com a maior parte das autoridades de referência como Tylor, Lubbock, Frazer, Quatrefages, Murray, Osborn, Keith, Boule, G. Elliot Smith e outros mais. Não é novidade para mim que as lendas sobre raças ocultas sejam tão antigas quanto a humanidade. Tendo lido as transcrições de suas cartas e daqueles que concordam com o senhor, no Rutland Herald, acredito saber onde está a controvérsia no presente momento.

O que desejo dizer agora é que temo que seus oponentes estejam mais perto da verdade do que o senhor, muito embora a razão pareça estar ao seu lado. Eles estão mais próximos da verdade do que imaginam – porque, é claro, guiam-se apenas pela teoria e não sabem o que eu sei. Se eu soubesse tão pouco sobre o assunto quanto eles, não me sentiria culpado por acreditar no que eles acreditam. Eu estaria integralmente do seu lado.

O senhor pode perceber que tenho dificuldade em chegar ao âmago da questão, provavelmente porque eu realmente tenho medo de tocar nesse ponto. Mas o fato é que tenho certas evidências de que criaturas monstruosas realmente vivem nas florestas, no alto das montanhas que ninguém visita. Não vi nenhuma delas boiando nos rios, como foi noticiado, mas já vi coisas como essas em circunstâncias que tenho pavor de repetir. Já vi rastros, e recentemente os vi bem mais perto de minha casa do que ousou lhe contar (moro na antiga propriedade Akeley, ao sul de Townshend Village, ao lado da Montanha Sombria). E tenho ouvido vozes na floresta em certos pontos, vozes essas que nem mesmo começarei a descrever no papel.

Em certo lugar, ouvi essas vozes tantas vezes que fui até lá com um

fonógrafo – acoplado a um ditafone e um cilindro de cera virgem –, e tentarei conseguir uma maneira para que o senhor possa ouvir a gravação que obtive. Reproduzi a gravação na máquina para algumas das pessoas mais idosas daqui e uma das vozes quase as paralisou de terror pela semelhança que tinha com certa voz (aquela voz que parecia um zumbido na floresta, mencionada por Davenport) sobre a qual suas avós falavam e a qual imitava para eles. Sei muito bem o que a maioria das pessoas pensa sobre um homem que diz “ouvir vozes” – mas antes que o senhor teça conclusões, ouça essa gravação e pergunte a alguns dos mais velhos das florestas o que é que eles pensam sobre isso. Se o senhor puder dar a ela uma justificativa normal, muito bem. Mas deve haver alguma coisa por trás disso tudo. “Ex nihilo nihil fit³”, o senhor sabe.

Meu objetivo ao escrever-lhe não é dar início a uma discussão, mas fornecer informações que penso que um homem com seus interesses considerará muito interessantes. Isto é particular. Publicamente, estou do seu lado, porque certas coisas me mostram que não é de bom alvitre que as pessoas saibam demais sobre esses assuntos. Meus próprios estudos são feitos agora de forma totalmente privada, e eu não pensaria em dizer nada para atrair a atenção das pessoas e levá-las a visitar os lugares que explorei. É verdade – uma verdade terrível – que existem criaturas não humanas nos observando todo o tempo. Eles têm espiões entre nós para coletarem informações. Foi de um desses espiões que consegui boa parte de minhas pistas sobre o assunto. Um homem miserável, se é que era mentalmente são (como penso que era). Ele depois suicidou-se, mas tenho razões para pensar que há outros agora.

As criaturas vêm de outro planeta e são capazes de viver no espaço interestelar e de viajar por ele por intermédio de asas desajeitadas e poderosas que de alguma forma resistem ao éter, mas são muito ruins no

controle da direção para terem qualquer utilidade na terra. Falarei sobre isso mais tarde, se o senhor decidir me levar a sério e não pensar que sou um louco. Eles vêm aqui para retirar metais das minas profundas sob as montanhas, e penso que sei de onde eles vêm. Eles não nos ferirão se os deixarmos em paz, mas ninguém pode dizer o que acontecerá se ficarmos muito curiosos a respeito deles. Evidente que um bom exército de homens poderia dizimar a colônia de mineradores deles. E é isso que eles temem. Mas se isso acontecesse, mais deles viriam do espaço – sabe-se lá em que número. Eles poderiam dominar a Terra com facilidade, mas não tentaram até agora porque não sentiram a necessidade. Eles preferem deixar as coisas como estão para evitar aborrecimentos.

Acho que pretendem livrar-se de mim devido ao que descobri. Há uma enorme pedra negra com hieróglifos desconhecidos – e já meio desgastada – que encontrei na floresta da Montanha Redonda, a leste daqui. E depois que a trouxe para casa, tudo ficou diferente. Se pensarem que suspeito demais, vão assassinar-me ou levar-me da Terra para o lugar de onde vieram. Eles gostam de levar homens de erudição de vez em quando para manterem-se informados sobre a situação das coisas no mundo humano.

E isso me leva ao segundo propósito de escrever ao senhor – qual seja, instá-lo a acabar com o presente debate, em vez de dar-lhe mais publicidade. As pessoas precisam ser mantidas longe dessas montanhas, e para que isso aconteça, a curiosidade delas não deve ser atizada ainda mais. Deus sabe que já há perigo demais, de qualquer forma, com os incorporadores e corretores imobiliários que inundam Vermont no verão com uma multidão de pessoas que infestam os lugares despovoados e cobrem as montanhas com bangalôs baratos.

Ficarei feliz em dar continuidade à nossa comunicação e tentarei enviar a gravação do fonógrafo e a pedra negra (que está tão corroída que as

fotografias não conseguem captar muita coisa) através de um serviço de entrega expressa, se o senhor desejar. Digo “tentarei” porque acho que aquelas criaturas têm alguma maneira de adulterar as coisas por aqui. Há um camarada soturno e furtivo por aqui, de nome Brown, que mora em uma fazenda perto da vila. Penso que seja espião das criaturas. Pouco a pouco elas estão tentando me colocar para fora de nosso mundo porque sei coisas demais sobre o mundo deles.

É inacreditável como conseguem descobrir o que faço. Pode ser que o senhor nem sequer receba essa carta. Creio que serei obrigado a deixar essa parte do país e ir morar com meu filho em San Diego, na Califórnia, se as coisas piorarem. Mas não é tão fácil abandonar o lugar em que nascemos e onde nossa família viveu por seis gerações. Além do mais, eu dificilmente ousaria vender esta casa para qualquer pessoa, agora que as criaturas tomaram conhecimento dela. Elas parecem estar tentando reaver a pedra negra e destruir a gravação do fonógrafo, mas não permitirei que isso aconteça, se puder impedi-las. Meus enormes cães de guarda sempre as mantêm afastadas, já que há poucas delas por aqui ainda e elas são atrapalhadas no caminhar. Como já disse, as asas delas não têm muita utilidade para voos curtos na Terra. Estou prestes a decifrar aquela pedra – de uma forma muito terrível – e com seu conhecimento em folclore, talvez o senhor seja capaz de me ajudar a encontrar os elos perdidos. Suponho que o senhor saiba tudo a respeito dos mitos pavorosos sobre coisas que antecedem a chegada do homem à Terra – os ciclos Yog-Sothoth e Cthulhu – acerca dos quais há referências discretas no Necronomicon. Tive acesso a uma cópia dele uma vez, e ouvi dizer que o senhor tem uma guardada a sete chaves na biblioteca da universidade.

Para concluir, senhor Wilmarth, acredito que com nossos estudos podemos ser muito úteis um ao outro. Não tenho a intenção de colocá-lo em

perigo, e suponho que devo alertá-lo de que estar de posse da pedra e da gravação pode não ser muito seguro. Mas acredito também que o senhor esteja disposto a enfrentar quaisquer riscos em nome do conhecimento. Irei até Newfane ou Brattleboro para enviar o que quer que o senhor me autorize a enviar, porque os correios de lá são mais confiáveis. Devo dizer que atualmente vivo sozinho, já que não tenho mais como manter os empregados aqui. Eles não querem ficar, devido às criaturas que tentam se aproximar da casa à noite e que mantêm os cães latindo continuamente. Fico aliviado por não ter me embrenhado tão a fundo nesse assunto enquanto minha mulher ainda estava viva, pois ela teria enlouquecido.

Na esperança de não estar incomodando desnecessariamente e de que o senhor se decida a não atirar essa carta ao lixo, tomando-a por um desvario de um louco, fico no aguardo de seu contato e subscrevo-me.

Atenciosamente,

Henry W. Akeley

P.S. Estou providenciando algumas cópias de certas fotografias tiradas por mim, que, em minha opinião, ajudarão a provar alguns dos pontos a que me referi. Os mais velhos acham que elas são monstruosamente verdadeiras. Posso enviá-las em breve, se o senhor estiver interessado.

H.W. A.

Seria difícil descrever meus sentimentos ao ler esse estranho documento pela primeira vez. Por todos os sentidos comuns, eu deveria ter gargalhado mais alto diante dessas extravagâncias do que das teorias bem mais moderadas que anteriormente tinham me levado ao riso. No entanto, alguma coisa no tom da carta fez com que eu a encarasse com uma seriedade

paradoxal. Não que eu acreditasse sequer por um momento na existência de uma raça oculta vinda das estrelas, tal como meu correspondente descrevera. Porém, depois de uma severa dúvida inicial, passei a ter uma certeza surpreendente quanto à sanidade e à sinceridade do homem, e também de que ele tinha se confrontado com algum fenômeno genuíno, ainda que singular e anormal, que ele não podia explicar a não ser daquela forma fantasiosa. Não poderia ser como ele pensava, refleti, mas, por outro lado, aquilo não poderia deixar de ser investigado. O homem parecia desnecessariamente excitado e alarmado com alguma coisa, mas era difícil imaginar que não houvesse um motivo. Ele foi muito específico e lógico de várias formas e, afinal, a história dele se encaixava absurdamente bem em alguns dos mitos antigos – até mesmo nas lendas indígenas mais extravagantes.

Era totalmente possível que ele realmente tivesse ouvido vozes perturbadoras nas montanhas e encontrado a pedra negra de que falara, apesar das loucas inferências que tinha feito – inferências essas provavelmente sugeridas pelo homem que dizia ser espião dos seres alienígenas e que pouco depois tinha se suicidado. Era fácil deduzir que esse homem devia ser totalmente insano, mas que provavelmente possuía uma veia de lógica exterior perversa que fez com que o ingênuo Akeley – já preparado para tais coisas pelos seus estudos de folclore – acreditasse em sua história. Quanto aos últimos acontecimentos, parecia – por sua inabilidade em manter os empregados – que os vizinhos mais humildes e rústicos de Akeley estavam tão convencidos quanto ele de que a casa estava sendo sitiada por criaturas misteriosas à noite. Os cães normalmente latiam, também.

Em relação à gravação do fonógrafo, eu só podia acreditar que ele tivesse conseguido da maneira como havia mencionado. Aquilo deveria

significar alguma coisa; talvez fossem ruídos de animais, confundidos com a voz humana, ou mesmo a fala de algum ser humano escondido na floresta, perambulando pela noite, reduzido a um estado não muito melhor que o dos animais. Meus pensamentos voltaram-se então à pedra negra com hieróglifos e às especulações sobre o que poderiam significar. E também, o que dizer das fotografias que Akeley disse estar prestes a enviar, e que os mais idosos tinham achado tão terríveis?

Enquanto eu relia os garranchos da caligrafia, sentia, como nunca antes, que meus crédulos opositores poderiam ter mais coisas do seu lado do que eu admitia. Afinal, poderia haver alguns rejeitados estranhos e talvez com alguma má-formação hereditária naquelas colinas evitadas, mesmo que não houvesse nenhuma raça de monstros estelares como aqueles que o folclore afirmava haver. Se houvesse, então a presença de corpos estranhos nos riachos inundados não pareceria tão completamente absurda. Seria muita presunção supor que tanto as antigas lendas quanto os relatos recentes tivessem tamanho grau de verdade por trás deles? Mas mesmo enquanto eu nutria essas dúvidas, sentia-me envergonhado pelo fato de uma obra tão bizarra e tão fantástica quanto a carta espantosa de Henry Akeley ter suscitado tantas dúvidas.

No fim, respondi à carta de Akeley adotando um tom de interesse cordial e solicitando mais detalhes. A resposta dele veio quase que no retorno do correio; e continha, como prometido, vários instantâneos de cenas e objetos ilustrando o que ele tinha contado. Olhando para essas fotografias enquanto as tirava do envelope, senti uma curiosa sensação de medo como quando se está perto de coisas proibidas. Pois, apesar da imprecisão da maioria, elas tinham uma força muito sugestiva que foi intensificada pelo fato de serem fotografias genuínas – verdadeiros elos ópticos com aquilo que retratavam e o produto de um processo de

transmissão impessoal sem preconceito, falibilidade ou desonestidade.

Quanto mais olhava para elas, mais eu via que minha estimativa sensorial de Akeley e de sua história não fora infundada. Certamente, aquelas fotografias carregavam evidências conclusivas de que havia algo nas colinas de Vermont que estava, no mínimo, completamente fora da esfera comum de nosso conhecimento e de nossas crenças. O pior de tudo eram as pegadas – uma imagem captada onde o sol brilhava em uma trilha de barro, em algum lugar de um altiplano deserto. Aquilo não era nenhuma falsificação barata, pude ver à primeira vista. Pois os pedregulhos definidos com nitidez e as lâminas de grama no campo de visão davam uma clara noção da escala e não deixavam nenhuma possibilidade de uma dupla exposição ardilosa. Chamei a coisa de “pegada”, mas “rastros em forma de garras” seria um termo melhor. Ainda hoje, mal consigo descrevê-la, a não ser dizendo que tinha uma forma horrenda, parecida com as marcas de um caranguejo, e que parecia haver alguma ambiguidade quanto à direção do movimento. Não era muito profunda nem muito recente, mas parecia ter o tamanho normal de um pé humano. De um bloco central, pares de garras serrilhadas projetavam-se em direções opostas – a função daquilo era um tanto enigmática, se é que, de fato, todo o objeto era unicamente um órgão de locomoção.

Outra fotografia – evidentemente uma exposição prolongada feita em uma sombra profunda – era da entrada de uma caverna na floresta, obstruída por uma enorme rocha de formato esférico. No solo na defronte a ela, podia-se discernir uma rede intrincada de rastros curiosos, e quando estudei a fotografia com uma lupa tive a certeza inabalável de que os rastros eram parecidos com o da foto anterior. Uma terceira fotografia mostrava um círculo de pedras eretas, no estilo dos druidas, no alto de uma montanha. Ao redor do círculo enigmático, a grama estava bastante desgastada, embora eu

não tenha conseguido detectar qualquer pegada, mesmo com a lupa. O extremo isolamento do local era evidente pelo verdadeiro mar de montanhas inabitadas que formavam o segundo plano e se estendiam em direção a um horizonte coberto de névoa.

Contudo, se a imagem mais perturbadora de todas era a da pegada, a mais curiosa e sugestiva era a da grande pedra negra encontrada nas florestas da Montanha Redonda. Evidentemente, Akeley a tinha fotografado da mesa de seu estúdio, pois eu podia ver fileiras de livros e um busto de Milton ao fundo. A coisa, como era de se esperar, aparecia de frente para a câmera, em posição vertical, com uma superfície curva levemente irregular e com medidas aproximadas de trinta centímetros por sessenta. Mas dizer alguma coisa precisa sobre aquela superfície, ou sobre o formato geral da massa toda, quase desafia o poder da linguagem. Que princípios geométricos bizarros teriam orientado sua lapidação – porque era certo que tinha sido lapidada artificialmente –, eu não conseguiria nem mesmo começar a supor. E nunca em minha vida tinha visto qualquer coisa que me parecesse tão estranha e inconfundivelmente alienígena para este mundo. Dos hieróglifos na superfície pude discernir muito pouco, mas um ou dois dos que pude ver me deixaram em choque. É evidente que poderiam ser fraudulentos, já que outras pessoas além de mim já tinham lido o monstruoso e abominável Necronomicon, de Abdul Alhazred, o árabe louco. De qualquer forma, causou-me arrepios reconhecer certos ideogramas que o estudo me ensinou a relacionar aos mais assustadores e blasfemos murmúrios de coisas que tiveram uma espécie de semiexistência louca antes que a Terra e os outros mundos do sistema solar fossem criados.

Das cinco imagens restantes, três eram paisagens de pântanos e montanhas, que pareciam carregar traços de uma ocupação perniciosa e oculta. Outra mostrava uma marca estranha no chão, bem próximo à casa de

Akeley. Segundo disse, ele tirou a fotografia na manhã seguinte à noite em que os cães latiram com mais violência que o normal. Estava bastante desfocada e não se poderia chegar a nenhuma conclusão a partir dela. Mas era de fato diabolicamente semelhante à outra marca fotografada no planalto deserto. A última fotografia era da própria casa de Akeley: uma casa branca bem acabada de dois andares e sótão, com cerca de cento e vinte anos, com um gramado bem conservado e um caminho ladeado de pedras que conduzia a um portal georgiano entalhado com muito bom gosto. Havia vários cães policiais enormes no gramado, sentados ao lado de um homem com um rosto simpático e barba grisalha bem aparada, que deduzi ser o próprio Akeley – seu próprio fotógrafo, como se podia deduzir a partir do bulbo ligado a um tubo que segurava na mão direita.

Depois de ver as fotografias, passei a ler a carta volumosa e escrita com muita diligência; e pelas três horas seguintes, precipitei-me em um abismo de horror indescritível. Se na primeira correspondência Akeley havia feito apenas alguns esboços, ele agora entrava nos detalhes mais minuciosos. Apresentou longas transcrições de palavras ouvidas nas florestas à noite, extensos relatos de formas rosadas monstruosas avistadas entre os arbustos da colina ao crepúsculo e uma terrível narrativa cósmica resultante da aplicação de uma profunda e variada erudição aos intermináveis discursos do louco que se autodeclarava espião e que por fim se matara. Eu me via diante de nomes e termos que havia encontrado em outros lugares associados a horrores - Yuggoth, Grande Cthulhu, Tsathoggua, Yog-Sothoth, R'lyeh, Nyarlathotep, Azathoth, Hastur, Yian, Leng, o Lago de Hali, Bethmoora, o Símbolo Amarelo, L'mur-Kathulos, Bran e o Magnum Innominandum – e fui arrastado de volta no tempo, através de eras inominadas e dimensões inconcebíveis, até os mundos da entidade ancestral e extraterrena sobre os quais o louco autor de Necronomicon havia

conjecturado da forma mais vaga possível. Ele me falou sobre as profundezas da vida primitiva e dos riachos que lá haviam brotado; e, finalmente, dos pequeninos regatos de um desses riachos que tinha se emaranhado ao destino de nossa própria terra.

Meu cérebro rodopiava. E se antes eu tentava encontrar explicações para os fatos, agora começava a acreditar nas maravilhas mais anormais e incríveis. O leque de provas vitais era vasto e contundente. E a atitude fria e científica de Akeley – uma atitude tão distante quanto se possa imaginar da demência, do fanatismo, do histerismo ou até mesmo da especulação extravagante – teve um efeito avassalador sobre meu raciocínio e meu julgamento. Quando, por fim, coloquei de lado a carta aterrorizante, pude compreender os temores que ele passou a hospedar e estava pronto para fazer qualquer coisa que estivesse em meu alcance para manter as pessoas longe daquelas montanhas inóspitas e assombradas. Mesmo agora, que o tempo já atenuou o impacto e me fez, em certa medida, questionar minha própria experiência e minhas dúvidas terríveis, há coisas naquela carta de Akeley que eu não mencionaria e nem mesmo colocaria em palavras no papel. Sinto-me quase aliviado que a carta, a gravação e as fotografias tenham se perdido – e desejaria, por razões que em breve tornarei claras, que o novo planeta além de Netuno não tivesse sido descoberto.

Com a leitura daquela carta, meu debate público sobre o horror de Vermont terminou permanentemente. Os argumentos de meus oponentes permaneciam sem respostas ou eram descartados com promessas, e, por fim, a controvérsia foi esquecida. Durante o final de maio e o mês de junho, estive em constante correspondência com Akeley, embora de vez em quando uma carta se extraviasse, de modo que éramos obrigados a retrazar o caminho percorrido e a providenciar novas cópias. O que estávamos tentando fazer, no geral, era comparar nossas anotações relativas a assuntos

mitológicos obscuros e chegar a uma correlação mais clara entre os horrores de Vermont e as características gerais das lendas do mundo primitivo.

Para começar, decidimos que aquelas monstruosidades e o demoníaco Mi-Go himalaio pertenciam a uma única e mesma ordem de pesadelo encarnado. Havia ainda conjecturas zoológicas absorventes, as quais eu teria levado ao conhecimento do professor Dexter em minha universidade, não fosse a ordem imperativa de Akeley de que não dissesse nem uma palavra sobre o assunto que tínhamos diante de nós. Se pareço desobedecer a essa ordem agora é só porque, a essa altura dos acontecimentos, acho que uma advertência sobre aquelas montanhas longínquas de Vermont – e sobre as montanhas himalaias que os exploradores ávidos estão mais e mais determinados a escalar – é mais condizente com a segurança pública do que o silêncio poderia ser. Uma atividade específica para a qual estávamos nos preparando era a decodificação dos hieróglifos daquela infame pedra negra – uma decodificação que bem poderia nos colocar de posse de segredos mais profundos e mais desnorteadores que qualquer outro já conhecido pelo homem.

3. Ex nihilo nihil fit é uma expressão latina que significa “nada surge do nada”. Indica um princípio metafísico segundo o qual o ser não pode começar a existir a partir do nada. A frase é atribuída ao filósofo grego Parménides.

III

No final de junho, chegou a gravação fonográfica – enviada de Brattleboro, uma vez que Akeley não estava disposto a confiar nas condições do ramal que operava ao norte daquele lugar. Ele tinha a sensação de que a espionagem estava mais acirrada, sensação que foi agravada pelo extravio de algumas de nossas cartas, e falou muito sobre os atos insidiosos de certos homens, que considerava instrumentos e agentes dos seres ocultos. Acima de tudo, ele suspeitava do carrancudo fazendeiro Walter Brown, que morava sozinho em uma casa em ruínas na encosta da colina, perto dos bosques mais cerrados, e que muitas vezes era visto vagando pelas esquinas de Brattleboro, Bellows Falls, Newfane e South Londonderry, nas circunstâncias mais inexplicáveis e aparentemente sem motivo algum. Akeley estava convencido de que a voz de Brown era uma das vozes que ele tinha ouvido em certa ocasião, em uma conversa muito terrível; e uma vez encontrou uma pegada ou uma marca de garra perto da casa de Brown, o que poderia ter um significado sinistro. A marca estava curiosamente perto de algumas das pegadas do próprio Brown – pegadas que se voltavam para as marcas.

Por isso, a gravação foi enviada de Brattleboro, para onde Akeley foi com seu Ford, dirigindo pelas solitárias estradas secundárias de Vermont. Ele confessou, em uma nota que acompanhava a remessa, que estava começando a ficar com medo dessas estradas, e que ele não iria nem mesmo a Townshend para fazer compras de agora em diante, a não ser à luz do dia.

Ele repetiu várias vezes que não valia a pena saber muito sobre o assunto, a menos que se estivesse bem longe daquelas montanhas silenciosas e problemáticas. Ele iria para a Califórnia muito em breve para morar com o filho, embora fosse difícil deixar um lugar onde todas as suas memórias e sentimentos ancestrais estavam reunidos.

Antes de tentar ouvir a gravação na máquina que emprestei do prédio da administração da universidade, reli cuidadosamente todas as explicações contidas nas várias cartas de Akeley. Esta gravação, ele havia dito, fora obtida por volta de uma hora da manhã no dia primeiro de maio de 1915, perto da entrada bloqueada de uma caverna, onde a encosta oeste da Montanha Sombria se ergue do Pântano de Lee. O lugar sempre fora estranhamente infestado por vozes estranhas, e esse foi o motivo pelo qual havia levado o fonógrafo, o ditafone e a cera virgem, na esperança de conseguir resultados. A experiência anterior já havia demonstrado a ele que a véspera do dia primeiro de maio – a pavorosa noite do Sabá das lendas ocultas europeias – seria provavelmente mais frutífera do que qualquer outra data, e ele não se decepcionou. Era digno de nota, contudo, que ele nunca mais ouviu vozes naquele lugar.

Ao contrário da maioria das vozes ouvidas na floresta, o conteúdo da gravação era quase ritualístico e incluía uma voz claramente humana, voz essa que Akeley nunca conseguiu saber de quem era. Não era a voz de Brown, mas parecia ser a voz de um homem de grande erudição. A segunda voz, entretanto, era o ponto crucial da coisa – pois se tratava do amaldiçoado zumbido que não tinha semelhança alguma com a voz humana, apesar das palavras que proferia em bom inglês e com entonação erudita.

O fonógrafo e o ditafone não funcionaram com uniformidade, e, é claro, havia a desvantagem da natureza remota e abafada do ritual ouvido, de

forma que as falas registradas estavam bastante fragmentadas. Akeley tinha enviado uma transcrição do que ele acreditava ser as palavras ditas, e eu passei os olhos novamente por ela enquanto colocava a máquina para funcionar. O texto era mais misterioso e sombrio do que ostensivamente horrível, embora o conhecimento de sua origem e da maneira como fora obtido dessem a ele todo o horror associativo que quaisquer palavras pudessem possuir. Reproduzirei aqui, na íntegra, o conteúdo da transcrição, tal como me lembro – e estou bastante confiante de que o conheço de cor, não apenas por ter lido a transcrição como também por ter ouvido a gravação repetidas vezes. Não é uma coisa que alguém possa esquecer facilmente!

(Sons Indistintos)

(Voz humana de homem culto): ... é o Senhor da Floresta, mesmo para... e os dons dos homens de Leng... dos poços da noite aos abismos do espaço, e dos abismos do espaço aos poços da noite, sempre o louvor ao Grande Cthulhu, a Tsathoggua e Àquele Que Não Deve Ser Nomeado. Louvor eterno a Eles, e abundância para o Bode Negro da Floresta. Iä! Shub-Niggurath! O Bode com Mil Filhotes!

(Zumbido imitando a voz humana): Iä! Shub-Niggurath! O Bode com Mil Filhotes!

(Voz humana): E aconteceu que o Senhor das Florestas, sendo... sete e nove... descendo os degraus de ônix... (tri)butos Àquele que vive no abismo, Azathoth, a Ele, sobre quem Tu nos contastes marav(ilhas)... nas asas da noite para além do espaço, para além do... até Aquele cuja cria mais nova é

Yuggoth, girando sozinho no longínquo éter negro na borda...

(Voz de zumbido): ...caminhai entre os homens e aprendei seus costumes, para que Ele, no Abismo, possa conhecê-los. A Nyarlathotep, o Poderoso Mensageiro, todas as coisas devem ser contadas. E Ele há de assumir o semblante dos homens, a máscara de cera e o manto que oculta, e há de descer do mundo dos Sete Sóis para zombar. . .

(Voz humana) :...(Nyarl)athotep, Grande Mensageiro, portador de estranha alegria a Yuggoth, através do vazio, Pai do Milhão de Eleitos, à espreita entre. . .

(Fala cortada pelo término da gravação)

Tais eram as palavras que eu ouviria ao ligar o fonógrafo. Foi com um quê de genuíno terror e relutância que acionei a alavanca e ouvi os arranhões preliminares da ponta de safira, e fiquei aliviado com o fato de que as primeiras palavras débeis e fragmentadas eram de uma voz humana – uma voz macia e culta, com um sotaque que lembrava vagamente o dos naturais de Boston e que certamente não era a de um nativo das montanhas de Vermont. Enquanto ouvia aquela reprodução tênue e irresistível, percebia que a fala era idêntica à transcrição cuidadosamente preparada por Akeley. E a voz cantava, voz macia com sotaque de Boston... Iä! Shub-Niggurath! O Bode com Mil Filhotes!...

E então ouvi a outra voz. Até hoje estremeço lembrando a forma como aquilo me chocou, ainda que tivesse sido preparado por meio de relatos de Akeley. Todos aqueles a quem, desde então, descrevi a gravação são

categóricos em afirmar que não veem nada além de charlatanismo barato ou loucura naquilo. Mas, pudessem eles ouvir aquela coisa maldita ou ler a pilha de correspondências de Akeley (principalmente a terrível e enciclopédica segunda carta), tenho certeza de que pensariam de outra forma. Em resumo, é uma enorme lástima que eu não tenha desobedecido a Akeley e tocado a gravação para outras pessoas – uma tremenda pena também que todas as cartas dele tenham se perdido. Para mim, com o primeiro impacto causado pelos sons e com meu conhecimento do cenário de fundo e das circunstâncias que o cercavam, a voz era uma coisa monstruosa. Ela seguia a voz humana na resposta do ritual, mas em minha imaginação aquilo era um eco mórbido batendo suas asas em meio a abismos inconcebíveis de infernos inimagináveis. Já se passaram mais de dois anos desde que reproduzi aquele cilindro encerado blasfemo pela última vez; mas neste momento, e em todos os outros, ainda posso ouvir aquele zumbido tênue e diabólico tal como o ouvi pela primeira vez.

“Iã! Shub-Niggurath! O Bode com Mil Filhotes!”

No entanto, embora a voz esteja sempre em meus ouvidos, não fui capaz ainda nem mesmo de analisá-la bem o bastante para uma descrição gráfica. Era como o zumbido de um inseto gigante e asqueroso, desajeitadamente moldado à fala articulada de uma espécie alienígena, e tenho a absoluta certeza de que os órgãos que a produziam não podem ter semelhança com os órgãos vocais do homem ou sequer com os dos mamíferos. Havia peculiaridades no timbre, na amplitude e na frequência que colocavam todo o fenômeno fora da esfera da humanidade e da vida terrena. A maneira abrupta como aconteceu da primeira vez me atordoou, e ouvi o resto da gravação em uma espécie de estupor abstraído. Quando o trecho mais longo do zumbido tocou, houve uma intensificação aguda daquela sensação de eternidade blasfema que havia tomado conta de mim durante a passagem

anterior, mais curta. Por fim, a gravação terminou de forma abrupta, durante uma fala incomumente clara da voz humana com sotaque de Boston. Mas eu permaneci parado por um bom tempo, como um estúpido, olhando para a máquina inerte.

Não se faz necessário dizer que reproduzi aquela gravação chocante muitas outras vezes e que fiz tentativas exaustivas de analisá-la e de comparar minhas anotações com as de Akeley. Seria inútil e perturbador repetir aqui tudo o que concluímos. Entretanto, devo dizer que concordamos em acreditar que tínhamos obtido fortes indícios quanto às origens de alguns dos mais repulsivos costumes primordiais das religiões mais antigas e insondáveis da humanidade. Também nos pareceu claro que havia uma aliança antiga e intrincada entre as criaturas ocultas do espaço e certos membros da raça humana. Qual a extensão dessas alianças e como a situação atual se comparava à situação nas épocas mais remotas, não tínhamos como saber. Mas, na melhor das hipóteses, havia espaço para uma quantidade infinita de especulações tenebrosas. Parecia existir uma ligação tenebrosa, imemorial, em vários estágios definidos, entre o homem e a imensidão inominável. As blasfêmias que apareciam na Terra, ao que tudo levava a crer, vinham do obscuro planeta Yuggoth, que ficava na fronteira do sistema solar. Entretanto, esse planeta não passava de um mero entreposto avançado, povoado por uma raça interestelar medonha cuja origem deveria estar muito além até mesmo do continuum espaço-tempo de Einstein ou do maior universo conhecido.

Enquanto isso, continuávamos a discutir sobre a pedra negra e a melhor maneira de enviá-la a Arkham – já que Akeley achava arriscado que eu fosse visitá-lo no cenário de seus estudos conturbados. Por alguma razão, Akeley tinha medo de confiar a coisa a qualquer rota de transporte comum ou previsível. Decidiu, afinal, levá-la pelo interior até Bellows Falls e

despachá-la de lá por um trem da Boston & Maine que passaria por Keene, Winchendon e depois por Fitchburg, muito embora isso tornasse necessário que ele dirigisse por estradas mais desertas, mais acidentadas e com mais florestas que a estrada principal para Brattleboro. Ele me disse que havia notado um homem rondando o escritório do expresso em Brattleboro quando me enviou a gravação do fonógrafo cujas atitudes e fisionomia não eram nada tranquilizadoras. Parecia estar muito ansioso para falar com os atendentes, e embarcara no trem em que a gravação fora despachada. Akeley confessou que não se sentiu tranquilo em relação à gravação até que obteve a confirmação de que eu a tinha recebido em segurança.

Mais ou menos nessa época – na segunda semana de julho – outra carta minha se extraviou, como tomei conhecimento por meio de uma comunicação ansiosa de Akeley. Depois disso, ele me disse para não mais enviar as cartas para Townshend, e em vez disso, enviar toda a correspondência à posta-restante de Brattleboro, para onde faria viagens frequentes, tanto em seu carro quanto na linha de ônibus que há pouco tempo havia substituído o serviço de passageiros do ramal da ferrovia, que sempre atrasava. Eu podia notar que ele estava ficando cada vez mais ansioso, porque se demorava contando com detalhes sobre o aumento dos latidos dos cães nas noites sem luar e sobre as marcas frescas em forma de garras que às vezes encontrava na estrada e na lama nos fundos da propriedade ao amanhecer. Certa vez me falou sobre um verdadeiro exército de pegadas alinhadas, de frente para uma linha igualmente espessa e resoluta de rastros de cães. E enviou-me uma fotografia inquietante para prová-lo. Isso tinha sido depois de uma noite em que os cães haviam se superado nos latidos e uivos.

Na manhã da quarta-feira, dezoito de julho, recebi um telegrama de Bellows Falls, no qual Akeley dizia que estava despachando a pedra negra

pela B & M, no trem número 5508, que partiria de Bellows Falls às 12:15 e deveria chegar à Estação Norte de Boston às 16:12. Calculei que deveria chegar a Arkham no máximo até o meio-dia do dia seguinte. E de acordo com isso, permaneci em casa durante toda a manhã da quinta-feira para recebê-la. Mas o meio-dia chegou e se foi e nada aconteceu. E quando telefonei para o escritório da companhia, fui informado de que não havia chegado nenhuma encomenda para mim. Meu passo seguinte, que coloquei em prática tomado por um crescente alarme, foi fazer uma chamada de longa distância ao agente da companhia, na Estação Norte de Boston. E pouco me surpreendi ao saber que minha encomenda não havia chegado. O trem 5508 havia chegado com apenas trinta e cinco minutos de atraso no dia anterior, mas não trazia nenhuma caixa endereçada a mim. O agente prometeu, contudo, realizar uma investigação para procurá-la, e terminei o dia enviando a Akeley uma carta noturna delineando a situação.

Com uma prontidão louvável, na tarde seguinte chegou-me um relatório do escritório de Boston, e o agente telefonou-me tão logo tomou conhecimento dos fatos. Ao que parecia, o encarregado do expresso 5508 recordava-se de um incidente que poderia estar relacionado à minha perda – uma discussão com um homem de voz bastante curiosa, magro, de cabelos louro-escuros e um aspecto rude, quando o trem estava parado em Keene, New Hampshire, pouco depois da uma hora da tarde. O homem, ele disse, mostrava-se bastante exasperado com relação a uma caixa que dizia estar esperando, mas que não estava no trem nem constava dos livros de registros da companhia. Ele apresentara-se como Stanley Adams e tinha uma voz estranhamente grave e com um zumbido tão forte que deixou o encarregado tonto e sonolento. O funcionário não se lembrava claramente de como a conversa havia terminado, mas recordava-se de ter recobrado as condições mentais tão logo o trem começou a se mover. O agente de Boston

acrescentou que esse funcionário era um jovem de confiabilidade e honestidade inquestionáveis, com bons antecedentes e que trabalhava há muito tempo na companhia.

Naquela noite fui a Boston para interrogar o funcionário pessoalmente, depois de obter seu nome e endereço no escritório. Era um sujeito franco e simpático, mas logo percebi que ele nada poderia acrescentar ao seu relato original. Estranhamente, ele tinha pouca certeza de que conseguiria sequer reconhecer o estranho se o visse outra vez. Percebendo que ele não tinha nada mais a dizer, retornei a Arkham e fiquei até o amanhecer escrevendo cartas para Akeley, para a companhia, para o departamento de polícia e para o agente da estação em Keene. Senti que o homem de voz estranha que tinha abalado de maneira tão estranha o encarregado devia ter um papel vital em todo o episódio nefasto, e esperava que os empregados da estação de Keene e os registros do posto de telégrafos pudessem dizer alguma coisa sobre ele e sobre como havia feito seus questionamentos na hora e no lugar em que os fez.

Contudo, devo admitir que minhas investigações deram em nada. O homem de voz estranha tinha, de fato, sido notado por perto da estação de Keene no início da tarde de dezoito de julho, e um vagabundo pareceu associá-lo a uma caixa pesada. Mas o sujeito era totalmente desconhecido por ali e não foi visto antes ou depois daquilo. Ele não havia visitado o escritório do telégrafo ou recebido qualquer mensagem até onde se pôde averiguar, tampouco havia passado pelo escritório qualquer mensagem que pudesse ser considerada como referente à presença da pedra negra no trem 5508. Naturalmente, Akeley juntou-se a mim na condução dessas investigações e até mesmo fez uma viagem a Keene pessoalmente para questionar as pessoas ao redor da estação. Mas sua atitude em relação ao problema era mais fatalista que a minha. Ele parecia achar a perda da caixa

uma concretização fatídica e ameaçadora de tendências inevitáveis, e não tinha a menor esperança de recuperá-la. Ele falava dos poderes indubitavelmente telepáticos e hipnóticos das criaturas das montanhas e de seus agentes, e em uma das cartas deu a entender que não acreditava que a pedra estivesse mais nessa terra. De minha parte, eu estava enfurecido, pois acreditava que havia ao menos uma chance de conhecer coisas profundas e assombrosas com os hieróglifos antigos e desgastados. A questão teria causado um ressentimento amargo em minha mente se as cartas de Akeley que me chegaram quase que imediatamente não tivessem trazido à baila uma nova fase de todo o terrível problema da montanha, que imediatamente exigiu toda a minha atenção.

IV

As criaturas desconhecidas, Akeley escreveu com uma caligrafia que tinha se tornado lamentavelmente mais trêmula, tinham começado a acuá-lo com um novo grau de determinação. Agora, sempre que a lua estava fraca ou ausente, os latidos noturnos dos cães eram terríveis, e tinha havido tentativas de molestá-lo nas estradas ermas que ele precisava atravessar durante o dia. No dia dois de agosto, enquanto dirigia seu carro em direção à vila, encontrou um tronco de árvore atravessado no caminho, em um ponto onde a estrada passava por uma floresta fechada. Os latidos desesperados dos dois enormes cães de guarda que levava consigo o advertiram claramente das criaturas que deviam estar por perto, à espreita. O que teria acontecido se os cães não estivessem ali, ele não se atrevia a imaginar – mas ele agora nunca saía sem pelo menos dois cães de sua leal e poderosa matilha. Outras experiências nas estradas tinham acontecido nos dias cinco e seis de agosto. Em uma ocasião, um tiro passou de raspão em seu carro, e na outra, os latidos dos cães avisaram-no de presenças terríveis na floresta.

Em quinze de agosto, recebi uma carta frenética que me perturbou muito e que me fez desejar que Akeley deixasse de lado sua reticência solitária e pedisse a ajuda da lei. Tinha acontecido uma coisa aterrorizante na madrugada entre os dias doze e treze. Balas voaram do lado de fora da casa, e, na manhã seguinte, três dos doze cães enormes foram encontrados mortos a tiros. Havia uma miríade de pegadas em forma de garras na estrada, com

as pegadas humanas de Walter Brown entre elas. Akeley começou a telefonar para Brattleboro a fim de providenciar mais cães, mas a linha ficou muda antes que ele tivesse a chance de falar muita coisa. Mais tarde, ele foi a Brattleboro em seu carro e descobriu que os técnicos haviam encontrado o cabo principal cortado intencionalmente em um ponto que passava pelas montanhas desertas ao norte de Newfane. Mas ele estava prestes a voltar para casa com quatro belos cães novos e várias caixas de munição para sua carabina de repetição. A carta foi escrita no posto do correio de Brattleboro e chegou a mim sem demora.

A essa altura, minha atitude com relação ao problema deixou rapidamente de ser científica e transformou-se em uma alarmante preocupação pessoal. Temia o que poderia acontecer com Akeley naquela casa remota e solitária, e temia também por mim mesmo, devido à minha conexão, agora definitiva, com o estranho problema da montanha. A coisa estava se aproximando demais. Será que também me sugaria e me engoliria? Na resposta à carta dele, supliquei a Akeley que procurasse ajuda e insinuei que eu mesmo tomaria providências se ele não o fizesse. Falei em visitar Vermont pessoalmente, a despeito de suas orientações, e em ajudá-lo a explicar a situação às autoridades competentes. Como resposta, no entanto, recebi apenas um telegrama vindo de Bellows Falls, que dizia o seguinte:

AGRADEÇO A POSIÇÃO, MAS VOCÊ NADA PODE FAZER. NÃO FAÇA NADA POIS PODERIA APENAS PREJUDICAR A AMBOS. AGUARDE EXPLICAÇÕES.

HENRY AKELY

Mas o caso se complicava a olhos vistos. Depois de responder o telegrama, recebi uma nota trêmula de Akeley com a surpreendente notícia de que ele não apenas não tinha enviado o telegrama, como também não havia recebido a minha carta, à qual o telegrama seria obviamente uma resposta. Investigações feitas às pressas por ele em Bellows Falls revelaram que a mensagem foi enviada por um homem estranho, de cabelos louros e uma voz curiosamente grave e que mais parecia um zumbido, embora não tenha conseguido descobrir nada além disso. O funcionário mostrou a ele o texto original, rabiscado a lápis pelo remetente, mas a caligrafia era completamente desconhecida. Era de se notar que a assinatura estava errada – A-K-E-L-Y, sem o segundo “E”. Certas conjecturas eram inevitáveis, mas, em meio à evidente crise, ele não parou para meditar sobre elas.

Akeley comentou sobre a morte de mais cães e sobre a compra de outros mais, e também sobre as trocas de tiros que tinham se tornado uma rotina em todas as noites sem luar. As pegadas de Brown e as pegadas de pelo menos mais uma ou duas figuras humanas usando calçados eram agora encontradas com regularidade entre as pegadas em forma de garras, tanto na estrada quanto nos fundos da casa. A situação, Akeley admitia, era bastante ruim. Era provável que em breve tivesse de ir morar com o filho na Califórnia, conseguisse ou não vender a casa antiga. Mas não era fácil deixar o único lugar onde se sentia em casa. Ele precisava tentar aguentar um pouco mais. Talvez conseguisse afugentar os invasores – sobretudo se desistisse abertamente de qualquer nova tentativa de desvendar seus segredos.

Escrevi imediatamente a Akeley e renovei minhas ofertas de ajuda. Falei mais uma vez em visitá-lo e ajudá-lo a convencer as autoridades de que ele estava em perigo. Na resposta, ele pareceu menos intransigente com relação a esse plano do que suas atitudes anteriores levavam a prever, mas disse que

gostaria de esperar um pouco mais – o suficiente para colocar suas coisas em ordem e conformar-se com a ideia de deixar o local de nascimento que amava de forma quase mórbida. As pessoas olhavam com desconfiança para seus estudos e especulações, e seria melhor sair discretamente, sem deixar a região em polvorosa e criar dúvidas generalizadas quanto à sua saúde mental. Ele já tinha suportado o suficiente, admitia, mas, se possível, queria fazer uma partida digna.

Essa carta chegou a mim no dia vinte e oito de agosto, e logo preparei e enviei a resposta mais encorajadora que consegui escrever. Aparentemente, o encorajamento surtiu efeito, já que Akeley relatou menos terrores quando agradeceu a minha carta. No entanto, ele não estava muito otimista, e manifestou a crença de que apenas a fase da lua cheia estava mantendo as criaturas a distância. Ele esperava que não houvesse muitas noites nubladas, e falou vagamente em alojar-se em algum lugar de Brattleboro quando a lua começasse a minguar. Mais uma vez, escrevi a ele em tom encorajador, mas, em cinco de setembro, recebi uma nova comunicação que sem dúvida cruzou com minha carta no correio. E, a essa comunicação, não pude dar nenhuma resposta esperançosa. Em vista da importância, acredito que devo transcrevê-la na íntegra – e tento reproduzir, da melhor forma possível, as memórias que guardo da caligrafia trêmula. Dizia basicamente o seguinte:

Segunda-feira

Caro Wilmarth,

Uma nota bastante desalentadora à minha última carta. A noite passada foi bastante nublada – embora sem chuva – e não houve sequer um raio de luar. As coisas foram bem ruins, e acho que o fim está próximo, não obstante nossas esperanças. Pouco depois da

meia-noite, alguma coisa pousou no telhado da casa, e os cães todos correram para ver do que se tratava. Eu podia ouvi-los tentando morder e sair em disparada, até que um deles conseguiu chegar ao telhado, saltando da ala mais baixa. Houve uma luta terrível lá em cima, e ouvi um zumbido aterrorizante que nunca esquecerei. E então senti um cheiro repulsivo. Quase ao mesmo tempo, as balas começaram a entrar pela janela e quase me acertaram. Acho que a fila principal de criaturas das montanhas conseguiu se aproximar da casa quando os cães se dividiram por causa do tumulto no telhado. O que havia lá em cima, eu ainda não sei, mas temo que as criaturas estejam aprendendo a controlar melhor suas asas espaciais. Apaguei as luzes e usei as janelas como brechas e disparei em todas as direções, com o rifle apontado alto o bastante para não acertar os cães. Aquilo pareceu colocar fim ao problema, mas, pela manhã, encontrei grandes poças de sangue no pátio, além de poças de uma coisa verde e pegajosa que tinha o pior odor que já senti na vida. Subi no telhado e encontrei ali mais da substância pegajosa. Cinco dos cachorros estavam mortos – e temo que eu mesmo tenha acertado um deles por mirar muito baixo, já que ele foi atingido nas costas. Estou agora consertando as vidraças estilhaçadas pelos tiros e depois irei a Brattleboro a fim de providenciar mais cães. Imagino que os homens dos canis pensem que sou louco. Escreverei outra carta em breve. Acredito que estarei pronto para me mudar em uma semana ou duas, embora pensar nisso quase me mate.

Às pressas,

Akeley

Mas essa não foi a única carta de Akeley a cruzar a minha. Na manhã seguinte – seis de setembro – recebi mais uma carta. Dessa vez, garranchos frenéticos que me deixaram transtornado ao extremo e sem saber o que dizer ou fazer. Mais uma vez, não posso fazer melhor do que citar o texto da forma mais fiel que minha memória permitir.

Terça-feira

As nuvens não se dissiparam, então não haverá lua mais uma vez – e estamos entrando na fase minguante, enfim. Eu providenciaria instalação elétrica para a casa e colocaria um holofote se não soubesse que eles cortariam os cabos tão rápido quanto eles pudessem ser consertados.

Acho que estou enlouquecendo. Pode ser que tudo que já escrevi a você seja um sonho ou loucura. As coisas já estavam bem ruins antes, mas desta vez foi demais. Eles falaram comigo na noite passada – falaram naquela maldita voz de zumbido e disseram coisas que não me atrevo a repetir a você. Eu os ouvia claramente, acima dos latidos dos cães. E em um momento em que foram abafadas pelo barulho, uma voz humana os ajudou. Fique longe disso, Wilmarth – é pior do que você ou eu jamais suspeitamos. Agora não pretendem me deixar partir para a Califórnia. Querem me levar daqui vivo, ou melhor, em uma situação que teórica e mentalmente equivalha a estar vivo – não apenas para Yuggoth, mas além – querem me levar para além dos confins da galáxia e possivelmente para além da última fronteira do espaço. Eu disse a eles que não iria para onde eles querem, ou da forma terrível que sugerem me levar, mas temo que será inútil. Minha casa é tão afastada que eles podem vir durante o dia ou

durante a noite e em breve. Mais seis cães mortos, e hoje senti que estava sendo observado em todas as partes da estrada ladeadas de florestas quando dirigi até Brattleboro. Foi um erro tentar enviar a você aquela gravação do fonógrafo e a pedra negra. Seria melhor que você destruísse a gravação antes que seja tarde demais. Escreverei novamente amanhã se ainda estiver aqui. Gostaria de conseguir levar meus livros e minhas coisas a Brattleboro e hospedar-me por lá. Eu fugiria sem levar nada se pudesse, mas alguma coisa dentro de minha mente me impede. Posso sair à francesa para Brattleboro, onde estaria a salvo, mas sinto-me tão prisioneiro lá quanto sou em casa. E tenho a impressão de que não iria muito longe, mesmo se abandonasse tudo e tentasse. É horrível – não se envolva nisso.

Com estima,

Akeley

Não consegui dormir a noite toda depois de receber essa carta terrível e fiquei perplexo quanto ao que poderia restar de sanidade em Akeley. O conteúdo da nota era totalmente insano, mas, mesmo assim, a maneira como ele se expressava – em vista de tudo que tinha acontecido até então – tinha um caráter persuasivo poderoso e sinistro. Não tentei respondê-la, achando que era melhor esperar até que Akeley tivesse tempo de responder à minha última comunicação. Tal resposta, de fato, chegou no dia seguinte, embora as novidades que ela continha quase ofuscassem quaisquer dos pontos levantados pela carta que esta respondia. Eis o que recordo do texto, rabiscado e borrado como estava, no curso de uma redação claramente frenética e apressada.

Quarta-feira

W-

Sua carta chegou, mas já não adianta mais discutir coisa alguma. Estou totalmente resignado. Fico admirado de ainda ter força de vontade suficiente para lutar contra eles. Não posso escapar, mesmo que estivesse disposto a deixar tudo para trás e sair correndo. Eles vão me pegar.

Recebi uma carta deles ontem – o funcionário da R.F.D. entregou-a enquanto eu estava em Brattleboro. Datilografada e postada em Bellows Falls. Conta o que querem fazer comigo – não consigo repetir. Tome cuidado! Destrua a gravação. As noites permanecem nubladas e a lua minguia a cada noite. Quiçá eu ousasse pedir ajuda – isso poderia fortalecer a minha autodeterminação –, mas todos que se atrevessem a vir aqui me chamariam de louco, a menos que houvesse alguma prova. Eu não poderia pedir às pessoas que viessem sem um motivo plausível – não tenho contato algum com ninguém, e há anos.

Mas ainda não contei o pior, Wilmarth. Prepare-se, porque isso o deixará chocado. Mas estou dizendo a verdade. É essa: eu vi e toquei uma das criaturas, ou parte de uma delas. Deus, homem, é um horror! Estava morta, é claro. Um dos cães a pegou, e eu a encontrei essa manhã, perto do canil. Tentei guardá-la no depósito de lenha para convencer as pessoas sobre tudo isso, mas a coisa evaporou em poucas horas. Não sobrou nada. O senhor sabe, todas aquelas coisas nos rios foram vistas apenas na primeira manhã

depois da inundação. E agora vem o pior. Tentei fotografá-la para você, mas quando revelei o filme não havia coisa alguma, exceto o depósito. Do que poderia ser feita a criatura? Eu a vi e a toquei, e todas elas deixam pegadas. Com toda certeza, era feita de matéria – mas que tipo de matéria? A forma não pode ser descrita. Era um enorme caranguejo, com vários anéis carnudos em forma piramidal ou nós de uma coisa espessa e pegajosa, e coberta com antenas no lugar onde um homem teria a cabeça. A tal da coisa verde e pegajosa é o sangue ou linfa da criatura. E mais deles chegarão à Terra a qualquer minuto.

Walter Brown está desaparecido – não tem sido visto perambulando por nenhuma das vilas da região. Devo tê-lo acertado com um de meus tiros, embora as criaturas sempre pareçam tentar levar com eles seus mortos e feridos.

Cheguei à cidade essa tarde sem nenhum problema, mas temo que eles estejam começando a se afastar porque já têm certeza de que vão me pegar. Escrevo esta dos correios de Brattleboro. Talvez esta seja uma carta de adeus – se assim for, escreva para meu filho – George Goodenough Akeley, 176 Pleasant St., San Diego, Califórnia. Mas não venha para cá. Escreva para o garoto se não tiver notícias minhas em uma semana e fique atento aos jornais.

Agora jogarei minhas duas últimas cartas – se ainda tiver forças para isso. Primeiro, vou tentar envenenar as criaturas com gás (providenciei as substâncias químicas necessárias e máscaras para mim e para os cães). E então, se isso não funcionar, vou contar ao xerife. Podem me trancafiar em um hospício, se quiserem – seria melhor do que ficar à mercê das outras criaturas.

Talvez eu consiga fazer com que prestem atenção às pegadas ao redor da casa – são tênues, mas posso encontrá-las todas as manhãs. Suponhamos, contudo, que a polícia diga que as forjei de alguma forma, já que todos eles pensam que sou uma figura esquisita.

Devo tentar que um policial do estado passe a noite aqui e veja com seus próprios olhos – embora tão logo tomem conhecimento do fato, as criaturas permanecerão afastadas nessa noite. Elas cortam meus cabos sempre que tento telefonar à noite – os funcionários da companhia acham tudo isso muito estranho, e pode ser que testemunhem a meu favor, se não imaginarem que eu mesmo os cortei. Já faz mais de uma semana que desisti de consertá-los.

Eu poderia pedir que alguns dos meus antigos empregados testemunhassem em meu favor sobre a realidade dos horrores, mas todos riem do que eles dizem e, de qualquer forma, eles se esquivam de minha casa há tanto tempo que nem sabem dos últimos acontecimentos. Você não conseguiria convencer nenhum dos fazendeiros miseráveis a chegar a um quilômetro de minha casa por nada nesse mundo. O carteiro escuta o que eles dizem e brinca comigo sobre isso – Deus! Se ao menos eu tivesse coragem de dizer a ele como tudo isso é real! Acho que vou tentar fazer com que ele veja as pegadas. Mas ele vem à tarde, e elas normalmente já desapareceram nesse horário. Se eu preservar uma delas, colocando uma caixa ou uma panela, ele certamente pensará que é falsa ou então uma brincadeira.

Quisera eu não ter me transformado nesse eremita, pois é por isso que as pessoas não aparecem mais por aqui como costumavam

fazer. Nunca me atrevi a mostrar a pedra negra ou as fotografias ou a gravação a ninguém, a não ser aos mais ignorantes. Os outros diriam que forjei a coisa toda e não fariam outra coisa a não ser rir. Mas ainda posso tentar mostrar as fotografias. Elas mostram claramente as pegadas, mesmo que as criaturas que as fizeram não possam ser fotografadas. É uma pena que ninguém tenha visto aquela coisa nesta manhã, antes que ela desaparecesse!

Mas não sei se me importo. Depois de tudo que passei, um hospício é um lugar tão bom quanto qualquer outro. Os médicos talvez possam me ajudar a tomar a decisão de sair desta casa, e isso é a única coisa que poderá me salvar.

Escreva para meu filho George se não tiver notícias em breve. Adeus, destrua a gravação e não se envolva nisso.

Com estima,

Akeley

Francamente, essa carta atirou-me ao mais profundo terror. Eu não sabia o que dizer em resposta, mas rabisquei algumas palavras incoerentes de conselho e encorajamento, e enviei-a pela remessa registrada. Eu me recordo de ter pedido encarecidamente a Akeley que se mudasse para Brattleboro imediatamente e que se colocasse sob a proteção das autoridades. Acrescentei que iria àquela cidade com a gravação do fonógrafo e o ajudaria a convencer os tribunais de sua sanidade. Já era hora, também, acho que escrevi, de alertar as pessoas em geral a respeito da ameaça que os cercava. Deve ser observado que, nesse momento de tensão, minha própria convicção em tudo que Akeley havia contado e alegado era praticamente total, embora achasse que seu fracasso em obter uma fotografia do monstro morto não se devia a uma aberração da natureza, mas

a algum deslize de sua parte, devido ao nervosismo.

V

E então, aparentemente cruzando minha nota incoerente, na tarde de sábado, oito de setembro, chegou a mim aquela carta curiosamente diferente e tranquilizadora, datilografada com esmero em uma máquina nova. Uma estranha carta reconfortante e convidativa, que deve ter marcado uma transição muito prodigiosa em todo o pesadelo das montanhas solitárias. Mais uma vez, transcreverei de memória – procurando, por razões especiais, preservar o máximo possível seu estilo. A carta fora enviada de Bellows Falls, e tanto a assinatura quanto o corpo dela estavam datilografados – como é comum acontecer com iniciantes na datilografia. O texto, contudo, estava incrivelmente bem redigido para um trabalho de principiante. E concluí que Akeley deve ter usado uma máquina em algum período anterior – talvez na universidade. Seria razoável dizer que a carta me aliviou. No entanto, por trás desse alívio havia uma camada de desassossego. Se Akeley conservara o juízo perfeito diante do terror, estaria agora são em sua redenção? E o que seriam as “melhores relações” que mencionava? O que seria aquilo? A coisa toda implicava uma oposição diametral às atitudes pregressas de Akeley! Mas aqui está o conteúdo do texto, transcrito cuidadosamente de uma memória de que me orgulho.

Townshend, Vermont

Quinta-feira, 6 de setembro de 1928

Meu caro Wilmarth,

É uma enorme satisfação poder tranquilizá-lo em relação a todas as bobagens que vinha escrevendo para o senhor. Digo “bobagens”, embora me refira antes à minha reação assustada do que às descrições de certos fenômenos. Aqueles fenômenos são reais e bastante importantes. Meu erro foi estabelecer uma atitude anômala diante dos fatos.

Penso ter mencionado que meus estranhos visitantes estavam começando a tentar uma comunicação comigo. Na noite passada, essa comunicação concretizou-se. Em resposta a alguns sinais, recebi em minha casa um mensageiro das criaturas que estavam lá fora – um humano, devo me apressar em dizer. Ele me contou muitas coisas que nem o senhor nem eu sequer havíamos começado a imaginar e mostrou-me claramente que estávamos completamente errados e equivocados em relação ao propósito das criaturas siderais em manter uma colônia secreta neste planeta.

Parece que as terríveis lendas sobre o que elas ofereceram aos homens e o que pretendem com relação à Terra são resultado de um mal-entendido quanto a um discurso alegórico – um discurso, é claro, moldado por um cenário cultural e por formas de pensar muito diferentes de tudo o que podemos imaginar. Admito abertamente que minhas próprias conjecturas passaram tão longe do alvo quanto os palpites dos fazendeiros analfabetos e dos índios selvagens. Aquilo que eu havia tomado por algo mórbido, vergonhoso e infame é, na realidade, extraordinário e transcendental, e até mesmo glorioso – e minha avaliação anterior não foi mais do que uma fase da eterna tendência do homem a

odiar, temer e evitar tudo o que é diferente.

Hoje me arrependo de todo o mal que causei a esses seres alienígenas e incríveis no decorrer de nossos conflitos noturnos. Se ao menos eu tivesse concordado em conversar de maneira pacífica e civilizada desde o início! No entanto, eles não guardam ressentimento, já que suas emoções são organizadas de uma forma muito diferente da nossa. Foi um infortúnio para eles terem tido como agentes humanos em Vermont alguns espécimes tão desprezíveis – o falecido Walter Brown, por exemplo. Ele foi o responsável por boa parte do meu preconceito contra eles. Na verdade, eles nunca fizeram mal aos homens, mas muitas vezes foram cruelmente injustiçados e espionados por nossa espécie. Existe todo um culto secreto formado por homens maus (um homem com sua erudição mística me entenderá quando os relaciono a Hastur e ao Símbolo Amarelo), devotados ao propósito de perseguir e abater essas criaturas em nome de poderes monstruosos de outras dimensões. É contra esses transgressores – e não contra a humanidade como um todo – que as precauções drásticas das criaturas siderais estão direcionadas. A propósito, tomei conhecimento de que muitas de nossas cartas extraviadas foram roubadas não pelas criaturas siderais, mas pelos emissários desse culto maligno.

Tudo que as criaturas siderais desejam do homem é a paz, que não os molestem e que possamos estabelecer uma sintonia intelectual cada vez maior. Essa última faz-se absolutamente necessária agora que nossas invenções e aparelhos estão expandindo nosso conhecimento e nossos movimentos, tornando cada vez mais impossível a existência secreta dos postos

avançados necessários às criaturas siderais neste planeta. Os seres extraterrestres desejam conhecer a humanidade mais a fundo e fazer com que alguns líderes filosóficos e científicos da humanidade saibam mais sobre eles. Com tal intercâmbio de conhecimento, todos os perigos serão deixados para trás e um modo de vida satisfatório será alcançado. A ideia de qualquer tentativa, por parte dos alienígenas, de escravizar ou destruir a humanidade é ridícula.

Para dar início a essa melhor relação, as criaturas siderais escolheram-me – em vista do conhecimento já bastante considerável que tenho sobre elas – como seu primeiro intérprete na Terra. Muito me foi dito na noite passada – fatos de uma natureza das mais estupendas e esclarecedoras – e mais me será comunicado posteriormente, tanto na forma oral como na escrita. Por enquanto, não devo ser chamado a empreender nenhuma viagem ao espaço sideral, embora provavelmente deseje fazê-lo mais adiante – empregando meios especiais que transcendem tudo o que até agora nos habituamos a considerar como a experiência humana. Minha casa não será mais assediada. Tudo voltou ao normal, e os cães não terão mais ocupação. Onde antes havia terror, recebi uma dádiva abundante de conhecimentos e de aventura intelectual que poucos mortais já tiveram a oportunidade de compartilhar.

As criaturas siderais são, talvez, os seres orgânicos mais maravilhosos em todo o tempo-espaço e além dele – membros de uma raça cósmica da qual todas as outras formas de vida são meras variações degeneradas. São mais animais que vegetais, se é que estes termos podem ser aplicados ao tipo de matéria que os

compõem, e têm uma estrutura semelhante aos fungos. Embora a presença de uma substância semelhante à clorofila e de um sistema nutritivo muito singular os diferenciem completamente de um fungo cromofítico verdadeiro. De fato, esse tipo é composto de uma forma de matéria totalmente alienígena à nossa porção do espaço – onde elétrons têm uma taxa de vibração totalmente diferente. É por isso que os seres não podem ser fotografados por filmes e placas comuns das câmeras do nosso universo conhecido, muito embora nossos olhos possam vê-los. Com o conhecimento adequado, contudo, qualquer bom químico poderia fazer uma emulsão fotográfica que registraria as imagens.

O gênero é único em suas habilidades de atravessar o vazio interestelar desprovido de calor e de ar com a forma corpórea completa, e alguns de seus mutantes não conseguem fazê-lo sem a ajuda mecânica ou de curiosos transplantes cirúrgicos. Apenas umas poucas espécies apresentam as asas resistentes ao éter, características essas da variedade encontrada em Vermont. As que habitam certos picos remotos no Velho Mundo foram trazidas de outras maneiras. A semelhança externa à vida animal e ao tipo de estrutura que entendemos como sendo física é uma questão que está mais relacionada à evolução paralela do que a qualquer parentesco. A capacidade cerebral de que são dotados ultrapassa a de qualquer outra forma de vida remanescente, embora os indivíduos alados presentes em nossas colinas não sejam, de maneira alguma, as formas mais desenvolvidas. Comunicam-se através da telepatia, embora sejam dotados de órgãos vocais rudimentares que, após uma cirurgia simples (esses procedimentos são algo muito corriqueiro e desenvolvido entre eles), conseguem

reproduzir grosseiramente a fala de organismos que ainda se comunicam por meio dela.

A moradia principal das criaturas nas proximidades é um planeta ainda desconhecido e quase sem luz, nos confins do nosso sistema solar — está além de Netuno e é o nono planeta a partir do Sol. Trata-se, conforme imaginávamos, do objeto celeste conhecido misticamente como “Yuggoth” em certos escritos antigos e proibidos; e que em breve será cenário de uma estranha concentração de pensamentos focados no nosso mundo — em um esforço para facilitar nossa sintonia mental. Eu não ficaria surpreso se os astrônomos se tornassem sensíveis a essas correntes mentais a ponto de descobrir Yuggoth quando as criaturas siderais assim desejarem. Mas Yuggoth, claro, é apenas o primeiro passo. A maior parte das criaturas habita abismos organizados de uma forma estranha, totalmente além do alcance da imaginação humana. O glóbulo do espaço-tempo, que reconhecemos como sendo toda a entidade cósmica, não passa de um átomo na verdadeira infinidade, que pertence às criaturas siderais. E o máximo sobre essa infinidade que um cérebro humano for capaz de absorver será em algum momento revelado a mim, como aconteceu a não mais do que cinquenta outros homens desde que a raça humana existe.

Você pode pensar a princípio que isso é um desvario, Wilmarth, mas no momento oportuno compreenderá a oportunidade colossal na qual tropecei. Quero compartilhar com você tudo o que for possível e, para tanto, preciso contar-lhe milhares de coisas que não serão escritas no papel. No passado, pedi a você que não viesse me ver. Agora que tudo está bem, tenho

prazer em retirar o impedimento anterior e convidá-lo para uma visita.

Você não poderia viajar para cá antes que o semestre na universidade começasse? Seria maravilhoso se pudesse. Traga com você a gravação do fonógrafo e todas as cartas que escrevi, para que possamos consultar os dados – podemos precisar deles para juntar as peças dessa incrível história. Você poderia trazer as fotografias também, já que parece que não sei onde deixei os negativos e as minhas cópias em meio à recente agitação. Mas que riqueza de informações tenho agora para acrescentar a todo esse material atrapalhado e especulativo – e que equipamento estupendo tenho para complementar minhas adições!

Não hesite – estou livre de espionagem agora, e você não encontrará nada sobrenatural ou perturbador. Apenas venha para cá e eu o buscarei de carro na estação de Brattleboro – prepare-se para ficar o quanto puder e para muitas noites de discussão sobre coisas que estão além da conjectura humana. Não diga nada a ninguém sobre isso, é claro – pois esse assunto não deve chegar ao público promíscuo.

O serviço de trem para Brattleboro não é ruim – e você poderá pegar uma tabela de horários em Boston. Pegue o B&M. até Greenfield e ali faça a baldeação para fazer o resto da viagem. Sugiro que pegue o trem das 16h10 em Boston. Ele chega a Greenfield às 19h35; e às 21h19 sai dali um trem que chega a Brattleboro às 22h01. Isso durante a semana. Diga-me quando virá, que estarei esperando na estação com meu carro.

Perdoe-me a carta datilografada, mas minha caligrafia tem andado muito trêmula ultimamente, como você sabe, e não me

sinto à altura de escrever longos trechos à mão. Comprei esta Corona ontem em Brattleboro. Parece estar funcionando muito bem.

No aguardo de mais notícias e na esperança de vê-lo muito em breve com a gravação do fonógrafo e todas as cartas – e também as fotografias.

Saudações cordiais.

Antecipadamente grato,

Henry W. Akeley

Exmo. Sr.

ALBERT N. WILMARTH

UNIVERSIDADE DE MISKATONIC

ARKHAM, MASSACHUSETTS

A complexidade das minhas emoções ao ler, reler e ponderar sobre essa estranha e inesperada carta está além de qualquer descrição adequada. Eu disse que fiquei ao mesmo tempo aliviado e apreensivo, mas isso expressa apenas de modo grosseiro as nuances de sentimentos contraditórios – e em grande parte subconscientes – que constituíam tanto o meu alívio quanto minha apreensão. Para começar, a carta era tão diametralmente contrária a toda a cadeia de horrores que a precederam – a mudança de humor, do terror absoluto para uma condescendência tranquila, e até mesmo alegria, era tão inesperada, tão súbita e tão completa! Eu mal conseguia acreditar que um único dia pudesse alterar de tal forma a perspectiva psicológica de alguém que havia escrito aquele comunicado final e frenético da quarta-

feira, não importava o quão tranquilizadoras fossem as revelações que aquele dia pudesse ter trazido. Em certos momentos, uma sensação de irrealidades conflitantes me fazia pensar se todo aquele drama sobre forças fantásticas relatado a distância não seria uma espécie de sonho ilusório criado, em boa parte, dentro de minha própria imaginação. Depois pensei na gravação do fonógrafo e me entreguei a um aturdimento ainda maior.

A carta parecia tão contrária a qualquer coisa que se pudesse esperar! Enquanto analisava minhas próprias impressões, notei que elas se dividiam em duas fases distintas. Primeiro, admitindo que Akeley encontrava-se em perfeitas condições mentais antes e que assim permanecia. A mudança indicada pela situação era brusca demais e inconcebível. E segundo, as mudanças na conduta, na atitude e na linguagem de Akeley estavam muito além do normal ou do previsível. Toda a personalidade do homem parecia ter passado por uma mutação insidiosa – uma mutação tão profunda que dificilmente se poderia reconciliar os dois aspectos com a suposição de que ambos representassem a mesma sanidade mental. A escolha das palavras, a ortografia – tudo era sutilmente diferente. E com minha sensibilidade acadêmica ao estilo da prosa, pude detectar profundas divergências em suas reações mais comuns e no ritmo de suas respostas.

Sem dúvida o cataclismo emocional ou a revelação que produziu uma mudança tão radical deve ter sido extrema, de fato! Por outro lado, a carta parecia bem típica de Akeley. A mesma paixão pelo infinito – a mesma curiosidade acadêmica. Não pude por um instante – ou pelo menos por não mais do que por um instante – dar crédito à ideia de fraude ou de uma substituição maligna. Mas o convite – a disposição para que testasse pessoalmente a veracidade da carta – não provava sua autenticidade?

Não fui para a cama no sábado à noite. Fiquei sentado, pensando nas sombras e nas maravilhas por trás da carta que havia recebido. Minha

cabeça, que doía com a rápida sucessão de conceitos monstruosos que fora forçada a enfrentar ao longo dos últimos quatro meses, trabalhava sobre o novo e espantoso material, alternando-se entre a dúvida e a aceitação, repetia a maioria dos estágios experimentados ao encarar os assombros de antes. Até que, bem antes do amanhecer, um interesse e uma curiosidade ardentes começaram a substituir a torrente de perplexidade e de inquietação do início. Louco ou são, transformado ou simplesmente aliviado, tudo indicava que Akeley, de fato, tivesse se deparado com uma mudança de perspectiva estupenda em sua perigosa pesquisa; uma mudança que ao mesmo tempo tornava menor o perigo em que se encontrava – real ou imaginário – e abria novos panoramas de conhecimento cósmico e sobre-humano. Meu próprio entusiasmo pelo desconhecido incendiou-se para igualar-se ao dele, e senti-me tocado pelo contágio daquela mórbida remoção de barreiras. Livrar-se das limitações enlouquecedoras e exaustivas do tempo, do espaço e das leis naturais – estar ligado à vastidão do universo – estar próximo dos segredos obscuros e abismais do infinito e do absoluto – sem dúvida, tais coisas justificavam colocar em risco a vida, a alma e a sanidade! E Akeley disse que não havia mais qualquer perigo – e convidou-me a visitá-lo em vez de pedir que me afastasse, como antes. Meu corpo formigava ao pensar nas coisas que ele poderia ter agora para me contar – havia uma fascinação quase paralisante na ideia de estar naquela fazenda solitária e até pouco tempo sitiada, em companhia de um homem que havia conversado com emissários do espaço sideral; de estar lá com a terrível gravação e a pilha de cartas nas quais Akeley havia resumido suas conclusões anteriores.

Então, no final da manhã de domingo, telegrafei a Akeley dizendo que o encontraria em Brattleboro na próxima quarta-feira, doze de setembro – se aquela data fosse conveniente para ele. Divergi das sugestões dele em

apenas um aspecto: quanto à escolha do trem. Honestamente, não me agradava a ideia de chegar àquela região erma de Vermont tarde da noite. Então, em vez de aceitar o trem que ele havia sugerido, telefonei para a estação e escolhi outro. Se acordasse cedo e pegasse o trem das 8h07 em Boston, poderia alcançar o trem das 9h25 para Greenfield e chegaria lá às 12h22. Isso me permitiria pegar o trem que chegaria a Brattleboro às 13h08 – um horário bem mais confortável do que dez horas da noite para encontrar Akeley e atravessar com ele as estradas apertadas entre aquelas montanhas cheias de segredos.

Mencionei minha opção no telegrama e fiquei satisfeito ao saber, na resposta que me chegou à tarde, que ela foi aprovada por meu futuro anfitrião. O telegrama dizia o seguinte:

arranjo satisfatório. encontro trem 13h08 quarta-feira. não esqueça gravação cartas e fotografias. mantenha destino segredo. espere grandes revelações. AKELEY

O recebimento dessa mensagem em resposta direta à outra enviada a Akeley — e necessariamente entregue em sua casa pela estação de Townshend, por um mensageiro oficial ou pelo serviço telefônico, que fora restabelecido — acabou com quaisquer dúvidas subconscientes que eu pudesse ter em relação à autoria da carta tão intrigante. Meu alívio foi grande – na verdade, foi maior do que eu poderia explicar àquela época; já que todas aquelas dúvidas tinham estado enterradas no fundo de meu ser. Naquela noite dormi tranquilo, e passei os dois dias seguintes ocupadíssimo com os preparativos da viagem.

VI

Na quarta-feira, parti no horário combinado levando comigo uma valise cheia de objetos pessoais e de dados científicos, entre eles a hedionda gravação do fonógrafo, as fotografias e toda a pilha de correspondências enviadas por Akeley. Conforme me foi pedido, não disse a ninguém para onde estava indo; pois eu podia ver que o assunto exigia o mais absoluto sigilo, mesmo que tudo corresse bem. A ideia de estabelecer um contato mental com entidades alienígenas do espaço sideral já era bastante surpreendente para uma mente treinada e preparada como a minha; e, sendo assim, o que pensar de seus efeitos sobre a grande massa de leigos desinformados? Não sei dizer se era pavor ou expectativa pela aventura o sentimento que predominava em mim quando troquei de trem em Boston e comecei a percorrer o longo caminho em direção ao oeste, deixando para trás as regiões familiares e entrando em outras menos conhecidas. Waltham – Concord – Ayer – Fitchburg – Gardner – Athol.

Meu trem chegou a Greenfield com sete minutos de atraso, mas o expresso que fazia a conexão com o norte estava esperando. Depois de fazer a baldeação às pressas, senti uma curiosa falta de ar à medida que os vagões roncavam em meio ao sol do início da tarde rumo a territórios sobre os quais eu sempre havia lido, mas nunca visitara. Eu sabia que estava entrando em uma Nova Inglaterra mais antiquada e mais primitiva do que as áreas mecanizadas e urbanizadas do litoral e do sul, onde passei toda a minha vida. Uma Nova Inglaterra intocada e ancestral, sem estrangeiros e

fumaça de fábricas, sem os cartazes ou as estradas de concreto das áreas tocadas pela modernidade. Haveria vestígios curiosos daquela contínua vida nativa cujas raízes profundas fazem dela uma continuação da paisagem original – a contínua vida nativa que mantém vivas estranhas memórias ancestrais e fertiliza o solo para crenças obscuras, maravilhosas e pouco comentadas.

Vez ou outra, eu via o rio Connecticut, azul e reluzindo sob o sol, e depois de passar por Northfield, o cruzamos. À minha frente, pairavam misteriosas colinas verdejantes, e quando o trocador entrou no vagão, percebi que estava finalmente em Vermont. Ele me disse para atrasar o relógio em uma hora, já que a região montanhosa do norte recusava-se a adotar as modernices de horários diferentes. Enquanto ajustava o relógio, parecia-me que estava, da mesma forma, voltando o calendário em um século.

O trem corria ao lado do rio e, do outro lado dele, em New Hampshire, eu podia ver se aproximar a elevação do íngreme Wantastiquet, cercado por inúmeras lendas singulares. Então apareceram ruas à minha esquerda, e uma ilha verdejante surgiu no riacho à minha direita. As pessoas se levantaram e foram em fila para a porta, e eu as segui. O vagão parou e desembarquei sob o longo teto da estação de Brattleboro.

Olhando para a fila de carros que aguardavam, parei por um instante para ver qual seria o Ford de Akeley, mas fui reconhecido antes que pudesse tomar a iniciativa. E, contudo, estava claro que não era Akeley quem avançava em minha direção com a mão estendida e perguntava melodiosamente se seria eu, de fato, o senhor Albert N. Wilmarth, de Arkham. O homem em nada se parecia com o Akeley grisalho e barbado da fotografia; era uma pessoa mais jovem e mais urbana, com trajes da moda e um bigode pequeno e escuro. Sua voz educada tinha uma familiaridade

estranha e quase perturbadora, embora eu não conseguisse lembrar onde a tinha ouvido antes.

Enquanto o examinava, ouvi-o explicar que era amigo de meu futuro anfitrião e que tinha vindo de Townshend no lugar dele. Ele me disse que Akeley tinha sofrido uma crise de asma e não se sentia bem para sair à rua. Mas não era nada grave e não haveria mudança de planos com relação à minha visita. Não consegui descobrir o quanto o tal senhor Noyes – foi assim que se apresentou – sabia a respeito das pesquisas e descobertas de Akeley, embora me tenha parecido que sua atitude casual passava a impressão de que não sabia de nada. Lembrando-me da natureza solitária de Akeley, fiquei um pouco surpreso diante da pronta disponibilidade de tal amigo; mas não deixei que a surpresa me impedisse de entrar no carro para o qual ele apontou. Não era o carro antigo e pequeno que eu esperava das descrições de Akeley, mas um modelo espaçoso e imaculado de fabricação recente – que, aparentemente, pertencia ao próprio Noyes, e tinha placas de Massachusetts com o divertido “bacalhau sagrado” daquele ano. Meu guia, concluí, devia ser um turista que estava passando o verão em Townshend.

Noyes entrou no carro ao meu lado e partiu imediatamente. Eu estava satisfeito por ele não insistir em conversar, porque alguma tensão peculiar na atmosfera fazia com que eu não estivesse disposto a falar. O vilarejo parecia muito atraente sob o sol da tarde, enquanto subíamos uma ladeira e virávamos à direita na rua principal. O lugar parecia estar adormecido, como as cidades mais antigas da Nova Inglaterra que lembramos da infância, e alguma coisa na disposição dos telhados, dos campanários, das chaminés e das paredes de tijolos formavam contornos que tocavam cordas profundas de uma emoção ancestral. Eu sabia que estava no portal de uma região parcialmente enfeitiçada pela superposição de acúmulos ininterruptos de tempo. Uma região onde coisas estranhas e antigas tiveram a chance de

crescer e permanecer porque nunca foram perturbadas.

À medida que saíamos de Brattleboro, meu sentimento de constrangimento e de mau agouro aumentava, pois alguma coisa vaga naquele cenário montanhoso verde e granito, com encostas imensas, ameaçadoras e muito juntas fazia pensar em segredos obscuros e lembranças imemoriais que poderiam ou não ser hostis à raça humana. Por algum tempo, seguimos acompanhando um rio largo e raso que descia das colinas desconhecidas ao norte, e estremeci quando meu guia me disse que aquele era o Rio Oeste. Foi nesse riacho, eu me lembrava da notícia nos jornais, que uma das criaturas mórbidas parecidas com crustáceos tinha sido vista boiando depois da inundação.

Aos poucos, a paisagem ao nosso redor tornava-se mais selvagem e mais deserta. Nos espaços entre as colinas, antigas pontes cobertas sobreviviam de maneira assustadora à passagem do tempo, e a estrada de ferro semiabandonada que seguia paralela ao rio parecia irradiar uma visível aura de desolação. Havia grandes trechos de vales verdejantes, de onde se erguiam enormes colinas, onde o granito virgem da Nova Inglaterra se apresentava, cinza e austero, em meio à vegetação que subia até os cumes. Havia desfiladeiros onde riachos indomados saltavam, levando em direção ao rio os segredos inconcebíveis de milhares de picos inexplorados. Vez ou outra surgiam estradas estreitas e meio escondidas que abriam seu caminho entre florestas densas e exuberantes, cujas árvores ancestrais exércitos inteiros de espíritos elementais poderiam muito bem habitar. Ao vê-las, lembrei-me de como Akeley tinha sido molestado por agentes invisíveis ao passar por essa mesma rota e não me admirei que tais coisas pudessem existir.

O exótico e pitoresco vilarejo de Newfane, ao qual chegamos em menos de uma hora, foi a nossa última ligação com o mundo que o homem pode,

com certeza, chamar de seu em virtude da conquista e da ocupação completa. A partir daquele ponto, abandonamos toda a lealdade a coisas imediatas, tangíveis e temporais, e mergulhamos em um mundo fantástico de irrealdade silenciosa, no qual o caminho estreito, assim como uma fita, subia e descia e fazia curvas com um capricho quase consciente e proposital em meio a picos verdejantes e ermos, e vales quase desertos. A não ser pelo som do motor e pelo fraco movimento nas poucas fazendas solitárias pelas quais passávamos em intervalos esparsos, o único som que chegava aos meus ouvidos era o ruído gorgolejante e insidioso das estranhas águas que corriam de incontáveis fontes ocultas em meio aos bosques ensombrecidos.

A proximidade e a intimidade com as colinas abobadadas que nos faziam parecer anões agora verdadeiramente tiravam-me o fôlego. Eram mais íngremes e abruptas do que eu havia imaginado pelos relatos que tinha ouvido e não pareciam ter nada em comum com o mundo prosaico e objetivo que conhecemos. As florestas densas e ermas naquelas encostas inacessíveis pareciam servir de abrigo para coisas alienígenas e incríveis, e tive a impressão de que o próprio contorno das montanhas guardava algum significado estranho e esquecido pela eternidade, como se fossem enormes hieróglifos deixados por uma suposta raça de titãs cujas glórias vivessem apenas nos sonhos mais raros e profundos. Todas as lendas do passado e todas as alegações aterradoras das cartas e documentos de Henry Akeley ressurgiram em minha lembrança para intensificar a atmosfera de tensão e de ameaça crescente. O objetivo de minha visita e as terríveis anormalidades que ela postulava atingiram-me de repente com um calafrio que quase fez esmorecer o meu ardor por estranhas investigações.

Meu guia deve ter notado a minha atitude perturbada; pois, quando a estrada ficou mais erma e mais irregular, e o nosso movimento mais lento e mais sacolejante, seus comentários agradáveis ocasionais estenderam-se

para um fluxo de discurso mais constante. Falou sobre a beleza e os mistérios da região, e revelou alguma familiaridade com os estudos folclóricos do meu futuro anfitrião. Pelas perguntas educadas que me fez, ficou claro que ele sabia que a minha visita tinha algum propósito científico e que eu tinha comigo dados relevantes; mas não deu nenhum sinal de compreender a profundidade e o horror do conhecimento que Akeley enfim havia alcançado.

Os modos de Noyes eram tão afáveis, normais e refinados que seus comentários deveriam ter me acalmado e tranquilizado; mas, por estranho que pareça, senti-me ainda mais perturbado enquanto avançávamos aos solavancos pelo caminho inabitado e inexplorado em meio a colinas e florestas. Às vezes parecia que ele estava me interrogando para ver o que eu sabia sobre os monstruosos segredos da região, e a cada nova frase, a familiaridade vaga, provocativa e desnorteante em sua voz aumentava. Não era uma familiaridade normal e saudável, apesar da natureza completamente sadia e educada da voz. De alguma forma, eu a associava a pesadelos esquecidos e sentia que poderia enlouquecer se a reconhecesse. Se houvesse algum pretexto razoável, acho que teria dado meia-volta e desistido da visita. Mas quis o destino que eu não tivesse como desistir – e ocorreu-me que uma boa conversa científica com Akeley depois de minha chegada poderia ajudar a me recompor.

Além do mais, havia um elemento de beleza cósmica estranhamente tranquilizador na paisagem hipnótica pela qual subíamos e descíamos de maneira fantástica. O tempo se perdia nos labirintos às nossas costas, e ao nosso redor estendiam-se apenas as ondulações fluorescentes do reino das fadas e o encanto recuperado de séculos desaparecidos – os arvoredos antigos, as pastagens imaculadas, emolduradas por alegres flores de outono e, a intervalos esparsos, pequenas casas de fazenda marrons aninhadas entre

enormes árvores sob precipícios verticais de roseiras bravas cheirosas e campos gramados. Até mesmo o sol assumia um encanto sobrenatural, como se alguma atmosfera especial ou algum encantamento cobrisse toda a região. Nunca tinha visto nada parecido, a não ser pelas paisagens mágicas que às vezes formam os fundos das telas de certas pinturas italianas. Sodoma e Leonardo conceberam tais paisagens, mas apenas à distância e através das abóbadas das arcadas renascentistas. Estávamos agora nos embrenhando, em carne e osso, pela névoa do quadro, e eu parecia encontrar naquela necromancia alguma coisa que sabia de maneira inata, ou que tinha herdado, e pela qual estivera sempre procurando em vão.

De repente, depois de contornar um ângulo obtuso no alto de uma ladeira íngreme, o carro parou. À minha esquerda, do outro lado de um gramado bem conservado que se estendia até a estrada e exibia um debrum de pedras caiadas, erguia-se uma casa branca com dois andares e sótão, de tamanho e elegância incomuns para a região, cercada por celeiros, galpões e um moinho atrás e à direita da casa, contíguos ou ligados por arcadas. Reconheci a casa no mesmo instante pelas fotografias que havia recebido e não fiquei surpreso ao ver o nome de Henry Akeley na caixa de correio de aço galvanizado próxima à estrada. A alguma distância atrás da casa estendia-se um terreno plano pantanoso e com árvores esparsas, atrás do qual elevava-se uma encosta íngreme e de mata densa que terminava em um cume escarpado e verdejante. Este último, eu sabia, era o pico da Montanha Sombria, que já devíamos ter escalado até a metade.

Depois de descer do carro e pegar minha valise, Noyes me pediu que esperasse enquanto ele entrava na casa para avisar Akeley de minha chegada. Acrescentou que tinha assuntos importantes para tratar em outro lugar e que não poderia se demorar por mais do que alguns minutos. Enquanto ele cruzava o caminho para a casa, desci do carro, desejando

esticar um pouco as pernas antes de me embrenhar em uma conversa sedentária. Meu nervosismo e minha tensão atingiam o ápice outra vez agora que estava no real cenário da mórbida perseguição descrita de forma tão assustadora nas cartas de Akeley e, para ser sincero, eu temia as discussões que estavam por vir e que me ligariam a tais mundos alienígenas e proibidos.

O contato íntimo com o totalmente bizarro é quase sempre mais aterrorizante do que inspirador, e não me animei ao pensar que aquele mesmo pedaço de estrada poeirenta era o lugar onde aquelas monstruosas pegadas e a linfa verde e fétida tinham sido encontradas depois de noites sem luar de terror e morte. Com a mente absorta, notei que nenhum dos cães de Akeley parecia estar por ali. Será que vendera todos tão logo as criaturas siderais fizeram as pazes com ele? Por mais que tentasse, eu não conseguia ter a mesma confiança na profundidade e sinceridade daquela paz que aparecia na carta final e estranhamente diferente de Akeley. Afinal, ele era um homem muito simples e com pouca experiência mundana. Não haveria, talvez, algo escondido e insondável por trás daquela nova aliança?

Levado por meus pensamentos, meus olhos se voltaram para baixo, para a superfície da estrada poeirenta que guardava tantos testemunhos horrendos. Os últimos dias tinham sido secos, e rastros de todos os tipos marcavam o caminho irregular e cheio de sulcos, apesar da natureza pouco frequentada da região. Com uma vaga curiosidade, comecei a traçar o contorno de algumas impressões heterogêneas, tentando ao mesmo tempo reprimir os voos da macabra fantasia que o lugar e suas memórias sugeriam. Havia algo ameaçador e desconfortável na imobilidade fúnebre, no murmúrio abafado e sutil dos riachos distantes, e nos picos verdes amontoados e precipícios com florestas enegrecidas que se amontoavam no horizonte estreito.

E então uma imagem reluziu em minha consciência, o que fez com que as ameaças vagas e os voos da fantasia parecessem suaves e insignificantes. Eu havia dito que estava vasculhando as várias pegadas na estrada com uma curiosidade indolente – mas, de repente, essa curiosidade foi brutalmente substituída por um súbito e paralisante ataque de terror. Pois, embora os rastros na poeira fossem em geral confusos e sobrepostos de maneira a não atrair um olhar casual, minha visão irrequieta captou certos detalhes perto do lugar onde o caminho para a casa se juntava à estrada; e tinha reconhecido, acima de qualquer dúvida, o pavoroso significado daqueles detalhes. Não foi em vão, ai de mim, que me debrucei por horas sobre as imagens das pegadas em forma de garras das criaturas siderais que Akeley havia enviado. Eu conhecia muito bem as marcas daquelas garras horrendas, e aquela ambiguidade na direção que estampava os horrores como nenhuma criatura deste planeta. Não havia chance alguma de que eu estivesse enganado. Ali, de fato, em forma objetiva, diante de meus olhos e claramente feita há não muito tempo, estavam pelo menos três marcas que se destacavam pela natureza blasfema em meio à surpreendente abundância de rastros confusos que iam e voltavam da residência de Akeley. Eram os rastros infernais deixados pelos fungos de Yuggoth.

Consegui me recompor a tempo de sufocar um grito. Afinal, o que mais havia ali do que eu deveria esperar, presumindo que tinha realmente acreditado nas cartas de Akeley? Ele havia falado sobre ter feito as pazes com as criaturas. Por que, então, seria estranho que algumas delas tenham visitado a casa? Mas o terror era mais forte que a tranquilidade. Por acaso seria de se esperar que algum homem olhasse impassível, pela primeira vez, para as marcas em forma de garra de seres animados das profundezas do espaço sideral? E foi então que vi Noyes sair pela porta e se aproximar com passos apressados. Refleti que deveria manter o controle sobre mim mesmo,

pois havia a chance de que esse amigo cordial nada soubesse sobre as sondagens mais profundas e mais estupendas de Akeley em terreno tão proibido.

Noyes se apressou em informar que Akeley estava feliz e pronto para me ver, embora a súbita crise de asma fosse impedi-lo de ser um anfitrião muito competente por um dia ou dois. Essas crises o debilitavam e eram sempre acompanhadas por uma febre incapacitante e fraqueza geral. Ele nunca se sentia muito bem quando elas apareciam – tinha que falar aos sussurros e tinha dificuldade para caminhar. Os pés e os tornozelos também ficavam inchados, de modo que ele tinha que enfaixá-los como se estivesse com gota. Hoje ele estava especialmente indisposto, então eu teria de cuidar das minhas próprias necessidades. Mas ele estava ansioso para conversar. Eu o encontraria no estúdio, à esquerda do saguão de entrada – a sala onde as persianas estavam fechadas. Ele precisava ficar na penumbra quando adoecia, já que seus olhos eram muito sensíveis.

Enquanto Noyes acenava em adeus e seguia em seu carro para o norte, comecei a andar devagar em direção à casa. A porta tinha sido deixada entreaberta para mim. Mas antes de me aproximar e entrar, olhei ao redor tentando decidir o que havia me causado tanta estranheza naquele lugar. Os celeiros e galpões pareciam um tanto prosaicos, e notei que o velho Ford de Akeley estava no abrigo amplo e desprotegido. Foi quando atinei para o motivo da estranheza. Era o silêncio total. Normalmente, uma fazenda tem pelo menos um pouco de ruídos, pelos vários tipos de criação, mas aqui todos os sinais de vida estavam ausentes. O que teria acontecido com as galinhas e os cães? As vacas, que Akeley dizia possuir em grande quantidade, poderiam estar fora pastando, e os cães poderiam ter sido vendidos. Mas a ausência de qualquer cacarejo ou de grunhidos era muito singular.

Não me detive por muito tempo no caminho. Entrei decidido pela porta aberta da casa e fechei-a atrás de mim. Isso me custou um enorme esforço psicológico, e agora que estava fechado ali dentro, sentia uma vontade momentânea de bater em retirada. Não que o lugar fosse sinistro no que dizia respeito à impressão visual. Pelo contrário, achei o gracioso vestíbulo no estilo pós-colonial de muito bom gosto e admirei o evidente requinte do homem que o decorou. O que me fazia querer fugir era algo muito indefinido e tênue. Talvez tenha sido o odor estranho que pensei ter sentido – embora soubesse que era comum a presença de certos odores de mofo mesmo nas melhores fazendas antigas.

VII

Recusei-me a deixar que esses receios nebulosos me dominassem. Lembrei-me das instruções de Noyes e abri a porta branca de seis painéis e maçaneta de latão à minha esquerda. A sala à minha frente estava escura, como me tinha sido informado. Ao entrar, notei que o odor estranho era mais forte ali. Da mesma forma, parecia haver no ar algum ritmo ou vibração tênue e quase imaginário. Por um momento, as persianas fechadas permitiram que eu enxergasse muito pouco, mas logo uma espécie de tossido ou murmúrio, em tom de desculpa, atraiu minha atenção para uma enorme poltrona, no canto mais distante e escuro da sala. Entre as sombras, avistei a mancha branca do rosto e das mãos de um homem. E no mesmo instante cruzei a sala para cumprimentar a figura que tentava falar. Embora a luz fosse muito fraca, percebi que aquele era realmente meu anfitrião. Eu havia estudado a fotografia repetidas vezes e não havia dúvida sobre aquele rosto firme, abatido pelo tempo e com a barba grisalha e rente.

Mas ao olhar novamente, esse reconhecimento misturou-se à tristeza e à ansiedade. Porque, com toda certeza, o rosto dele era o rosto de um homem muito doente. Senti que devia haver algo mais do que asma por trás daquela expressão tensa, rígida e imóvel, e do olhar vidrado. E percebi o quanto o esforço de sua experiência terrível devia tê-lo abalado. Aquilo tudo não teria sido o suficiente para destruir qualquer ser humano – até mesmo um homem mais jovem do que esse intrépido pesquisador do proibido? O estranho e súbito alívio, eu temia, tinha chegado tarde demais para salvá-lo

de algo como um colapso geral. Havia alguma coisa de lamentável na maneira como suas mãos débeis e sem vida descansavam sobre o colo. Ele usava um roupão longo e solto, e tinha ao redor da cabeça e do pescoço um cachecol ou gorro amarelo vivo.

E então percebi que estava tentando falar no mesmo murmúrio com que me cumprimentou. Foi um sussurro difícil de entender no início, já que o bigode cinza escondia todo o movimento dos lábios, e algo no timbre da voz causava-me extrema perturbação. Mas concentrando minha atenção, pude logo entender com facilidade o que ele queria dizer. O sotaque não era de forma alguma rústico, e a linguagem era até mais polida do que a correspondência me levava a esperar.

— Senhor Wilmarth, presumo? Perdoe-me por não me levantar. Estou bem doente, como o senhor Noyes deve ter-lhe dito. Mas não pude resistir à ideia de tê-lo aqui. O senhor sabe o que escrevi em minha última carta – tenho muito para contar ao senhor amanhã, quando devo estar melhor. Não posso expressar o quanto estou contente por vê-lo pessoalmente depois de todas as cartas que trocamos. O senhor trouxe o arquivo, é claro? E as fotografias, e as gravações? Noyes colocou sua valise no saguão – suponho que a tenha visto. Por essa noite, temo que o senhor terá de cuidar de si mesmo. O seu quarto fica no andar de cima, exatamente em cima deste. E poderá ver a porta do banheiro aberta no topo da escada. Há uma refeição servida na sala de jantar, que fica na porta à direita. O senhor pode comer quando estiver com fome. Espero poder recebê-lo melhor amanhã, mas por hoje a fraqueza me torna inútil.

— Sinta-se em casa. O senhor pode deixar as cartas, as fotos e as gravações aqui na mesa de centro antes de subir com sua mala. É aqui que deveremos discuti-las – você pode ver meu fonógrafo naquele canto.

— Não, obrigado – não há nada que possa fazer por mim. Eu conheço

esses males da velhice. Venha apenas me fazer uma pequena visita antes do anoitecer, e então vá se deitar quando desejar. Vou descansar aqui mesmo – talvez dormir aqui a noite toda, como sempre faço. Pela manhã estarei bem melhor para fazer as coisas que precisamos fazer. O senhor compreende, é claro, a natureza estupenda do assunto que temos diante de nós. Para nós, assim como para poucos homens nessa terra, serão revelados abismos de tempo e espaço e conhecimentos além de qualquer coisa dentro da concepção da ciência ou da filosofia humanas.

— O senhor sabe que Einstein está errado e que certos objetos e forças podem se mover com uma velocidade maior que a da luz? Com a ajuda adequada, espero poder avançar e retroceder no tempo e, na verdade, ver e sentir a Terra de épocas remotas do passado e do futuro. Você não pode imaginar a que ponto aqueles seres elevaram a ciência. Não há nada que eles não possam fazer com a mente e o corpo de organismos vivos. Espero visitar outros planetas e até mesmo outras estrelas e galáxias. A primeira viagem será para Yuggoth, o mundo mais próximo totalmente povoado pelos seres. É um globo estranho e escuro nos confins de nosso sistema solar – ainda desconhecido dos astrônomos terrestres. Mas eu devo ter escrito sobre isso. No momento oportuno, você sabe, os seres voltarão suas correntes de pensamentos em direção a nós e farão com que ele seja descoberto – ou talvez permitam que um de seus aliados humanos forneça uma pista para os cientistas.

— Existem grandes cidades em Yuggoth – grandes fileiras de torres com terraços, construídas com uma pedra negra como aquela que tentei enviar ao senhor. Aquela pedra veio de Yuggoth. Lá, o sol brilha não mais do que uma estrela, mas os seres não precisam de luz. Eles têm outros sentidos mais sutis, e não colocam janelas em suas enormes casas e templos. A luz, na verdade, até mesmo os fere, atrapalha e confunde, porque não existe no

universo negro lá fora, além do tempo e do espaço, de onde os seres vieram originalmente. Uma visita a Yuggoth levaria qualquer homem fraco à loucura – mesmo assim, irei para lá. Os rios negros como piche que correm sob aquelas misteriosas pontes gigantescas – estruturas construídas por alguma raça antiga, extinta e já esquecida, antes que os seres chegassem a Yuggoth, vindos dos confins do vazio – seriam o bastante para transformar qualquer homem em um Dante ou um Poe, isso se fosse capaz de manter a sanidade por tempo suficiente para contar o que viu.

— Mas lembre-se – aquele mundo escuro de jardins fungoides e cidades sem janelas não é, em realidade, terrível. Apenas para nós é que pareceria assim. É provável que esse nosso mundo também tenha parecido terrível para os seres quando o exploraram pela primeira vez, em épocas primitivas. Você sabe que eles estavam aqui muito antes que a fabulosa era de Cthulhu terminasse e se lembram de tudo sobre a cidade submersa de R’lyeh, quando ela ainda estava acima das águas. Eles estiveram também no interior da terra – existem aberturas sobre as quais os seres humanos não sabem – algumas delas aqui mesmo nas montanhas de Vermont – e grandes mundos de vida desconhecida lá embaixo. K’n-yan, de luz azul; Yoth, de luz vermelha; e N’kai, um mundo negro e sem qualquer luz. Foi de N’kai que veio o terrível Tsathoggua. O senhor sabe, a criatura-deus amorfa, que assume a forma de sapo, mencionada nos Manuscritos Pnakóticos, no Necronomicon e no ciclo mítico de Commorion, preservado pelo sumo sacerdote Klarkash-Ton de Atlanta.

— Mas falaremos sobre tudo isso mais tarde. Devem ser quatro ou cinco horas da tarde agora. Melhor trazer as coisas de sua mala, comer alguma coisa e depois voltar para uma conversa confortável.

Bem devagar, virei-me e comecei a obedecer meu anfitrião. Peguei a valise, retirei os objetos e coloquei-os sobre a mesa, e por fim subi para o

quarto que me foi designado. Com a memória dos rastros em forma de garra que vi na estrada ainda fresca em minha mente, os parágrafos murmurados por Akeley me afetaram de uma forma muito estranha. E as insinuações de familiaridade com esse mundo desconhecido de vidas fungoides – o sinistro e proibido Yuggoth – provocaram-me mais calafrios do que eu me dispunha a admitir. Eu estava tremendamente penalizado pela doença de Akeley, mas tinha de confessar que seu sussurro áspero tinha uma natureza tão repugnante quanto lamentável. Se ao menos ele não se regozijasse tanto ao falar sobre Yuggoth e seus segredos malignos!

Meu quarto era bastante agradável e bem decorado, livre do odor de mofo e da perturbadora sensação de vibração. E depois de deixar minha valise lá, desci novamente para cumprimentar Akeley e fazer a refeição que ele havia preparado para mim. A sala de jantar era bem ao lado do estúdio, e vi que a cozinha se estendia ainda mais na mesma direção. Sobre a mesa de jantar, uma farta quantidade de sanduíches, bolos e queijos esperava por mim, e uma garrafa térmica ao lado de uma xícara e um pires comprovava que o anfitrião não se esquecera do café quente. Depois de uma lauta refeição, servi-me de uma generosa xícara de café, mas percebi que o padrão culinário sofria de um lapso nesse detalhe. O primeiro gole revelou um gosto desagradável levemente acre, de forma que o coloquei de lado. Durante o almoço, eu pensava em Akeley sentado em silêncio na enorme poltrona na sala escura ao lado.

Fui até lá uma vez para pedir a ele que viesse dividir comigo a refeição, mas ele sussurrou que ainda não conseguiria comer nada. Que mais tarde, antes de dormir, tomaria um leite maltado – era tudo que conseguiria comer naquele dia.

Depois do almoço, insisti em tirar a mesa e lavar os pratos na pia da cozinha – e aproveitei para despejar o café que não consegui tomar. Depois

retornei ao estúdio escuro, puxei uma cadeira para perto do canto onde estava meu anfitrião e me preparei para conversar sobre o que ele desejasse. As cartas, as fotografias e a gravação ainda estavam sobre a grande mesa de centro, mas por enquanto não precisaríamos delas. Em pouco tempo, esqueci-me até mesmo do odor bizarro e da curiosa impressão de vibração.

Eu já disse que havia coisas em algumas das cartas de Akeley – principalmente na segunda e mais volumosa – que eu não me atreveria a repetir ou nem mesmo colocar no papel. Essa hesitação se aplica com ainda maior intensidade às coisas que o ouvi sussurrar naquela noite, na sala escura em meio às montanhas solitárias. Não consigo sequer insinuar a extensão dos horrores cósmicos que me foram revelados por aquela voz áspera. Ele tomara conhecimento de coisas aterrorizantes no passado, mas o que tinha descoberto desde que fez o pacto com as criaturas siderais era quase demais para ser tolerado pela sanidade humana. Até hoje me recuso terminantemente a acreditar no que ele sugeriu sobre a constituição do infinito supremo, sobre a justaposição de dimensões e a aterrorizante posição ocupada por nosso universo conhecido de espaço-tempo na interminável cadeia de átomos cósmicos interligados que compõem o supercosmo imediato de curvas, ângulos e organizações eletrônicas materiais e semimateriais.

Nunca antes um homem tão esteve tão perigosamente perto dos arcanos da entidade essencial – nunca um cérebro orgânico esteve tão perto da aniquilação total no caos que transcende a forma, a força e a simetria. Tomei conhecimento da origem de Cthulhu, e por que metade das grandes estrelas temporárias da história irrompeu em luz. Imaginei – pelas insinuações que levaram até mesmo meu anfitrião a fazer uma pausa tímida – o segredo por trás das Nuvens de Magalhães e das nebulosas globulares, e a verdade negra oculta pela alegoria imemorial do Tao. A natureza dos

Doels me foi claramente revelada, e fui informado sobre a essência (embora não sobre a fonte) dos Cães de Tíndalos. A lenda de Yig, o Pai das Serpentes, deixou de ser uma metáfora, e tive um sobressalto de aversão quando ele falou sobre o monstruoso caos nuclear além do espaço anguloso que o Necronomicon havia piedosamente ocultado sob o nome de Azathoth. Foi um choque ter os pesadelos mais tenebrosos dos mitos secretos revelados em termos tão concretos, cujo horror absoluto e mórbido ultrapassava até mesmo as mais ousadas insinuações dos místicos antigos e medievais. Inevitavelmente, fui levado a acreditar que os primeiros a murmurarem essas lendas amaldiçoadas devem ter tido contato com as criaturas siderais de Akeley e talvez visitado reinos cósmicos do espaço, como agora Akeley se propunha a visitar.

Akeley falou sobre a pedra negra e sobre o que ela significava, e fiquei aliviado por ela nunca ter chegado às minhas mãos. Minhas suposições sobre aqueles hieróglifos estavam todas corretas! E mesmo assim, Akeley agora parecia ter se reconciliado com todo aquele sistema maligno em que tropeçou. Conformado e ávido por sondar ainda mais o monstruoso abismo. Fiquei imaginando com que seres ele haveria conversado desde sua última carta, e se muitos deles eram tão humanos quanto aquele primeiro emissário que havia mencionado. A tensão em minha mente crescia insuportavelmente, e eu construí todo tipo de teorias insanas sobre aquele estranho e persistente odor e sobre as vibrações insidiosas no aposento escuro.

A noite estava caindo, e quando recordei o que Akeley havia escrito sobre aquelas noites anteriores, estremeci ao pensar que não haveria lua. Também não me agradava a forma como a fazenda ficava aninhada no centro daquela encosta colossal coberta por florestas que levavam ao pico da inabitada Montanha Sombria. Com a permissão de Akeley, acendi um

pequeno lampião, diminuí a chama e o coloquei em uma estante afastada, ao lado do busto fantasmagórico de Milton. Mas logo depois me arrependi de ter feito isso, pois a luz fazia com que o rosto tenso e imóvel, e as mãos débeis de meu anfitrião parecessem anormais, demoníacos e cadavéricos. Ele parecia incapaz de mover-se, embora o visse fazer movimentos rígidos com a cabeça de vez em quando.

Depois de tudo o que me contou, eu mal podia imaginar que segredos profundos ele estaria guardando para o dia seguinte. Mas, por fim, foi revelado que sua viagem para Yuggoth e além – e minha possível participação nela – seria o tópico do dia seguinte. Akeley deve ter se divertido com meu sobressalto de horror ao ouvir a proposta de uma viagem cósmica, pois sacudiu a cabeça violentamente quando demonstrei meu terror. Em seguida, ele falou com muita delicadeza sobre como os seres humanos conseguiriam realizar – e já tinham conseguido várias vezes – o aparentemente impossível voo através do vazio interestelar. Parecia que corpos humanos completos, de fato, não eram capazes de fazer a viagem, mas que as prodigiosas habilidades cirúrgicas, biológicas, químicas e mecânicas das criaturas siderais tinham encontrado uma forma de transportar cérebros humanos sem a estrutura física concomitante.

Havia uma maneira inofensiva de extrair um cérebro e uma maneira de preservar vivo o resíduo orgânico durante sua ausência. O material cerebral, puro e compacto, era então imerso em um fluido ocasionalmente repostado, dentro de um cilindro hermético feito com um metal minerado em Yuggoth, e provido de eletrodos que eram cuidadosamente conectados a instrumentos complexos capazes de duplicar as três faculdades vitais da visão, audição e fala. Para os seres fungoides alados, carregar os cilindros cerebrais intactos através do espaço era uma tarefa simples. Então, em cada planeta coberto por sua civilização, eles encontrariam uma grande quantidade de

instrumentos ajustáveis que poderiam conectar ao cérebro encapsulado. De modo que, depois de pequenos ajustes, essas inteligências viajantes poderiam receber uma vida sensorial e articulada completa – embora incorpórea e mecânica – em cada estágio de sua viagem através e além do espaço-tempo contínuo. Era tão simples como carregar uma gravação de fonógrafo por aí e reproduzi-la onde quer que exista um fonógrafo da mesma marca. Quanto ao sucesso da empreitada, não havia dúvidas. Akeley não estava com medo. Aquilo já não tinha sido realizado muitas e muitas vezes?

Pela primeira vez, uma das mãos inertes se levantou e apontou para uma prateleira no lado mais distante da sala. Lá, em uma fileira bem alinhada, estavam mais de doze cilindros de um metal que eu jamais tinha visto – cilindros de mais ou menos trinta centímetros de altura e diâmetro um pouco menor, com três soquetes curiosos dispostos em um triângulo isósceles na parte da frente da superfície convexa de cada um. Um deles estava conectado por dois dos soquetes a um par de máquinas de aparência singular que ficavam mais ao fundo. Quanto ao propósito daquilo, não era preciso que me falasse, e estremeci de arrepios. Então vi a mão apontar para um canto bem mais próximo, onde estavam alguns instrumentos intrincados, com fios e tomadas, vários deles muito parecidos com os dois equipamentos que estavam na estante, atrás dos cilindros.

— Há quatro tipos de instrumentos aqui, Wilmarth – sussurrou a voz. — Quatro tipos, três faculdades cada um, perfazendo um total de doze peças. Veja que há quatro tipos diferentes de seres representados naqueles cilindros lá em cima. Três humanos, seis seres fungoides, que não podem navegar pelo espaço com a forma corpórea, dois seres de Netuno (Deus! Se vocês pudessem ver o corpo que esse tipo tem em seu próprio planeta!), e os demais, entidades das cavernas centrais de uma estrela escura especialmente

interessante que fica além dos confins da galáxia. No principal posto avançado, no interior da Montanha Redonda, você encontrará, de vez em quando, mais cilindros e máquinas – cilindros de cérebros extracósmicos com sentidos diferentes dos que conhecemos – aliados e exploradores do espaço sideral mais longínquo – e máquinas especiais para dar a eles, a um só tempo, impressões e expressões necessárias ao contato com diferentes tipos de interlocutores. A Montanha Redonda, como a maioria dos principais postos avançados dos seres por todos os universos, é um lugar bastante cosmopolita. É claro, consegui apenas os tipos mais comuns para meus experimentos.

— Veja. Pegue as três máquinas para as quais estou apontando e coloque-as em cima da mesa. Aquela mais alta com duas lentes de vidro na frente, depois a caixa com os tubos de vácuo e a placa de ressonância, e por último aquela com um disco de metal em cima. Agora, pegue o cilindro com a etiqueta B-67. Suba naquela cadeira Windsor para alcançar a estante. Pesada? Não importa! Confira o número: B-67. Não se importe com aquele cilindro mais novo e brilhante ligado aos dois instrumentos de teste – aquele que tem o meu nome. Coloque o B-67 em cima da mesa, perto de onde colocou as máquinas – e tenha certeza de que os botões dos três aparelhos estejam totalmente virados para a esquerda.

— Agora conecte o fio da máquina com as lentes ao soquete superior do cilindro – isso! Ligue a máquina do tubo ao soquete inferior do lado esquerdo, e o dispositivo com o disco ao soquete de fora. Agora gire os botões das três máquinas para a direita. Primeiro a das lentes, depois a do disco e por fim a do tubo. Está correto! Devo lhe dizer que este é um ser humano - como qualquer um de nós. Amanhã eu lhe darei uma demonstração de algumas das outras criaturas.

Até hoje não sei por que obedeci àqueles sussurros com tamanha

servidão, ou se pensei que Akeley estava louco ou são. Depois do que havia acontecido antes, eu deveria estar preparado para qualquer coisa. Mas aquela pantomima mecânica me parecia tão semelhante aos caprichos típicos de inventores e cientistas enlouquecidos que fez soar um acorde de dúvida que nem mesmo o discurso antecedente havia despertado. As insinuações de Akeley estavam além de qualquer crença humana – mas, ainda assim, não eram as outras coisas ainda mais ridículas e menos absurdas, apenas pela distância que as separava da prova concreta e tangível?

Enquanto minha mente rodopiava em meio a esse caos, tomei consciência de um misto de ruídos de rangido e de rotação que vinha das três máquinas que estavam agora ligadas aos cilindros – rangidos que logo cederam a um silêncio quase absoluto. O que estaria prestes a acontecer? Será que eu ouviria alguma voz? E se assim fosse, que prova teria eu de que não se tratava de algum aparelho de rádio conectado de maneira inteligente a um interlocutor escondido, mas que nos observava de perto? Ainda agora não estou disposto a jurar que ouvi uma voz, ou que aquele fenômeno teve lugar diante de meus olhos. Mas algo certamente pareceu ter acontecido.

Para ser claro e direto, a máquina com os tubos e a caixa de ressonância começou a falar, e com uma inteligência e precisão que não deixavam dúvida de que quem falava estava realmente presente e nos observando. A voz era alta, metálica, sem vida e claramente mecânica em todos os detalhes de sua produção. Era incapaz de inflexão ou de expressividade, mas falava com precisão e deliberação mortais.

— Senhor Wilmarth – disse a coisa – espero não assustá-lo. Sou um ser humano como o senhor, embora meu corpo esteja agora descansando em segurança e recebendo tratamento revitalizante apropriado dentro da Montanha Redonda, a pouco mais de dois quilômetros a leste daqui. Mas eu

estou aqui com vocês – meu cérebro está naquele cilindro e vejo, ouço e falo através desses vibradores eletrônicos. Em uma semana, estarei cruzando o vazio como já fiz muitas outras vezes, e espero ter o prazer da companhia do senhor Akeley. Desejaria poder ter a sua companhia também, pois o conheço de vista e pela sua reputação, e acompanhei com grande interesse sua correspondência com nosso amigo. Como é claro, sou um dos homens que se aliaram aos seres siderais que visitam nosso planeta. Encontrei-os pela primeira vez no Himalaia e ajudei-os de várias maneiras. Em troca, eles me proporcionaram experiências que poucos homens já tiveram.

— O senhor percebe o que significa quando digo que estive em trinta e sete diferentes corpos celestiais – planetas, estrelas escuras e objetos menos definíveis – incluindo oito fora de nossa galáxia e dois fora do círculo cósmico de espaço e tempo? Tudo isso não me prejudicou em nada. Meu cérebro foi removido de meu corpo por fissões tão hábeis que seria grosseiro chamar a operação de cirurgia. Os seres visitantes têm métodos que tornam essas extrações simples e quase normais – e o corpo não envelhece quando o cérebro está fora dele. O cérebro, devo acrescentar, é praticamente imortal, graças às suas faculdades mecânicas e uma nutrição controlada fornecida pela troca ocasional do fluido preservador.

— Considerando tudo, espero do fundo do coração que o senhor se decida a vir com o senhor Akeley e eu. Os visitantes estão ansiosos para conhecer homens de erudição como o senhor e para mostrar a eles os grandes abismos com os quais, à maioria de nós, em nossa ignorância, resta apenas sonhar. Pode parecer estranho à primeira vista encontrá-los, mas eu sei que o senhor está acima de se importar com isso. Acho que o senhor Noyes irá conosco, também – o homem que, sem nenhuma dúvida, trouxe o senhor para cá com o seu carro. Ele está entre nós há anos – suponho que

tenha reconhecido sua voz como uma das que estavam na gravação que o senhor Akeley lhe enviou.

Diante de meu sobressalto, o interlocutor fez uma pausa momentânea antes de concluir: — Portanto, senhor Wilmarth, cabe ao senhor decidir. Só desejo acrescentar que um homem com o seu amor pela estranheza e pelo folclore nunca deveria perder uma chance como essa. Não há nada a temer. Todas as transições são indolores. E há muito a aproveitar em um estado de sensações totalmente mecanizado. Quando os eletrodos são desconectados, simplesmente entramos em um sono cheio de sonhos vívidos e fantásticos.

— E agora, se o senhor não se importa, devemos adiar nossa sessão até amanhã. Boa noite – por favor, peço que gire todos os botões para a esquerda. Não importa a ordem, embora o senhor possa deixar a máquina com as lentes para o final. Boa noite, senhor Akeley – trate bem o seu convidado! Pronto para girar os botões?

Isso foi tudo. Obedeci mecanicamente e desliguei todos os três botões, embora estivesse zozinho com tantas dúvidas sobre tudo o que tinha acontecido. Minha cabeça ainda girava quando ouvi a voz em sussurro do senhor Akeley dizer-me que eu poderia deixar todos os aparelhos em cima da mesa do jeito que estavam. Ele não teceu nenhum comentário em relação ao que havia acontecido, e, de fato, nenhum comentário poderia transmitir muito às minhas faculdades mentais já sobrecarregadas. Eu o ouvi dizer que poderia levar o lampião para o meu quarto e deduzi que desejava descansar sozinho no escuro. Sem dúvida, aquele homem precisava descansar, pois os esforços que tinha empreendido em seus discursos da tarde e da noite tinham sido tais que deixariam exaurido um homem no vigor da saúde. Ainda confuso, dei boa noite ao meu anfitrião e subi as escadas com o lampião em punho, embora tivesse comigo uma excelente lanterna de bolso.

Eu estava muito satisfeito por estar fora daquele estúdio com odor

estranho e vagas impressões de vibração, mas, é claro, não pude me livrar de uma hedionda sensação de pavor, perigo e anormalidade cósmica quando pensei no lugar onde estava e nas forças com as quais me deparava. A região solitária e selvagem, a encosta negra e misteriosamente cheia de florestas erguendo-se tão perto atrás da casa. Os rastros na estrada, o sussurro doentio e imóvel na escuridão, os cilindros e as máquinas infernais e, acima de tudo, os convites para tão estranha cirurgia e viagens ainda mais estranhas – essas coisas, todas muito novas e em tal sucessão frenética, irromperam dentro de mim com uma força cumulativa que minou minha força de vontade e quase destruiu minha força física.

Descobrir que meu guia Noyes era o humano celebrante naquele monstruoso ritual sabático registrado na gravação do fonógrafo foi um choque à parte, embora antes já tivesse sentido uma familiaridade vaga e repelente em sua voz. Outro choque especial veio com minha própria atitude com relação a meu anfitrião, sempre que fazia uma pausa para analisá-la. Por mais que tivesse instintivamente gostado de Akeley pela forma como se revelava em suas correspondências, eu agora percebia que ele me inspirava uma repulsa bastante clara. Sua doença deveria ter despertado minha compaixão. Mas, ao contrário, ela me dava uma espécie de calafrio. Ele tinha uma aparência tão rígida, inerte e cadavérica – e aquele incessante sussurro era tão odiável e inumano!

Ocorreu-me que aqueles sussurros eram diferentes de qualquer coisa do gênero que eu já tivesse ouvido. Que, apesar da curiosa imobilidade dos lábios cobertos pelo bigode, eles tinham uma força latente e um poder de transmissão notáveis para a voz ofegante de um asmático. Eu conseguia entender o que ele me falava mesmo quando estava do outro lado da sala, e uma vez ou duas, pareceu-me que os sons fracos, mas penetrantes, representavam não tanto fraqueza, mas uma contenção deliberada – por qual

razão, eu não pude imaginar. Desde o início, senti uma qualidade perturbadora no timbre. E agora que tentava refletir sobre o assunto, pensava que poderia atribuir essa impressão a um tipo de familiaridade subconsciente como aquela que me levou a achar a voz de Noyes tão indefinidamente ameaçadora. Mas quando ou onde, exatamente, eu poderia ter me deparado com a coisa que me causava tal sentimento, era mais do que eu podia dizer.

Uma coisa era certa: eu não passaria outra noite nessa casa. Meu fervor científico havia desaparecido em meio ao terror e ao assombro, e eu não sentia nada agora, a não ser um desejo de escapar daquela rede de morbidez e revelações horripilantes. Eu já sabia o bastante. Deve, de fato, ser verdade que estranhas ligações cósmicas existem – mas tais coisas certamente não são destinadas ao envolvimento de seres humanos normais.

Influências tenebrosas pareciam cercar-me e sufocar meus sentidos. Decidi que dormir estava fora de questão. Então, simplesmente apaguei o lampião e me atirei na cama completamente vestido. Sem dúvida era absurdo, mas fiquei preparado para qualquer emergência desconhecida. Segurava na mão direita o revólver que trouxera comigo e a lanterna de bolso na esquerda. Som algum vinha de lá de baixo, e eu podia imaginar que meu anfitrião estivesse sentado no escuro com aquela rigidez cadavérica.

Em algum lugar ouvi um relógio batendo, e fiquei grato pela normalidade do som. Aquilo me lembrou, contudo, de outra coisa que me perturbava sobre a região – a total ausência de vida animal. Com certeza, não havia animais de fazenda por ali, e agora eu percebia que mesmo os sons noturnos dos animais silvestres estavam ausentes. Exceto pelo gorgolejo sinistro das águas distantes e não visíveis, aquela imobilidade era anormal – interplanetária – e eu me pus a imaginar que praga intangível e

astronômica poderia estar pairando sobre a região. Lembrei-me das antigas lendas que diziam que os cães e outros animais sempre odiaram as criaturas siderais, e pensei no que aqueles rastros na estrada poderiam significar.

VIII

Não me pergunte quanto tempo durou meu cochilo inesperado, nem quanto do que se seguiu não passou de um sonho. Se eu disser que acordei em um determinado momento e que ouvi e vi certas coisas, você dirá que, na verdade, eu não estava acordado. E que tudo não passou de um sonho até o momento em que saí correndo da casa, fui tropeçando até o galpão onde tinha visto o velho Ford e lancei mão daquele veículo antigo para uma corrida louca e sem rumo pelas montanhas assombradas que por fim me levaram – depois de horas sacolejando e serpenteando por labirintos em meio à floresta ameaçadora – a uma vila que descobri ser Townshend.

É claro, você também desconsiderará todo o resto de meu relato e declarará que todas as fotografias, as gravações, os cilindros e gravadores, e as evidências relacionadas não passaram de pura fraude, armada para mim pelo desaparecido Henry Akeley. Poderá até mesmo insinuar que meu anfitrião conspirou com outros excêntricos para levar a cabo uma mentira tola e complicada – que ele mesmo retirou a encomenda do expresso em Keene e que teve a ajuda de Noyes para fazer aquela terrível gravação no cilindro de cera. É estranho, no entanto, que Noyes nunca tenha sido identificado. Que fosse desconhecido em qualquer das vilas próximas à fazenda de Akeley, ainda que frequentasse bastante a região. Eu queria ter parado para memorizar as placas do carro – ou talvez tenha sido melhor assim, no final. Porque, apesar de tudo que você possa dizer, e a despeito de tudo que às vezes tento dizer a mim mesmo, eu sei que terríveis influências

alienígenas devem estar à espreita lá, nas montanhas quase desconhecidas – e que essas influências têm espiões e emissários no mundo dos homens. Manter-me o mais longe possível dessas influências e desses emissários é tudo que peço à vida para o futuro.

Quando minha frenética história convenceu o xerife a enviar um destacamento à fazenda, Akeley tinha desaparecido sem deixar traços. O roupão largo, o cachecol amarelo e as bandagens que usava nos pés estavam no chão do estúdio, perto de sua poltrona de canto, e foi impossível saber se qualquer outra coisa tinha desaparecido com ele. Os cães e as criações estavam, de fato, desaparecidos, e havia alguns buracos de bala curiosos tanto no exterior da casa quanto em algumas paredes internas. Mas, além disso, nada de anormal foi detectado. Nenhum cilindro ou máquina, nenhuma das evidências que eu havia trazido em minha valise, nenhum odor estranho ou sensação de vibração, nenhum rastro na estrada e nenhuma das coisas problemáticas que presenciei nos momentos finais de minha estada.

Permaneci uma semana em Brattleboro depois de minha fuga, fazendo investigações entre pessoas de todos os tipos que tinham conhecido Akeley. E os resultados me convenceram de que o assunto não foi fruto de um sonho ou de uma alucinação. A estranha aquisição de cães, munições e produtos químicos de Akeley, e o corte dos cabos de seu telefone eram fatos registrados. Enquanto que todos que o conheceram – incluindo seu filho da Califórnia – admitiam que seus comentários ocasionais sobre seus estudos estranhos tinham uma certa consistência. Cidadãos de boa reputação acreditavam que ele era louco e sem nenhuma hesitação declaravam que todas as evidências relatadas eram uma simples farsa inventada com astúcia insana e talvez com a ajuda de associados excêntricos. Mas os camponeses mais humildes sustentavam suas afirmações em cada detalhe. Akeley havia

mostrado a alguns desses rústicos suas fotografias e a pedra negra, e tinha reproduzido a hedionda gravação para eles. E todos eles disseram que os rastros e as vozes com zumbido eram como aquelas descritas nas lendas ancestrais.

Disseram, também, que visões e sons suspeitos tinham sido notados cada vez com mais frequência nos arredores da casa de Akeley depois que ele encontrou a pedra negra, e que aquele local era agora evitado por todos, exceto pelo carteiro e outras pessoas casuais e céticas. Tanto a Montanha Sombria como a Montanha Redonda eram notadamente conhecidas como lugares assombrados, e não pude encontrar ninguém que já as tivesse explorado. Desaparecimentos ocasionais de nativos eram bastante documentados na história do distrito, e estes agora incluíam o andarilho Walter Brown, que as cartas de Akeley tinham mencionado. Cheguei inclusive a encontrar um fazendeiro que pensava ter visto pessoalmente um dos corpos estranhos na época das inundações no Rio Oeste, mas a história dele era muito confusa para ser levada em consideração.

Quando deixei Brattleboro, decidi nunca mais voltar a Vermont, e tinha certeza de que manteria minha decisão. Aquelas montanhas selvagens são certamente o posto avançado de uma terrível raça cósmica – e duvido disso cada vez menos desde que li que um novo nono planeta foi descoberto além de Netuno, tal como as criaturas disseram que seria avistado. Os astrônomos, com uma propriedade hedionda que eles pouco suspeitam, chamaram-no “Plutão”. Eu sinto, acima de qualquer dúvida, que se trata de nada menos que o sombrio Yuggoth – e tremo quando tento imaginar o real motivo pelo qual seus monstruosos habitantes desejam que ele se torne conhecido dessa maneira e nesse momento específico. Em vão tento tranquilizar-me de que essas demoníacas criaturas não estão aos poucos adotando uma nova política prejudicial à Terra e a seus habitantes.

Mas tenho ainda que contar o final daquela terrível noite na fazenda. Como já disse, eu realmente caí em um sono conturbado. Um sono repleto de pesadelos que envolviam paisagens monstruosas. Ainda não sei dizer exatamente o que me despertou, mas tenho absoluta certeza de que acordei nesse exato momento. Minha primeira impressão confusa foi a de rangidos nas tábuas do assoalho do corredor, do lado de fora de meu quarto, e de movimentos desajeitados e abafados na tranca. Contudo, isso cessou quase que imediatamente, de modo que minhas impressões realmente claras começam com as vozes que ouvi no estúdio lá embaixo. Parecia haver várias pessoas falando e julguei que estavam engajadas em uma discussão.

Depois de ouvir aquilo por alguns segundos, eu já estava totalmente desperto, porque a natureza das vozes era tal que tornava ridícula qualquer ideia de dormir. Os tons eram curiosamente variados, e ninguém que tivesse ouvido àquela maldita gravação do fonógrafo poderia abrigar qualquer dúvida quanto à natureza de pelo menos duas das vozes. Hedionda que fosse a ideia, eu sabia que estava debaixo do mesmo teto que abrigava criaturas inomináveis vindas do espaço abismal. Pois aquelas duas vozes eram, inconfundivelmente, os zumbidos blasfemos que as criaturas siderais usavam em suas comunicações com os homens. As duas eram diferentes entre si – diferentes na altura, no sotaque e no ritmo. Mas eram ambas do mesmo tipo abominável.

Uma terceira voz, sem dúvida, vinha da máquina de ressonância, conectada a um dos cérebros extraídos que estavam nos cilindros. Havia tão pouca dúvida quanto a isso como com relação aos zumbidos. A voz alta, metálica e sem vida da noite anterior, com sua falta de inflexão e de expressão, a deliberação e a precisão impessoais, era inesquecível. Por um momento, não parei para questionar se a inteligência por trás daquela voz áspera era a mesma que antes falara comigo. Mas logo depois refleti que

qualquer cérebro poderia emitir sons vocais da mesma qualidade se fosse ligado à mesma máquina produtora de fala. As únicas diferenças possíveis seriam a linguagem, o ritmo, a velocidade e a pronúncia. Para completar o colóquio medonho, havia duas vozes humanas – uma delas, a fala grosseira de um homem desconhecido e evidentemente rústico, e a outra era a voz suave com sotaque de Boston de meu ex-guia Noyes.

Enquanto eu tentava ouvir o que diziam as palavras que o assoalho antigo de tábuas grossas interceptava de modo tão frustrante, eu percebia uma grande agitação com ruídos e arranhões no cômodo abaixo; de modo que não pude deixar de ter a impressão de que o cômodo estava repleto de seres – muito mais do que os poucos cujas vozes consegui ouvir. A exata natureza desse alvoroço é extremamente difícil de descrever, já que existem muito poucas bases para comparação. Vez ou outra, as coisas pareciam se mover pela sala como se fossem entidades conscientes. O som de suas pisadas lembrava o choque entre duas superfícies duras – como o contato de superfícies mal encaixadas de chifre ou de borracha dura. Era assim, para usar uma comparação mais concreta, porém menos precisa, como se pessoas com sapatos de madeira largos e rachados se arrastassem cambaleando pelo chão polido de tábuas. Da natureza e da aparência dos responsáveis pelos sons, nem me importei em especular.

Logo percebi que seria impossível distinguir qualquer discurso na íntegra. Palavras isoladas – incluindo os nomes de Akeley e o meu – fluíam em intervalos, principalmente quando proferidas pela máquina de ressonância. Mas o verdadeiro significado delas permanecia perdido por falta de um contexto. Hoje me recuso a formar qualquer conclusão definida a partir daquelas palavras, e mesmo o efeito aterrador que tiveram sobre mim foi mais de sugestão do que de revelação. Um conclave terrível e anormal, eu tinha certeza, estava tendo lugar abaixo de mim. Mas para que

deliberações tenebrosas, eu não sabia. Era curioso como essa inquestionável sensação de estar diante de algo maligno e blasfemo me invadia, a despeito das garantias de Akeley de que os alienígenas eram amistosos.

Escutando com paciência, comecei a distinguir claramente as vozes, embora não pudesse entender muito do que qualquer uma delas dizia. Eu parecia perceber certas emoções típicas por trás da fala de alguns dos falantes. Uma das vozes com zumbido, por exemplo, carregava um inconfundível tom de autoridade, enquanto que a voz mecânica, apesar da sonoridade e da regularidade artificiais, parecia estar em uma posição de subordinação e súplica. O tom de Noyes deixava transparecer uma atmosfera de conciliação. Quanto aos outros, não tive chance de tentar interpretar. Eu não ouvia o sussurro familiar de Akeley, mas sabia bem que um som como aquele jamais poderia atravessar o chão sólido de meu quarto.

Tentarei relatar algumas das palavras soltas e outros sons que pude captar, dando nome aos falantes da melhor forma que puder. As primeiras frases que consegui reconhecer vieram da máquina de ressonância.

(Placa de Ressonância): “...eu mesmo trouxe... devolvi as cartas e a gravação... um fim nisso... recebidas... ver e ouvir... danem-se vocês... força impessoal, afinal... cilindro novo e reluzente... grande Deus...”

(Primeiro zumbido): “...quando paramos... pequeno e humano... Akeley... cérebro... dizendo...”

(Segundo zumbido): “... Nyarlathotep... Wilmarth... gravações e cartas... farsa barata...”

(Noyes): “...(uma palavra ou um nome impronunciável, possivelmente N’gah-Kthun) ...inofensivo... paz... algumas semanas... teatral... já havia dito antes...”

(Primeiro zumbido) “...nenhum motivo... plano original... efeitos... Noyes pode observar... Montanha Redonda... cilindro novo... carro de Noyes...”

(Noyes) “...bem... todo seu... por aqui... descanso... lugar...”

(Várias vozes simultâneas dizendo coisas incompreensíveis)

(Vários sons de passos, incluindo o som peculiar de sapatos de madeira ou de chocalho)

(Um tipo curioso de som de asas batendo)

(Som de um automóvel dando partida e se afastando)

(Silêncio)

Essa é a essência do que meus ouvidos trouxeram a mim enquanto eu permanecia estirado e rígido na cama do andar superior daquela fazenda assombrada em meio às colinas demoníacas — deitado com todas as minhas roupas, empunhando um revólver na mão direita e uma lanterna de bolso na

esquerda. Como já disse, eu estava totalmente acordado; mas um tipo de paralisia obscura manteve-me inerte por muito tempo depois que os últimos ecos daqueles sons desapareceram. Escutei o tique-taque lento do velho relógio de madeira de Connecticut em algum lugar distante, e por fim percebi o ronco irregular de alguém que dormia. Akeley devia ter adormecido depois da estranha sessão, e eu realmente acreditava que ele precisava muito desse sono.

Mas decidir o que pensar ou o que fazer era mais do que eu podia exigir de minhas capacidades. Afinal, o que tinha ouvido além das coisas que as informações anteriores já não me tivessem levado a esperar? Eu já não sabia que os alienígenas inomináveis tinham agora livre acesso àquela fazenda? Sem dúvida, Akeley tinha sido surpreendido por uma visita deles. No entanto, alguma coisa naquele discurso fragmentado havia me dado calafrios imensuráveis, levantado as mais grotescas e terríveis dúvidas, e me feito desejar com fervor que eu fosse acordar e descobrir que tudo aquilo tinha sido um sonho. Acho que minha mente subconsciente deve ter capturado algo que minha consciência não havia reconhecido. Mas e quanto a Akeley? Ele não era meu amigo, e não teria protestado se pretendessem causar-me qualquer prejuízo? O ronco tranquilo lá embaixo parecia tornar ridícula toda a intensificação repentina de meus pavores.

Seria possível que Akeley tivesse sido forçado e usado como isca para trazer-me até as montanhas com as cartas, as fotografias e a gravação do fonógrafo? Será que aqueles seres pretendiam nos destruir porque sabíamos demais? Mais uma vez, pensei na mudança de situação abrupta e pouco natural que deve ter ocorrido entre a penúltima e a última carta de Akeley. Meu instinto me dizia que alguma coisa estava terrivelmente errada. Nada era o que parecia. Aquele café acre que recusei – será que não teria havido uma tentativa de alguma entidade oculta e desconhecida de me drogar? Eu

tinha que falar com Akeley imediatamente e restabelecer seu senso de propósito. As criaturas o hipnotizaram com suas promessas de revelações cósmicas, mas agora ele tinha de ouvir a razão. Nós precisávamos sair dali antes que fosse tarde demais. Se faltasse a ele a determinação para se libertar, eu iria supri-la. Ou, se eu não conseguisse persuadi-lo a ir embora, pelo menos poderia ir embora sozinho. Com certeza, Akeley permitiria que eu tomasse emprestado seu Ford e que o deixasse em uma garagem em Brattleboro. Eu tinha visto o automóvel no galpão – a porta estava destrancada e aberta agora que o perigo tinha passado – e eu acreditava que havia uma boa chance de que ele estivesse pronto para ser usado. Aquela aversão momentânea que eu sentira por Akeley durante e depois da conversa da noite anterior tinha desaparecido. Ele estava em uma posição muito parecida com a minha, e devíamos nos unir. Conhecendo a condição debilitada de meu amigo, eu detestava ter que acordá-lo nessas conjunturas, mas sabia que precisava fazer isso. Eu não poderia permanecer nesse lugar até o amanhecer, da forma como as coisas estavam.

Por fim, eu me senti capaz de agir e espreguicei-me vigorosamente para recobrar o comando de meus músculos. Levantei-me com um cuidado mais impulsivo que intencional, encontrei e coloquei meu chapéu, peguei minha valise e desci as escadas com a ajuda da lanterna. Em meu nervosismo, eu mantinha o revólver empunhado em minha mão direita enquanto cuidava da valise e da lanterna com a esquerda. Por que eu tomava essas precauções eu não sei, realmente, já que eu estava a caminho de acordar o único outro ocupante da casa.

À medida que descia na ponta dos pés as escadas que rangiam, eu podia ouvir com mais clareza os roncoss da pessoa que dormia, e notei que ele devia estar na sala à minha esquerda – a sala de estar em que não tinha entrado. À minha direita, estava a escuridão impenetrável do estúdio no

qual ouvira as vozes. Abri a porta destrancada da sala de estar e tracei um caminho com a lanterna em direção à fonte dos roncos, e finalmente dirigi a luz para o rosto da pessoa que dormia. Mas no segundo seguinte, afastei a luz e dei início a uma retirada a passos de gato em direção ao saguão, e dessa vez meu cuidado vinha da razão e também do instinto. Porque a pessoa que dormia no sofá não era Akeley, e sim meu ex-guia Noyes.

Eu não conseguia imaginar qual era a real situação. Mas o bom senso me dizia que a coisa mais segura a fazer era descobrir o máximo que pudesse antes de acordar quem quer que fosse. Voltando ao saguão, fechei silenciosamente e tranquei a porta da sala de estar atrás de mim, dessa forma diminuindo as chances de acordar Noyes. Eu agora entrava com cautela no estúdio escuro, onde esperava encontrar Akeley, dormindo ou acordado, na grande poltrona de canto que, evidentemente, era seu lugar de descanso favorito. Enquanto avançava, os raios de minha lanterna capturavam a grande mesa de centro, revelando um dos cilindros infernais conectado às máquinas de visão e de escuta e com uma máquina de ressonância bem ao lado, pronta para ser conectada a qualquer momento. Esse, refleti, devia ser o cérebro encapsulado que ouvi falando durante a pavorosa conferência. E por um instante tive o impulso perverso de conectar a máquina de fala para saber o que diria.

O cérebro devia ter consciência da minha presença, já que os conectores de visão e audição não falhariam em perceber os raios de minha lanterna e o leve ranger do assoalho sob meus pés. Mas no fim, não me atrevi a mexer naquela coisa. Percebi distraidamente que se tratava do cilindro novo e reluzente com o nome de Akeley, que eu havia notado na prateleira mais cedo naquela noite e no qual meu anfitrião pedira que não mexesse. Ao recordar aquela cena, só posso lamentar minha timidez e desejar que tivesse feito o aparato falar. Deus sabe que mistérios e dúvidas horríveis e questões

de identidade isso poderia ter esclarecido! Por outro lado, pode ter sido um ato de piedade ter deixado aquele cérebro em paz.

Da mesa, direcionei a lanterna para o canto onde imaginei que Akeley estivesse, mas, para minha perplexidade, descobri que a grande poltrona estava vazia de qualquer ocupante humano, acordado ou adormecido. Do assento ao chão, estava espalhado o familiar e volumoso roupão velho, e perto dele, no chão, estavam o cachecol amarelo e as enormes ataduras dos pés que eu tinha achado tão estranhas. Enquanto eu hesitava, lutando para pensar onde Akeley poderia estar e por que teria descartado de maneira tão repentina as roupas de enfermo, observei que o odor estranho e a sensação de vibração não estavam mais presentes na sala. Qual teria sido a causa daquilo? Curiosamente, ocorreu-me que só os tinha notado nas proximidades de Akeley. Aquelas sensações eram mais fortes onde ele ficava sentado, mas totalmente ausentes nos outros lugares, exceto na sala em que ele estava ou logo além da porta daquela sala. Fiz uma pausa, deixando que a luz da lanterna vagasse pelo estúdio escuro enquanto vasculhava o cérebro à procura de alguma explicação plausível para o rumo que as coisas tinham tomado.

Como eu desejaria ter deixado aquele lugar em silêncio antes de ter permitido que a luz da lanterna pousasse outra vez sobre a poltrona vazia! No entanto, aconteceu que não saí em silêncio, mas com um grito abafado que deve ter perturbado – embora não tenha despertado completamente – a sentinela que roncava adormecida do outro lado do saguão. Aquele grito e o ronco imperturbável de Noyes foram os últimos sons que ouvi naquela fazenda tomada pela morbidez, sob o cume coberto pela floresta escura da montanha assombrada – aquele foco de horror transcósmico em meio às montanhas verdes e solitárias e aos riachos que balbuciavam maldições de uma terra rústica e espectral.

Foi um milagre que não tenha derrubado a lanterna, a valise e o revólver em minha correria desabalada, mas de alguma forma não soltei nenhum deles. Na verdade, consegui sair daquela sala e daquela casa sem fazer mais nenhum barulho, arrastar a mim mesmo e a meus pertences em segurança para dentro do Ford no galpão e colocar aquele veículo arcaico em movimento em direção a algum lugar desconhecido, porém seguro, em meio à noite negra e sem luar. A jornada que se seguiu foi um delírio digno de Poe ou de Rimbaud, ou dos desenhos de Doré, mas finalmente cheguei a Townshend. E isso é tudo. Se minha sanidade ainda não tiver sido abalada, sou um sujeito de sorte. Às vezes tenho medo do que os anos vão trazer, principalmente desde que aquele novo planeta Plutão foi descoberto de maneira tão curiosa.

Como mencionei, deixei que a lanterna voltasse à poltrona vazia depois de ter percorrido com ela toda a sala. E foi então que notei pela primeira vez a presença de certos objetos no assento, que não pude perceber antes devido às dobras largas do roupão vazio. Esses foram os três objetos que os investigadores não encontraram quando, mais tarde, vieram fazer uma busca na casa. E como eu disse no início, não havia nada neles que inspirasse horror visual. O problema estava no que eles me levavam a inferir. Até hoje tenho meus momentos de dúvida – momentos em que eu quase aceito o ceticismo daqueles que atribuem toda a minha experiência ao sonho, ao nervosismo e à ilusão.

As três coisas eram construções terrivelmente inteligentes de seu tipo e estavam guarnecidas com engenhosos grampos metálicos para prendê-los aos desenvolvimentos orgânicos sobre os quais não me atrevo a formar qualquer conjectura. Esperava com devoção que fossem produções artísticas feitas em cera por algum mestre das artes, apesar do que meus temores mais íntimos me diziam. Deus Todo-Poderoso! Aquele homem que sussurrava na

escuridão com aquele odor mórbido e aquelas vibrações! Bruxo, emissário, mutante, alienígena... aquele medonho zumbido reprimido... e todo o tempo naquele cilindro novo e reluzente na estante... pobre diabo... “prodigiosas habilidades cirúrgicas, biológicas, químicas e mecânicas”...

Porque as coisas na poltrona, perfeitas até o último detalhe, os detalhes mais sutis de semelhança microscópica – ou, quem sabe, de identidade – eram a face e as mãos de Henry Wentworth Akeley.

O AUTOR



INFÂNCIA E JUVENTUDE

Lovecraft nasceu em 20 de agosto de 1890, em Providence, Rhode Island,

na casa de seu avô materno, Whipple V. Phillips, um industrial próspero e cavalheiro da Nova Inglaterra, que foi a influência intelectual dominante na infância do neto, tanto pessoalmente como através de sua extensa biblioteca de obras de autores do século 18 e 19. Da mansão vitoriana na rua Angell, Lovecraft escreveu: “Aqui passei os melhores anos da minha infância. A casa era um edifício bonito e espaçoso, com estábulos e terrenos que se assemelhavam a um parque na beleza dos caminhos e na disposição das árvores”.

Uma criança precoce, cuja saúde delicada permitiu-lhe apenas uma participação esporádica na escola, Lovecraft cresceu em um mundo de adultos cultos que promoveram seu interesse pela antiguidade greco-romana, astronomia, literatura e história do século 18, e contos góticos de terror. Esse ambiente e suas respectivas tradições serviram como as principais coordenadas mentais e emocionais da vida de Lovecraft, cujos princípios auspiciosos gradualmente se transformaram em uma procissão letárgica de perdas e promessas insatisfeitas: o pai de Lovecraft, um vendedor ambulante sífilítico, que era efetivamente um estranho para o filho, morreu em 1898 depois de passar os últimos cinco anos de sua vida internado com paralisia geral. O avô de Lovecraft morreu em 1904, e a posterior má administração de seu patrimônio forçou sua filha Sarah Phillips Lovecraft e o neto a se mudarem da casa da família para uma casa menor e insalubre. Em suas cartas publicadas, Lovecraft festeja incessantemente o refinamento e as realizações culturais de sua mãe; nas biografias de Lovecraft, sua mãe é retratada como uma mulher inteligente e sensível, uma esposa negligenciada e uma mãe superprotetora que instilou em seu filho uma profunda convicção de que ele era diferente de outras pessoas.

Em 1908, Lovecraft sofreu um colapso nervoso, acontecimento que o impediu de receber seu diploma de conclusão do ensino médio e,

consequentemente, complicou seu acesso à universidade. Durante esse período, Lovecraft, em grande parte, viveu como um recluso parcialmente inválido. Esse fracasso pessoal marcaria Lovecraft pelo resto de seus dias.

Lovecraft escreveu alguma ficção quando jovem, mas de 1908 a 1913, sua produção foi principalmente de poesias, que escreveu enquanto vivia como um eremita, quase sem contato com ninguém além da mãe. Tudo mudou quando ele escreveu uma carta para a *The Argosy*, uma revista sensacionalista, reclamando sobre a insipidez das histórias de amor de um dos escritores populares da revista. O debate que se seguiu na coluna de cartas da revista chamou a atenção de Edward F. Daas, presidente da American Press Association, que convidou Lovecraft para juntar-se a eles em 1914. O trabalho revigorou Lovecraft, incitando-o a contribuir com muitos poemas e ensaios. Em 1917, por estímulo de correspondentes, retornou à ficção com histórias mais polidas, como *A Tumba e Dagon*.

Ele também se envolveu em uma rede de correspondências que, pelo resto da vida, foi a principal válvula de escape para sua expressão pessoal e artística. Nessas cartas, Lovecraft discutia uma gama enciclopédica de assuntos em ensaios extensos e profundos; ali ele também ventilava suas obsessões ao longo da vida, em especial seu amor ao passado e à verdade científica, e sua aversão ao mundo moderno e a todos os povos que não eram do fluxo cultural anglo-nórdico, embora vários biógrafos sustentem que ele moderou algumas de suas visões extremistas mais tarde em sua vida.

Embora Lovecraft tenha escrito várias histórias de terror após sua primeira leitura dos contos de Poe, em 1898, ele destruiu a maior parte dessas obras e não escreveu nenhuma ficção entre 1908 e 1917. Nos últimos anos, encorajado pelo editor W. Paul Cook a retomar o estilo de ficção, ele escreveu *A Tumba e Dagon*, os primeiros contos daqueles que são considerados os trabalhos maduros de Lovecraft. Depois de novos

encorajamentos de outros amigos, essas duas histórias, junto com outras três, foram submetidas à revista *Weird Tales*, que depois se tornou a principal editora da ficção de Lovecraft durante sua vida.

CASAMENTO EM NOVA YORK

Por volta de 1919, Lovecraft começou a se socializar com outros jornalistas amadores e, através desses canais, em 1921, conheceu Sonia H. Greene, uma mulher judia de origem russa que morava na cidade de Nova York. Eles se casaram em 1924, e Lovecraft foi morar com a esposa em Nova York, onde esperava encontrar um emprego que lhe permitisse abandonar a vida desagradável e insubstancial que ganhou anteriormente como revisor literário e escritor fantasma. Dez meses depois, o casal se separou por razões que Lovecraft descreveu como amplamente financeiras, embora a situação tenha sido agravada pelo ódio de Lovecraft a uma cidade com uma população racial e étnica tão conspicuamente mista. Em 1926, Lovecraft voltou para Providence, onde moraria pelo resto da vida.

A VOLTA A PROVIDENCE

De volta a Providence, Lovecraft morou em uma “espaçosa casa de madeira vitoriana marrom” até 1933. Para complementar sua herança cada vez menor, foi forçado a continuar seu trabalho de revisão. Apesar de quase falido, Lovecraft conseguiu viajar muito, documentando essas excursões em suas cartas e em ensaios como “Vermont: Uma Primeira Impressão”, “Charleston” e “Uma Descrição e Guia da Cidade de Quebec”. Nos últimos dez anos de sua vida, ele também produziu o que são consideradas suas maiores obras, incluindo *O chamado de Cthulhu*, *O caso de Charles Dexter Ward*, *Sussurros na Escuridão*, *A cor que veio do espaço*, *A sombra de*

Innsmouth e Nas Montanhas da Loucura.

Apesar de seus melhores esforços, no entanto, ele ficou cada vez mais pobre. Lovecraft foi forçado a se mudar para alojamentos menores e mais simples com sua tia sobrevivente. Em 1936, foi diagnosticado com câncer do intestino e também sofreu de desnutrição. Viveu em constante dor até sua morte em 15 de março de 1937, em Providence.

PRINCÍPIO FILOSÓFICO

Filosoficamente, Lovecraft era um materialista científico rigoroso que sustentava que o universo é um conjunto mecânico de forças em que todos os valores são simplesmente invenções que não têm validade fora do contexto da imaginação humana, e que a própria humanidade é apenas um fenômeno evanescente sem qualquer dimensão especial de alma ou espírito para distingui-lo de outras formas de matéria animada ou inanimada. Ao mesmo tempo, Lovecraft escreveu que seus sentimentos mais fortes estavam relacionados a uma sensação de reinos desconhecidos fora da experiência humana, um mistério irracionalmente percebido além do mundo das aparências cruas. É particularmente essa tensão entre o científico estéril de Lovecraft e a imaginação mística - cuja relação contraditória sempre reconheceu e apreciou - que a crítica entende ser a fonte do caráter altamente original de seu trabalho.

O princípio literário orientador de Lovecraft foi o que ele chamou de “cosmicismo” ou “horror cósmico”: a ideia de que a vida é incompreensível para as mentes humanas e que o universo é fundamentalmente estranho. Aqueles que realmente raciocinam, como seus protagonistas, colocam em jogo sua sanidade. Suas obras eram profundamente pessimistas e cínicas, desafiando os valores do Iluminismo, do Romantismo e do Humanismo

cristão.

A OBRA

Muitos dos trabalhos de Lovecraft foram inspirados por seus constantes pesadelos, o que contribuiu para a criação de uma obra marcada pelo subconsciente e pelo simbolismo.

As histórias de Lovecraft são comumente divididas em três tipos: as influenciadas pelo fantasista irlandês Lord Dunsany; um grupo diversificado de narrativas de horror ambientadas na Nova Inglaterra; e um terceiro grupo composto pelos contos que compartilham um fundo de lendas cósmicas, conhecidos como os “Mitos de Cthulhu”, um termo cunhado por August Derleth e nunca usado pelo próprio Lovecraft.

As histórias dunsanianas começam com Polaris, que Lovecraft na verdade escreveu um ano antes de ler as obras de Dunsany. No entanto, sua descoberta de Dunsany foi um ímpeto crucial para continuar desenvolvendo narrativas mais ou menos relacionadas com uma tradição de contos de fadas e tipificadas por configurações inteiramente imaginárias e personagens com nomes de outro mundo. Histórias nessa linha são O navio branco, A maldição de Sarnath, Os gatos de Ulthar e A busca onírica por Kadath.

Contrastando com esses romances-sonho estão os contos em que o elemento central do horror sobrenatural se origina e está circunscrito em um cenário realista da Nova Inglaterra. Ao longo de sua vida, Lovecraft foi cativado pela arquitetura, paisagem e tradições da Nova Inglaterra.

Até certo ponto, os reinos de fantasia das histórias dunsanianas são transfigurações desta Nova Inglaterra de beleza ideal. Por outro lado, Lovecraft simultaneamente percebeu e dedicou muito do seu trabalho a representar um lado diferente de sua região natal: a degeneração e a

superstição que florescem em locais isolados, conforme descrito em *A estampa da casa maldita* e *O inominável*; a sobrevivência de ritos sobrenaturais praticados em uma cidade colonial e pitoresca em *O Festival*; o clã de canibais que habita a Boston moderna em *O modelo de Pickman*; o horror enterrado sob *A casa abandonada*, que foi inspirado por uma casa real em Providence, onde Lovecraft residiu; e as obscuras aspirações de um mago do século 18 que são revividas na Providence do século 20 em *O caso de Charles Dexter Ward*.

Em outras histórias, as dos “Mitos de Cthulhu”, Lovecraft forneceu registros literários de viagem a uma Nova Inglaterra que se afastou ainda mais dos locais de suas andanças antigas, revisando a geografia que lhe era tão familiar para criar o mundo fictício de Arkham, Innsmouth e Dunwich.

O simbolismo das histórias do ciclo de Mitos enfatiza o filosófico sobre o psicológico. Essa ordem de existência alienígena e sua relação imponente com a vida humana é exibida de forma semelhante em trabalhos como *O chamado de Cthulhu*, *O Horror de Dunwich*, *Sussurros na escuridão* e *A sombra de Innsmouth*, enquanto em *Nas montanhas da loucura* e *A sombra vinda do tempo* oferece um desenvolvimento mais elaborado de civilizações cósmicas cuja natureza não humana viola todas as concepções terrenas da realidade, forçando os protagonistas dessas narrativas a um conhecimento esotérico com o qual eles não podem viver e que também não podem ignorar.

A questão de como descrever contos cujo efeito deriva da violação das leis da natureza, e não da moral pessoal ou pública, foi algo resolvido pelo próprio Lovecraft quando ele aplicou o termo ‘estranho’ a tais trabalhos. Em uma carta de 1926, ele escreveu: “Quanto ao que se entende por “estranho”- e, claro, a estranheza não se limita ao horror - devo dizer que o verdadeiro critério é uma forte impressão da suspensão das leis naturais ou

da presença de mundos invisíveis ou forças próximas”.

Lovecraft criou também um dos mais famosos e explorados artefatos das histórias de terror: o Necronomicon, um livro fictício de invocação de demônios escrito pelo também fictício Abdul Alhazred. Até hoje é popular o mito da existência real deste livro, fomentado especialmente pela publicação de várias edições falsas do Necronomicon e por um texto, da autoria do próprio Lovecraft, explicando sua origem e percurso histórico.

CARTAS

Embora Lovecraft seja conhecido principalmente por suas obras de ficção estranha, a maior parte de sua escrita consiste em cartas volumosas sobre uma variedade de tópicos, desde ficção estranha e crítica de arte, até política e história. S. T. Joshi estima que Lovecraft tenha escrito cerca de 87.500 cartas, de 1912 até sua morte em 1937, incluindo uma carta de 70 páginas, de 9 de novembro de 1929, para Woodburn Harris.

Alguns acreditam que a maior conquista de Lovecraft foi sua correspondência com fãs de seu trabalho e outros autores. As cartas descrevem seus sentimentos sobre a natureza da vida, suas aspirações e seus interesses. Alguns leitores acham isso mais fascinante do que suas obras de ficção, pois mostram sua escrita engenhosa de forma completamente irrestrita.

CRÍTICA

A reação crítica ao trabalho de Lovecraft mostra uma diversidade incomum, desde ataques exasperados dos que tomam sua obra como os desvarios pueris de um incompetente artístico e intelectual até as celebrações de Lovecraft como um dos maiores escritores e pensadores da

era moderna.

Seus críticos mais severos o consideram um neurótico isolado, e até mesmo um imbecil cujos escritos revelam um distanciamento patético das preocupações da sociedade adulta. Já seus defensores, que em sua maioria admitem a excentricidade de Lovecraft, encontram em sua ficção, e mais obviamente nos cinco volumes de suas Cartas Seleccionadas, uma visão complexa da realidade que só poderia ser formada por uma mente de excepcional independência.

Para a maioria dos que estão preocupados com este “mundo estranho”, Lovecraft há muito tempo ocupou seu lugar entre seus exploradores mais dedicados e documentaristas supremos. No centenário do seu nascimento, fãs norte-americanos cotizaram-se para inaugurar uma lápide definitiva, que exibe a frase “Eu sou Providence”, extraída de uma de suas cartas.

O LEGADO

O nome de H. P. Lovecraft é praticamente sinônimo de ficção de terror de estilo americano; a sua obra, particularmente os chamados “Mitos de Cthulhu”, influenciou autores em todo o mundo, e os elementos lovecraftianos podem ser vistos em romances, filmes, quadrinhos e até desenhos animados que têm a ficção científica e o horror como assunto. Muitos escritores modernos de horror - como Stephen King, Bentley Little e Joe R. Lansdale - citam Lovecraft como uma de suas principais influências.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS



 editorapandorga.com.br

 [/editorapandorga](https://www.facebook.com/editorapandorga)

 [pandorgaeditora](https://www.instagram.com/pandorgaeditora)

 [editorapandorga](https://twitter.com/editorapandorga)





O Contrato

Moreland, Melanie

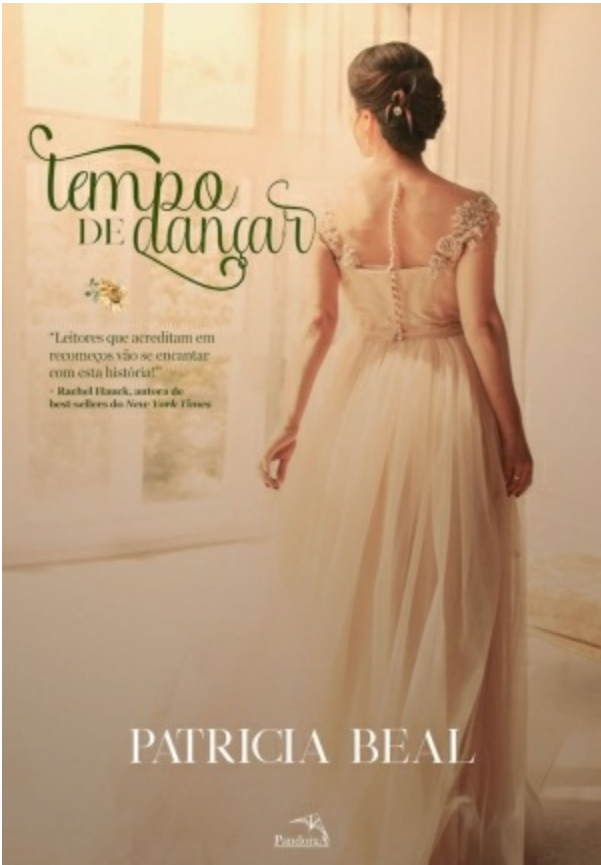
9788584422913

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Richard VanRyan é um playboy e executivo tirano que trabalha para uma empresa que visa apenas lucros. Após ser passado para trás por um colega de trabalho, acabou não conseguindo fazer parte da sociedade que tanto queria. Assim, com um plano de se vingar do chefe, decide trabalhar para uma empresa concorrente. No entanto, para isso, ele precisa mostrar ao dono que mudou sua vida pessoal da água para o vinho. Katharine Elliott trabalha com Richard como sua assistente pessoal. Ela o despreza, pois sua ética é questionável, mas resiste a tudo, porque precisa do trabalho. Seus motivos são muito mais importantes do que o abuso diário que precisa tolerar de seu tirano e desagradável chefe. Mas Richard precisa mostrar que mudou de vida e, para isso, decide contratar Katharine, que ele sempre desprezou, para ser sua noiva de fachada. O que acontece quando duas pessoas que se odeiam têm de viver juntas e agir como se estivessem loucamente apaixonadas? Faíscas. Isso é o que acontece. Eles vão sobreviver ao contrato?

[Compre agora e leia](#)



Tempo DE Dançar

"Leitores que acreditam em
começos vão se encantar
com esta história!"

— Rachel Hantok, autora de
best-sellers do New York Times

PATRICIA BEAL



Tempo de dançar

Beal, Patricia

9788584423170

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Pela primeira vez no Brasil, Tempo de Dançar é um romance emocionante e perfeito para quem acredita em recomeços. No livro, Ana Brassfield já planejou em detalhes sua trajetória ao palco do Metropolitan Opera House. Mas, quando menos espera, seu primeiro amor, o renomado bailarino alemão Claus Gert, volta à Geórgia para reconquistá-la. Apesar de um começo promissor em sua carreira no balé e o casamento iminente com o arquiteto-paisagista Peter Engberg, Ana se pergunta se os sonhos de dançar no Met são tão impossíveis quanto se mostrou seu envolvimento romântico com Claus no passado. Até que um beijo no palco entre Ana e Claus muda tudo. Convencido de que o beijo foi mais do que um erro que não se repetirá, Peter rompe o noivado. Com Baryshnikov, um cão idoso entredado pela artrite, e sonhos adiados, mas não esquecidos, Ana vai morar com Claus na Alemanha. Mas o fantasma da falecida esposa de Claus, os sentimentos dela por Peter e a pressão para conquistar um lugar ao sol numa grande companhia de balé são o preço a ser pago pela busca do sucesso. Ana parece prestes a conseguir tudo que sempre sonhou, mas será o suficiente?

[Compre agora e leia](#)



Trilogia A Proposta

Ashley, Katie

9788584423767

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Proposta - Com a chegada dos trinta anos, Emma Harrison está com seu relógio biológico tinindo e ainda aguarda o seu príncipe encantado aparecer. Ela está ficando sem opções, principalmente depois que seu melhor amigo gay desistiu de ser seu doador de esperma. Claro, sempre há um banco de esperma, mas Emma tem medo de que haja alguma confusão com a doação e ela possa receber a semente de um monstro assassino ou algo do tipo. O maior mulherengo da empresa, Aidan Fitzgerald, está acostumado a sempre conseguir o que quer, principalmente no quarto. Quando Emma rejeita suas investidas na festa de Natal da empresa, ele fica determinado a conquistá-la a qualquer custo. Ao saber sobre a difícil situação de Emma, ele rapidamente faz uma proposta que beneficiará a ambos. Ele será o pai do filho da Emma, mas ela precisará concebê-lo naturalmente, com ele. Sem ninguém com quem namorar ou simplesmente fazer sexo casual, Emma reluta em aceitar a oferta, mas o charme dele e o intenso desejo dela pela maternidade vencem a questão. Logo as seções para a concepção do bebê se tornam mais do que físicas. Aidan não parece se afastar dela, enquanto Emma começa a pensar que ele pode ser o homem certo ... O Pedido - Durante as semanas seguintes à traição de Aidan, Emma fez o que pôde para seguir em frente. Ignorando as inúmeras mensagens de texto e voz e as flores, ela não tinha certeza se queria voltar para ele. Mas Aidan não desistiria fácil – principalmente não até que

Emmao deixasse revelar o segredo de seu passado que o levou a ter fobia de assumir compromissos. Mas o destino intervém quando Emma entra em trabalho de parto prematuro e precisa repousar por duas semanas. Aidan aproveita para fazer uma proposta surpreendente. Para provar seu amor e comprometimento com ela e com seu futuro filho, ele pede uma licença do emprego para cuidar dela em tempo integral. Jurando proteger seu coração, Emma concorda com relutância. Enquanto fica comovida com a atenção e os cuidados de Aidan, Emma fica desconsertada com a aproximação do médico da emergência, Alpesh "Pesh" Nadeen. Pesh é tudo que Emma poderia querer – bem-sucedido, equilibrado e pronto para se casar, para ser marido e pai. Pesh só quer conquistar o coração de Emma, mas ela não tem certeza se será capaz de entregá-lo. O coração dela pode ainda pertencer ao mesmo homem que o partiu – aquele que está tão desesperado para tê-la de volta... Par perfeito - Depois que seu ex-namorado a deixou grávida e sozinha, Megan McKenzie desiste de encontrar um novo homem para sua vida. Ela passou os últimos dezoito meses focada exclusivamente em seu filho, Mason, e em terminar a escola de enfermagem como a primeira da classe. Embora ela não esteja pronta para complicar sua vida com um relacionamento de longo prazo, um sexo sem compromisso é exatamente o que ela precisa. No batismo de seu afilhado, ela encontra o candidato perfeito, o padrinho, Pesh Nadeen. Mas depois de beber muito, a noite não acaba do jeito que ela pensava que seria. Forçada a deixar a casa, morta de vergonha, Megan espera nunca mais vê-lo novamente. Para Pesh Nadeen, o próprio jeito de Megan o deixa em um túnel emocional. Como ela lembra muito a esposa que ele perdeu, ele começa a evitar novos encontros... no primeiro momento. Mas quanto mais ele passa a conhecê-la, percebe que há algo sobre a loira que faz com que o seu lado protetor se exceda, e ele se vê querendo saber mais sobre ela. Quando Megan é designada para trabalhar no mesmo hospital que Pesh para completar o seu estágio de enfermagem, ele vê isso como obra do destino, mas ela não vê

nada disso. Ela quer apenas um relacionamento físico, e ele quer muito mais.

[Compre agora e leia](#)

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

MEU QUERIDO

Meio-irmão

PENELOPE WARD

Meu Querido Meio Irmão

Ward, Penelope

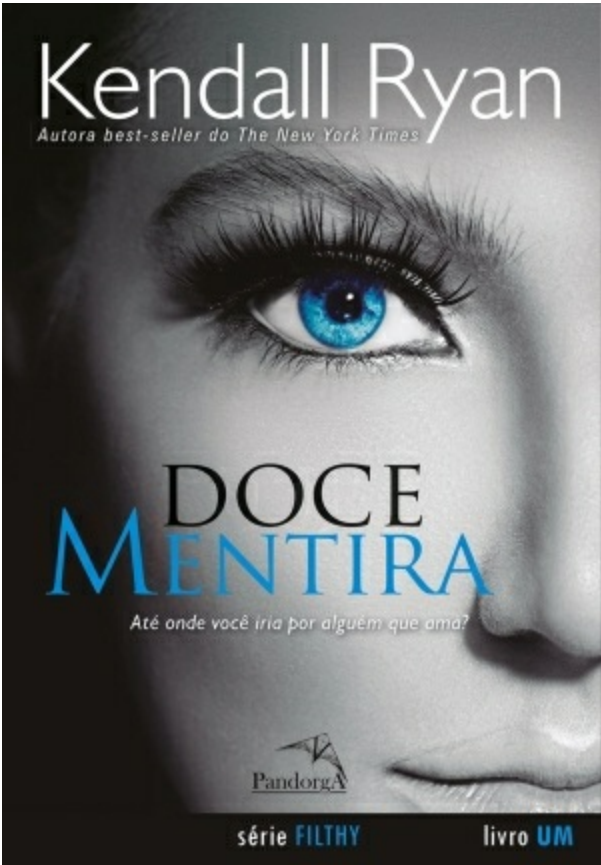
9788584421862

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Não é normal desejarmos alguém que nos atormenta. Quando meu meio irmão, Elec, se mudou para nossa casa, eu não estava preparada para lidar com um cara tão idiota. Odiei o fato de ele ter descontado sua raiva em mim porque não queria estar aqui. Odiei ele ter trazido garotas da escola para seu quarto. Mas o que mais odiei foi o modo indesejável que meu corpo reagia a ele. A princípio, pensei que tudo o que ele tinha a seu favor era o corpo musculoso e tatuado e o rosto perfeito. Mas as coisas começaram a mudar entre nós, e tudo teve um desfecho em uma noite inesquecível. No entanto, do mesmo modo que Elec entrou na minha vida, logo voltou para a Califórnia. Passaram-se anos desde a última vez que o vi. Quando a tragédia atingiu nossa família, tive que encará-lo novamente. E, diabos, o adolescente que me deixou louca se tornou o homem que destruiu o resto de sanidade que havia em mim. Senti que meu coração estava prestes a ser partido. De novo.

[Compre agora e leia](#)

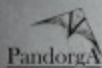


Kendall Ryan

Autora best-seller do The New York Times

DOCE MENTIRA

Até onde você iria por alguém que ama?



série **FILTHY**

livro **UM**

Doce Mentira

Ryan, Kendall

9788584422937

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Até onde você iria por alguém que ama? Sophie Evans está contra a parede. Com a vida de sua irmã por um fio, sua única escolha é ser forte e cuidar de sua família, mesmo que isso signifique vender sua virgindade pelo preço mais alto em um clube erótico exclusivo. Quando Colton Drake a leva para casa, Sophie logo percebe que nada é o que parece ser ao lado desse homem lindo e problemático. Estar com ele traz desafios que ela não esperava encontrar e faz com que deseje coisas que jamais imaginou. Juntos, Colton e Sophie embarcarão em uma viagem de novas sensações e sentimentos, descobrindo que o destino sempre dita as regras e que o prazer pode ser a ruína de um mau jogador.

[Compre agora e leia](#)